



Arquitectura e Reabilitação do Património do Movimento Moderno

O caso do Bloco das Águas Livres

Catarina Pereira Teles

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura

Orientador: Professora Doutora Ana Cristina dos Santos Tostões

Júri

Presidente: Professor Doutor João Vieira Caldas

Orientador: Professora Doutora Ana Cristina dos Santos Tostões

Vogal: Professor Doutor José Maria da Cunha Rego Lobo de Carvalho

Dezembro 2014

*Ao meu pai e à minha mãe,
Porque me ensinaram a projectar algo verdadeiramente importante:
a Arquitectura da Vida!*

Agradecimentos

Termina assim o meu percurso como estudante do Mestrado Integrado em Arquitectura do IST. Foram cinco anos de grande trabalho e dedicação, mas que não poderiam ser passados com tanta naturalidade sem o apoio de certas pessoas que me levaram a possuir um espírito de profissionalismo, coragem e persistência. Atendendo particularmente à presente investigação, não poderia deixar de expressar uma palavra especial a todos os que contribuíram, directa ou indirectamente, para o seu desenvolvimento. Agradeço:

À professora Ana Tostões, não só pelo acompanhamento e disponibilidade demonstrados na orientação desta dissertação, como também pela constante troca de conhecimento e por se ter demonstrado um óptimo exemplo de trabalho e exigência;

Aos arquitectos Rui Órfão e Teresa Nunes da Ponte porque rapidamente manifestaram interesse em apoiar este meu trabalho, reunindo e transmitindo grande parte da documentação que serviu de base à evolução da dissertação;

Ao arquitecto e professor João Pedro Falcão de Campos, não apenas por me ter facultado documentação crucial para o desenvolvimento da presente investigação, mas também por me demonstrar, mais uma vez, que a arquitectura é feita desta troca de experiências, vivências e do gosto que se tem por ela;

Ao arquitecto Bartolomeu Costa Cabral porque gentilmente aceitou transmitir-me um pouco da sua experiência na definição do projecto do Bloco das Águas Livres. Foi sem dúvida, uma recompensa enorme, poder ter contacto com este testemunho;

De uma forma geral, a todos os docentes do curso de Arquitectura do Instituto Superior Técnico que, através da partilha de experiência e sabedoria, reforçaram a minha paixão pela arquitectura;

Aos meus pais, pelo amor incondicional que se reflectiu na pessoa que sou hoje. Aos meus irmãos, Mariana e Miguel, pelas brincadeiras e juventude;

À Eva, Eleutério, Sofia e Fábio, pela simpatia e caloroso acolhimento num cantinho bem no meio do oceano;

À Ana, pela paciência, por partilharmos uma longa história de amizade, e por compreender a minha ausência nos períodos de grande trabalho;

Ao Pedro, por ter realizado este curso comigo, a par e passo, através de uma interajuda e companheirismo incomparáveis. Devo-te este agradecimento porque foste, sem dúvida, a melhor descoberta que fiz neste curso.

Resumo

Projectado e construído durante a década de 50, o Bloco das Águas Livres representa uma charneira para a introdução do movimento moderno na arquitectura portuguesa. Influenciado pelas premissas ideológicas e sociais da modernidade, o projecto concebido pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, revela-se programaticamente inovador pelas soluções tipológicas e formais que implementa, aproximadas aos métodos internacionais da unidade de habitação colectiva. Para que o edifício – classificado como Monumento de Interesse Público – possa corresponder continuamente às novas exigências de conforto contemporâneas, têm sido implementadas, ao longo do tempo, algumas obras de reabilitação.

No âmbito desta investigação, que se enquadra na temática de reabilitação de conjuntos e edifícios do movimento moderno, pretende-se analisar detalhadamente algumas experiências de intervenção já conduzidas no Bloco das Águas Livres, de forma a relacionar conceitos intrinsecamente ligados ao património arquitectónico e a fomentar o debate sobre a salvaguarda de espaços construídos durante o período moderno. Interpretando um importante exemplo de arquitectura moderna lisboeta, com base nas tecnologias de construção utilizadas para responder a indicadores de conforto, interessa compreender como é que o domínio da organização do espaço, da estrutura construída e das tipologias funcionais pode influenciar as soluções implementadas.

Para isso, recorreu-se ao estudo de três intervenções de reabilitação específicas, aplicadas a espaços diferenciados do bloco, confrontando-as, simultaneamente, com as suas matrizes originais. Esta interpretação revela-se particularmente importante, no âmbito do quadro científico, especialmente como enquadramento e contextualização para possíveis futuras intervenções no quadro do património arquitectónico moderno.

Movimento Moderno | Património Arquitectónico | Reabilitação | Salvaguarda | Bloco das Águas Livres

PALAVRAS-CHAVE

Abstract

Designed and built during the 50s, the Bloco das Águas Livres is a hinge for the introduction of the modern movement in the Portuguese architecture. Influenced by social and ideological assumptions of modernity, the project designed by the architects Nuno Teotónio Pereira and Bartolomeu Costa Cabral, reveals itself programmatically innovative by the typological and formal solutions that it implements, approximated to the international methods of the collective housing unit - (unité d'habitation). So that the building - classified as Monument of Public Interest - can match the continually changing demands of contemporary comfort, it has been implemented, over time, some rehabilitation works.

Within this research, which fits into the theme of rehabilitation of sets and buildings of the modern movement, it is intended to be analyzed in detail some experiences which are already made in Bloco das Águas Livres in order to relate intrinsically linked concepts to the architectural heritage and to foster the debate about the protection of spaces constructed during the modern period. Playing an important example of modern architecture in Lisbon, based on construction technologies used to respond to indicators of comfort, it matters to understanding how the organization of space, the built structure and functional typologies can influence the solutions implemented.

For this, it was resorted to study three specific rehabilitation interventions, applied to different areas of the block, confronting them simultaneously with their original matrices. This interpretation is particularly important within the scientific picture, especially as a framework and context for possible future interventions in the modern architectural heritage.

Modern Movement | Architectural heritage | Rehabilitation | Conservation | Bloco das Águas Livres

KEYWORDS

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice	viii
Lista de Siglas e Abreviaturas	xi
Índice de Imagens	xiii
01 INTRODUÇÃO	1
01.1 Objectivos da investigação	3
01.2 Objecto de estudo	3
01.4 Metodologia de trabalho	5
01.5 Estrutura da dissertação	6
01.6 Estado da Arte	7
02 ENQUADRAMENTO GERAL/CONTEXTUALIZAÇÃO	11
02.1 Conservação e Intervenções no Património do Movimento Moderno	13
02.2 Enquadramento ao projecto do Bloco das Águas Livres	17
02.2.1 O contexto: arquitectura e urbanismo modernos	17
02.2.2 O arquitecto Nuno Teotónio Pereira	23
02.3 O projecto do Bloco das Águas Livres	27
02.3.1 Descrição geral do projecto	27
02.3.2 Análise da Forma e do Espaço	29
02.3.3 Caracterização Construtiva e das Especialidades	37
02.3.4 Projecto global e a integração das três artes	42
03 PROJECTOS DE REABILITAÇÃO NO BLOCO	47
03.1 Introdução aos Casos de Estudo	49
03.1.1 Critérios de selecção, limitações e metodologia da investigação	49
03.2 A intervenção do arquitecto Rui Órfão	53
03.2.1 Configuração Original	53
03.2.2 Situação Anteprojecto	57
03.2.3 Estrutura Após Intervenção	59
03.3 A intervenção do arquitecto João Pedro Falcão de Campos	73
03.3.1 Configuração Original	73
03.3.2 Situação Anteprojecto	75
03.3.3 Estrutura Após Intervenção	76

03.4 A intervenção da arquitecta Teresa Nunes da Ponte.....	91
03.4.1 Configuração Original	91
03.4.2 Situação Anteprojecto	93
03.4.3 Estrutura Após Intervenção.....	97
REFLEXÃO CRÍTICA E ESBOÇOS PARA INTERVENÇÕES FUTURAS	111
05 BIBLIOGRAFIA	119
06 ANEXOS	129
Anexo 1 – O BLOCO HABITACIONAL DAS ÁGUAS LIVRES	130
Anexo 2 – FICHAS DE INTERVENÇÃO	142
Anexo 2.1 – A intervenção do arquitecto Rui Órfão	143
Anexo 2.2 – A intervenção do arquitecto João Pedro Falcão de Campos	155
Anexo 2.3 – A intervenção da arquitecta Teresa Nunes da Ponte	164
Anexo 3 – ENTREVISTAS	188
Anexo 3.1 – <i>Entrevista com o arquitecto Bartolomeu Costa Cabral</i>	189
Anexo 3.2 – <i>Entrevista com o arquitecto Rui Órfão</i>	195
Anexo 3.3 – <i>Entrevista com o arquitecto João Pedro Falcão de Campos</i>	203
Anexo 3.3 – <i>Entrevista com a arquitecta Teresa Nunes da Ponte</i>	209

Lista de Siglas e Abreviaturas

AML – Arquivo Municipal de Lisboa

CCB – Centro Cultural de Belém

CIAM – Congresso Internacional de Arquitectura Moderna

CML – Câmara Municipal de Lisboa

DGEM – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

DGPC – Direcção-Geral do Património Cultural

DOCOMOMO - International Committee for Documentation and Conservation Buildings, Sites and Neighborhoods of the Modern Movement

ICAT – Iniciativas Culturais Arte e Técnica

IST – Instituto Superior Técnico

LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil

MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa

ODAM – Organização dos Arquitectos Modernos

UIT – Unidades de Intervenção Territorial

Índice de Imagens

Capa – Bloco das Águas Livres

Fonte: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, p.120 (correspondente ao projecto fotográfico realizado por Daniel Malhão). Edição de autor com suporte do programa PHOTOSHOP;

02 ENQUADRAMENTO GERAL/CONTEXTUALIZAÇÃO

02.2. Enquadramento ao projecto do Bloco das Águas Livres

02.2.1 O contexto: arquitectura e urbanismo modernos

Imagem 1 – 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Intervenção de Keil do Amaral..... 18

Fonte: TOSTÕES, Ana (coord.) – *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, p.14;

Imagem 2 - Plano de Urbanização para o Bairro de Alvalade..... 21

Fonte: <http://infohabitar.blogspot.pt/2007/03/sobre-o-bairro-de-alvalade-de-faria-da.html>

Imagem 3 – Bairro das Estacas de Formosinho Sanchez e Ruy d'Athouguia..... 22

Fonte: RODRIGUES, Inês Lima – *Quando a Habitação Colectiva era Moderna, desde Portugal a outros territórios de expressão portuguesa, 1940-1974*. Trabalho desenvolvido no âmbito da Tese de Doutoramento, p. 21

Imagem 4 - Conjunto no cruzamento da Avenida dos Estados Unidos da América com Avenida de Roma..... 22

Fonte: : RODRIGUES, Inês Lima – *Quando a Habitação Colectiva era Moderna, desde Portugal a outros territórios de expressão portuguesa, 1940-1974*. Trabalho desenvolvido no âmbito da Tese de Doutoramento, p. 32

02.2.2 O arquitecto Nuno Teotónio Pereira

Imagem 5 - Arquitecto Nuno Teotónio Pereira..... 24

Fonte: RIBEIRO, Ana Isabel – *Nuno Teotónio Pereira ou a ética do sensível*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, p. 101;

Imagem 6 - Arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral em 1952..... 24

Fonte: PEREIRA, Nuno Teotónio – *Um testemunho pessoal*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, p.45;

02.3. O projecto do Bloco das Águas Livres

02.3.1 Descrição geral do projecto

Imagem 7 - Bloco Habitacional das Águas Livres, vista sobre a fachada nascente..... 27

Fonte: *Revista Arquitectura*, nº65, Junho de 1959, p. 6;

Imagem 8 - Plano Camarário originalmente previsto para Urbanização da Praça das Águas Livres, arquitecto Manuel Tainha..... 28

Fonte: *Revista Arquitectura*, nº65, Junho de 1959, p. 4;

Imagem 9 - Segundo plano camarário para a Urbanização da Praça das águas Livres..... 28

Fonte: *Revista Arquitectura*, nº65, Junho de 1959, p. 5;

02.3.2 Análise da Forma e do Espaço

Imagem 10 - Entrada principal para moradores em “passerelle” sobre a Praça das Águas Livres . 30

Fonte: TOUSSAINT, Michel; MELO, Maria (coord.) – *Bloco das Águas Livres, a perfect building*. Lisboa: A+A Books, 2014, p. 42

Imagem 11 – Entrada principal para moradores pela Rua Gorgel do Amaral30
Fonte: TOUSSAINT, Michel; MELO, Maria (coord.) – Bloco das Águas Livres, a perfect building. Lisboa: A+A Books, 2014, p. 41;

Imagem 12 – Galeria de serviço exterior que desenvolve na extensão da fachada nascente31
Fonte: TOSTÕES, Ana (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira. Lisboa: Quimera, 2004, p.156;

Imagem 13 – Fachada norte, torre de acessos verticais32
Fonte: TOUSSAINT, Michel; MELO, Maria (coord.) – Bloco das Águas Livres, a perfect building. Lisboa: A+A Books, 2014, p. 40;

Imagem 14 – Vista sobre o edifício da Rua Gorgel do Amaral, separação evidente entre percurso pedonal e automóvel33
Fonte: TOSTÕES, Ana (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira. Lisboa: Quimera, 2004, p.157;

02.3.3 Caracterização Construtiva e das Especialidades

Imagem 15 – Átrio principal do Bloco sobre a Praça das Águas Livres em fase de construção.....38
Fonte: TOUSSAINT, Michel; MELO, Maria (coord.) – Bloco das Águas Livres, a perfect building. Lisboa: A+A Books, 2014, p. 36;

Imagem 16 – Processo de Construção de um dos ateliers com abobada em tijolo furado e armado38
Fonte: TOSTÕES, Ana (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira. Lisboa: Quimera, 2004, p.154;

Imagem 17 – Amarramento os ferros da estrutura em betão armado durante a construção do edifício38
Fonte: TOSTÕES, Ana (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira. Lisboa: Quimera, 2004, p.154;

Imagem 18 – Edifício em construção visto da Rua Gorgel do Amaral38
Fonte: TOSTÕES, Ana (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira. Lisboa: Quimera, 2004, p.154;

02.3.4 Projecto global e integração das três artes

Imagem 19 – Jardim colectivo no lado sul do Bloco das Águas Livres43
Fonte: TOSTÕES, Ana (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira. Lisboa: Quimera, 2004, p.156;

Imagem 20 – Terraço do edifício, vitral de Manuel Cargaleiro44
Fonte: TOUSSAINT, Michel; MELO, Maria (coord.) – Bloco das Águas Livres, a perfect building. Lisboa: A+A Books, 2014, p. 59;

Imagem 21 – Terraço do edifício, esgrafito de José Escada como detalhe mural44
Fonte: TOSTÕES, Ana (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira. Lisboa: Quimera, 2004, p.157;

Imagem 22 – Caixas de correio na entrada principal a nascente do Bloco das Águas Livres45
Fonte: Arquivo de autor;

03 PROJECTOS DE REABILITAÇÃO NO BLOCO

03.2. A intervenção do arquitecto Rui Órfão

03.2.1 Configuração Original

Imagem 23 - Localização da intervenção no Bloco..... 53

Fonte: Autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD;

Imagem 24 - Planta Original do Apartamento..... 54

Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;

Imagem 25 – Projecção de varanda envidraçada no Interior de uma sala comum presente numa habitação do Bloco das Águas Livres. Prolongamento do espaço interior para o exterior..... 55

Fonte: Revista Arquitectura, nº65, Junho de 1959, p.15;

Imagem 26 – Lava mãos projectado para o vestíbulo das habitações..... 56

Fonte: Revista Arquitectura, nº65, Junho de 1959, p. 17;

Imagem 27 – Tanque de lavar roupa projectado para a divisão da lavandaria/instalação sanitária.. 56

Fonte: Revista Arquitectura, nº65, Junho de 1959, p.17;

03.2.2 Situação Anteprojecto

Imagem 28 – Situação da Cozinha antes do projecto de reabilitação. Armários inferiores e superiores originais pintados a branco. Revestimento do paramento com mosaicos vitrificados originais..... 57

Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;

Imagem 29 – Vista da sala sobre o corredor onde foram mudados os revestimentos do pavimento e das paredes. Portas a madeira de tola originais pintadas a tonalidade branca;..... 57

Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;

Imagem 30 - Instalação sanitária com paramentos revestidos a mosaico vitrificado originais. Adição de mosaicos com padrão no revestimento da banheira e pintura de paramentos a tonalidade verde..... 58

Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;

Imagem 31 - Caixilharia metálica do pano envidraçado que estabelece comunicação entre a sala e a varanda pintada a tonalidade branca tal como os restantes caixilhos do apartamento. Imagem 31 - Caixilharia metálica do pano envidraçado que estabelece comunicação entre a sala e a varanda pintada a tonalidade branca tal como os restantes caixilhos do apartamento..... 58

Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;

03.2.3 Estrutura Após Intervenção

Imagem 32 – Planta de Alterações, sobreposição entre situação pré-existente e projecto de reabilitação..... 60

Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;

Imagem 33 - Axonometrias esquemáticas de comparação entre situação original e após intervenção..... 60

Fonte: Autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD;

Imagem 34 - Desenho Pormenor do Lava Roupa em Betão moldado..... 61

Fonte: Revista Arquitectura, nº65, Junho de 1959, p. 17;

Imagem 35 - Tanque Lava Roupa em Betão moldado tal como se apresentava antes da reabilitação..... 61

Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;

Imagem 36 – Electrodomésticos embutidos nas estruturas de armários: frigorífico, forno e micro-ondas..... 62

Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;

<i>Imagem 37 – Cozinha do apartamento durante fase de obra, armário em MDF hidrófugo lacado. Campânula redesenhada (Janeiro, 2011).....</i>	<i>62</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 38 – Cozinha durante fase de obra/acabamentos, (Janeiro, 2011).....</i>	<i>62</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 39 – Demolição da parede divisória e armário orientado para zona de circulação, fase de obra (Setembro, 2011).....</i>	<i>63</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 40 – Regularização dos paramentos para posterior introdução de armário desdobrado (Janeiro, 2011).....</i>	<i>63</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 41 – Aproveitamento da profundidade do sistema de divisão anterior para armário voltado para zona de circulação e estante para a sala, fase de obra (Janeiro, 2011).....</i>	<i>63</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 42 - Caixilharias do vão envidraçado presente na sala após intervenção, (Janeiro 2011...)</i>	<i>65</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 43 - Corte Transversal da habitação com apontamento dos materiais usados no projecto original.....</i>	<i>66</i>
<i>Fonte: Revista Arquitectura, nº65, Junho de 1959, p. 15;</i>	
<i>Imagem 44 – Aspecto do roupeiro e da zona de arrumos no sub tecto em madeira de tola restaurada no quarto adjacente à sala comum – após intervenção (Janeiro, 2011).....</i>	<i>67</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 45 – Componentes em madeira no corredor. Anota-se a criação do novo armário que se desdobra em estante para a sala comum, recriando o desenho original em madeira de tola (Janeiro, 2011);.....</i>	<i>67</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 46 - Revestimento dos paramentos na instalação sanitária a mosaico vitrificado após intervenção Janeiro, (Janeiro, 2011).....</i>	<i>67</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 47 – Restauo do revestimento do paramento em mosaico vitrificado de tonalidade castanha, redesenho do lava-mãos em betão moldado (Janeiro, 2011).....</i>	<i>68</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	
<i>Imagem 48 - Pormenor do mosaico vitrificado (cor azul água) aplicado na cozinha; Tampo de bancada e frente de fogão (vitrocerâmica) em pedra Lioz polida – após intervenção (Janeiro, 2011).....</i>	<i>69</i>
<i>Fonte: Arquivo arquitecto Rui Órfão;</i>	

03.3. A intervenção do arquitecto João Pedro Falcão de Campos

03.3.1 Configuração Original

<i>Imagem 49 - Localização da intervenção no Bloco.....</i>	<i>73</i>
---	-----------

Fonte: Autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD;

<i>Imagem 50 – Planta original do apartamento.....</i>	<i>74</i>
--	-----------

Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;

03.3.3 Estrutura Após Intervenção

<i>Imagem 51 – Planta do apartamento após intervenção.....</i>	<i>77</i>
--	-----------

Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;

<i>Imagem 52 – Módulo de armário pré-fabricado em madeira, como elemento de divisão entre a sala de estar e a zona de circulação, após intervenção (Dezembro, 2007)</i>	78
<i>Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos;</i>	
<i>Imagem 53 – Sala de estar, vista sobre o corredor; Grande amplitude do espaço através da eliminação das padieiras das portas, após intervenção (Dezembro, 2007)</i>	79
<i>Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos;</i>	
<i>Imagem 54 – Estante metálica que efectua a divisão entre as duas áreas funcionais da sala – zona de refeições e espaço de lazer, após intervenção (Dezembro, 2007)</i>	80
<i>Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos;</i>	
<i>Imagem 55 – Permeabilidade visual entre as duas áreas funcionais da sala, após intervenção (Dezembro, 2007)</i>	80
<i>Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos;</i>	
<i>Imagem 56 - Axonometrias esquemáticas de comparação entre situação original e após intervenção</i>	81
<i>Fonte: Autor, realizadas com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 57 – Quarto orientado a nascente após intervenção, pavimento em madeira tipo ipê tabaco e paramentos revestidos a reboco pintado em tonalidade branca (Dezembro, 2007)</i>	82
<i>Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos;</i>	
<i>Imagem 58 – Corredor de circulação interior, pavimento em soalho de madeira ipê e uniformidade visual entre a solução de revestimento dos suportes verticais e tecto e os módulos pré-fabricados em madeira, após intervenção (Dezembro, 2007)</i>	83
<i>Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos;</i>	
<i>Imagem 59 – Sala de estar após intervenção, pormenor das caixilharias em aço pintado a branco mate (Dezembro, 2007)</i>	84
<i>Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos;</i>	
<i>Imagem 60 - Pormenor Construtivo em axonometria do vão presente no quarto orientado sobre a fachada nascente</i>	85
<i>Fonte: Autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 61 – Pormenor Construtivo em axonometria do vão presente no quarto orientado a poente sobre a galeria de serviço</i>	86
<i>Fonte: Autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 62 - Instalação sanitária adjacente à cozinha após intervenção (Dezembro, 2007)</i>	88
<i>Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos;</i>	
<i>Imagem 63 - Cozinha após intervenção (Dezembro, 2007)</i>	88
<i>Fonte: Arquivo arquitecto João Pedro Falcão de Campos;</i>	

03.4. A intervenção da arquitecta Teresa Nunes da Ponte

03.4.1 Configuração Original

<i>Imagem 64 - Localização da intervenção no Bloco</i>	91
<i>Fonte: Autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 65- Planta do Atelier (1953), Configuração Original</i>	92
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte. Edição de Autor com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 66 - Planta do Volume Superior (1953), Configuração Original</i>	92
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte. Edição de Autor com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 67 - Cortes do Atelier (1953), Configuração Original</i>	93
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte. Edição de Autor com suporte do programa AUTOCAD;</i>	

03.4.2 Situação Anteprojecto

<i>Imagem 68 - Estado da fracção antes da reabilitação (Maio, 2012)</i>	93
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 69 - Cortes do Atelier (2012), Situação Anteprojecto</i>	94
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte. Edição de Autor com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 70 - Planta do Atelier (2012), Situação Anteprojecto</i>	94
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte. Edição de Autor com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 71 - Planta do Piso Superior (2012), Situação Anteprojecto</i>	94
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte. Edição de Autor com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 72 - Vista sobre o interior da cozinha (Maio, 2012)</i>	95
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 73 - Interior da Instalação Sanitária (Maio, 2012)</i>	95
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 74 - Piso Superior Acrescentado (Maio, 2012)</i>	95
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 75 - Vista sobre o terraço (Maio, 2012)</i>	96
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	

03.4.3 Estrutura Após Intervenção

<i>Imagem 76 – Axonometrias esquemáticas de comparação entre situação original e após intervenção</i>	98
<i>Fonte: Autor, realizadas com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 77 - Planta Atelier (Agosto 2012), Projecto de Reabilitação</i>	98
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte. Edição de Autor com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 78 - Planta Mezanino (Agosto 2012), Projecto de Reabilitação</i>	98
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte. Edição de Autor com suporte do programa AUTOCAD;</i>	
<i>Imagem 80 - Área de circulação projectada no enfiamento do vão sobre o terraço e a vista</i>	99
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 79 - Espaço amplo de trabalho</i>	99
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 81 – Elemento separador entre o espaço de trabalho e as áreas de serviço</i>	99
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 82 - Escada, em degraus "soltos", que garante o acesso ao mezanino</i>	100
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 83 - Vista sobre o Mezanino</i>	101
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 84 – Vãos existentes da fachada nascente</i>	101
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 85 – Espaço de Trabalho do Atelier</i>	101
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 86 – Espaço exterior em Terraço</i>	102
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 87 - Corte Construtivo do Atelier</i>	103
<i>Fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;</i>	
<i>Imagem 88 - Planta Pormenor do volume da instalação sanitária e kitchenette</i>	104

Fonte: Arquivo architecta Teresa Nunes da Ponte;

Imagem 89 - Corte Construtivo do volume da instalação sanitária e Kitchenette..... 104

Fonte: Arquivo architecta Teresa Nunes da Ponte;

Imagem 90 - Corte Construtivo do Atelier 105

Fonte: Arquivo architecta Teresa Nunes da Ponte;

Imagem 91 – Pormenor construtivo em Axonometria com detalhes de intervenção, fachada nascente 106

Fonte: Autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;

Imagem 92 - Pormenor Construtivo em Axonometria dos vãos na cobertura com detalhes de intervenção..... 107

Fonte: Autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;

Imagem 93 - Revestimento da instalação a pedra de Vila Viçosa e Lavatório em bloco de mármore escavado 108

Fonte: Arquivo architecta Teresa Nunes da Ponte;

Imagem 94 - Base de duche Hidrobox Serie Studio e revestimento do paramento a mosaico vitrificado 108

Fonte: Arquivo architecta Teresa Nunes da Ponte;

Imagem 95 - Kitchenette de apoio com placa vitrocerâmica, lava loiças embutido em aço inox e base de bancada a mármore 108

Fonte: Arquivo architecta Teresa Nunes da Ponte;

Imagem 96 - Pormenor Construtivo da impermeabilização do pavimento exterior..... 109

Fonte: Arquivo architecta Teresa Nunes da Ponte. Edição de autor com suporte do programa PHOTOSHOP;

01 INTRODUÇÃO

01.1 Objectivos da investigação

Atribuindo especial relevo ao campo de obras de habitação colectiva produzidas durante o período da década de 50, em Portugal, a presente dissertação, desenvolvida no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitectura do IST, procura dar continuidade à linha de investigação científica enquadrada na reabilitação de conjuntos e edifícios do movimento moderno. Para isso, selecciona-se um dos projectos charneira para a aplicação dos ideais modernos na arquitectura portuguesa – inovador pelas soluções tipológicas e formais introduzidas – o Bloco Habitacional das Águas Livres. Projectado pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, em 1953, o edifício em análise tem vindo a ser alvo de transformações que visam corresponder às novas exigências contemporâneas. No âmbito desta dissertação procura-se entender a dimensão das soluções de reabilitação já preconizadas, confrontando-as com a forma e estrutura iniciais do Bloco das Águas Livres, de forma a garantir não só a compreensão adequada da obra em análise, bem como estimular o debate que se gera em torno da área de investigação relativa à salvaguarda de espaços construídos do período moderno.

Considerando um edifício com valor patrimonial inerente (classificado como Monumento de Interesse Público) pretende-se que esta investigação relacione parâmetros tais como o património arquitectónico, as restrições económicas e as questões energéticas, de modo a equacionar futuras estratégias de manutenção e reabilitação dos espaços edificados.

01.2 Objecto de estudo

Desta forma, para fins da presente dissertação elege-se, como objecto de estudo, um conjunto de três intervenções que foram realizadas recentemente no Bloco das Águas Livres. No processo de escolha dos projectos a serem analisados interessou fundamentalmente a opção por reabilitações informadas, realizadas e acompanhadas por arquitectos, e que tenham sido conduzidas em espaços com tipologia programática diferenciada.

Assim, a investigação que se pretende desenvolver incide na interpretação dos seguintes projectos: intervenção do arquitecto Rui Órfão a um apartamento de tipologia T2 (2010-2011); a intervenção do arquitecto João Pedro Falcão de Campos a uma habitação de tipologia T3 (2006-2007) e a intervenção da arquitecta Teresa Nunes da Ponte a um *atelier* do Bloco (2012-2013).

01.3 Motivação

Durante o meu percurso como estudante de arquitectura, fui constatando a relevância que o tema da Reabilitação do Património possui. Algo me desperta relativo interesse nos processos de conservação das edificações – o facto de se contribuir para a preservação da memória construída, não apenas como elemento de representação da identidade histórica e arquitectónica dos lugares, mas também como motor fundamental para a evolução. Isto porque, na definição de novas linguagens arquitectónicas, a interpretação e devida compreensão da história apresentam-se como instrumentos fundamentais para o planeamento de um novo futuro. Cresce, deste modo, um forte interesse pessoal pela salvaguarda de espaços construídos, levando-me a ponderar, desde cedo, a realização de uma dissertação dentro desta temática.

Os contornos da presente dissertação surgiram por proposta da professora Ana Tostões, na sequência da linha de investigação, que tem desenvolvido ao longo do seu percurso profissional, enquadrada no estudo da Arquitectura Moderna e sua conservação¹.

Dentro da reabilitação do património arquitectónico, sugeri que fosse atribuído especial enfoque aos processos de intervenção realizados contemporaneamente na construção habitacional portuguesa, realizada durante o período moderno, tomando como referência o Bloco das Águas Livres, projectado pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral. As duas principais razões que me levaram a “abraçar” o desenvolvimento desta investigação centram-se com: o facto do debate sobre a conservação e reabilitação do Património Moderno ser um discurso cada vez mais presente na actualidade, na medida em que as construções realizadas durante este período específico enfrentam novos desafios, que correspondem fundamentalmente à necessidade de adapta-los face à evolução dos usos; e com o reconhecimento do Bloco das Águas Livres como uma obra excepcional e tão singular no panorama da construção habitacional portuguesa. Efectivamente, o bloco sempre me fascinou pela forma como se aproxima de nós, espaço após espaço, e como formula um modo de vivência tão peculiar, tomando

¹ Dentro do conjunto de livros e artigos científicos desenvolvidos por Ana Tostões, na temática da história da arquitectura moderna portuguesa, destacam-se entre outros: a sua tese de mestrado, publicada em 1997, *“Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”*, o livro, publicado no mesmo ano, *“Portugal: Architektur im 20. Jahrhundert”* e a sua tese de doutoramento *“Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa”* de 2002, onde dedica um capítulo exclusivo à interpretação do Bloco das Águas Livres. Sendo esta uma dissertação que se irá centrar na análise de três intervenções implementadas no Bloco das Águas Livres importa ainda salientar o livro *“Arquitectura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira”* com coordenação científica realizada por Ana Tostões, pois corresponde a uma coletânea bastante completa do percurso e obra do arquitecto. Para consulta da bibliografia publicada consultar currículo disponível em: http://www.docomomo.com/com/PDF/CV_AnaTostoes.pdf

como pano de fundo uma cidade que me diz tanto – a cidade de Lisboa. Poder estabelecer um paralelismo entre o tema da reabilitação e a interpretação deste edifício foi, sem dúvida, um ponto decisivo para a intensificação da minha motivação.

Em suma, tornou-se perceptível para mim a pertinência desta dissertação, como fonte de documentação de três intervenções realizadas por diferentes autores no Bloco das Águas Livres, ainda não publicadas, que possam proporcionar discussão em hipotéticos projectos de reabilitação a aplicar num futuro próximo.

01.4 Metodologia de trabalho

De modo a possibilitar o desenvolvimento da presente dissertação, tornou-se fulcral a leitura e interpretação pessoal de fontes documentais recolhidas, numa fase inicial, através do contacto com os diferentes arquitectos responsáveis pelas três intervenções em análise. Uma vez que as informações publicadas sobre os diferentes casos de estudo eram extremamente escassas, não avançando muito para além de registos fotográficos após intervenção, existentes nos próprios *sites* dos arquitectos intervenientes, foi imprescindível a obtenção do máximo material técnico possível, que contribuísse para a consolidação do conhecimento, nomeadamente memórias descritivas, documentação gráfica de estudos prévios (plantas, cortes e alçados), desenhos de pormenorização e elementos fotográficos directos das diversas fases de obra (desde os momentos de reconhecimento dos locais, à finalização das reabilitações).

Tratando-se de intervenções distintas, que se reflectiu numa certa heterogeneidade das informações obtidas, não só a nível de apresentação gráfica, como também no seu aprofundamento, foi importante sistematizar todos os graus de documentação provenientes do levantamento de campo, de forma a criar uma linha orientadora de pensamento, que fosse comum à exposição teórica dos três objectos em estudo. Esta organização de informação, que incluiu, o redesenho de algum material técnico ou mesmo a elaboração de certas componentes de apresentação gráfica, possibilitou uma maior profundidade na percepção dos principais pressupostos de cada uma das intervenções. Portanto, o conteúdo mais importante da dissertação, correspondente à documentação dos objectos de estudo, resultou praticamente de um trabalho de interpretação empírica da informação obtida em campo – fontes de primeiro grau. Apesar disso, para enriquecer, ainda mais, a documentação respeitante aos processos de reabilitação, foi realizada a recolha de testemunhos, através da realização de entrevistas aos principais intervenientes. Este método

de avaliação qualitativa dos diferentes projectos, que muito facilitou a sua devida interpretação, encontra-se integralmente presente no corpo de anexos desta dissertação.

Para além da metodologia aplicada aos casos de estudo, foi efectuada uma investigação paralela, não menos importante, que possibilitou uma adequada contextualização inicial ao tema. Tratou-se de uma revisão bibliográfica, não apenas da documentação existente referente ao Bloco das Águas Livres, como também sobre o panorama arquitectónico e urbanístico em Portugal, em torno dos anos 50, e o estado da arte relativo à conservação do Património Moderno em geral.

01.5 Estrutura da dissertação

Para que a dissertação corresponda aos objectivos previamente traçados, encontra-se estruturada em três partes fundamentais: Enquadramento Geral/Contextualização; Projectos de Reabilitação no Bloco e Reflexão Crítica e Esboços para Intervenções Futuras.

Numa primeira fase, – Enquadramento Geral – de modo a facilitar a correcta interpretação e compreensão dos casos de estudo, que serão abordados posteriormente, é transmitida uma contextualização ao tema. Desta forma, num primeiro momento é atribuído relevo à apresentação sumária da temática da Reabilitação do Património, procurando retractor o estado de desenvolvimento de conceitos intrinsecamente ligados à salvaguarda das edificações do Movimento Moderno. Aborda-se, de seguida, o panorama arquitectónico e urbanístico no quadro nacional que, no fundo, antecedeu a própria construção do Bloco das Águas Livres. Ainda nesta parte de contextualização, um dos objectivos fundamentais passa pela descrição do projecto do bloco, apresentando os processos de idealização, concepção e construção do edifício, reforçando a sua relevância como obra ímpar no contexto da habitação colectiva moderna em Portugal.

Perspectivando a segunda parte – Projectos de Reabilitação no Bloco – esta corresponde à análise detalhada de três processos de reabilitação que foram implementados no bloco habitacional, que equivalem aos casos de estudo seleccionados no âmbito desta dissertação. Confrontando as opções de requalificação tomadas com a matriz original do projecto do bloco, o principal intuito deste capítulo prende-se com o estudo dos sistemas, dispositivos e tecnologias aplicados à estrutura edificada para que esta possa corresponder aos índices de conforto normalizados e, conseqüentemente, adaptar-se adequadamente às novas exigências e necessidades contemporâneas dos utilizadores.

No último momento – Reflexão Crítica e Esboços para Intervenções Futuras – através da leitura e interpretação das experiências conduzidas no âmbito da reabilitação do Bloco das Águas Livres, procura-se reflectir sobre a relação entre a forma e a técnica, ou seja, como é que a estruturação do espaço edificado e as diferentes tipologias funcionais podem influenciar as tecnologias construtivas adoptadas em processos de reabilitação e salvaguarda. Com igual importância, é neste capítulo conclusivo que se gera um debate em torno da conservação do património do Movimento Moderno, no que diz respeito à sua constante adequação às aos novos usos.

01.6 Estado da Arte

Uma vez que na presente dissertação se pretendem relacionar parâmetros tais como o património arquitectónico moderno e as questões de conforto contemporâneas, de modo a equacionar futuras estratégias de reabilitação nos espaços do bloco, torna-se importante perceber qual o estado da arte não só em termos do conhecimento existente sobre o edifício que se estuda, mas também relativo à salvaguarda dos edifícios do movimento moderno.

O debate sobre a preservação das construções realizadas durante o século XX é intensificado a partir do findar da década de 80, essencialmente com a criação do DOCOMOMO (International Committee for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement), no ano de 1988. Ao longo do tempo, o DOCOMOMO tem reunido esforços no processo de sensibilização do valor e do significado dos ambientes construídos durante o período moderno, contribuindo para a devida divulgação, documentação e salvaguarda desses mesmos espaços – fundamentos e princípios esses que ficaram expressos na “*Declaração de Eindhoven*”², de 1990, resultante da primeira conferência internacional do DOCOMOMO.

Dentro da vasta linha de investigação desenvolvida por esta organização destacam-se, para o desenvolvimento deste trabalho, duas fontes: “*The Challenge of Change: Dealing with the Legacy of the Modern Movement*”, que resulta da décima conferência internacional do DOCOMOMO, realizada em Roterdão (2008), e a publicação do DOCOMOMO International Journal, nº44 de 2011, “*Modern and Sustainable*”, que estabelece um debate entre as construções do movimento moderno e a sua relação com os parâmetros de restrições económicas e energéticas contemporâneas.

² Conference Proceedings: Docomomo First International Conference. Eindhoven: DOCOMOMO, 1990;

Mais concretamente no que diz respeito a valorização da obra moderna no quadro nacional, a exposição de arquitectura portuguesa realizada no Deutsches Architektur Museum (Frankfurt, 1997), coordenada por Ana Tostões, teve extrema importância e resultou na publicação do livro *“Portugal: Architektur im 20. Jahrhundert”*, na versão portuguesa *“Portugal: Arquitectura do Século XX”* (Ana Tostões, Wilfried Wang e Annette Becker, 1998).

No que toca especificamente ao conhecimento teórico existente sobre o Bloco das Águas Livres, dada a sua importância histórica e arquitectónica, é natural compreender as inúmeras publicações e linhas de investigação que se centram na interpretação deste exemplo ímpar da construção moderna em Portugal. Trata-se de um edifício que apresentou um carácter inovador para a época em vários parâmetros, como por exemplo, a nível programático, construtivo e formal. Por isso mesmo, ao longo do tempo, soma-se o conhecimento adquirido sobre o Bloco das Águas Livres, apresentado por um conjunto diversificado de autores. Neste momento importa mencionar quais as fontes principais que serviram de base à realização desta dissertação.

Desde logo, é de salientar a publicação sobre o edifício, presente na revista *Arquitectura* nº65, de 1959, que apresenta uma descrição geral e completa dos princípios do projecto, das suas características arquitectónicas fundamentais, devidamente acompanhada por fotografias dos vários espaços funcionais e desenhos técnicos. Na mesma revista é publicada uma detalhada apreciação crítica do edifício, efectuada por Ruy José Gomes, que merece destaque principalmente pela explicação exaustiva que realiza sobre os processos e sistemas construtivos aplicados na concepção do Bloco. Esta mesma apreciação crítica é também publicada pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), em 1960.

Surgem algumas publicações no âmbito da arquitectura moderna em Portugal que referenciam o caso do Bloco das Águas Livres, como um projecto relevante para a introdução dos valores modernos. São exemplos disso, o livro de José Augusto França, de 1984, *“A Arte em Portugal no Século XX”*, a linha de investigação de Ana Tostões no seguimento da sua dissertação de mestrado, publicada em 1997, *“Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”* e o livro, já referido, *“Portugal: Arquitectura do Século XX”* de Ana Tostões, Wilfried Wang e Annette Becker (1998). No contexto destas investigações, atribui-se então destaque ao Bloco das Águas Livres que é abordado de forma global no contexto da arquitectura e urbanismo modernos.

Com maior grau de profundidade, evidencia-se a investigação de Ana Tostões, no desenvolvimento da sua dissertação de doutoramento em Engenharia do Território, pelo Instituto Superior Técnico, *“Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa”* (2002) em que dedica um capítulo exclusivo à interpretação do Bloco das Águas Livres, passando por aspectos que vão desde a própria idealização do projecto, aos pormenores construtivos preconizados. Pelo elevado grau de abrangência que este trabalho possui, torna-se uma importante base de enquadramento à presente dissertação.

No seguimento da exposição realizada no CCB, entre 24 de Junho e 31 de Outubro de 2004, sobre a vida e obra do arquitecto Nuno Teotónio Pereira, é publicado, no mesmo ano, o livro correspondente ao catálogo da exposição *“Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira”*, com coordenação científica e textos de autoria da arquitecta Ana Tostões. Torna-se uma referência significativamente importante por representar uma publicação onde está sistematizada a produção arquitectónica do arquitecto, passando inevitavelmente pela apresentação do projecto do Bloco das Águas Livres.

Apesar de se ter apresentado esta fundamental linha de conhecimento produzido, que serve de contextualização ao tema, implica mencionar que relativamente aos processos de intervenção que têm vindo a ser desenvolvidos no bloco, correspondentes à forma como os espaços se têm adaptado aos novos usos e exigências, existe ainda pouca informação sistematizada e publicada sobre a temática. Apesar disso, dentro deste campo, pode referenciar-se a dissertação de mestrado em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico *“Forma e Estrutura no Bloco de Habitação, Património Moderno em Portugal”*, desenvolvida em 2005 por João Pedro Fonseca pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Orientado pela arquitecta Ana Tostões, o autor culmina o capítulo que dedica ao Bloco das Águas Livres, explicitando as obras assinaláveis que foram conduzidas no edifício até à data da realização da sua dissertação. O apontamento dessas intervenções é efectuada de forma global e sucinta, e está mais centrada nas transformações conduzidas a nível dos espaços comuns.

A dissertação que se apresenta pretende, então, enquadrar-se dentro da temática relativa à salvaguarda e reabilitação do património moderno, acrescentando, ao vasto conhecimento que se possui sobre o bloco, a documentação de experiências de intervenção conduzidas recentemente, confortando-as com estrutura original do edifício.

"A vida pode mudar a arquitectura.
No dia em que o mundo for mais justo, ela será mais simples."
Óscar Niemeyer

02 ENQUADRAMENTO GERAL/CONTEXTUALIZAÇÃO



02.1 Conservação e Intervenções no Património do Movimento Moderno

Logo nos primeiros princípios doutrinários transmitidos pela Carta de Veneza, apresentada no ano de 1964, é estabelecida a noção que é um dever comum preservar a memória e a autenticidade das construções históricas, para que estas possam subsistir “até aos nossos dias como testemunhos vivos das tradições de várias gerações”³. De facto, há muito que o entendimento sobre o valor das edificações históricas é incontestável. Contudo a questão fundamental que se coloca é como se encontra o campo de actuação relativamente à salvaguarda das obras arquitectónicas produzidas durante o século XX, ou seja, correspondentes ao período moderno.

A assimilação do valor intrínseco das estruturas modernas e, conseqüentemente, o debate sobre a necessidade de as preservar, são relativamente recentes e, para além disso, quando abordada esta problemática, é levantada uma certa contradição. Isto porque, tal como Ana Tostões transmite, “olhar para a arquitectura do Movimento Moderno como património histórico é, no mínimo, controverso (...) na medida em que (...) nenhum outro movimento na arquitectura foi tão dedicado a uma ruptura total com as tradições anteriores.”⁴

Mesmo que seja assinável essa apologia de uma linguagem arquitectónica completamente renovada, baseada no progresso em detrimento do passado, é importante ter em consideração que, tal como em qualquer outro momento da história da arquitectura “o testemunho deixado pelo Movimento Moderno faz parte do nosso legado cultural e, por isso, tem que ser preservado e valorizado.”⁵

Para que se possa proceder a uma conservação adequada das edificações modernas é necessário a compreensão aprofundada das suas características. Embora exista ainda um certo equívoco no entendimento dos pressupostos do movimento moderno, uma vez que

< **Imagem de Capa** – Bloco das Águas Livres, galeria comum exterior no último andar recuado do edifício; fonte: Arquivo de Autor;

³ Carta de Veneza sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios aprovada no IIº Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos em 1964;

⁴ Ana Tostões - Património moderno: conservação e reutilização como um recurso. In: Revista Património, nº1, Novembro 2013, p.46;

⁵ Matilde Cardoso – Património Moderno: do Conceito à Intervenção. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2007;

é, muitas vezes, considerado meramente como um estilo⁶, ele está na realidade imbuído de grande significado, pois expressa um propósito na adequação a uma nova era, através de novas concepções, completamente inovadoras no que diz respeito aos materiais utilizados, às técnicas construtivas adoptadas e até à própria espacialidade. Por outras palavras, o processo de criação da arquitectura do movimento moderno não deve ser visto apenas como a “modificação da forma dos edifícios no quadro da cidade tradicional”⁷, mas como a definição de um sistema arquitectónico de génese funcional e racionalista “capaz de responder (...) através de grande sentido de dever social (...) aos desafios da vida moderna.”⁸ Tendo em consideração o valor do referido projecto moderno, acresce na actualidade o debate sobre a sua preservação e conservação, em que o processo de documentação dessas construções assume um papel vital, até para o próprio processo de valorização. Dentro deste campo, distingue-se o trabalho do DOCOMOMO (*International Committee for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement*) que desde 1988 tem reunido esforços para estimular a salvaguarda deste património.

No que toca especificamente às questões abordadas nesta dissertação, verifica-se que, no debate sobre a reabilitação das construções do século XX, novos desafios se levantam, nomeadamente pela necessidade de atender aos parâmetros de conforto contemporâneos. Na publicação que o DOCOMOMO publica em 2011, “*Modern and Sustainable*”⁹, é amplamente destacada a necessidade de uma nova responsabilidade face a esta atitude. Theodore Prudon afirma que, num contexto de preservação do património, as questões de sustentabilidade, muitas vezes suportadas apenas pelos seus parâmetros técnicos, devem ser entendidas num sentido mais lato¹⁰. Nesse sentido, indo muito para além das questões técnicas, devem ser compatibilizados aspectos relativos à materialidade e à permanência dos valores¹¹.

⁶ “Modern Movement is often mistakenly related to a style, perceived in a skin-deep point of view and superficially adopted as simple form, as a modern shape (...)” – Ana Tostões – *Modern and Sustainable*. In: DOCOMOMO International Journal 44 – 2011/1 *Modern and Sustainable*, 2011, p.3;

⁷ Ana Tostões – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP Publicações, 1997, p. 202;

⁸ Ana Tostões – *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Engenharia do Território. Lisboa: IST, 2002, p.12

⁹ DOCOMOMO International Journal 44 – 2011/1 *Modern and Sustainable*, 2011

¹⁰ Cf. Theodore Prudon – *The Modern Movement and Sustainability: Yesterday, Today and in the Future*. In: DOCOMOMO International Journal 44 – 2011/1 *Modern and Sustainable*, 2011, p. 4-7;

¹¹ Cf. Idem, *Ibidem*;

Centrando então atenção na temática da conservação e intervenção no Património do Movimento Moderno e na sua relação com os problemas, tão debatidos na actualidade, relativos à adaptação das estruturas construídas às exigências de conforto contemporâneas, a presente dissertação, como já referido anteriormente, estará focalizada na interpretação de processos de reabilitação conduzidos num dos maiores exemplos de arquitectura moderna portuguesa – o Bloco Habitacional das Águas Livres.



02.2 Enquadramento ao projecto do Bloco das Águas Livres

02.2.1 O contexto: arquitectura e urbanismo modernos

Numa primeira fase, mesmo antes de se iniciar a apresentação do projecto do Bloco das Águas Livres, torna-se importante transmitir os momentos principais que antecedem a sua construção e contextualiza-lo no panorama arquitectónico e urbanístico em Portugal durante os anos 50 do século XX¹².

O ano de 1945 marca o final da Segunda grande Guerra Mundial e, entre muitas outras consequências, significou uma derrota generalizada dos regimes ditatoriais no seio da Europa. Embora o governo de Salazar se tenha mantido, a situação do pós guerra “desenha um tempo de agitação cultural”¹³, aspirando-se a uma nova liberdade política e social.

Também na arquitectura se reflectiram estes efeitos, manifestando-se um forte entusiasmo em “fazer contas com a modernidade e de retomar com consciência social o interrompido projecto moderno”¹⁴. Efectivamente, a arquitectura que se realizava à data em Portugal caracterizava-se por uma extrema influência e preponderância dos ideais do poder político, “apostada na busca de raízes pela via monumental ou regionalista: monumentalidade simbólica e desejada atemporal nos conjuntos urbanos de representação da «capital do Império»”¹⁵.

Há muito que os arquitectos vinham sentido a urgência não apenas em exprimir os seus pontos de vista relativamente à arquitectura nacional, como também em destacar os novos pressupostos modernos em detrimento dos valores nacionalistas – é então a partir da circunstância do pós-guerra que se gera uma conjuntura favorável à mudança de

< **Imagem de Capa** – Bloco das Águas Livres, átrio de entrada principal sobre a Praça das Águas Livres com painel de mosaicos de autoria de Almada Negreiros; fonte: Arquivo de Autor

¹² Uma vez que na presente dissertação não serão aprofundados os conhecimentos sobre a arquitectura moderna em Portugal, servindo este capítulo para efectuar uma breve contextualização ao projecto do bloco, sugere-se a leitura de Ana Tostões – Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50. Porto: FAUP Publicações, 1997;

¹³ Ana Tostões – Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50 – op. cit.;

¹⁴ Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Engenharia do Território. Lisboa: IST, 2002, p.368;

¹⁵ Ana Tostões, Annette Becker, Wilfried Wang – Arquitectura do século XX: Portugal. Munchen: Prestel, 1998, p.11;

consciência arquitectónica por parte de uma nova geração de arquitectos¹⁶. Neste panorama, surgem pela primeira vez, organizações bem estruturadas de arquitectos que debatiam “de forma mais constante o significado do seu trabalho e as condições que o limitavam”.¹⁷ Divididas geograficamente no território português, tomaram especial importância as ICAT¹⁸ criadas, em 1946, na capital e a ODAM¹⁹ formada na cidade do Porto no ano de 1947. Através de uma postura fortemente politizada, estes dois movimentos contribuíram substancialmente para a estruturação e desfecho conclusivo daquele que é conhecido como o “momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos”²⁰ – o 1º Congresso Nacional de Arquitectura de 1948²¹.



Imagem 1 – 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Intervenção de Keil do Amaral

Sendo o congresso uma importante iniciativa proporcionada pelo Estado, no seguimento de uma exposição que assinalava “15 anos de Obras Públicas”²², esperava-se

¹⁶ Cf. Ana Tostões – Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50 – op. cit.;

¹⁷ Nuno Portas – A evolução da arquitectura moderna em Portugal: uma interpretação. in: Nuno Portas – A Arquitectura para Hoje. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, p.199;

¹⁸ Iniciativas Culturais Arte e Técnica (ICAT);

¹⁹ Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM);

²⁰ Ana Tostões – O Congresso e “os verdes anos” 50. in: Ana Tostões (coord.) – 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, p. 12;

²¹ Congresso desenvolvido, entre Maio e Junho do ano de 1948, pelo SNA (Sindicato Nacional dos Arquitectos) com patrocínio do Estado;

²² Cf. Ana Tostões – O Congresso e “os verdes anos” 50 – op. cit.;

que a ocasião contribuisse para o enaltecimento e monumentalização da arquitectura nacional²³. Todavia, as conclusões do congresso desviaram-se do objectivo central das entidades do poder, transmitindo “uma imagem de unidade sobre dois pontos importantes: a rejeição do «português suave» (...) e a chamada da atenção para o «gravíssimo problema da habitação» e o papel da arquitectura e urbanismo modernos na sua «solução».”²⁴

A problemática da habitação levou inclusive Fernando Távora (1923-2005) a ponderar sobre esta temática, com o texto “O Problema da Casa Portuguesa”, um ano antes da realização do Congresso. De tal modo que, quando confrontado com o estado das edificações à época, o arquitecto chega a afirmar que “em Portugal, hoje, não se faz Arquitectura e, pior ainda, entre nós não pretende sequer fazer-se Arquitectura”²⁵, reforçando a ideia que seria verdadeiramente relevante estabelecer um paralelismo entre a construção popular recorrente e a via da modernidade, procurando um olhar atento “aos novos processos de construção, a toda uma Arquitectura que surge plena de vitalidade e de força.”²⁶ De facto, existia no país um grande problema na questão do habitar, demarcado pela situação caótica das habitações existentes, e extremamente intensificado pelo motivo de não existirem espaços suficientes para alojar toda uma população que procurava na cidade melhores condições de vida. Através do congresso, a nova geração de arquitectos “consciente da sua missão social”²⁷, vai procurar responder a esta problemática habitacional, fazendo uma apologia dos processos industriais, em detrimento de “pretensões folclóricas (...) de estilo, procurando uma nova arquitectura capaz de conduzir (...) os homens para a saúde moral e espiritual.”²⁸ Entra igualmente neste ponto, a ideia geral que a responsabilidade do arquitecto passa por projectar em função de um maior número de cidadãos²⁹.

²³ Cf. José Augusto França – A Arte em Portugal no Século XX. Lisboa: Bertrand editora, 1984;

²⁴ Nuno Portas – op. cit., p. 199;

²⁵ Fernando Távora – O Problema da Casa Portuguesa. Lisboa: Cadernos de Arquitectura, 1947;

²⁶ Idem, *Ibidem*;

²⁷ Ana Tostões, Annette Becker, Wilfried Wang – Arquitectura do século XX: Portugal – op. cit., p. 12;

²⁸ Viana de Lima – O Problema Português da Habitação. in: 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, p. 216;

²⁹ Cf. António Guilherme Matos Veloso – Habitação Rural e Urbanismo. in: 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 189-196 – “O progresso arquitectural em particular e o progresso técnico em geral, têm que estar ao alcance da maior parte da população do País (...)”;

Na procura de uma nova arquitectura que correspondesse aos problemas levantados pela nova vida e homem modernos algo é transversal à maioria das teses apresentadas no segundo tema do congresso – “O Problema Português da Habitação”³⁰: a referência aos dogmas urbanísticos e arquitectónicos internacionais amplamente divulgados pelos CIAM e assentes na Carta de Atenas³¹.

Seguindo estes valores racionais e de índole funcionalista, as habitações deveriam ter como modelo base a noção da Unidade Habitacional, ou seja, blocos edificadas que dessem alojamento a vários núcleos familiares e onde estivessem estabelecidos, à priori, lugares de recreio, equipamentos de serviço e elementos de acessibilidade bem definidos, que permitissem o simples deslocamento de recursos e pessoas³². As habitações deveriam então ser integradas na cidade que, por sua vez, ficava planeada com base nos “materiais (...) fundamentais (...) do urbanismo (...) o sol, o espaço e a natureza.”³³ Para além disso a solução do bloco vertical ganha preponderância, como “condensador social”³⁴, e espelhando a necessidade de “substituir a construção individual, que pode levar ao egoísmo, pelo sistema da habitação em altura, onde cada família poderá ter isoladamente o seu lar”³⁵.

Em suma, os principais pontos transmitidos no 1º Congresso Nacional de Arquitectura, resultam da intervenção da geração mais nova de arquitectos que, tendo consciência das características do seu tempo, vão incutir à arquitectura uma vertente “eminente social”³⁶ e uma dimensão política muito demarcada. Assim, o findar da década de 40 marca claramente uma mudança na arquitectura nacional na assimilação dos pressupostos do Movimento Moderno. Considera-se, então, um momento que não está apenas referenciado ao plano Português, é sim um tempo internacional.

³⁰ O primeiro conjunto de teses apresentadas corresponde ao tema “A Arquitectura no Plano Nacional”;

³¹ Apresentada e debatida no ano de 1933, na sexta edição dos CIAM. Posteriormente, foi publicada por Le Corbusier. Cf. Le Corbusier – La Charte d’Athènes. Paris: Éditions de Minuit, 1957 (1940);

³² Com base nas quatro funções essenciais para a vivência na cidade, definidas pela Carta de Atenas: habitação, trabalho, recreação e circulação. Cf. Le Corbusier – La Charte d’Athènes – op. cit.;

³³ António Lobão Vital – A Casa, o Homem e a Arquitectura. in: 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, p. 201;

³⁴ Nuno Portas – op. cit., p. 200;

³⁵ Viana de Lima – op. cit., p. 217;

³⁶ Ana Tostões - O Congresso e “os verdes anos” 50 – op. cit., p.19;

Tendo noção que a temática da habitação colectiva transformou-se numa crucial linha de investigação e trabalho da classe dos arquitectos³⁷, e considerando o território da cidade de Lisboa, onde foi construído o Bloco das Águas Livres, destacam-se, neste momento, alguns exemplos de projectos que foram desenvolvidos na transição para a década de 50 e que espelham, de certa forma, o espírito de mudança observado no panorama arquitectónico e urbanístico. Desde logo, importa salientar um momento de transição na evolução urbana da cidade de Lisboa, assinalada pelo desenvolvimento do plano municipal para o Bairro de Alvalade, de autoria do arquitecto urbanista João Faria da Costa (1906-1971) no seguimento do Plano Municipal de 1948 “que se iniciou dez anos antes sob a direcção de De Groer”.³⁸ Para a urbanização desta zona da cidade desenhavam-se, a partir de 1947, várias células que determinavam a edificação de um conjunto de edifícios de renda económica³⁹, procurando “combater o problema então eminente da carência de oferta de habitação”⁴⁰ social e colectiva. A massa construída das habitações foi



Imagem 2 - Plano de Urbanização para o Bairro de Alvalade

³⁷ Cf. Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit.;

³⁸ Ana Tostões – Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50 – op. cit.;

³⁹ Cf. Idem, *Ibidem*, p. 71;

⁴⁰ Inês Lima Rodrigues – Quando a Habitação Colectiva era Moderna, desde Portugal a outros territórios de expressão portuguesa, 1940-1974. Trabalho desenvolvido no âmbito da Tese de Doutoramento, Departamento de Projectos Arquitectónicos. Barcelona: ESTAB, UPC, Janeiro 2009. in: http://ineslima.com/pdf/Habitacao_Moderna_Portuguesa_1.pdf, p. 18;

projectada integrada numa sucessão de espaços verdes e amplamente servida por estruturas de serviços.



*Imagem 3 – Bairro das Estacas de Formosinho
Sanchez e Ruy d’Athouguia*



Imagem 4 - Conjunto no cruzamento da Avenida dos Estados Unidos da América com Avenida de Roma

Seguindo a estratégia estabelecida neste plano de urbanização, surgem alguns conjuntos habitacionais que evidenciam a influência dos pressupostos racionais internacionais, “confirmando uma evolução de conceitos que se baseavam num quadro legal em transformação.”⁴¹ São exemplos disso, o Bairro das Estacas, definido pelos arquitectos Ruy d’Athouguia (1917-2006) e Formosinho Sanches (1922-2004), em que os diversos volumes habitacionais, de apenas quatro pisos elevados, descansam sobre uma malha de pilotis que garantem a determinação de uma “continuidade do tecido urbano”⁴² e, por consequência, o varrimento do espaço público e ajardinado por entre a massa construída; e o conjunto habitacional projectado, no ano de 1952, pelos arquitectos José Segurado (1913-1988) e Filipe Figueiredo (1913-1989), para o cruzamento entre a Avenida dos Estados Unidos da América e a Avenida da República, que tem na sua base a noção de Unidade de Habitação, pois complementa os apartamentos com um *mixing* de equipamentos e serviços

Mas, ainda numa visão generalizada do contexto arquitectónico que espelhou a década de 50, é possível verificar que a afirmação do movimento moderno em Portugal, que muito deveu ao 1º Congresso Nacional de Arquitectura, procurou uma outra via aquando “a arquitectura portuguesa parece dividir-se entre os mentores do regime e o desejo de um funcionalismo de carácter internacional”⁴³. Deste momento de reunião entre duas gerações de arquitectos, apesar da percepção que o tempo que se vivia implicava uma atenção às novas técnicas construtivas, aos novos materiais e às novas linguagens arquitectónicas, associadas ao Estilo Internacional, algo muito importante é transmitido pela

⁴¹ Ana Tostões – Modernização e Regionalismo, 1948-1961. in: Ana Tostões, Annette Becker, Wilfried Wang – Arquitectura do século XX: Portugal. Munchen: Prestel, 1998, p.45;

⁴² Inês Lima Rodrigues – Quando a Habitação Colectiva era Moderna – op. cit., p. 20;

⁴³ Ana Tostões – Modernização e Regionalismo, 1948-1961 – op. cit., p.48;

segunda geração que, no fundo, vai demarcar o sucessivo percurso de projectos – a noção que, ser moderno, implicava também conhecer adequadamente o panorama da construção popular no país e saber analisá-lo através de uma posição crítica.

Só através de um estudo aprofundado da arquitectura vernacular portuguesa, em paralelismo com a influência dos pressupostos modernos, se poderiam projectar edificações que não apenas cumprissem as reais necessidades da população, como também respeitassem as especificidades dos locais de implantação. Como resultado da vontade de entender verdadeiramente a realidade das construções nacionais, surge, em 1955, o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, que “terá o maior significado cultural e político neste ambiente de dupla resistência: ao conservadorismo oficial e ao esquematismo do estilo internacional.”⁴⁴ Este inquérito, proporcionado inicialmente pelo arquitecto Keil do Amaral, vai compreender a criação de diversas equipas de arquitectos que vão interpretar e catalogar a arquitectura vernacular portuguesa, distribuída por várias regiões territoriais, no que toca aos vários modelos de povoar o espaço nacional definidos por influência da aproximação às características de cada lugar.

O caminho da modernidade em Portugal vai ser efectuado desta forma, através de uma discussão entre os valores modernos e a valorização da tradição regional, algo que, como se observará também marcou o percurso profissional do arquitecto Nuno Teotónio Pereira.

02.2.2 O arquitecto Nuno Teotónio Pereira

Não se poderia acabar a contextualização da construção do Bloco das Águas Livres sem que fosse transmitida uma abordagem sucinta sobre a vida e obra do arquitecto Nuno Teotónio Pereira (n.1922)⁴⁵. Dentro da segunda geração de arquitectos, que contribuiu substancialmente para a reclamação dos princípios modernos internacionais, Teotónio Pereira assume um papel fundamental através de um percurso profissional fortemente demarcado pela responsabilidade e ética social, “tomando a cidade como lugar de exercício de cidadania, de experimentação e de transformação cívica.”⁴⁶

⁴⁴ Idem, *Ibidem*, p. 49;

⁴⁵ Para uma análise mais pormenorizada da vida e obra do arquitecto Nuno Teotónio Pereira, consultar Ana Tostões (coord.) – *Arquitectura e Cidadania*, Atelier Nuno Teotónio Pereira. Lisboa: Quimera, 2004;

⁴⁶ Delfim Sardo – *Cidadania*. In: *Arquitectura e Cidadania*, Atelier Nuno Teotónio Pereira – op. cit., p. 7;



Imagem 5 - Arquitecto Nuno Teotónio Pereira



Imagem 6 - Arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral em 1952

Implica salientar a sua formação que, no fundo, antecedeu e influenciou toda a sua carreira futura como arquitecto. Embora tenha iniciado o curso de arquitectura na Escola de Belas Artes de Lisboa, no ano de 1939⁴⁷, a presença na Escola do Porto constituiu um contributo verdadeiramente importante para a definição das suas convicções arquitectónicas. Uma vez dirigida pelo arquitecto Carlos Ramos (1897-1969), a Escola do Porto estava afastada geograficamente do centro de poder político, ganhando uma maior liberdade quanto ao ensino e à prática da arquitectura e, conseqüentemente permitiu a Nuno Teotónio Pereira distanciar-se “à repressiva, retrógrada e académica escola de Lisboa”⁴⁸. Ana Tostões transmite ainda a relevância da colaboração do jovem arquitecto no gabinete de engenharia de Vasco Costa, na medida em que “marcará o seu modo de pensar, libertando-o de constrangimentos de ordem formal e abrindo a sua imaginação para articulações mais construtivas”⁴⁹.

É de distinguir a sua forte noção de consciência política e social que o levou, desde muito cedo “a trabalhar no real, com os lugares e para as pessoas.”⁵⁰ Nesse sentido, a

⁴⁷ Cf. Nuno Teotónio Pereira – Um testemunho pessoal. In: Ana Tostões (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira – op. cit., pp. 42-49;

⁴⁸ Ana Tostões – Obra aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola. In: Ana Tostões (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira – op. cit., p. 23;

⁴⁹ Idem, *Ibidem*, p. 24;

⁵⁰ Idem, *Ibidem*, p. 21;

habitação social tornou-se um tema fundamental no contexto da obra por si desenvolvida. Dentro desta área de actuação na arquitectura, ou seja, no processo de debate sobre a problemática do habitar em Portugal, destaca-se, por exemplo, a sua participação no 1º Congresso Nacional de Arquitectura, ainda como arquitecto estagiário, onde, em conjunto com o arquitecto Costa Martins, defendeu a tese *Habitação Económica e Reajustamento Social*⁵¹. Para além disso, soma-se o trabalho que realizou durante vinte e quatro anos na Federação de Caixas de Previdência que, tal como indicado pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira lhe possibilitou “um aprofundamento da problemática da habitação social (...) dentro de um contexto de (...) elevado sentido público, porque, tratando-se de um organismo autónomo, estava liberto dos constrangimentos políticos que o regime ditatorial impunha.”⁵² Não só na habitação se salienta a importância do arquitecto Nuno Teotónio Pereira, uma vez que possuiu um papel igualmente determinante para a formação do MRAR⁵³, movimento constituído por “um grupo de progressistas católicos atentos à sociedade portuguesa, que entendiam ser importante manifestar a necessidade de mudança também na arte e na arquitectura religiosas.”⁵⁴ Nesta lógica de renovação da arquitectura religiosa, que deveria atender aos princípios da linguagem moderna, a Igreja Paroquial das Águas em Penamacor de 1949, projectada pelo arquitecto, representa, sem dúvida, um momento pioneiro para o debate lançado posteriormente pelo MRAR.

Mesmo que não seja completamente aprofundando o percurso de projectos de Teotónio Pereira, é interessante ainda referenciar a perspectiva, muito clara, que Ana Tostões levanta de quais foram as principais linhas orientadoras do trabalho desenvolvido pelo arquitecto – dentro de uma noção de “obra aberta que corresponde, por um lado, a uma vontade vital de experimentar, de ensaiar novos e melhores caminhos, por outro, a uma necessidade de responder à realidade com empatia e sem abstracção (...) pelo que foi capaz de manter um atento olhar crítico em relação ao dogmatismo do ideário moderno, ensaiando a ponte com a arquitectura vernácula.”⁵⁵

⁵¹ Cf. Nuno Teotónio Pereira e M. Costa Martins – *Habitação Económica e Reajustamento Social*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – 1º Congresso Nacional de Arquitectura – op. cit., pp. 243-249;

⁵² Nuno Teotónio Pereira – Um testemunho pessoal – op. cit., p. 46;

⁵³ MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – sobre o movimento consultar Ana Tostões – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50* – op. cit.;

⁵⁴ Ana Tostões – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50* – op. cit., p. 31;

⁵⁵ Idem – *Obra aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola* – op. cit., pp. 21-22;



02.3 O projecto do Bloco das Águas Livres

02.3.1 Descrição geral do projecto

Construído durante a década de 50⁵⁶, num panorama de afirmação das premissas do Movimento Moderno, o Bloco das Águas Livres, projectado pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, revelou-se particularmente inovador pois “representa um primeiro momento de maturação e sedimentação do método internacional”⁵⁷, aproximado a uma unidade de habitação colectiva na cidade de Lisboa.



Imagem 7 - Bloco Habitacional das Águas Livres, vista sobre a fachada nascente

Apresentando um primeiro contexto que antecipou a própria edificação do objecto arquitectónico e que, no fundo, espelha a conjuntura excepcional que se gerou em torno desta, importa referir que o projecto do Bloco das Águas Livres surgiu da oportunidade de investir algum capital da Companhia de Seguros Fidelidade, administrada à época pelo pai de Nuno Teotónio Pereira, na construção de um edifício de habitação, com um grau superior de qualidade, por isso, destinado a uma classe social mais alta.⁵⁸ Em primeiro lugar, a

< **Imagem de Capa** – Bloco das Águas Livres, parede exterior em cantaria com baixos relevos de autoria do escultor Jorge Vieira (1922-1998); fonte: Arquivo de autor;

⁵⁶ O projecto foi concretizado em diferentes fases de produção: uma proposta inicial (o anteprojecto) de 1952, o projecto de licenciamento propriamente dito, desenvolvido em 1953, que consistiu apenas no aperfeiçoamento e consolidação dos princípios originalmente definidos e o período de construção que terminou três anos mais tarde, em 1956. Sobre a datação das várias etapas de concepção edifício, consultar o processo no AML – número de obra: 17623. Ver Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit., pois apresenta um capítulo sobre o Bloco das Águas Livres e sistematiza as várias datas do projecto;

⁵⁷ Ana Tostões – Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50, op. cit., p.86;

⁵⁸ Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit.;

localização do bloco habitacional foi definida com a aquisição de dois lotes contíguos, que se situavam perto do Rato, Campo de Ourique e Amoreiras, mais concretamente na área que estava em conformidade com o plano camarário de Urbanização da Praça das Águas Livres desenvolvido pelo arquitecto Manuel Tainha (1922-2012).⁵⁹ As edificações, que tinham ficado previstas neste projecto urbano, não foram construídas na sua totalidade, tendo sido substituído por um segundo plano de urbanização, onde ganham predominância o Bloco das Águas Livres e o edifício do Ginásio Club Português⁶⁰. A implantação do edifício, estabelecida pela valorização das vertentes nascente-poente, é, portanto, resultado da adequação do projecto à volumetria geral determinada pela câmara municipal da cidade.

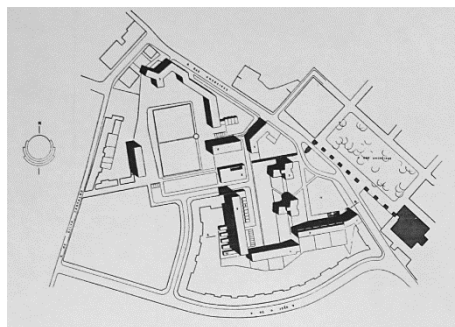


Imagem 8 - Plano Camarário originalmente previsto para Urbanização da Praça das Águas Livres, arquitecto Manuel Tainha

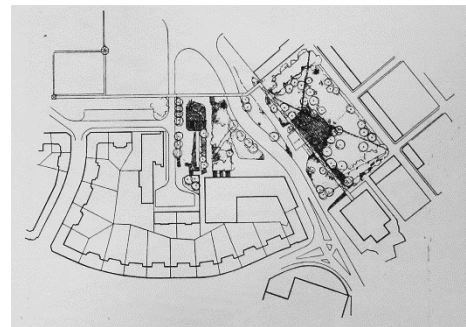


Imagem 9 - Segundo plano camarário para a Urbanização da Praça das Águas Livres

Destacam-se, igualmente, as boas características do local escolhido, essencialmente por estar situado a uma cota alta da cidade, como de um promontório se tratasse, gozando não apenas de um sistema de vistas privilegiado voltado sobre Lisboa e o rio Tejo, como também de uma adequada exposição solar.

De uma forma geral, os princípios fundamentais do bloco “denunciam uma progressista visão da sociedade”⁶¹, expressos na vontade de conceber um edifício que incorporasse um programa funcional multifacetado, onde a função de habitar deveria ser complementada com a integração de comércio, espaços comuns e de um conjunto de serviços colectivos. Trata-se, portanto, de um bloco habitacional com 12 pisos, que integra: uma cave, nivelada com a praça exterior; um pavimento térreo, por onde se efectuam os principais acessos ao edifício, que concentra o parque de estacionamento de veículos ligeiros, um conjunto de serviços comuns, como é o caso da lavandaria

⁵⁹ Cf. Bloco nas Águas Livres, in: *Arquitectura* nº65, Junho de 1959, pp.3-22;

⁶⁰ Cf. João Pedro Esteves de Carvalho Fonseca – *Forma e Estrutura no Bloco de Habitação, Património Moderno em Portugal*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Metodologias da Intervenção no Património Arquitectónico. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, pp. 55-89;

⁶¹ Ana Tostões – *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*, op. cit., p.627;

comunitária, e uma zona de estabelecimentos comerciais que se projectam para o exterior na fachada nascente; uma sobreloja, destinada à presença de escritórios; oito andares dedicados exclusivamente à habitação, que correspondem a um volume rectangular elevado; e um último piso recuado, constituído por quatro *ateliers* e uma sala comum para moradores, complementada com um amplo terraço em “miradouro” com vista enquadrada sobre Lisboa e o Rio.⁶²

Nesse sentido de complementaridade entre funções e serviços, o projecto do Bloco está imbuído de um verdadeiro sentido de ética e responsabilidade sociais, em que o propósito primordial de se “criar um quadro de vida mais do que um simples local para conter gente (...) traduz o programa básico deste imóvel particularmente estudado, com grande clareza formal e imaginação na sua utência prática, que inovou profundamente as estruturas portuguesas de habitação.”⁶³

02.3.2 Análise da Forma e do Espaço

Numa primeira abordagem, distingue-se uma evidente influência da noção de Unidade de Habitação, desenvolvida num quadro internacional, para a definição do bloco. Enquadrando-se numa tentativa de introduzir estes conceitos, nos edifícios de habitação em Portugal, em torno do despontar da década de 50, e tal como defendido por Ana Tostões, o projecto encontra na *Unité d’Habitation de Marseille*, do arquitecto Le Corbusier (1887-1965), uma clara fonte de inspiração⁶⁴, no que toca “à formação de uma vida interna mais ou menos coesa em que o convívio e a inter-relação em diversos escalões fosse possível.”⁶⁵ Demonstra-se portanto revolucionário pelas soluções programáticas e formais que introduz, em contraste, e principalmente por resistência, a uma realidade de “nacionalismo ainda presente”⁶⁶ no país.

⁶² Cf. Nuno Teotónio Pereira – Memória Descritiva e Justificativa do projecto do Bloco das Águas Livres, nº de obra: 17623, processo 36094, Lisboa 30 de Agosto de 1953;

⁶³ José Augusto França – A arte em Portugal no século XX. Lisboa: Bertrand editora, 1984, p. 454;

⁶⁴ Ana Tostões – Edifício de Habitação, Comércio e Serviços, Bloco das Águas Livres. In: Ana Tostões (coord.) – Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira – op. cit. – “Claramente inspirado no conceito de Unidade de Habitação corbusiana, este edifício multiusos dotado de serviços colectivos propunha grandes novidades em relação aos correntes edifícios de habitação.”;

⁶⁵ Bloco nas Águas Livres. in: Arquitectura nº65, op. cit., p. 4;

⁶⁶ Ana Tostões – Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50, op. cit., p.85;

De modo a assegurar o eficiente funcionamento dos espaços e, de certa forma, a adequada acessibilidade deste sistema tão complexo, como multifacetado, do ponto de vista programático, tornava-se imprescindível a criação de um modelo de circulação que fosse simultaneamente funcional e lógico que, neste caso, ficou assumidamente dividido em duas redes gerais autónomas – uma rede de circulação principal, destinada ao público/moradores, e um circuito secundário de serviço, para satisfazer o fornecimento, distribuição e/ou evacuação de bens essenciais e recursos. Apesar dos percursos definidos manifestarem, tal como referido pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira, “uma certa complexidade (...), assente na conjugação entre trajectos horizontais e verticais, por outro lado, atestam o esforço canalizado para (...) reduzir ao mínimo o número de ascensores, de assegurar a maior eficiência, clareza e maleabilidade nos percursos dominantes, e de garantir uma absoluta segurança”⁶⁷

Para atribuir uma maior independência às redes circulatórias, para cada uma delas foram posicionadas duas entradas distintas. Relativamente aos dois acessos principais, presentes no pavimento térreo, estes efectuem-se: na fachada nascente, sobre a Praça das Águas Livres, através de um passadiço suspenso que possibilita a chegada ao átrio principal do bloco; e na fachada norte, que se volta para a Rua Gorgel do Amaral. A interligação desses vestíbulos principais ficou assegurada através de percurso horizontal estabelecido no 3º piso “por uma galeria que serve as instalações de escritórios e corre junto à face poente do edifício.”⁶⁸ Por sua vez, as portas secundárias de serviço foram projectadas na adjacência com as entradas principais – uma no topo norte, onde se efectua a evacuação



Imagem 10 - Entrada principal para moradores em “passerelle” sobre a Praça das Águas Livres



Imagem 11 - Entrada principal para moradores pela Rua Gorgel do Amaral

⁶⁷ Nuno Teotónio Pereira – Memória Descritiva e Justificativa do projecto do Bloco das Águas Livres, op. cit., p.3;

⁶⁸ Ruy José Gomes – Apreciação crítica de edifícios, O Bloco das Águas Livres. in: Arquitectura nº65, Junho de 1959, p.24;

de lixos, o fornecimento de mercearia e o transporte de mobiliário; e outra ao nível inferior da fachada nascente, junto ao acesso em rampa do parque de estacionamento.

Uma vez determinado o acesso à edificação, as redes de acessibilidade principais e de serviço, embora distintas e independentes, por razões de privacidade e bom funcionamento, partilham alguns pontos de conexão.

A principal comunicação vertical é assistida mecanicamente, por recurso a ascensores⁶⁹. Quatro desses elevadores têm início no pavimento térreo e destinam-se a servir tanto os pisos de habitação, como o andar onde estão presentes os escritórios (sobreloja), “chegando apenas um (no extremo sul) à cobertura (...) servindo a sala comum para moradores”⁷⁰ e a galeria de distribuição para os *ateliers*. No caso particular dos apartamentos, cada um dos elevadores, em questão, abre para um vestíbulo que, dando

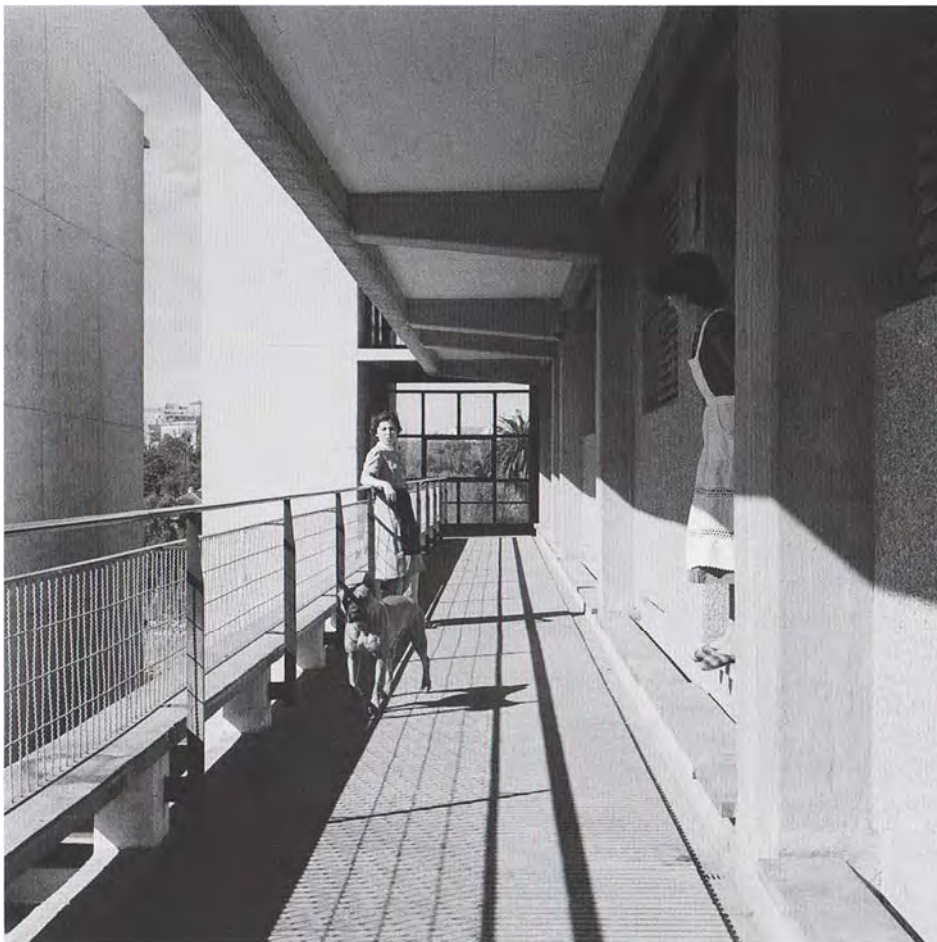


Imagem 12 - Galeria de serviço exterior que desenvolve na extensão da fachada nascente

⁶⁹ No bloco existem, no total, cinco elevadores e um monta-cargas “para escoar o tráfego nas horas de ponta e para o transporte de grandes volumes, especialmente mobiliário.” Cf. Nuno Teotónio Pereira – op. cit., p.4;

⁷⁰ Michel Toussaint – Interpretando o Bloco Moderno. In: Maria Melo; Michel Toussaint (coord.) – Bloco das Águas Livres, a perfect building. Lisboa: A+A Books, 2014, p.27;

acesso a “um par de habitações por piso excepto num caso”⁷¹, proporcionam igualmente a inter-relação com a rede circulatória de serviço horizontal constituída por galerias exteriores que se materializam em toda a extensão da fachada poente. Apesar de se considerem percursos de serviço, nestas galerias reside um verdadeiro sentido de vivência social, uma vez que, tratadas quase como um arruamento público à escala do edifício, permitiam uma grande comunicação entre as várias habitações. Mesmo assim, para garantir uma maior privacidade da vida familiar, “as galerias (...) eram rebaixadas em relação ao nível dos pisos das habitações permitindo aumentar o desafogo e o recato dos compartimentos adjacentes, sem lhes diminuir a visão e a iluminação natural.”⁷²

De resto, outras ligações definidas verticalmente foram projectadas, de cariz mais técnico, que estabelecessem a comunicabilidade entre o sistema de circulação geral horizontal, para utilização em situações de emergência. Incluem-se neste grupo de



Imagem 13 - Fachada norte, torre de acessos verticais

⁷¹ A excepção a que o autor se refere diz respeito ao elevador existente no limite sul do edifício que apenas estabelece a comunicação a um apartamento, de tipologia T4, por cada andar de habitação. Nuno Teotónio Pereira – op. cit., p.3;

⁷² Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit., p. 628;

percursos: um volume, em torre, adjacente à entrada de serviço a norte, que possui um ascensor de serviço, um monta-cargas e escadas; e outro grupo de escadas na extremidade sul do edifício, que se destacam paralelamente às galerias de serviço horizontais que se sobrepõem ao longo do perímetro da fachada poente.

Complementando o sistema de circulação interior, foi igualmente pensada toda uma matriz de deambulação exterior, assente no pavimento junto às instalações das lojas, que se eleva em relação à cota da Praça das Águas Livres e, por isso mesmo, acaba por ter em linha de conta um dos princípios que ficaram transmitidos pela Carta de Atenas – a imprescindível divisão entre circulações de natureza distinta. Neste caso concreto, diferenciou-se o percurso das pessoas – realizado na plataforma exterior das lojas com acesso lateral em rampa pela rua Gorgel do Amaral e em escada junto à entrada principal do bloco – e a movimentação dos automóveis que é feita ao nível da praça.⁷³



Imagem 14 - Vista sobre o edifício da Rua Gorgel do Amaral, separação evidente entre percurso pedonal e automóvel

Estruturam-se então as diversas áreas neste sistema de grande funcionalidade, centrando agora especial enfoque para a organização espacial do programa habitacional. O volume construído paralelepípedo e elevado das habitações divide-se, como já tinha sido referenciado, em oito pisos que seguem uma planta tipo, no que diz respeito à estruturação dos apartamentos, possuindo cada um sete fogos. Algo bastante interessante é explorado neste edifício – os apartamentos não se cingem a uma tipologia e surgem variados neste parâmetro, reflectindo “um desejo de adequação da oferta de habitações a um leque variado de famílias o que na altura constituía uma novidade no quadro do standard elevado do

⁷³ Cf. Michel Toussaint – op. cit;

edifício”⁷⁴. Neste sentido, de grande preocupação social, expresso pela vontade de adaptar a estrutura do bloco às diversas necessidades dos utilizadores, foram definidas quatro tipologias, estabelecidas pelo número de quartos da habitação. Por cada piso estão presentes: um fogo de tipologia T1 (aproximadamente 95 m²), três apartamentos T2 (com cerca de 105 m²), dois de tipo T3 (que rondam os 125 m²) e uma habitação T4 (que se aproxima dos 185m²)⁷⁵.

Quanto à disposição dos vários espaços funcionais em planta, os apartamentos traduzem um pensamento racional, aplicado com a principal intenção de “obter casas de fácil funcionamento, eliminando zonas mortas ou de carácter sumptuoso (...) atendendo sobretudo à comodidade do viver quotidiano” e “à eficiência dos serviços”⁷⁶. A estruturação dos espaços é, efectivamente, de lógica simples e repete-se, de uma forma global, em todas as tipologias existentes. Da mesma forma que a implantação do Bloco das Águas Livres é gerada por uma dinâmica nascente-poente muito evidente, também a organização das habitações reflecte a valorização atribuída às exposições solares resultantes destes quadrantes, contribuindo para a justa estruturação do fogo em torno do fundamento de garantir que a iluminação natural varresse a casa durante grande parte do dia.

Nesse sentido, as áreas funcionais orientam-se em simultâneo para as fachadas nascente e poente – enquanto as zonas de serviço ficam articuladas junto à galeria exterior de circulação a poente, nomeadamente a cozinha, a instalação sanitária e quarto de criada completado com instalação sanitária/lavandaria; por outro, os espaços mais nobres da casa, como o núcleo da sala e os quartos principais, voltam-se para nascente e, conseqüentemente, para a vista soberba, enquadrada sobre a cidade de Lisboa e o rio Tejo. Minimizando as áreas dedicadas à circulação, o corredor surge como área mediadora e estruturante desses mesmos espaços.

É justamente na procura de um usufruto das características paisagísticas envolventes que está presente mais uma das particularidades das habitações do bloco. Na

⁷⁴ Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit., p.629;

⁷⁵ Se multiplicada esta quantidade de apartamentos pelo número total de pisos de habitação, contabiliza-se, ao todo, 56 apartamentos – oito de tipologia 4, a mesma quantidade de tipo 1, vinte e quatro de tipologia 2 e, por fim, dezasseis tipo 3. Adiciona-se ainda aos 56 apartamentos, a habitação do porteiro, de dimensões modestas, que se encontra no limite norte do último andar recuado do edifício, na adjacência com um dos ateliers projectados. Cf. Nuno Teotónio Pereira – Memória Descritiva e Justificativa do projecto do Bloco das Águas Livres – op. cit., e João Pedro Esteves de Carvalho Fonseca – Forma e Estrutura no Bloco de Habitação, Património Moderno em Portugal – op. cit.;

⁷⁶ Nuno Teotónio Pereira – Memória Descritiva e Justificativa do projecto do Bloco das Águas Livres, op. cit., p.4;

sala, espaço primordial do fogo pela dimensão que concentra as funções de comer e de estar, destaca-se o encastramento, em profundidade, de uma varanda orientada a nascente que possibilita não apenas a relação, extraordinariamente difusa, entre o espaço interior e o exterior, como ao mesmo tempo a definição de um cenário que participa permanentemente nas actividades internas desta divisão.

Correspondendo à intenção de transmitir um elevado conforto e de facilitar, em grande medida, o quotidiano das famílias, a cozinha e os aposentos de criada ganham evidência pela funcionalidade que lhes ficou incutida, seguindo o “propósito de satisfazer capazmente todas as funções”⁷⁷. No primeiro espaço enunciado, foi atribuída especial atenção no campo da pormenorização dos materiais, equipamentos e electrodomésticos, incorporando na área da cozinha um verdadeiro “sentido de modernidade”.⁷⁸ Já no segundo, o facto de se ter criado o quarto de empregada, independente da área de cozinha, permitiu uma maior polivalência do espaço, podendo ser desdobrado também em zona de tratamento de roupa, junto ao acesso à lavandaria com relação à zona de estendal, e não afectando o funcionamento adequado da habitação, caso não fosse preciso “o emprego de pessoal a pernoitar.”⁷⁹

Soma-se, a este objectivo de incutir ao lar uma grande funcionalidade, um meticuloso desenho de elementos de uso diário como parte constituinte da actividade comum do apartamento. Estes objectos, executados especificamente para o Bloco das Águas Livres, nomeadamente o lava mãos inserido no vestíbulo, e o tanque de lavar roupa na lavandaria, afastam-se, tal como referido por Ruy José Gomes na crítica que teceu sobre o edifício, da produção industrial existente à época, que simplesmente centrava a sua atenção em “reproduzir modelos estafados ou copiar, de fora, outros de há muito ultrapassados (...)” sendo difícil a tarefa de encontrar “(...) formas técnica e funcionalmente válidas.”⁸⁰

Como referido, um restante programa de serviços foi instalado no edifício de forma a complementar a experiência privada inerente aos próprios espaços das habitações. São exemplos disso, entre outros: a lavandaria comum, presente na galeria técnica do piso

⁷⁷ Nuno Teotónio Pereira – op. cit., p.5;

⁷⁸ Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit., p. 630;

⁷⁹ Nuno Teotónio Pereira – op. cit., 4;

⁸⁰ Ruy José Gomes - Apreciação crítica de edifícios, O Bloco das Águas Livres – op. cit., p. 26;

térreo; as condutas de evacuação de lixos; o sistema central de distribuição de águas quentes e aquecimento.

Se, por um lado, o Bloco das Águas Livres representa “a solução mais consequente realizada entre nós de unidade habitacional”⁸¹, fundamentalmente porque houve, por parte dos arquitectos, uma extrema compreensão e adopção dos princípios da arquitectura moderna internacional, por outro a sua originalidade, que contribuiu para se destacar excepcionalmente no quadro da construção de habitação colectiva moderna em Portugal, não se prende exclusivamente com este parâmetro. Nesse sentido, o edifício tornou-se, de igual forma, revolucionário porque, tal como transmitido por Ana Tostões, “revela um estágio de maturação que ultrapassou os estritos princípios funcionalistas do Movimento Moderno”⁸². Embora não se aprofunde este tema no âmbito da presente dissertação, alguns pontos importantes podem ser evidenciados quanto à forma como o edifício superou e maturou os códigos modernos.

Verifica-se, por exemplo, que ao contrário daquilo que acontece na Unidade Habitacional de Marselha, o corpo construído dos apartamentos do Bloco não descansa sobre pilotis, tal como tinha sido manifestado, pelos arquitectos Le Corbusier e Pierre Jeanneret (1896-1967), em 1926, como um dos cinco pontos para uma nova arquitectura. Todavia, o volume paralelepípedo das habitações eleva-se, de facto, em relação ao nível do solo, mas através de um embasamento, que contempla o programa de carácter mais público, numa solução de compromisso, espelhando evidentemente a preocupação em articular a massa edificada às condições topográficas do lugar.

Para além disso, mesmo que se tenha procurado a tal complementaridade entre apartamentos e serviços, o Bloco explora uma ampla noção do espaço privado, tão necessário ao desenvolvido das actividades familiares, uma vez que “a inclusão da sobreloja com escritórios permite levantar o 1º piso das habitações, libertando-o assim da proximidade das coberturas adjacentes (lojas, garage), e proporcionando-lhe melhores condições de recato, desafogo e visão.”⁸³

⁸¹ Ana Tostões – Edifício de Habitação, Comércio e Serviços, Bloco das Águas Livres. in: *Arquitectura e Cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, p. 148;

⁸² Idem – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, op. cit., p.86; sobre a forma como o projecto do bloco procurou ultrapassar os códigos mais rígidos do movimento moderno internacional sugere-se ainda a consulta do capítulo dedicado ao Bloco das Águas Livres presente na dissertação de doutoramento de Ana Tostões – *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa* – op. cit., pp.625-641;

⁸³ Nuno Teotónio Pereira – op. cit., p.6;

Existe outro ponto muito interessante na concepção da forma do edifício que conjuga, mais uma vez, as noções de intimidade e aproveitamento das características do território. As varandas, que se encaixam através de um pano envidraçado nas salas das habitações, não são ortogonais, tal como “a varanda corrida que se generalizou ao longo da primeira metade dos anos 50”⁸⁴ perpendicular às próprias fachadas. Deste modo, os elementos em consola orientam-se para a melhor vertente paisagística que se possui da cidade e do rio, ficando encerrados a norte, para assegurar simultaneamente uma maior protecção às condições climatéricas e uma intensificação do conforto e privacidade do espaço. Assim, “o bloco contentor explode, extravasa quando necessário para o exterior articulando volumes salientes, “impuros” e escultóricos”⁸⁵, através de uma linguagem arquitectónica com cariz mais vernacular.

02.3.3 Caracterização Construtiva e das Especialidades

Mas a inovação do Bloco das Águas Livres estendeu-se igualmente aos métodos construtivos e aos sistemas de pormenorização implementados⁸⁶. Dada a conjuntura excepcional que se gerou em torno da encomenda deste projecto, por parte da Companhia de Seguros Fidelidade, os arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, em constante ligação com uma equipa bastante qualificada de engenheiros civis, encarregues da execução da obra, levaram a cabo a edificação de um bloco habitacional que se caracteriza, entre muitos outros aspectos, pela aplicação de técnicas construtivas e acabamentos dotados de grande inovação e qualidade.

Inicia-se a análise dos sistemas construtivos pela estrutura do edifício. Neste campo, importa salientar que, numa fase primária do projecto, estava prevista a realização de uma estrutura porticada em betão armado, em que as lajes aligeiradas, do mesmo material, em cada piso, descarregavam o seu peso próprio em vigas longitudinais e travessas de pórticos, dispostos por influência de uma matriz de 5,50 metros a eixo, pautando o posicionamento dos pilares. Já durante a própria construção do bloco, este

⁸⁴ Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit., p. 630;

⁸⁵ Idem, *Ibidem*, p. 640;

⁸⁶ Sobre este tema, Ruy José Gomes apresenta uma descrição detalhada, dos sistemas construtivos e de especialidade que estão na base da execução do Bloco Habitacional das Águas Livres, na crítica que escreveu sobre o edifício – *Apreciação crítica de edifícios, O Bloco das Águas Livres* – op. cit. Também Ana Tostões transmite uma noção completa dos vários sistemas construtivos utilizados na edificação no bloco na sua Tese de Doutoramento – *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa* – op. cit.; Por representarem uma exposição tão completa, servem de principal suporte ao desenvolvimento desta secção, em paralelismo com os dados que se obtiveram através de consulta do processo de obra no AML;

projecto original para a estrutura em betão armado foi alterado, estando presente nesta modificação uma grande inovação construtiva para a época. Por sugestão do engenheiro responsável pela construção do edifício, Ângelo Ramalheira, o sistema estrutural porticado foi substituído⁸⁷, desde o segundo piso das habitações, pela implementação de lajes fungiformes que contornaram a necessidade de existência de vigas, “havendo apenas uma viga de bordadura ao longo das fachadas”⁸⁸. Trata-se de um sistema inovador no contexto construtivo português, na medida em que foi introduzido numa habitação colectiva pela primeira vez, e por isso mesmo, tal como transmitido por Ruy José Gomes, “implica acentuar o mérito experimental da realização e o aplauso à iniciativa do empreiteiro”⁸⁹.



Imagem 15 – Átrio principal do Bloco sobre a Praça das Águas Livres em fase de construção



Imagem 16 – Processo de Construção de um dos ateliers com abobada em tijolo furado e armado



Imagem 17 – Amarramento os ferros da estrutura em betão armado durante a construção do edifício



Imagem 18 – Edifício em construção visto da Rua Gorgel do Amaral

⁸⁷ Cf. Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit., e João Pedro Esteves de Carvalho Fonseca – Forma e Estrutura no Bloco de Habitação, Património Moderno em Portugal – op. cit.;

⁸⁸ Revista Arquitectura nº65, Junho de 1959, p. 11;

⁸⁹ Ruy José Gomes – Apreciação crítica de edifícios, O Bloco das Águas Livres – op. cit., p. 30;

Embora tenha sido implementada esta alteração a nível das lajes do edifício, que mesmo assim impôs uma reformulação da estrutura portante⁹⁰, a disposição dos pilares em planta manteve-se idêntica, ou seja, os suportes do corpo edificado das habitações possuem um afastamento de 5,50m e 2,55m a eixo, respectivamente nos sentidos longitudinal e transversal. A partir da estrutura em betão armado, do edifício principal, derivou toda a construção posterior das paredes, internas e externas, realizadas em alvenaria de tijolo furado, de espessuras que variam entre os 10, 15 e 25 cm⁹¹, consoante a delimitação de envolvente que determinam. Por isso mesmo, observa-se uma forte relação entre a estrutura espacial das várias áreas internas dos apartamentos, e a organização dos pilares em planta. Deste modo, transversalmente “o módulo a nascente corresponde à sala e quartos, enquanto que a poente correspondem as áreas de circulação e serviços.”⁹² Por sua vez, no sentido do comprimento do bloco “a nascente, o módulo é expresso alternadamente quer na largura da sala quer na dos quartos que, dois a dois, ocupam o módulo.”⁹³

Para além do volume principal, que integra as habitações, os *atelier* e os escritórios, a estrutura rígida do bloco agrupava ainda mais três corpos autónomos no pavimento térreo – a garagem, as lojas e a área anexa onde estava presente a lavandaria comum. Em comparação com o edifício principal, a projecção da estrutura de suportes neste piso acusa uma maior complexidade, “as vigas pré-esforçadas da garagem alinham pelos eixos transversais do esquema estrutural do bloco, mas o corpo das lojas e o da lavandaria apresentam alinhamentos independentes.”⁹⁴ Destaca-se ainda o sistema de cobertura abobadado existente tanto nas lojas, como nos *ateliers*, em alvenaria de tijolo furado armado, como elementos que contribuem para a singularidade da linguagem arquitectónica global do Bloco das Águas Livres.

Sendo esta uma investigação que se irá centrar na interpretação de três intervenções que foram realizadas no bloco, para adaptar certos espaços às necessidades dos utilizadores e que lidam, naturalmente, com a necessidade de atender a requisitos de conforto contemporâneos, torna-se relativamente importante perceber qual o esforço que

⁹⁰ Os engenheiros Vasco Gonçalves e António dos Santos Gonçalves foram os principais responsáveis pela projecção e cálculo da estrutura portante do edifício;

⁹¹Cf. Revista Arquitectura nº65, Junho de 1959;

⁹² Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit., p. 634;

⁹³ Idem, Ibidem, p. 635;

⁹⁴ João Pedro Esteves de Carvalho Fonseca – op. cit., p.73;

foi aplicado, no projecto inicial, para corresponder a questões de protecção acústica e térmica das áreas habitáveis. Nestes parâmetros específicos, também os sistemas introduzidos representaram uma melhoria significativa face à construção habitacional corrente à época. A preocupação dos arquitectos em incutir um grau considerável de conforto, principalmente aos apartamentos, levou-os inclusive a pedir a colaboração do LNEC, mais concretamente no que toca às medidas de protecção acústica⁹⁵. Isto porque, perante um programa tão multifacetado reunido numa única unidade habitacional, deveria tomar-se especial atenção ao conforto acústico das habitações que poderia ser amplamente perturbado, por exemplo, com a presença da garagem e o funcionamento dos elevadores que são transversais a todo o edifício.

Para garantir a protecção acústica, algumas soluções foram previstas. Desde logo, através da visualização dos desenhos técnicos do edifício, consegue verificar-se que os volumes construídos que encerram os ascensores foram realizados em dois panos, um interno em betão armado e um superficial em alvenaria de tijolo, devidamente separados com caixa-de-ar revestida a camada de lã de calcário.

Mais concretamente nas habitações, o sistema utilizado para revestimento do pavimento em soalho à inglesa assente em barrotes de madeira, previu a adição de camadas de feltro de lã mineral que contribuíram, em grande medida, para a minimização dos sons de percussão. Todavia, este piso foi apenas introduzido nas divisórias correspondentes às sala e quartos e, portanto, nas restantes áreas funcionais “*não se dispôs qualquer camada resiliente entre o revestimento e a base do pavimento*”⁹⁶ – as lajes fungiformes em betão, com sucessiva camada de argamassa celular e betonilha de regularização para assentamento dos materiais de acabamento. Não obstante disso, um tipo de material foi pensado com o principal intuito de “abafar” os sons provocados por percussão, nomeadamente o piso em linóleo com cortiça, aplicado nos corredores dos apartamentos.

Com menor capacidade de absorção acústica, referencia-se o revestimento de pavimento dos espaços de serviço (cozinhas e instalações sanitárias), em mosaico hidráulico. A adopção deste tipo de piso está intrinsecamente ligada à necessidade dum material mais resistente ao choque e à presença de água. Ainda nos pavimentos, mas considerando o isolamento a sons aéreos entre habitações, este ficou maioritariamente conseguido através da projecção de lajes maciças em betão armado com 16cm de

⁹⁵ Cf. Ruy José Gomes – *Apreciação crítica de edifícios, O Bloco das Águas Livres* – op. cit.;

⁹⁶ *Idem*, *Ibidem*, p. 26;

espessura. Certas paredes divisórias e tectos foram ainda “revestidos por materiais absorventes como o aglomerado de cortiça, a omnilite (placas de fibra de madeira aglomerada com cimento), ripado de madeira, de modo a assegurar um conforto que na altura ainda não era tido como uma exigência.”⁹⁷ Relativamente aos dispositivos adoptados para garantir um maior conforto térmico, destaca-se não só o facto dos pisos em soalho terem sido aplicados sobre estruturas de barrotes de madeira com separação, entre a camada de betão celular e o revestimento, em caixa-de-ar, como também a implementação de paredes em alvenaria de tijolo mais espessas e/ou duplas a estabelecerem os limites entre fogos e com o exterior. Para além disso, uma das premissas primordiais do bloco passava pelo estreito vínculo estabelecido entre os espaços internos das habitações e o panorama da paisagem exterior, numa relação em que a envolvente envidraçada ganha bastante importância.

Consequentemente o isolamento térmico alcançado “resulta apenas quase das superfícies envidraçadas”⁹⁸ onde foram introduzidas caixilharias de vidro simples em ferro com posteriores metalização a zinco e pintura. Esta opção de acabamento dos vãos exteriores, apesar de prever uma linguagem depurada nas fachadas, tem vindo a ser alterada, ao longo do tempo, por caixilharias de mercado em alumínio. Os motivos que levam à substituição dos caixilhos originais prendem-se sobretudo como o facto destes não efectuarem uma correcta vedação e, por isso mesmo, contribuirão simultaneamente para a falta de conforto térmico e acústico – devido aos ruídos incómodos que provocam.

Por último, mesmo não aprofundando todos os materiais de acabamento existentes no bloco, deve ser ainda referenciada a diversidade de soluções adoptadas. No mesmo edifício conjugam-se harmoniosamente materialidades distintas como o betão aparente que denuncia o sistema estrutural portante, o mosaico vitrificado aplicado em tonalidades diversas, a calçada portuguesa com desenho próprio existente na plataforma elevada exterior que serve as lojas e a entrada no bloco, a cantaria rústica que materializa o embasamento da construção e o revestimento de alguns paramentos a marmorite de seixos rolados.

⁹⁷ Ana Tostões – *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa* – op. cit., p. 633;

⁹⁸ Ruy José Gomes – *Apreciação crítica de edifícios, O Bloco das Águas Livres* – op. cit., p. 27;

02.3.4 Projecto global e a integração das três artes

É incrivelmente notória a capacidade que o Bloco das Águas Livres possui de se aproximar à escala do espectador – um edifício que transmite, de facto, uma procura de funcionalidade no modo de habitar, mas que não resultou numa composição de espaços desumanizados. Muito pelo contrário, o bloco “recupera valores de intimidade, reutilizando as virtudes do canto recolhido, acentuando as diferenças e de um modo geral introduzindo a complexidade como valor qualificado.”⁹⁹ De facto, as áreas que compõem o edifício são extremamente qualificadas pela conjugação de diversos materiais, pelos estudos criteriosos de cor, pela arte que vai participando activamente na matriz construída, pelo ínfimo detalhe na inserção de equipamentos de uso comum ou até mesmo pela iluminação transversal que se materializa entre as fachadas nascente e poente. Todas estas particularidades possuem um papel fundamental para a distinção do bloco como uma obra de referência, no panorama da habitação colectiva portuguesa. A preocupação em estimular o utilizador a nível sensorial justificou a profundidade do projecto de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral que foi muito para além da simples estrutura arquitectónica, contando com a participação de vários intervenientes, desde pintores a arquitectos.

Esta ideia de “reivindicação do projecto global (...) que (...) passa a impor-se na concepção da cidade contemporânea”¹⁰⁰ não se cingiu apenas às áreas internas, uma vez que os espaços públicos exteriores envolventes foram, inclusive, tratados com a mesma dignidade. É o caso do trabalho do arquitecto paisagista, Gonçalo Ribeiro Telles (n. 1922), na definição das zonas verdes interiores e do jardim colectivo anexado ao lado sul do edifício que se adaptou à variação de cotas através de sucessivos patamares. Evidencia-se igualmente o trabalho de estudos cromáticos, implementado nos diversos espaços e fachadas da edificação, realizado pelo arquitecto e pintor Frederico George (1915-1994).

Para além disso, seguindo a noção que os valores ideológicos das construções do período moderno ficaram amplamente ligados ao “poder da mensagem da obra de arte”¹⁰¹, durante o processo de concepção do Bloco foi prevista a introdução das artes “dando corpo à concretização da própria modernidade como projecto global, ordenado e harmonizado pela arquitectura.”¹⁰² Estas peças surgem pontualmente nos espaços públicos como a

⁹⁹ Ana Tostões – Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa – op. cit., p. 638;

¹⁰⁰ Ana Tostões e João Pedro Fonseca - Integração das artes e a força do moderno brasileiro. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/114.pdf>, p. 8;

¹⁰¹ Ana Tostões e João Pedro Fonseca – op. cit.p.2;

¹⁰² Maria Calado – op. cit., p. 57;



Imagem 19 - Jardim colectivo no lado sul do Bloco das Águas Livres

intervenção do escultor Jorge Vieira (1922-1998), que realizou os baixos-relevos, de cariz esquemático, presentes nas paredes exteriores em pedra; o painel de mosaico vitrificado que Almada Negreiros (1893-1970) criou para o átrio principal do Bloco; o painel em esgrafito presente no acesso para moradores a norte e a pintura mural que se materializa numa porção da galeria de circulação que serve os escritórios, ambos de autoria do pintor e arquitecto Frederico George. Para o terraço existente no último piso, junto à sala comum para inquilinos, Manuel Cargaleiro (n. 1927) concebeu um vitral e José Escada (1934-1980) um mural esgrafitado em betão.

Graças às intervenções que foram sendo desenvolvidas neste andar, ao longo do tempo, que resultaram na ampliação do espaço encerrado dedicado à sala de convívio, estas duas últimas intervenções plásticas foram removidas do seu local inicial. O vitral de Manuel Cargaleiro já não se encontra no edifício, enquanto o mural de José Escada foi transferido para a zona de acesso à galeria exterior nesse mesmo piso. Considerando então as diversas participações de artistas no processo de pormenorização deste edifício é perceptível que, apesar de se tratarem de obras, bastante variadas quanto à técnica e

materiais utilizados, assumindo-se na sua especificidade, “o resultado da intervenção de cada um dos artistas é simultaneamente particular e global, singular e total”¹⁰³,

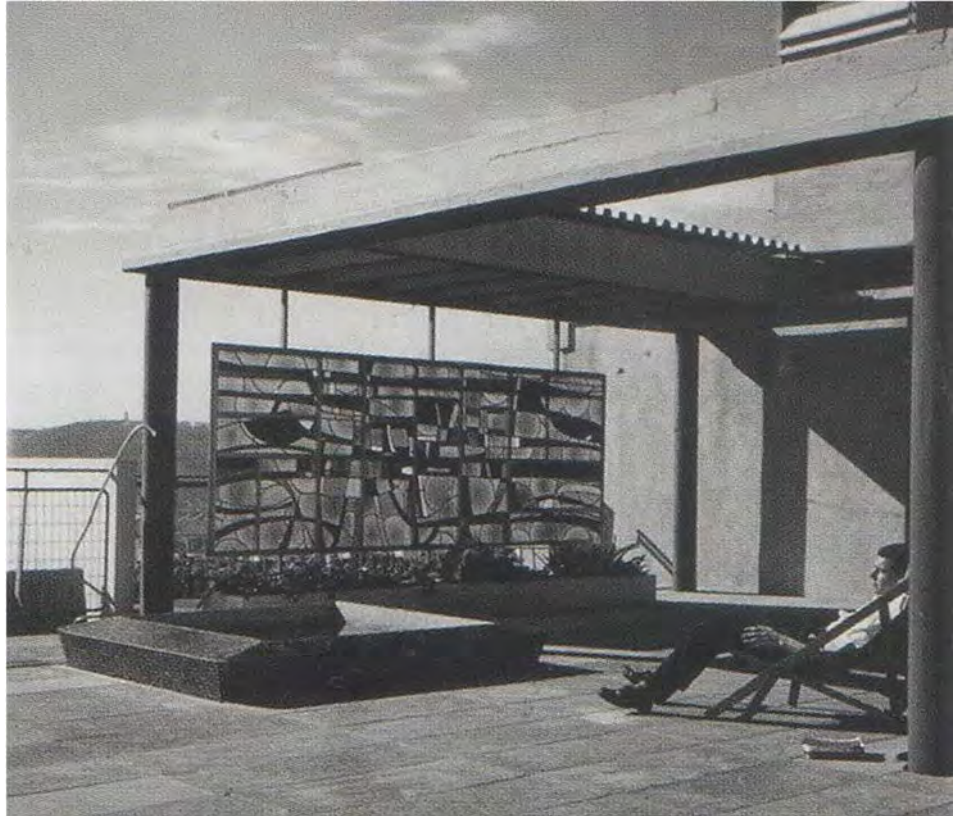


Imagem 20 - Terraço do edifício, vitral de Manuel Cargaleiro



Imagem 21 - Terraço do edifício, esgrafito de José Escada como detalhe mural

E à inclusão de peças de arte nos diversos espaços públicos, soma-se uma pormenorização dos objectos de equipamento, tanto nas áreas comuns, como dentro das próprias habitações, inculcando uma grande comodidade ao modo de vivência dentro do

¹⁰³ Maria Calado – op. cit., pp. 58-59;

edifício. No contexto dos espaços comuns, surgem elementos de elevado refinamento e precisão no que toca ao seu desenho, transmitindo, mais uma vez, a larga abrangência



Imagem 22 – Caixas de correio na entrada principal a nascente do Bloco das Águas Livres

deste projecto de arquitectura pela participação desde a escala urbana, até à escala da implementação de mobiliário. São exemplos disso, as caixas de correio em madeira, que estão presentes nas entradas principais do edifício e o facto de se ter desenhado o próprio *lettering* para sinalização dos vários espaços, visíveis nas zonas de circulação comum.

Considerando, tal como se tinha verificado, a intenção original de se criarem fogos que facilitassem a funcionalidade da vida familiar, foram introduzidos equipamentos em plena simbiose com a organização espacial e com os usos definidos para casa área programática, minimizando a necessidade de acréscimo de mobiliário. Evidenciam-se, entre outros elementos de mobiliário desenhados, especificamente para os apartamentos do bloco, o lavatório de mãos e o tanque de lavar roupa, ambos executados em betão moldado com revestimento impermeabilizante a “Sintodur”.

Por todas estas características, pode dizer-se que o Bloco das Águas Livres “ultrapassa os estritos princípios funcionalistas (...) preconizado pela arquitectura do Movimento Moderno, (...) anunciado precocemente um paradigma de liberdade baseado na busca de conforto sem preconceitos”¹⁰⁴. Um procura do conforto humano que foi amplamente defendida na arquitectura pós-racionalista e que tem como principal fundamento “colocar o mundo material em harmonia com a vida. Fazer arquitectura mais humana, quer dizer, fazer melhor arquitectura e significa um funcionalismo mais lato, que

¹⁰⁴ Ana Tostões – Edifício de Habitação, Comércio e Serviços, Bloco das Águas Livres – op. cit., p.148;

o mero funcionalismo técnico (...) que venha a proporcionar ao ser humano, uma vida mais harmoniosa.”¹⁰⁵

Ao longo desta apresentação do projecto do Bloco das Águas Livres, foi possível comprovar a singularidade do edifício no contexto da construção moderna em Portugal que evidencia não só “uma clara adesão aos princípios urbanos preconizados pelo Movimento Moderno”¹⁰⁶, como também representa um momento de “amadurecimento” desses mesmos pressupostos, numa clara simbiose com as características do lugar e num esforço de transmitir um maior conforto à vida do utilizador. Essas suas especificidades conduziram à classificação do bloco como Monumento de Interesse Público, a 13 de Agosto de 2012, através da portaria nº370/2012 apresentada em Diário da República, que destaca entre as razões da distinção o “génio dos respectivos criadores, valor técnico e conceção arquitectónica, urbanística e paisagística.”¹⁰⁷

Durante o seu período de vida, o bloco foi sendo alvo de pontuais intervenções que visaram a manutenção dos sistemas construídos e a adaptabilidade dos espaços aos usos contemporâneos. Em muitos desses casos, mais especificamente nas fracções privadas (como apartamentos, escritórios e *ateliers*) as alterações efectuadas não foram devidamente informadas e legalizadas, e impulsionaram a descaracterização da matriz original do Bloco das Águas Livres. Tratam-se de mutações a nível das caixilharias, da adulteração da organização espacial interior, da substituição dos materiais de acabamento, entre outros. No próximo capítulo, através da interpretação de três experiências de reabilitação informadas aplicadas a três fracções distintas, com base nas suas estratégias de intervenção, pretende-se contribuir para a documentação das obras assinaláveis que têm vindo a ser desenvolvidas na edificação, intensificando as bases para possíveis processos de requalificação futuros.

¹⁰⁵ Alvar Aalto – A humanização da arquitectura (1940). In: AAVV – Teoria e Crítica de Arquitectura século XX. Lisboa: Caleidoscópio, 2010, p. 305;

¹⁰⁶ Portaria nº370/2012, Diário da República, 2ª série – N.º 156 – 13 de Agosto de 2012;

¹⁰⁷ Ibidem;

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades. (...)

E afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz mor espanto:
Que não se mude já como soía."

Luís de Camões

03 PROJECTOS DE REABILITAÇÃO NO BLOCO

03.1 Introdução aos Casos de Estudo

03.1.1 Critérios de selecção, limitações e metodologia da investigação

No presente capítulo pretende-se uma interpretação pormenorizada dos três casos de estudo seleccionados no âmbito desta dissertação, que correspondem a três intervenções de reabilitação conduzidas, separadamente, no Bloco Habitacional das Águas Livres. Sendo um edifício da década de 50 que, naturalmente, foi sofrendo algumas alterações ao longo do tempo, importa referenciar, desde logo, os critérios que fundamentaram a escolha dos três casos específicos que irão ser abordados nesta secção.

Primeiramente, tornou-se determinante a selecção de processos de reabilitação informados, ou seja, que não consistissem em alterações efectuadas pontualmente, pelos próprios utilizadores dos espaços, sem a participação de suporte técnico especializado. No fundo, a opção de analisar projectos que tenham sido desenvolvidos, esclarecidos e acompanhados por arquitectos, facilitaria o método de interpretação e apresentação dos dados recorridos, por se tratarem de obras validadas e bem documentadas.

Procurou-se, posteriormente, projectos com graus diferentes de aproximação à reabilitação e que, por isso mesmo, fossem capazes de apresentar uma visão complementada das variadas estratégias de intervenção implementadas nos espaços do bloco para adaptação às novas exigências contemporâneas. Para além disso, sabe-se que o edifício das Águas Livres, dos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, revelou-se inovador pela definição de um programa funcional complexo, através da complementaridade entre vários usos na mesma unidade habitacional, como é o caso de apartamentos com diferentes tipologias, lojas, escritórios e até *ateliers* de trabalho. Como tal, outro requisito definido para a escolha dos casos de estudo, baseou-se na preferência por intervenções que não se cingissem a espaços com a mesma função e/ou tipologia.

Assim, espelhando igualmente os modos de intervir em diferentes áreas funcionais do edifício, os casos de estudo que se interpretam na presente dissertação, por ordem, são:

- O projecto de reabilitação e alterações conduzido pelo arquitecto Rui Órfão a um apartamento de tipologia T2;
- A intervenção do arquitecto João Pedro Falcão de Campos a um apartamento de tipologia T3;

- O projecto de requalificação da arquitecta Teresa Nunes da Ponte a um *atelier*;

Metodologicamente, a apresentação das três intervenções corresponde à sistematização da investigação realizada inicialmente, que resultou na recolha de documentação – desenhos técnicos, memórias descritivas e elementos fotográficos – conseguida através do contacto com os arquitectos responsáveis por cada projecto em análise. Todas as intervenções são relativamente recentes e, por isso mesmo, a informação documental que consta na presente dissertação é inteiramente fruto de levantamento prévio. O trabalho de caracterização dos três casos de estudo consiste, portanto, num processo empírico, baseado na leitura e compreensão dos vários dados obtidos.

Por impossibilidade de incluir toda a informação gráfica recolhida na componente teórica¹⁰⁸, que se apresenta de seguida, a documentação gráfica é integrada nos anexos, para que se possa ter uma perspectiva global do trabalho de investigação realizado. Para garantir um maior aprofundamento teórico, e de forma a corrigir certas lacunas, decorrentes da falta informação publicada, complementou-se a investigação com a realização de entrevistas aos principais intervenientes¹⁰⁹.

Apesar de serem casos de estudo distintos e consequentemente não serem inteiramente compatíveis em termos das estratégias de intervenção adoptadas, procurou-se, acima de tudo, criar uma linha orientadora de pensamento que fosse transversal aos três projectos em causa. Dessa forma, para cada projecto seleccionado, expõe-se uma apresentação sucinta da matriz original da fracção, onde é dado maior relevo à organização espacial primitiva; um retrato, sempre que possível, da situação que antecedeu a intervenção, para que se possa observar as principais alterações realizadas no espaço ao longo do tempo; e, por fim, uma explicação detalhada das estratégias definidas no projecto de requalificação, no campo da organização espacial, das tecnologias de construção e materiais aplicados, confronta-os com a estrutura inicial do Bloco.

Para complementar a compreensão dos objectos em estudo, nos casos em que se concretizaram estratégias de intervenção mais profundas, produziram-se axonometrias de

¹⁰⁸ Note-se que não foi possível homogeneizar as escalas gráficas de todos os desenhos técnicos que se encontram no corpo teórico, por isso, mais uma vez se justifica o acompanhamento da informação gráfica uniformizada que está presente nos anexos;

¹⁰⁹ No âmbito deste trabalho realizaram-se entrevistas com o arquitecto Bartolomeu Costa Cabral (como testemunho das intenções originais do Bloco das Águas Livres), e com os arquitectos responsáveis pelas intervenções em estudo: Rui Órfão, João Pedro Falcão de Campos e Teresa Nunes da Ponte. As entrevistas foram transcritas e podem ser observadas no corpo de anexos, que se encontra no final desta dissertação;

pormenores construtivos que estabelecem uma comparação entre a situação original e após projecto de reabilitação.

Após reunido todo o conhecimento respeitante às três intervenções em análise, possibilita-se assim gerar debate em torno da salvaguarda dos espaços construídos durante o período moderno e da sua adaptação face aos índices de conforto contemporâneos.



03.2 A intervenção do arquitecto Rui Órfão

Refere-se o presente caso de estudo ao projecto de reabilitação e alterações¹¹⁰ desenvolvido, pelo arquitecto Rui Órfão¹¹¹, num apartamento de tipologia T2 do Bloco das Águas Livres. A fracção em questão (8De) situa-se no penúltimo andar do edifício¹¹², onde estão presentes mais seis apartamentos que apresentam tipologias variadas.

03.2.1 Configuração Original

Analisando a matriz inicial do apartamento de tipologia T2, é automaticamente perceptível a singularidade e inovação assentes no desenho das habitações do Bloco, no modo como a massa construída se adaptou ao sentido puro de habitar. Nesse sentido, a

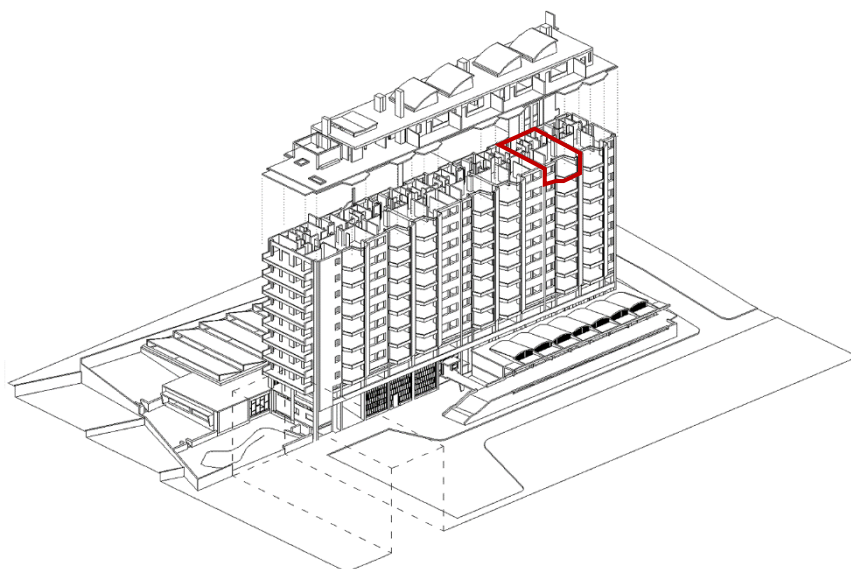


Imagem 23 - Localização da intervenção no Bloco

< Imagem de Capa – Apartamento 8De no Bloco das Águas Livres após intervenção, fonte: Arquivo Rui Órfão;

¹¹⁰ Para uma análise mais detalhada da intervenção em questão recomenda-se a análise do **Anexo 2.1 – Fichas de intervenção – A intervenção do arquitecto Rui Órfão**;

¹¹¹ Rui Manuel Ferreira Pereira Órfão (n.1958) é um arquitecto português formado, no ano de 1991, pela Faculdade de Arquitectura da UTL. A sua formação académica vai para além da arquitectura, tendo estudado inicialmente Engenharia Civil, na Faculdade de Ciências e Tecnologia em Coimbra. Tem vindo a desenvolver projectos, por conta própria, ou em parceria, diversificados no que toca ao âmbito programático. Assim, as construções por si projectadas vão desde habitações unifamiliares a equipamentos públicos de serviço. Também se pode salientar os trabalhos desenvolvidos na área de reabilitação e salvaguarda do património. Para além do presente caso de estudo, no Bloco das Águas Livres, o arquitecto Rui Órfão conduziu, mais recentemente, os processos de recuperação de dois edifícios em Leiria – Palacete dos Guerras e o Solar dos Ataídes – sendo reconhecido, em 2010 e 2012, com o prémio Korrodi. Para complementar a sua experiência profissional, Rui Órfão desenvolve paralelamente trabalho como artista plástico e é responsável pela adaptação dos espaços no Museu da Fundação Portuguesa das Comunicações. Cf. Dados obtidos através de consulta da bibliografia do arquitecto no site: <http://www.fpc.pt/Portals/0/PDF%20Exposicoes/Biografia-Rui%20Orf%C3%A3o.pdf>;

¹¹² O penúltimo andar do edifício corresponde ao último piso destinado a habitação;

descrição da configuração original do objecto em estudo é, igualmente, a apresentação das características que foram inculcadas transversalmente a todos os apartamentos do edifício.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

A planta interior transmite a estruturação das várias áreas funcionais em torno de um corredor mediador orientado no sentido norte-sul. Tentando minimizar as áreas dedicadas à circulação e posicionando o corredor sensivelmente no centro da distribuição espacial, possibilitou-se a abertura simultânea dos espaços de vivência a nascente e a ponte sobre a galeria comum exterior. Todo o apartamento estava organizado de forma a promover o conforto familiar, onde a “participação da natureza (...) e das qualidades paisagísticas”¹¹³ possuía um papel crucial. A expressão máxima desse contacto com a linha de paisagem ficou materializada na sala, orientada a nascente, com o encastramento de uma varanda que estabelecia uma relação difusa entre o espaço interior e o exterior. Sabiamente posicionada, a varanda que “penetra, envidraçada e em, profundidade, na sala (...) não é ortogonal, possibilitando uma melhor vista (...) para sudeste, abarcando o rio, enquanto o avanço da sala, abraçando a varanda, cria não só um recanto próprio, como também a protege do norte.”¹¹⁴



Imagem 24 - Planta Original do Apartamento

A organização espacial inicial do apartamento remete para a funcionalidade do espaço interno. A sala de ampla dimensão, anteriormente referida, tinha sido projectada para deter um carácter polivalente e, por efeito, evitar a criação de múltiplos espaços. Nela

¹¹³ Nuno Teotónio Pereira – Memória descritiva e justificativa do Bloco das Águas Livres – op. cit., p. 4;

¹¹⁴ Michel Toussaint – Interpretando o Bloco Moderno – op. cit., p. 30;



Imagem 25 – Projecção de varanda envidraçada no Interior de uma sala comum presente numa habitação do Bloco das Águas Livres. Prolongamento do espaço interior para o exterior

poderiam ser conjugadas as funções de estar e comer. Dos dois quartos existentes, um ficou previsto para constituir os aposentos da empregada em estreita comunicação com instalação sanitária própria que se desdobra em zona de lavandaria. Por sua vez, essa área de serviços, associada ao tratamento e limpeza da roupa, tinha acesso a espaço de estendal, situado fora dos limites das janelas do apartamento na adjacência com a galeria exterior. Não apenas para garantir a adequada ventilação desta área, como também para a proteger da zona comum de acessos, projectou-se uma “cortina em betão armado”¹¹⁵, como protecção do vão em sistema de brise-soleil.

A cozinha, que deveria representar o núcleo essencial de actividade da habitação, foi meticulosamente equipada, incluindo inclusivé postigos de serviço¹¹⁶ que simplificavam

¹¹⁵ Nuno Teotónio Pereira – op. cit., p. 5;

¹¹⁶ Os postigos de serviço, introduzidos em todos os apartamentos do Bloco, consistem em pequenas aberturas na parede de inter-relação entre as cozinhas e respectivos corredores adjacentes de acesso à galeria. Possuíam duas portas (uma sobre o corredor exterior e outra sobre a cozinha), e a sua principal função seria possibilitar a entrega de mercearias e bens essenciais, como pão e leite, sem existir necessidade do fornecedor entrar dentro da habitação;

as tarefas do quotidiano. Para além destas áreas funcionais, o apartamento dispunha ainda de uma instalação sanitária, orientada a poente, e de uma zona de arrumos, de modesta dimensão a determinar o término do corredor interior. Para complementar este sentido de funcionalidade e comodidade na utilização do espaço, “todo o apartamento estava desenhado e pensado para ser usado sem grande acréscimo de mobília”¹¹⁷. Isto ocorria porque os elementos de mobiliário tinham sido minunciosamente incorporados na estrutura da habitação, designadamente na definição de armários, no aproveitamento dos sub-tectos como local de arrumos, no desenho e pormenorização de elementos como o lava-mãos, na zona de vestíbulo no corredor, e o tanque lava roupa presente na lavandaria.

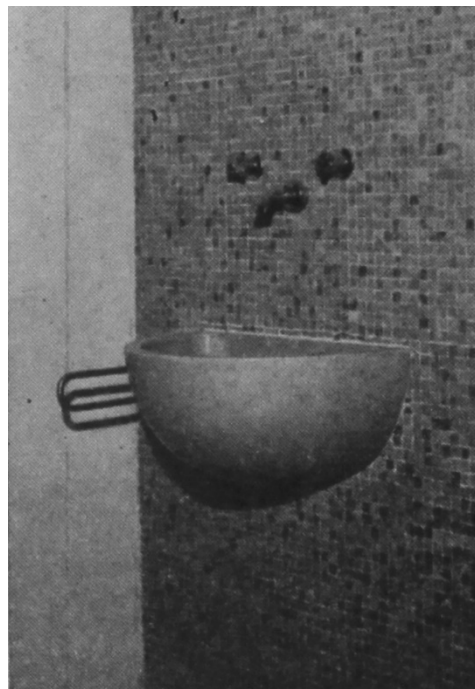


Imagem 26 – Lava mãos projectado para o vestíbulo das habitações



Imagem 27 – Tanque de lavar roupa projectado para a divisão da lavandaria/instalação sanitária

ILUMINAÇÃO

Uma vez que se direccionaram os espaços funcionais às fachadas nascente e poente, todos os compartimentos, à excepção da área de arrumos, ficaram servidos de vãos e, por consequência, de iluminação natural. No sentido de atribuir uma maior privacidade aos espaços sobre a galeria de acesso exterior, no quarto da criada e na cozinha, foi implementado um sistema de persianas em guilhotina de alumínio. Além disso, rebaixou-se a galeria, de forma a deslocar a linha de visualização das movimentações exteriores e, por sua vez,

CIRCULAÇÃO

“proteger o interior dos olhares de quem passasse à sua frente”¹¹⁸. A acessibilidade ao apartamento ficava assegurada de duas formas. A primeira pelo elevador que transportaria o utilizador para um atrio de acesso a dois apartamentos. Este átrio

¹¹⁷ Rui Órfão – Entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.2;

¹¹⁸ Michel Toussaint, op cit., p. 30;

comunicaria, através de porta envidraçada, com um pequeno corredor linear de acesso à galeria de serviço. A segunda consistia exactamente em utilizar o corredor exterior existente na galeria, servida por ascensor central e escadas de emergência nas extremidades. Este sistema repete-se de duas em duas habitações.

03.2.2 Situação Anteprojecto

Durante as anteriores ocupações do espaço, foram efectuadas algumas intervenções que levaram, de uma forma geral, à descaracterização da imagem do apartamento. Tratam-se de intervenções que se fizeram sentir fundamentalmente a nível dos materiais de acabamento, evidenciando a sobreposição de várias camadas à lógica de pormenorização original.

Apesar de não se possuir informação exacta sobre todas as alterações implementadas ao longo do tempo, é perceptível, através de uma interpretação empírica de elementos fotográficos da situação da fracção antes do processo de reabilitação, que as maiores mutações decorreram de trabalhos de pintura e da substituição de alguns revestimentos de paredes e pavimentos. No primeiro ponto, correspondente às pinturas efectuadas no apartamento, não foi apenas alterada a linguagem cromática de algumas paredes. Sabe-se que os caixilhos e a maior parte das portas e armários foram pintados a tonalidade branca, deixando de existir uma clara distinção entre o paramento e os elementos de mobiliário ou de revestimento de vãos. Adicionaram-se ainda, como solução de



Imagem 28 – Situação da Cozinha antes do projecto de reabilitação. Armários inferiores e superiores originais pintados a branco. Revestimento do paramento com mosaicos vitrificados originais



Imagem 29 – Vista da sala sobre o corredor onde foram mudados os revestimentos do pavimento e das paredes. Portas a madeira de tola originais pintadas a tonalidade branca;

revestimento de certos pavimentos e paredes, mosaicos cerâmicos com padrões que se apresentam completamente dissonantes do leque de materiais seleccionados no projecto do Bloco.¹¹⁹



Imagem 30 - Instalação sanitária com paramentos revestidos a mosaico vitrificado originais. Adição de mosaicos com padrão no revestimento da banheira e pintura de paramentos a tonalidade verde



Imagem 31 - Caixilharia metálica do pano envidraçado que estabelece comunicação entre a sala e a varanda pintada a tonalidade branca tal como os restantes caixilhos do apartamento

¹¹⁹ Neste subcapítulo não será aprofundado o campo dos materiais de acabamento utilizados na definição do apartamento, pois optou-se por apresentar estes parâmetros em comparação com as soluções seleccionadas no projecto de reabilitação;

Mesmo que tenham sido efectuadas estas mudanças, a verdade é que a lógica de organização espacial manteve-se inalterada, o que facilitou, como se verá posteriormente, as estratégias adoptadas no projecto de requalificação. De facto, a complexidade de que o projecto estava imbuído, a nível do desenho e da inovação das peças que compunham o espaço e que favoreciam o modo de habitar, não foi suprimida. Contudo, “os vários gostos do tempo”¹²⁰, intrinsecamente ligados ao uso do apartamento pelos antigos proprietários, reverteram-se na ocultação da realidade originalmente projectada.

03.2.3 Estrutura Após Intervenção

Para que o apartamento pudesse reunir as condições necessárias de conforto para a habitabilidade e, dada a descaracterização que enfrentava, era realmente necessário proceder a uma intervenção global. Para além disso, no seguimento da aquisição do apartamento por um novo proprietário surgiu, de sua parte, o reconhecimento do valor histórico e da singularidade arquitectónica intrínsecos ao objecto. Neste contexto, as razões que levaram o actual utilizador a procurar um projecto informado, centraram-se com a opção de adaptar o espaço às suas exigências, mas tentando, da melhor forma, preservá-lo na sua matriz. Para recuperar o espírito do projecto original, importou estabelecer “um compromisso entre aquela que seria a vontade do cliente e aquilo que era tecnicamente defensável, ou que não desvirtuasse a essência e a alma do espaço.”¹²¹

MOTIVOS DA INTERVENÇÃO

Assim, os princípios de actuação, pretendiam conservar os aspectos gerais do apartamento, adaptando-o ao modo de vivência contemporânea. Isto pressupunha um entendimento aprofundado das opções que tinham sido tomadas numa fase primitiva, até porque, muitos elementos tinham sido camuflados pela adição de novos materiais de revestimento. Encarou-se a intervenção mais aproximada a um trabalho de restauro do existente, limpando as camadas superficiais que foram introduzidas ao longo do tempo. Em suma, os critérios fundamentaram-se na preservação, tanto quanto possível, da espacialidade, da volumetria, da iluminação, dos materiais e equipamentos, num restabelecimento cuidado e praticamente mimético do desenho inicial.

ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

Tal como transmitido pelo arquitecto Rui Órfão, na entrevista realizada no âmbito desta dissertação, demonstrou-se relativamente simples adaptar as exigências actuais à estrutura e organização espacial existente, na medida em que o traçado dos apartamentos

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

¹²⁰ Rui Órfão – Entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.2;

¹²¹ Idem, *Ibidem*;

do Bloco revela-se, ainda hoje, extremamente inovador pela inclusão de um conjunto de valências que o tornam uma peça única para viver. No fundo, todo o espaço estava já “programado para ser uma autêntica máquina de habitar”¹²². Seria inevitável, porém, proceder a algumas adaptações.



Imagem 32 – Planta de Alterações, sobreposição entre situação pré-existente e projecto de reabilitação

A maior mudança efectuada no apartamento centrou-se na agregação da instalação sanitária/lavandaria ao quarto de menor dimensão que lhe era adjacente. Como se tinha verificado, na solução existente, subsistia ainda o programa de quarto de empregada complementado com o espaço de lavandaria. Dado que a área de dormir possuía dimensões significativamente reduzidas (8,9 m²), a supressão da zona de serviço (4,2 m²) permitiu a

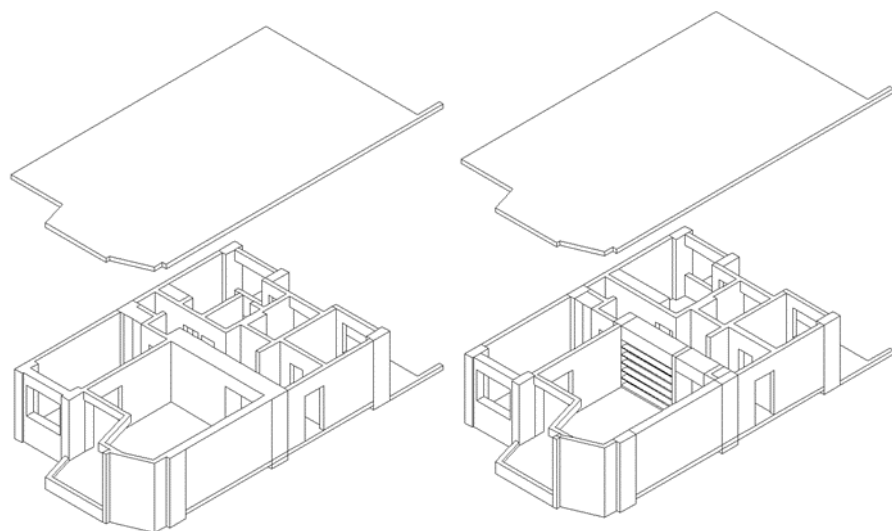


Imagem 33 - Axonometrias esquemáticas de comparação entre situação original e após intervenção

¹²² Rui Órfão – Entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.2;

ampliação do quarto, segundo as intenções do actual utilizador. Com esta solução, e consequente deslocação do acesso ao quarto para o limite da antiga casa de banho suprimida, possibilitou-se ainda a extensão da arrumação dentro do espaço, com desdobramento do armário para a área de circulação, e o estabelecimento da ligação do compartimento com a área de estendal. Suprimida a lavandaria do apartamento, foi igualmente demolido um dos pormenores que tinha sido minuciosamente incorporado nas habitações – o tanque de lavar roupa, executado em betão moldado e tábua de pinho em branco, complementado com a saboneteira em betão encastrada na parede. Todavia, como pode ser observado pela imagem que se segue, este detalhe evidenciava um desgaste inerente à sua utilização ao longo do tempo.

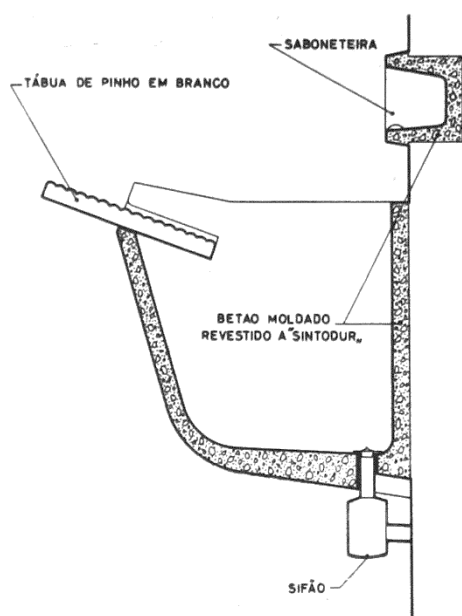


Imagem 34 - Desenho Pormenor do Lava Roupa em Betão moldado



Imagem 35 - Tanque Lava Roupa em Betão moldado tal como se apresentava antes da reabilitação

Por outro lado, seria complicado compatibilizar as funcionalidades de uma cozinha actual à estrutura de organização pré-existente. Tendo sido projectada durante os anos 50, a antiga cozinha não era facilmente adaptável aos equipamentos e electrodomésticos contemporâneos. Houve então necessidade de reformular a cozinha, no sentido de incorporar “bancadas com profundidade que conseguissem possuir equipamentos encastráveis”¹²³ (60 cm). Apesar disso, procurou-se preservar alguns elementos primitivos, como é o caso do armário superior, a direcção e localização dos armários inferiores (embora com maior profundidade) e redesenhou-se o corpo saliente da chaminé (campânula) visto tratar-se de um elemento marcante para a imagem da cozinha.

¹²³ Rui Órfão – Entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.2;



Imagem 36 – Electrodomésticos embutidos nas estruturas de armários: frigorífico, forno e micro-ondas, (Janeiro, 2011)



Imagem 37 – Cozinha do apartamento durante fase de obra, armário em MDF hidrófugo lacado. Campânula redesenhada (Janeiro, 2011)



Imagem 38 – Cozinha durante fase de obra/acabamentos, (Janeiro, 2011)

Dentro daquelas que representam as alterações conduzidas na cozinha e no sentido de aumentar a área útil de circulação dentro deste espaço, substituiu-se a porta de batente por uma deslizante, com conseqüente deslocação do seu plano para fora dos limites da cozinha existente. Para isso, foi necessário criar troços de parede auxiliares para garantir o encastramento da porta. No caso concreto do sistema de divisão entre o vestíbulo e a sala de estar, que ficava assegurado com a complementaridade entre parede de alvenaria para a sala e armário para o corredor, optou-se por destruir a parede e atribuir uma nova valência

ao elemento de mobiliário. Aproveitando a profundidade do sistema anterior, desdobrou-se o roupeiro em armário voltado para a zona de circulação e estante orientada para a sala, maximizando-se a área de arrumos do apartamento.

A nível de acessibilidades, o novo projecto não colocou em causa a lógica inicialmente prevista. O acesso exterior ao apartamento é preservado no mesmo local, adjacente ao átrio comum a dois apartamentos, servido por ascensor, e comunicável com a galeria exterior que acompanha a fachada poente. No interior, o modelo de circulação, assente num corredor mediador dos espaços funcionais (segmentado em hall e vestíbulo), é igualmente mantido como premissa da intervenção.



Imagem 39 – Demolição da parede divisória e armário orientado para zona de circulação, fase de obra (Setembro, 2011)



Imagem 40 – Regularização dos paramentos para posterior introdução de armário desdobrado (Janeiro, 2011)



Imagem 41 – Aproveitamento da profundidade do sistema de divisão anterior para armário voltado para zona de circulação e estante para a sala, fase de obra (Janeiro, 2011)

Como se pretendia, acima de tudo, a manutenção da matriz espacial e a restituição material do apartamento, as especialidades de construção aplicadas a este projecto de requalificação não avançaram muito para além da remoção/limpeza dos “abcessos” que

SISTEMAS CONSTRUTIVOS
E MATERIAIS

tinham sido sobrepostos durante as anteriores utilizações do espaço, e da empreitada de acabamentos.

A única grande alteração, como já tinha sido visto, ocorreu com a demolição de certos troços de paredes divisórias simples, em alvenaria de tijolo, nomeadamente no núcleo da antiga lavandaria e na transição entre a sala de estar e o armário orientado para o corredor. Após este processo de demolição, tratou-se de regularizar as paredes interiores, adaptando-as ao novo projecto e respectiva configuração espacial. Nos casos pontuais em que se revelou necessária a construção de novos elementos verticais, para proceder à tal regularização dos paramentos, recorreu-se à utilização de gesso cartonado.

Como consequência destas transformações e de forma a prever a durabilidade dos sistemas construtivos, foram refeitas as redes de águas quentes e frias, de esgotos, de electricidade e aquecimento – infraestruturas essas que entram facilmente em ruptura em edifícios com um período de existência considerável. Para a instalação destes sistemas seria inevitável a abertura de roços nas paredes com posterior refechamento a massames. A nova rede de águas foi realizada por adaptação à existente, em tubos multicamadas com adição de isolamento térmico. Tanto na rede de águas, como na rede de esgotos, houve desafecção de troços, por influência da eliminação da antiga lavandaria. No que toca à rede eléctrica, trocou-se o quadro eléctrico e toda a cablagem, com adição de novos pontos de luz e tomadas face aos diferentes usos previstos no projecto de requalificação.

Seguindo a lógica que a intervenção deveria compatibilizar as exigências contemporâneas à essência do projecto do Bloco, verificou-se que essa tarefa tornava-se problemática no que respeita à opção de conservar as caixilharias. Na realidade, seria significativamente complexo atender aos requisitos de conforto, mantendo, na íntegra, a modelação e materialidade dos caixilhos exteriores. Assim, segundo o arquitecto “as caixilharias do edifício foram a componente mais debatida sobre o ponto de vista da eficiência energética e do conforto”¹²⁴, isto porque o mercado da construção oferece, na actualidade, caixilharias em pvc ou alumínio mas estanques que o sistema de vãos em caixilhos de ferro existente no Bloco desde os anos 50. Apesar da grande maioria das caixilharias do edifício já ter sido alterada e não permanecer com o mesmo tipo de material, optou-se por conservar até esse “pormenor, que não é tão pouco importante”¹²⁵, de forma a não colocar ainda mais em causa a linguagem das fachadas. Neste processo de

¹²⁴ Rui Órfão – Entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.2;

¹²⁵ Idem, *Ibidem*;



Imagem 42 - Caixilharias do vão envidraçado presente na sala após intervenção, (Janeiro 2011)

ponderação, nunca se colocou a hipótese de reconstruir os caixilhos com a mesma técnica porque, para além da dificuldade em encontrar mão-de-obra que fornecesse estes sistemas, se as caixilharias não “estivessem num estado recuperável, a opção natural, até do ponto de vista do cliente, seria colocar algo que lhe desse alguma garantia, fiabilidade e um preço que justificasse a intervenção”¹²⁶. Procedeu-se então à afinação e desempenagem de todos os suportes em caixilharia metálica dos vãos exteriores e respectivas decapagem, lixagem e preparação para pintura. Uma vez que as caixilharias tinham sido anteriormente pintadas a tonalidade branca, cor diferente da prevista inicialmente, neste projecto retomou-se os princípios iniciais – cinza escuro para os perfis em ferro que emolduram o pano de vidro simples. Se, por um lado, recuperaram-se as

¹²⁶ Idem, *Ibidem*;

caixilharias, o mesmo não foi possível para as protecções exteriores dos vãos sobre a galeria de acesso. Por se apresentarem extremamente danificados/empenados e, por não se conseguir encontrar, actualmente, um fornecedor destes sistemas, os elementos de sombreamento – persianas em guilhotina de alumínio – foram substituídos por elementos semelhantes (protecção em brise soleil) de simples manutenção e manuseamento.

Quanto aos materiais empregues tanto no campo dos revestimentos, como dos equipamentos e mobiliário, assumiu-se uma estratégia de não introduzir acabamentos que se distanciassem substancialmente do leque de detalhes de origem que, por sua vez, eram bastante diversificados. Para além disso, sempre que possível, foram restaurados os materiais iniciais. Por essas mesmas razões, pretende-se, neste momento, estabelecer uma visão geral e comparativa entre as opções tomadas pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral e a selecção de materiais do novo projecto conduzido pelo arquitecto Rui Órfão. Inicia-se esta interpretação pelo trabalho global de preservação aplicado aos elementos em madeira dos vãos interiores de comunicação entre as várias áreas funcionais e os armários. Essa manutenção visou a afinação das portas de correr, a decapagem de tinta que tinha sido colocada nos suportes de madeira e a preparação para posterior envernizamento a verniz aquoso tipo cera. Nos casos em que foi necessário o fornecimento de novas portas, ou componentes de mobiliário em madeira, implementou-se o desenho original em folheado de madeira de tola.

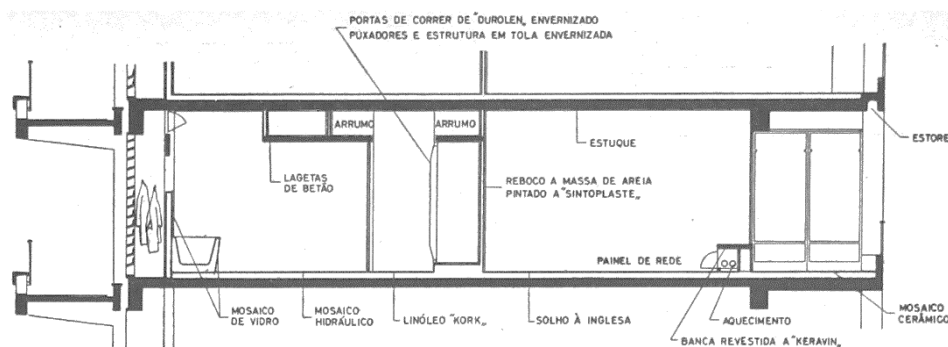


Imagem 43 - Corte Transversal da habitação com apontamento dos materiais usados no projecto original

Relativamente aos revestimentos, após terem sido suprimidas as camadas acumuladas durante as anteriores ocupações do espaço, e os materiais originais que apresentavam um grau de deterioração considerável, as paredes e pavimentos foram regularizados através da realização de rebocos e massames, para simplificar o assentamento de novos materiais. No campo dos paramentos, tanto na instalação sanitária, como na cozinha substituíram-se os azulejos antigos por mosaico vitrificado semelhante ao de origem, com dimensão da pastilha de 20x20mm. Na cozinha retomou-se a cor azul



Imagem 44 – Aspecto do roupeiro e da zona de arrumos no sub tecto em madeira de tola restaurada no quarto adjacente à sala comum – após intervenção (Janeiro, 2011)



Imagem 45 – Componentes em madeira no corredor. Anota-se a criação do novo armário que se desdobra em estante para a sala comum, recriando o desenho original em madeira de tola (Janeiro, 2011);

água, enquanto na instalação sanitária trocou-se a cor acastanhada por tonalidades verdes. Salienta-se ainda o facto de se ter mantido e procedido ao restauro do revestimento, em mosaico vitrificado de tonalidade castanha, numa das paredes do vestíbulo, mais concretamente naquela onde tinha sido introduzido o lava-mãos no projecto original e que estabelece a delimitação da instalação sanitária. Como tinha sido eliminado pelos anteriores utilizadores e de forma a devolver, tanto quanto possível, os materiais e equipamentos primitivos, para se produzir uma ideia de revisitação do objecto



Imagem 46 - Revestimento dos paramentos na instalação sanitária a mosaico vitrificado após intervenção Janeiro, (Janeiro, 2011)

arquitectónico tal como tinha sido concebido, redesenhou-se o lavatório em betão, na zona de circulação, com adição de nova torneira.



Imagem 47 – Restauro do revestimento do paramento em mosaico vitrificado de tonalidade castanha, redesenho do lava-mãos em betão moldado (Janeiro, 2011)

Os suportes verticais das restantes divisões foram limpos e preparados, através da aplicação de bases e barramentos, para pintura a branco. O mesmo processo foi realizado aos tectos de todos os compartimentos.

No que toca aos acabamentos de pavimentos, foi suprimido o pavimento em mosaico cerâmico que tinha sido introduzido anteriormente no corredor e os revestimentos do antigo quarto da empregada e lavandaria. Nas áreas referidas foi assentado pavimento em soalho de riga lamelado colado, de modo a ser alcançada uma maior uniformidade com o revestimento original em madeira existente na sala comum e no quarto que lhe é adjacente. Entende-se assim que, relativamente ao quarto ampliado, a selecção do pavimento, em soalho de riga, não se afasta das opções iniciais. Todavia, o critério de atribuir continuidade ao material existente na sala comum, contribuiu para a não reposição do revestimento original da área de circulação em linóleo tipo “Kork”. Na cozinha e instalação sanitária tomaram-se opções diferenciadas no campo dos pavimentos. Se na primeira área funcional conservou-se o ladrilho hidráulico pré-existente, com dimensão 30x15 cm, no segundo espaço optou-se por um revestimento novo a pedra natural (lioz), até porque o acabamento original em mosaico hidráulico já tinha sido substituído.

Existem ainda alguns pormenores que, embora sejam apresentados de uma forma sucinta, são importantes para que se tenha um entendimento global do presente projecto

de requalificação. Correspondem essencialmente a detalhes de mobiliário e equipamento projectados para a cozinha:



Imagem 48 - Pormenor do mosaico vitrificado (cor azul água) aplicado na cozinha; Tampo de bancada e frente de fogão (vitrocerâmica) em pedra Lioz polida – após intervenção (Janeiro, 2011)

- A campânula (caixa de chaminé), como anteriormente referido, foi redesenhada por representar um elemento marcante para a leitura da cozinha. Este elemento foi efectuado em estrutura de aço, com posterior revestimento em sistema de gesso cartonado hidrófugo.
- Os módulos dos móveis inferiores foram introduzidos com 60 cm de profundidade para que fossem compatíveis com os electrodomésticos contemporâneos. Estes módulos, em aglomerado de madeira termolaminado com 14mm de espessura apresentam, para o exterior, vistas de gavetas e portas em placas de MDF hidrófugo lacado e possuem rodapé em inox escovado. O modo de abertura das gavetas e armários foi idealizado de modo a que os puxadores fossem invisíveis e que se desenvolvessem alinhados com o perímetro da cozinha;
- Preservou-se o módulo de armário superior existente em madeira de tola, com três níveis de aberturas, decapando a tinta que tinha sido sobreposta ao longo do tempo (de tonalidade branca), com sucessiva pintura a cor azul escura. Enquanto no primeiro nível de aberturas, foram aplicadas portas de correr em vidro, nos níveis superiores recorreu-se a contraplacado;

- O tampo da bancada de trabalho e frente de fogão foram realizados a material pétreo – pedra natural lioz com 4cm de espessura, em acabamento polido abancado;
- Recortou-se este tampo em pedra para encastramento de lava loiças, de duas cubas, em aço inox. Por sua vez, o escorredouro foi desenhado a partir do rebaixamento dessa mesma pedra;



03.3 A intervenção do arquitecto João Pedro Falcão de Campos

Apresenta-se, o seguinte caso de estudo¹²⁷, respeitante à intervenção desenvolvida pelo arquitecto João Pedro Falcão de Campos¹²⁸, durante os anos 2006 e 2007, num apartamento de tipologia T3. O apartamento, que se pretende analisar neste momento (8Cd), localiza-se no penúltimo andar do Bloco das Águas Livres, tal como a habitação reabilitada pelo arquitecto Rui Órfão.

03.3.1 Configuração Original

Embora a habitação se apresente diferente em termos de tipologia, possuindo mais um quarto, a organização espacial original do apartamento, que agora se analisa, está profundamente relacionada com a estrutura do caso de estudo anterior – uma matriz que, aliás, se repete transversalmente em todos os fogos. Nesse sentido, mais uma vez se verifica a orientação dos espaços mais nobres (sala, quartos) a nascente e as áreas afectas

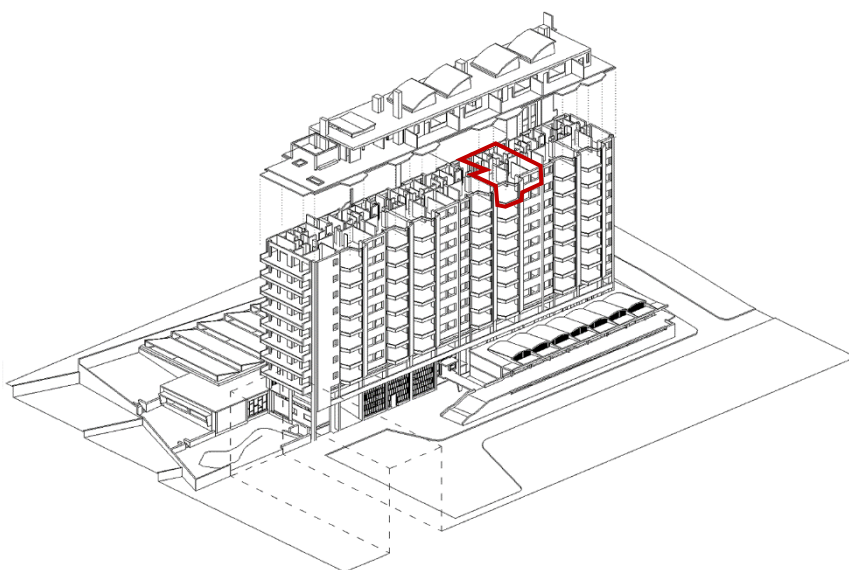


Imagem 49 - Localização da intervenção no Bloco

< Imagem de Capa – Apartamento 8Cd no Bloco das Águas Livres após intervenção; fonte: Arquivo do arquitecto João Pedro Falcão de Campos

¹²⁷ Para uma análise mais detalhada da intervenção em questão recomenda-se a análise do **Anexo 2.2 – Fichas de intervenção – A intervenção do Arquitecto João Pedro Falcão de Campos**;

¹²⁸ João Pedro Falcão de Campos (n. 1961) é arquitecto licenciado, desde 1984, pela Faculdade de Arquitectura da UTL. Após ter concluído os seus estudos em Portugal, realizou um estágio curricular na Faculdade de Arquitectura de Cracóvia. Antes de abrir gabinete próprio, em 1987, trabalhou na Suíça com o arquitecto Jean Gerard Giorla e, posteriormente, em Itália com a arquitecta Anna Maria Linty. Durante o seu percurso profissional, tem desenvolvido inúmeros projectos desde habitação unifamiliar e colectiva, a equipamentos públicos e planos urbanísticos. Em relação a projectos de reabilitação de sua autoria, torna-se importante salientar a Requalificação Urbana de Alcobaça (2002-2006) e a Remodelação do Edifício Sede do Banco de Portugal (2007) – intervenções que desenvolveu em parceria com o arquitecto Gonçalo Byrne (1941-). Cf. Dados obtidos por consulta do site do arquitecto João Pedro Falcão de Campos: <http://falcaodecampos.pt/>

a serviços (cozinha, instalação sanitária, lavanderia e quarto de criada) a poente. Os espaços são mediados pela zona de circulação.

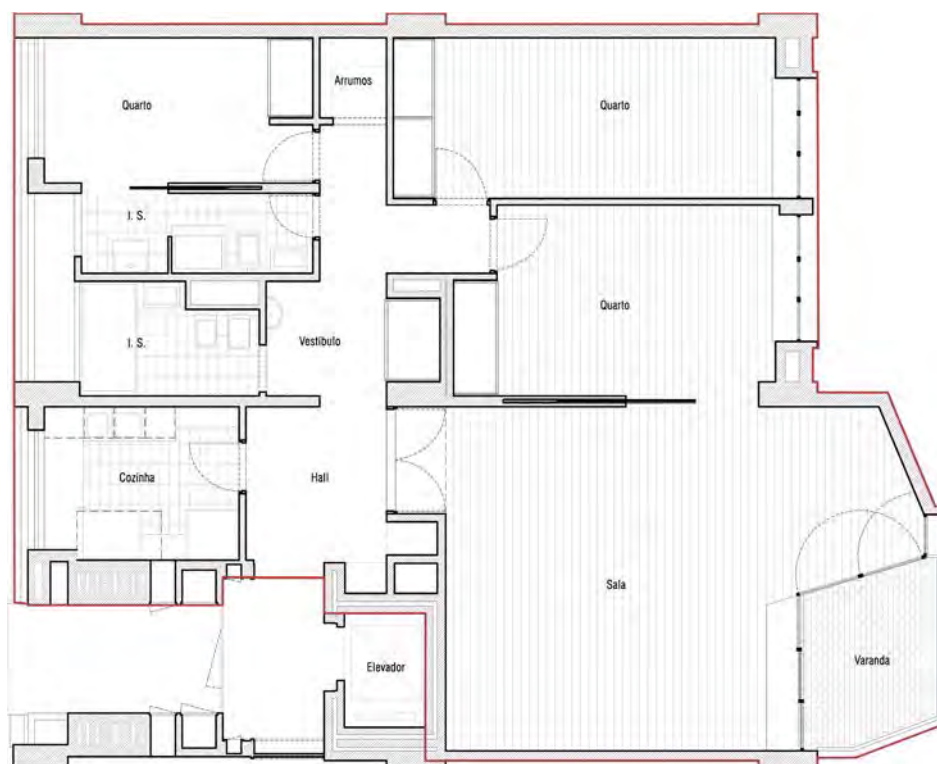


Imagem 50 – Planta original do apartamento

Como se tinha observado no modelo de percursos do bloco, os elementos mecânicos de circulação (ascensores) que servem, cada um, um par de habitações, “abrem” para um vestíbulo comum que recria “o sistema tão lisboeta do esquerdo/direito”¹²⁹. Atendendo a esta organização, ao contrário daquilo que acontece no apartamento reabilitado pelo arquitecto Rui Órfão, a matriz do presente fogo não se desenvolve para sul, mas sim para norte.

O interior da fracção, dotado de grande rigor e funcionalidade, dispunha de uma cozinha, uma sala de estar/jantar, uma instalação sanitária, três quartos, em que um deles teria sido projectado considerando a eventual pernoitada de criada, interligado com casa de banho adicional destinada igualmente à lavagem e tratamento de roupa. Denota-se, mais uma vez, a clara preocupação dos arquitectos em criar casas com boas condições de habitabilidade, onde a iluminação natural e a paisagem possuem um papel extremamente

¹²⁹ Michel Toussaint – op. cit., p. 28;

importante. Assim, à excepção da zona de circulação e área de arrumos, todas as divisórias do apartamento usufruem de largas aberturas para o exterior.

03.3.2 Situação Anteprojecto

Embora não se possua informação gráfica que comprove o real estado do apartamento antes da intervenção, através do testemunho do arquitecto João Pedro Falcão de Campos na entrevista a si efectuada, é transmitido que o objecto em análise foi alvo de inúmeras intervenções pontuais que descaracterizaram profundamente a sua essência. A nível da pormenorização do apartamento, já pouco restava da matriz inicial quando foram efectuadas as primeiras visitas de reconhecimento ao local e, até mesmo nos casos em que restavam alguns materiais e/ou equipamentos, estes evidenciavam um estado de deterioração.

De tal modo que, “o apartamento chega até nós num estado bastante deplorável”¹³⁰ não se conseguindo uma leitura coesa das premissas originais sem ser através da organização espacial, que se mantinha praticamente inalterada, e daqueles elementos que eram os espaços de transição e relação com o exterior – a varanda com vista panorâmica sobre a cidade de Lisboa e a conexão, muito própria, do apartamento com o espaço social estabelecido no “arruamento” que se estende ao longo da fachada poente (galeria exterior de acessos).

Esta situação influenciou profundamente as opções de actuação definidas pelo arquitecto João Pedro Falcão de Campos, essencialmente porque um debate se levantava: tendo sido suprimida a linguagem definida pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, será que faria sentido repor exactamente toda a materialidade original ou, por outro lado, deveria ser implementada uma reinterpretação dos espaços mais actualizada, preservando os pressupostos iniciais que se consideravam cruciais para a definição do apartamento.

Esta discussão, em torno dos princípios da reabilitação deste fogo será abordada amplamente na secção seguinte.

¹³⁰ Cf. João Pedro Falcão de Campos – Memória Descritiva do projecto de intervenção;

03.3.3 Estrutura Após Intervenção

MOTIVOS DA INTERVENÇÃO

Os princípios arquitectónicos, de que o espaço estava imbuído, despertaram junto de um novo proprietário “uma identificação natural”¹³¹ com o apartamento, procedendo à sua aquisição para aí poder habitar. Esses valores, que suscitaram o interesse do cliente, estão intrinsecamente relacionados com o facto do edifício acolher o espectador “progressivamente, numa sucessão de espaços de rara dignidade e de uma intimidade crescente”¹³² que se alastra ao próprio espaço interno da habitação. Como refere a memória descritiva deste projecto de reabilitação, embora as dimensões do apartamento não fossem extraordinárias, este transmitia a sensação de ser um espaço bastante amplo. Esse efeito era claramente intensificado pelas vistas e pela luz transversal que iluminava toda a habitação, conseguida através da relação entre o contacto com a galeria exterior comum, quase como se tratasse de um arruamento na fachada poente, e a varanda que se encaixava envidraçada no volume da sala.

Se, por um lado, as características enunciadas contribuíram para a aquisição do apartamento, por um novo proprietário (Dr. Tomé Matos Lopes), por outro, o estado de descaracterização da fracção impunha a necessidade de reabilitá-la, no sentido de proporcionar um maior conforto à função de habitar. Por isso mesmo, recorreu-se a uma intervenção global e informada, conduzida pelo arquitecto João Pedro Falcão de Campos e contando com a colaboração dos arquitectos Ana Moniz e José Ricardo Vaz¹³³. Segundo o arquitecto responsável pela reabilitação, foi extremamente fácil atingir uma sintonia entre as necessidades do cliente e aquilo que se propôs, até porque, sendo familiar e amigo próximo do proprietário, já existe, desde há 20 anos, um percurso de vários projectos em conjunto¹³⁴.

ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

Atendendo particularmente aos critérios da intervenção e considerando que o apartamento tinha sido profundamente alterado nas anteriores ocupações, tendo sido destruída a essência da matriz original, foram ponderadas duas estratégias para a reabilitação. Numa primeira vertente, colocar-se-ia a hipótese de recolher, tanto quanto possível, informação sobre a estrutura inicial do apartamento de forma a recriar a sua

¹³¹ Cf. João Pedro Falcão de Campos – Memória Descritiva do projecto de intervenção;

¹³² Idem, *Ibidem*;

¹³³ No âmbito da presente dissertação, não foi possível encontrar informação complementar sobre os arquitectos enunciados;

¹³⁴ Cf. João Pedro Falcão de Campos – Entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.3;

ambiência, num “restauro mimético do desenho e dos acabamentos originais”¹³⁵. Contudo, a ausência da linguagem primitiva e o facto do modo de habitar ter evoluído desde os anos 50 até à actualidade, justificaram a opção unanime por uma segunda alternativa – intervir conforme uma “reinterpretação contemporânea das vivências então propostas”¹³⁶ por Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral. Com base nesta premissa geral e orientadora, o projecto caracterizou-se por uma limpeza formal, quase total, dos sistemas espacial e construtivo. Pretendia-se, no fundo, incutir uma maior comodidade ao espaço de habitar, algo que foi alcançado através da adaptação da organização espacial do apartamento aos novos usos e do aperfeiçoamento dos materiais de acabamento e dos equipamentos de mobiliário.



Imagem 51 – Planta do apartamento após intervenção

Inicia-se a interpretação deste processo de requalificação pelas transformações delineadas a nível da disposição espacial da habitação. Intencionalmente, existia um parâmetro, da composição inicial, que deveria ser preservado e constituir mote para a nova estruturação. Privilegiou-se, assim, a relação que o apartamento estabelecia com os espaços exteriores, através da varanda encaixada na sala e do contacto com a galeria de serviço comum, tentando “que a luz nascente-poente entrasse por aquele apartamento e

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

¹³⁵ Cf. João Pedro Falcão de Campos – Memória Descritiva do projecto de intervenção;

¹³⁶ Idem, *Ibidem*;

varresse o espaço, sem qualquer tipo de obstáculos”¹³⁷. Para que esta iluminação transversal circulasse livremente dentro da fracção, suprimiram-se todos os elementos que constituíam impedimento ao varrimento de luz. Essencialmente, foram destruídas as paredes divisórias que estavam posicionadas no sentido norte-sul, perpendiculares à passagem de luz, que demarcavam o limite entre às várias áreas funcionais e a zona de circulação interior. Com elas, foram igualmente eliminadas as padieiras das portas, deixando estas de possuírem uma altura definida pelos 2,10 m e tornando-se em vãos livres até ao tecto. Relativamente a este ponto, importa evidenciar que, como indica o arquitecto responsável pelo projecto, existiam um conjunto de paredes que, dado o seu posicionamento e desenho, se pensaria que ocultassem um sistema estrutural pilar/viga. Por se ter comprovado, durante o reconhecimento do apartamento e em fase de obra, não existir efectivamente este sistema, mas sim uma laje fungiforme apoiada em pilares, para a estratégia de intervenção optou-se então por não restituir as padieiras das portas e a arrumação no sub-tecto, aumentando significativamente a dimensão dos vãos. A partir desta solução, de se eliminarem as paredes divisórias anteriormente explicitadas, permitiu-se uma ampliação da grande maioria das áreas funcionais, como são exemplos disso: a cozinha e a instalação sanitária que lhe é adjacente, aproveitando área atribuída, numa fase inicial, a espaço de circulação. Esta situação pode ser facilmente verificada através da observação da planta da intervenção.

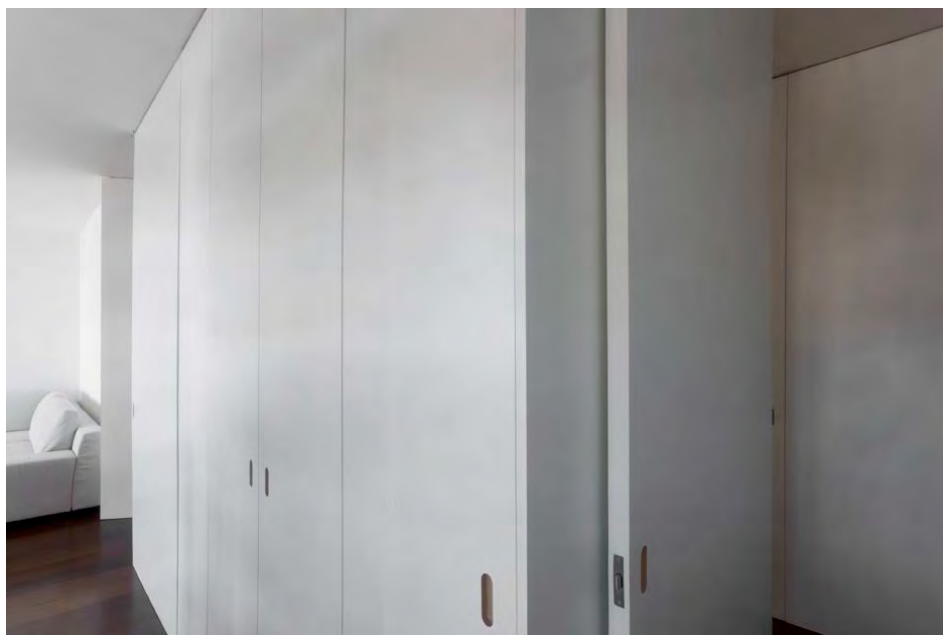


Imagem 52 – Módulo de armário pré-fabricado em madeira, como elemento de divisão entre a sala de estar e a zona de circulação, após intervenção (Dezembro, 2007)

¹³⁷ João Pedro Falcão de Campos – entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.3;

Apesar disso, era fundamental determinar um novo sistema de divisão dos espaços, tendo este sido redesenhado através de “uma estratégia de utilização de armários em módulos pré-fabricados do IKEA”¹³⁸ que, tendo um comprimento mais reduzido que as paredes originais, facilitaram o aumento dos vãos interiores. Apesar de se ter suprimido os maleiros existentes no sub-tecto, a uma cota superior a 2,10 m, houve uma optimização da habitação, no sentido de se munir as áreas com muita arrumação, a uma cota mais acessível. Com esta solução, que complementa o desenho de um armário tipo, como elemento divisório, e os vãos de comunicação livres até ao tecto, intensificou-se a “fluidez do espaço e uma leitura una, ou seja, do ponto de vista espacial, praticamente toda a casa está interligada, simplesmente separada por aqueles biombos que são os armários.”¹³⁹

Outra grande alteração ocorreu com a agregação da sala existente ao quarto que lhe era adjacente, ampliando, em grande medida, a área da sala, mas alterando a natureza tipológica do apartamento, passando este de T3 a T2. Com a anexação do quarto à sala, esta passou a estar claramente repartida em duas zonas funcionais – área de lazer/estar e zona de refeições. A divisão destes espaços foi prevista a partir do posicionamento de uma estante metálica com estrutura pontual fixa tanto ao pavimento como ao tecto.

Embora, o elemento de mobiliário remeta para o suporte vertical subtraído, que estabelecia a divisão entre o antigo quarto e a sala, este não foi pensado para ser um

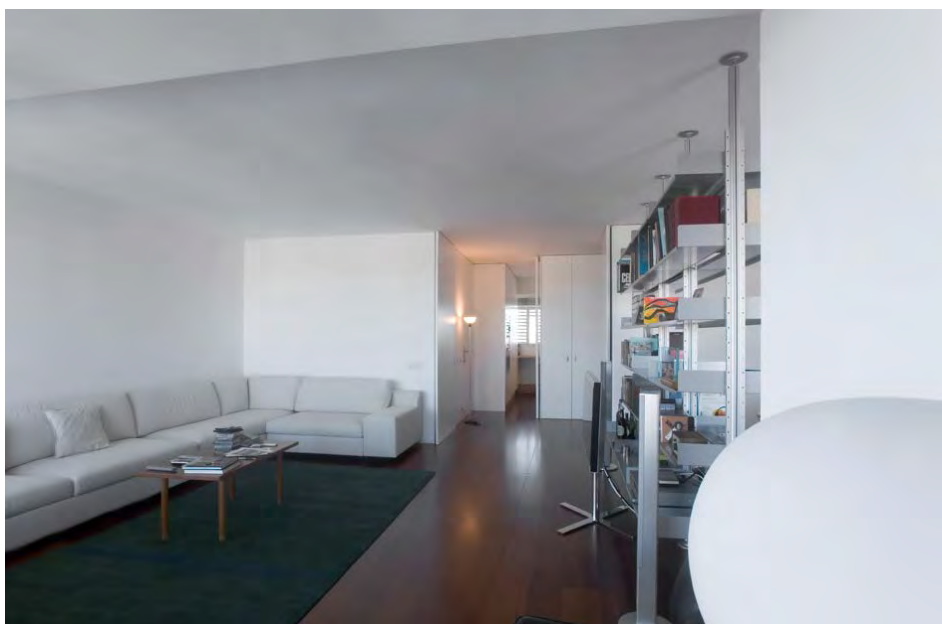


Imagem 53 – Sala de estar, vista sobre o corredor; Grande amplitude do espaço através da eliminação das padieiras das portas, após intervenção (Dezembro, 2007)

¹³⁸ João Pedro Falcão de Campos – entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.3;

¹³⁹ Idem, *Ibidem*;



Imagem 54 – Estante metálica que efectua a divisão entre as duas áreas funcionais da sala – zona de refeições e espaço de lazer, após intervenção (Dezembro, 2007)

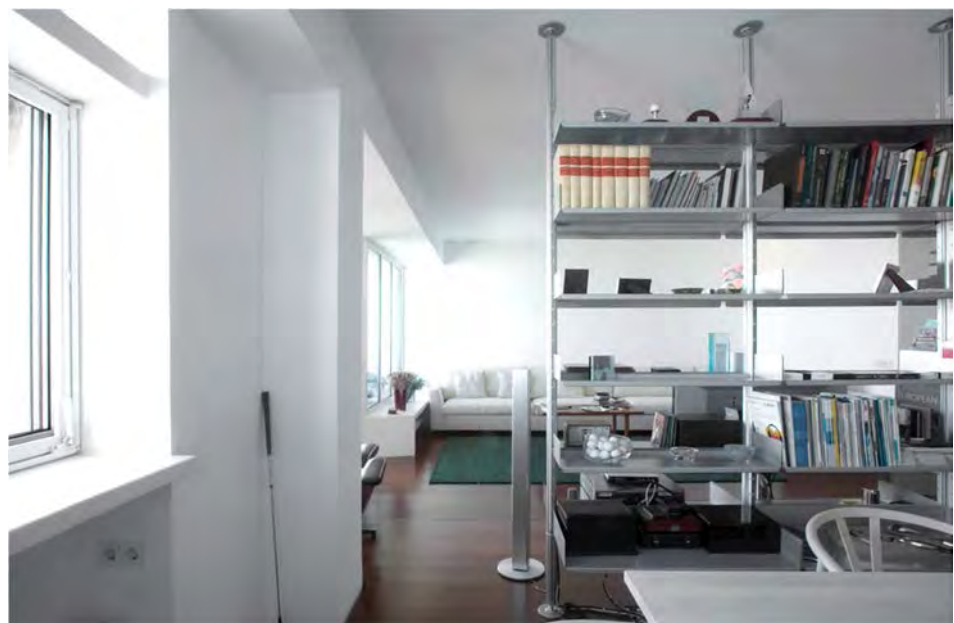


Imagem 55 – Permeabilidade visual entre as duas áreas funcionais da sala, após intervenção (Dezembro, 2007)

elemento opaco. Pelo contrário, tem um carácter transparente, para garantir uma maior amplitude e continuidade do espaço.

Na situação, ainda existente, do antigo quarto de empregada comunicável com instalação sanitária/lavandaria, não sendo necessário, na actualidade, esta questão programática, optou-se por tornar os dois espaços independentes, encerrando o vão de ligação entre eles. Por consequência, a instalação sanitária passou a ter acesso exclusivo pela área de circulação interior. Ainda sobre a reestruturação espacial concretizada no âmbito desta intervenção, importa referir que, o facto de se ter optimizado e maximizado a

arrumação no apartamento, através do método de divisão do espaço por elementos de mobiliário, justificou a desafecção da área encerrada dedicada a arrumos, que tinha sido inicialmente projectada, em prol da extensão do corredor e sucessiva simplicidade dos acessos às várias áreas funcionais. No seguimento desta optimização da dimensão do apartamento, existiram ainda alguns espaços que, através de uma primeira leitura e interpretação das plantas originais, por parte da equipa técnica da intervenção, se pensaria que representassem *courettes* técnicas ou fugas de ventilação das instalações sanitárias. Todavia, em processo de obra, verificou-se que, efectivamente, estas áreas não serviam para qualquer desses propósitos. Uma vez que o apartamento se localiza no último piso destinado à habitação, o arquitecto João Pedro Falcão de Campos indica que, provavelmente, o padrão da planta inferior foi replicado, mesmo sem existir necessidade

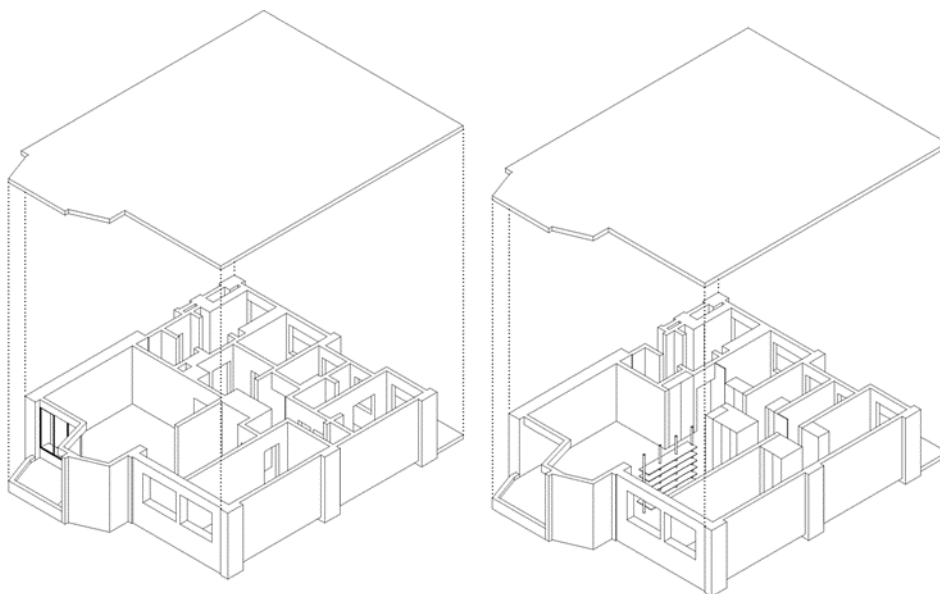


Imagem 56 - Axonometrias esquemáticas de comparação entre situação original e após intervenção

da existência destes volumes. Embora de dimensão reduzida, “procurou-se limpar os tais elementos que, aparentemente, eram ductos ou espaços técnicos”¹⁴⁰, revertendo-se num aumento da área útil de utilização do apartamento.

Como se pode verificar, ao contrário da intervenção abordada anteriormente, da autoria do arquitecto Rui Órfão, este projecto não procurou uma replicação da matriz inicial, mas sim uma reflexão bastante actual dos princípios que ainda se mantinham. Uma vez que se procedeu à limpeza e simplificação profundas do sistema espacial, uma questão

¹⁴⁰ João Pedro Falcão Campos – entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.3;

pertinente se colocava relacionada com a facilidade de adaptar a estrutura original do Bloco às exigências actuais. De uma forma geral, e como transmitido pelo arquitecto João Pedro Falcão de Campos, verificou-se que a matéria construída não ofereceu muita resistência neste processo de adaptação do apartamento aos usos e necessidades contemporâneos, isto porque, do ponto de vista estrutural, o facto de se ter implementado lajes fungiformes, complementadas com pilares¹⁴¹, não era muito habitual “no tipo corrente de construção da época, o que permitiu (...) uma grande flexibilidade na utilização do espaço.”¹⁴²

SISTEMAS CONSTRUTIVOS

E MATERIAIS

Tal como tinha acontecido para as estratégias adoptadas a nível da disposição espacial do apartamento, a uniformidade e a simplicidade transformaram-se também nas premissas de ordem superior no campo dos sistemas construtivos e materiais de revestimento implementados. Não procurando uma reposição mimética da pormenorização material do apartamento e, de forma a cumprir o grande desafio levantado nesta proposta de requalificação – incutir um maior grau de conforto à habitação – os procedimentos de especialidade centraram-se, essencialmente, na limpeza dos sistemas construtivos e consecutiva melhoria dos materiais de acabamento.

A continuidade e uniformidade dos sistemas construtivos, que se pretendia, é claramente expressa pelo tratamento realizado ao tecto da habitação. Através da supressão das padieiras dos vãos internos, passa a “existir simplesmente um plano, que é uno e que

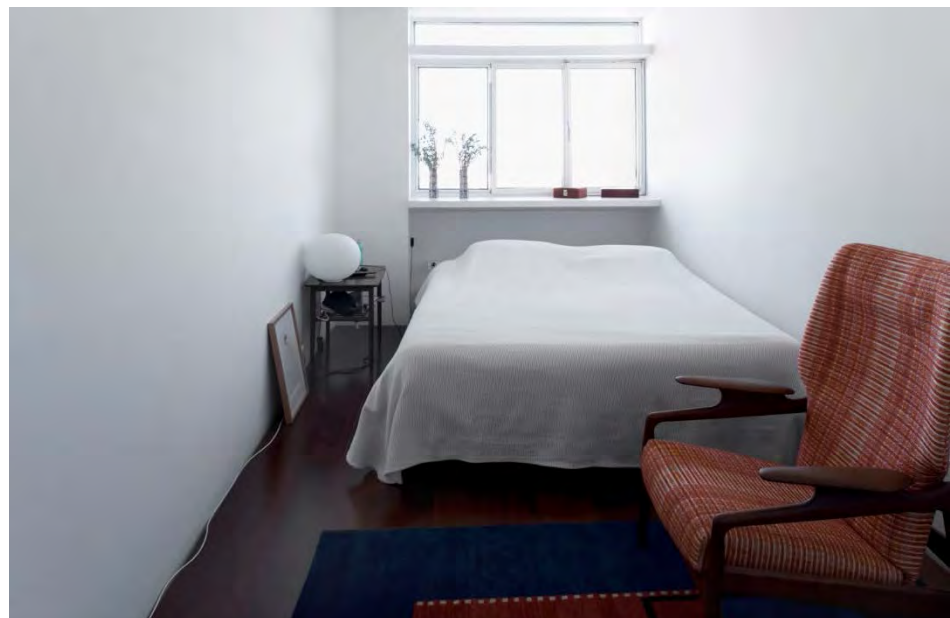


Imagem 57 – Quarto orientado a nascente após intervenção, pavimento em madeira tipo ipê tabaco e paramentos revestidos a reboco pintado em tonalidade branca (Dezembro, 2007)

¹⁴¹ Que possibilitou vencer vãos de maior dimensão;

¹⁴² João Pedro Falcão de Campos – entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.3;



Imagem 58 – Corredor de circulação interior, pavimento em soalho de madeira ipê e uniformidade visual entre a solução de revestimento dos suportes verticais e tecto e os módulos pré-fabricados em madeira, após intervenção (Dezembro, 2007)

se prolonga em todo o apartamento¹⁴³. Para solução de revestimento deste plano único, não foi prevista qualquer alteração de materialidade em função da mudança de espaço funcional. Desta forma, procedeu-se à preparação e regularização do suporte, através da aplicação de bases e barramentos, para posterior pintura a tonalidade branca.

¹⁴³ João Pedro Falcão de Campos – entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.3;

Mas não só neste ponto reside a harmonia e a homogeneidade que ficaram transmitidas a este projecto de requalificação, na medida em que, para os revestimentos de suportes verticais e pavimentos, também se procurou uma conformidade geral. Após a demolição das paredes interiores, anteriormente referidas, aquelas que se mantiveram foram regularizadas para adaptação à nova configuração espacial. O acabamento aplicado aos suportes verticais foi semelhante em todas as divisórias funcionais – estuque com posterior pintura a branco. À semelhança da limpeza formal atribuída ao tecto e paredes da fracção, também o piso de todos os espaços foi tratado como se de um plano ininterrupto se tratasse, através da aplicação do mesmo material em toda a área de pavimento – soalho em madeira tipo ipê tabaco com 2,4 cm de espessura. A estereotomia do pavimento é demarcada por padrão em régua de madeira com 19cm de largura e 3m de comprimento.

Tal como já tinha sido observado no primeiro objecto em estudo – o apartamento intervencionado pelo arquitecto Rui Órfão – um dos principais problemas em compatibilizar a construção original com o tratamento de isolamento térmico, necessário para corresponder aos actuais requisitos de conforto, relacionava-se com as caixilharias. Nesta relação, tão própria, que o apartamento nutre com o exterior, as fachadas que se orientam para as vertentes nascente e poente caracterizam-se por possuírem amplas fenestraçãoes e, por consequência, o isolamento térmico dos espaços tem de ficar maioritariamente estabelecido através da envolvente exterior envidraçada. Sabe-se que a as caixilharias metálicas inicialmente previstas, com inclusão de pano de vidro simples, apresentam alguma deficiência em efectuar a correcta vedação térmica. Adicionando o facto da habitação ter chegado à actualidade profundamente descaracterizada, em processo de

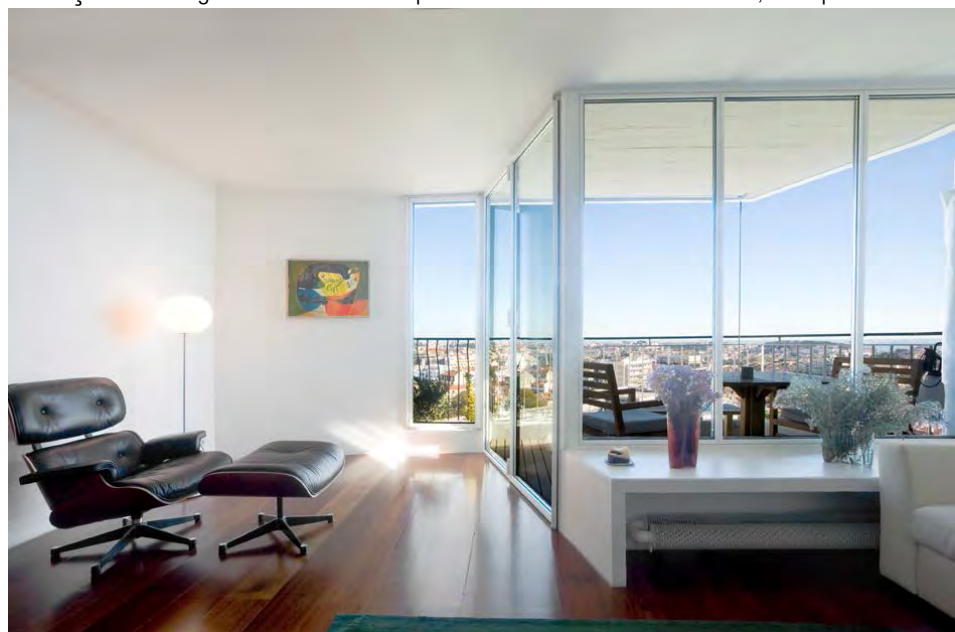
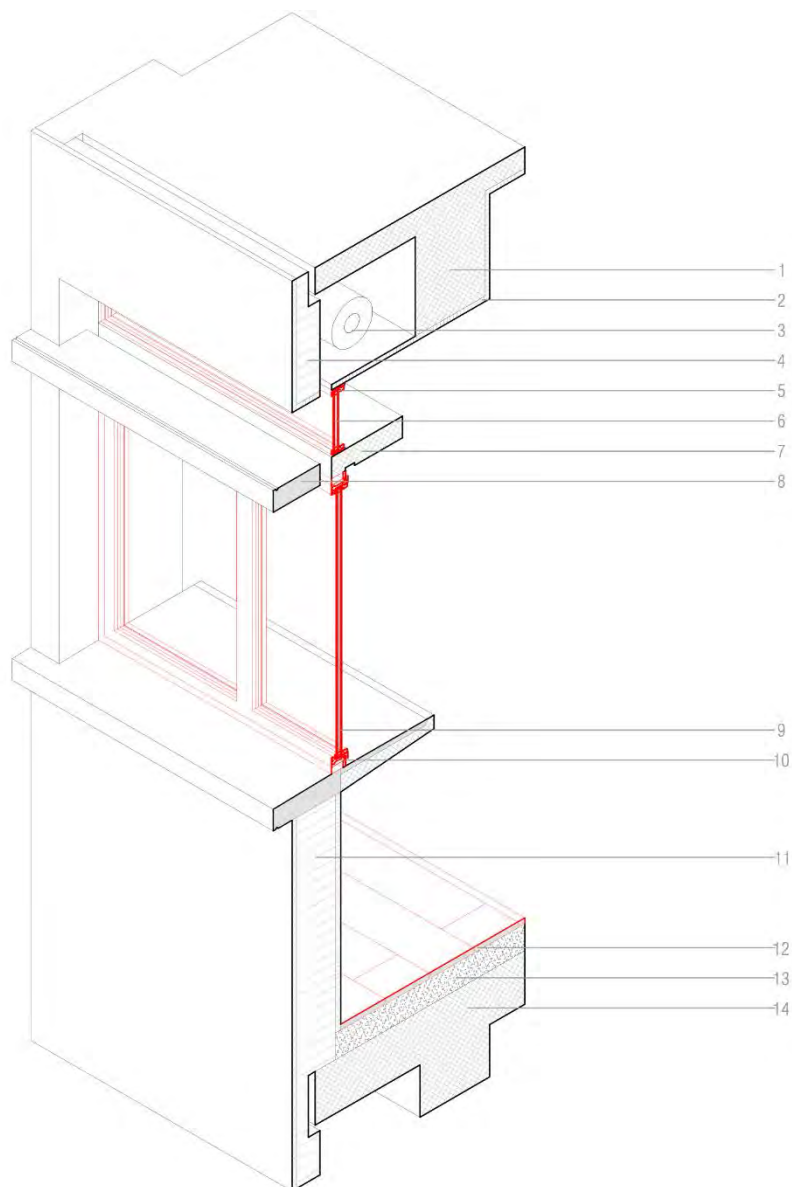


Imagem 59 – Sala de estar após intervenção, pormenor das caixilharias em aço pintado a branco mate (Dezembro, 2007)

detioração dos materiais, e no sentido de proporcionar o controlo térmico do apartamento exigido, fundamentou-se a preferência por não repor o sistema de caixilharias original, e substituí-lo por caixilhos de vidro duplo. Elegeu-se caixilharias de mercado em aço tipo “RP Technik – RP hermetic FINELINE” com perfil rectangular de 50x25mm sem corte térmico, pintado a cor branca mate. Embora não se tenha preservado a cor dos caixilhos iniciais, procurou-se retomar, de uma forma geral, a leitura da modelação dos perfis, que era muito variada¹⁴⁴, introduzindo novos métodos de funcionamento. A grande maioria das



- 1 – Viga de Bordadura pré-existente em Betão armado;
- 2 – Revestimento em estuque afagado e pintada a cor branca;
- 3 – Caixa de estore;
- 4 – Remate em pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento exterior a “Silexore”;
- 5 – Caixilharia de aço tipo RP Technik – RP hermetic FINELINE com perfil rectangular de 50x25mm sem corte térmico;
- 6 – Vidro duplo incolor;
- 7 – Peça em betão armado moldado;
- 8 – Peça superior de divisão entre panos de vidro em pedra serrada;
- 9 – Vidro duplo incolor;
- 10 – Caixilharia de aço tipo RP Technik – RP hermetic FINELINE com perfil rectangular de 50x25mm sem corte térmico;
- 11 – Pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento exterior em reboco pintado a “Silexore”;
- 12 – Pavimento em soalho de madeira tipo ipê tabaco com 2,4cm de espessura em réguas de 300x19cm;
- 13 – Betão Celular;
- 14 – Laje fungiforme em betão armado existente;

Imagem 60 – Pormenor Construtivo em axonometria do vão presente no quarto orientado sobre a fachada nascente

¹⁴⁴ Existindo uma complementaridade entre vãos fixos, de batente, basculantes, em harmónio nas janelas de maior dimensão e de correr. Cf. Ruy José Gomes – *Apreciação crítica de edifícios, O Bloco das Águas Livres* – op. cit., p.28;



1 – Peça de remate em pedra serrada existente;

2 – Laje existente em betão armado que determina o pavimento da galeria de serviço superior;

3 – Laje fungiforme em betão armado existente e viga de bordadura;

4 – Revestimento a estuque afagado e pintado a cor branca;

5 – Caixilharia de aço tipo RP Technik – RP hermetic FINELINE com perfil rectangular de 50x25mm sem corte térmico;

6 – Vão em vidro fixo duplo incolor;

7 – Caixilharia de aço tipo RP Technik – RP hermetic FINELINE com perfil rectangular de 50x25mm sem corte térmico;

8 – Vão em vidro duplo incolor com sistema de abertura oscilo-batente;

9 – Pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento em marmorite lavada de seixo rolado original;

10 – Pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento a estuque afagado e pintado a cor branca;

11 – Peça de Betão moldado com revestimento a estuque pintado a cor branca;

12 – Pavimento em soalho de madeira tipo ipê tabaco com 2,4cm de espessura em réguas de 300x19cm;

13 – Betão celular;

14 – Laje fungiforme existente em betão armado;

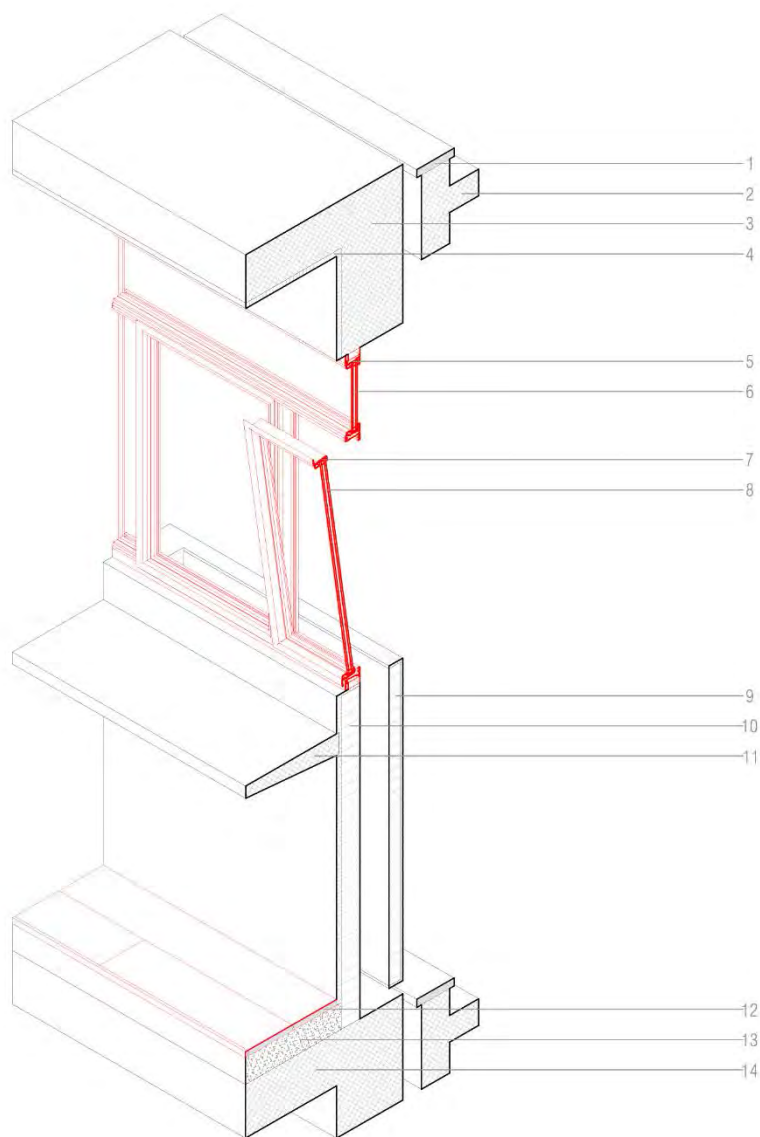


Imagem 61 – Pormenor Construtivo em axonometria do vão presente no quarto orientado a poente sobre a galeria de serviço

janelas ficou originalmente prevista com definição de bandeira bipartida e três panos de vidro inferiores. Relativamente ao sistema de funcionamento das folhas de vidro inferiores, cada vão apresentava geralmente um pano fixo e outros dois que poderiam ser de correr ou de batente. No que toca ao pano de vidro superior, este era dividido em duas folhas, uma delas de maior dimensão, correspondente ao comprimento das duas folhas de abrir inferiores, e outra mais reduzida, alinhada pelo pano fixo inferior. Na nova proposta, o método de divisão inferior manteve-se, mas a parte superior destes vãos passa a ser constituída por uma única folha de vidro fixa. Por sua vez, o sistema de abertura dos panos inferiores passou a complementar uma folha fixa, uma de batente e outra oscilo-batente. Pode referir-se ainda que, nas janelas orientadas a nascente que possuem o sistema

anteriormente mencionado (no quarto de maior dimensão e sala de jantar), a separação entre folhas inferiores e superior continua a ser estabelecida através de peça de pedra serrada original pelo exterior¹⁴⁵.

Em relação ao vão envidraçado, que estabelece a divisão entre a sala e a varanda que lhe é encastrada, embora se tenha mantido a repartição do envidraçado, o funcionamento deste foi alterado. Junto à bancada interior, onde tinha sido projectado o sistema de aquecimento, as três folhas de vidro passaram a ser fixas.¹⁴⁶ O modo de acesso à varanda, inicialmente assegurado através de dois panos de vidro com bite horizontal inferior (alinhado com a bancada) e modo de abertura em harmónio foi substituído, passando a existir um folha de batente e transformando a segunda num vão fixo. Já a última folha, presente no limite da sala, a nascente, que era fixa, passou a poder ser aberta através de um sistema oscilo-batente. Existe ainda outro ponto que importa salientar. Através da observação dos desenhos originais, é perceptível que, na área avançada da sala, que “abraça” a varanda¹⁴⁷, o tecto tinha ficado rebaixado, diminuindo o pé-direito desse espaço e definindo o limite máximo do vão. No presente projecto de reabilitação, tendo sido uniformizado o pé-direito da sala, através da destruição deste volume construído, os panos de vidro passaram a ter uma altura maior.

Para a definição dos armários, como elemento fundamental de divisão entre áreas funcionais, foram previstos dois tipos de módulo pré-fabricado do tipo IKEA-PAX, ambas as estruturas internas com uma profundidade de 58cm e altura de 2,36m. A diferença entre módulos está nos seus comprimentos – o maior possui 100cm, enquanto o de dimensão mais reduzida possui 50cm. Ambas as estruturas são de madeira de bétula com posterior pintura, em obra, a cor branca mate, para garantir uma uniformidade com as paredes divisórias e portas. Através destes módulos tipo, e apenas através da introdução de complementos internos variados (ex: prateleiras, gavetas), foi possível cumprir todos os modos de arrumação, intrinsecamente ligados aos diferentes usos do apartamento – armário de estrada/bengaleiro; armário de instalação sanitária; roupeiros de quarto; zona de arrumação na zona de circulação e armários da sala de jantar/sala de estar.

A cozinha, completamente renovada, adequou-se à inclusão de electrodomésticos contemporâneos. Junto à parede que estabelece a divisão entre a cozinha e o corredor

¹⁴⁵ A mesma pedra estabelece uma moldura exterior de delimitação do vão, definindo o peitoril da janela;

¹⁴⁶ Originalmente, duas dessas folhas tinham capacidade de ser abertas através de um sistema de correr;

¹⁴⁷ Que vai deste a bancada interior até à delimitação da sala a nascente;

exterior de acesso à galeria de serviço, e na extensão do seu perímetro, foram colocados módulos de armários pré-fabricados, tipo IKEA-FAKTUM, com estrutura de 60cm de profundidade, para cumprir espaço de arrumação com dispensa extraível e para embutir os seguintes electrodomésticos – frigorífico, congelador, forno e micro-ondas. Com esta solução, deixa de ficar operacional o postigo de serviço, desenhado inicialmente para o fornecimento de bens essenciais. Junto à parede divisória paralela, estabeleceu-se a complementaridade entre armários superiores, de estrutura IKEA-FAKTUM de 40 cm de profundidade e armários inferiores, da mesma gama, mas com 70cm de profundidade. Na parte inferior foram ainda colocadas as máquinas de lavar roupa e loiça. A bancada de trabalho, que remata o conjunto de equipamento inferior, foi realizada em aço inox e prolonga-se para a parede orientada sobre a galeria.

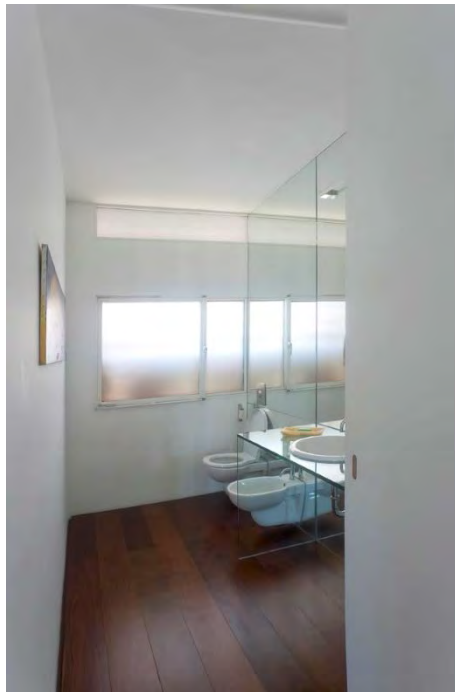


Imagem 62 - Instalação sanitária adjacente à cozinha após intervenção (Dezembro, 2007)



Imagem 63 - Cozinha após intervenção (Dezembro, 2007)

À excepção do pavimento, a cor branca ganha predominância nos restantes sistemas de pormenorização, em detrimento de uma diversificação de materiais de acabamento, tal como previsto em projecto original. Isto, muito provavelmente, por a cor escolhida ter um índice de reflexão luminico bastante elevado, tendo capacidade de dotar o espaço de uma grande fluidez, amplitude e luminosidade.

Efectivamente, quando se analisa este projecto de intervenção, averigua-se que poucas são as estruturas originais que se mantiveram ou que foram restituídas. Por isso mesmo, um debate se gera em torno das estratégias aqui preconizadas. Coloca-se a questão se seria mais válido repor todos os princípios iniciais do projecto de Nuno Teotónio

Pereira e Bartolomeu Costa Cabral. Todavia, o facto da construção não chegar ao período contemporâneo com a essência original, influenciou, em grande medida, as soluções propostas. Perante uma necessidade de reabilitar o espaço, para um uso actual adequado, tornou-se preponderante a reestruturação da habitação, mas seguindo uma linguagem arquitectónica completamente depurada e contemporânea, acentuando a percepção dos princípios primitivos que se consideraram mais relevantes – a relação com o exterior e a transversalidade dum iluminação que se materializa entre as fachadas nascente e poente. Sem a presença de pré-existências que permitissem uma intervenção mimética, e não considerando a possibilidade de recuperação de originalidades dissipadas, permitiu-se que o apartamento seguisse o seu rumo natural de evolução, de forma a continuar ao serviço das vivências dos utilizadores do espaço e acreditando que a arquitectura também se estabelece através do confronto de diferentes contextos históricos e sociais.



03.4 A intervenção da arquitecta Teresa Nunes da Ponte

O projecto que se apresenta corresponde ao processo de reabilitação¹⁴⁸ conduzido pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte¹⁴⁹, durante o ano de 2013, num *atelier* presente no Bloco das Águas Livres. O caso de estudo localiza-se no último andar recuado do edifício que é igualmente ocupado por outros três *ateliers*, a norte, e uma sala comum polivalente para moradores a sul.

CONTEXTUALIZAÇÃO

03.4.1 Configuração Original

Tal como tinha sido referido pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira, em 1953, na memória descritiva que acompanhou o projecto do Bloco, justificava-se a construção de *ateliers* no último piso recuado, não só pelas boas condições que o lugar reunia para este fim, como também pela notória escassez de espaços de trabalho com condições favoráveis para a prática de artistas plásticos. Para favorecer os quatro *ateliers* presentes no edifício,

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

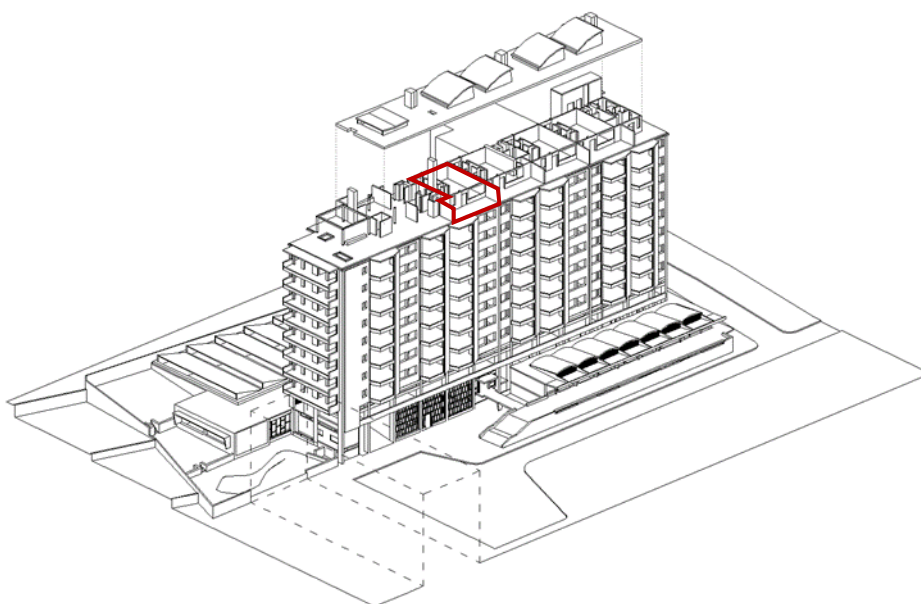


Imagem 64 - Localização da intervenção no Bloco

< Imagem de Capa – *Atelier* 9A no Bloco das Águas Livres após intervenção; fonte: Arquivo arquitecta Teresa Nunes da Ponte;

¹⁴⁸ Para uma análise mais detalhada da intervenção em questão recomenda-se a análise do **Anexo 2.3 – Fichas de intervenção – A intervenção da Arquitecta Teresa Nunes da Ponte.**

¹⁴⁹ Arquitecta portuguesa, Teresa Nunes da Ponte (n.1955) desenvolveu os seus estudos na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde se formou em 1978. Desde o ano de 1998, realiza o seu percurso profissional em atelier próprio: Teresa Nunes da Ponte arquitectura, desenvolvendo trabalhos variados que vão desde projectos de arquitectura recentes, ao desenho de exposições. Dedicar-se a processos de reabilitação e restauro, podendo evidenciar-se a Renovação do Museu e a Reabilitação do antigo Lagar de Azeite para Residência de Artistas da Fundação da Casa de Mateus e o Restauro do Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian que foi inaugurado este ano. Dados cedidos pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte;

era necessário dotá-los com características intrinsecamente ligadas a espaços cuja principal função fosse o trabalho artístico. Assim, parte da zona central dos *ateliers* foi projectada com duplo pé direito, pensando na possibilidade de serem desenvolvidos trabalhos de maior dimensão. Esta área, correspondente ao duplo pé direito, ficou demarcada, em cada um dos *ateliers*, pela projecção de um volume saliente na cobertura, de configuração curva, que garantia a iluminação zenital da zona de trabalho através da orientação de vãos envidraçados a Norte. Em conjunto, os quatro elementos curvos na cobertura contribuiriam para a definição da imagem característica do edifício.

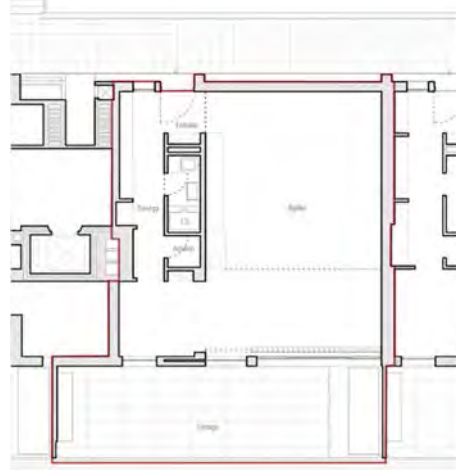


Imagem 65- Planta do Atelier (1953), Configuração Original

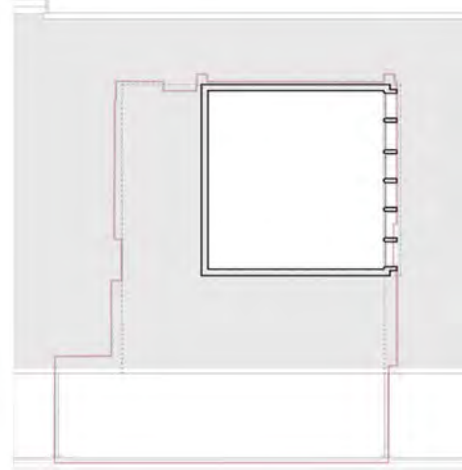


Imagem 66 - Planta do Volume Superior (1953), Configuração Original

O projecto inicial, do próprio *atelier*, revelava um desenho puro, de fácil leitura, assente numa grande simplicidade programática e num sentido funcional, no que diz respeito à estruturação dos vários espaços em planta. Era constituído por uma área total com cerca de 100 m², que ficava repartida numa zona encerrada, com aproximadamente 70 m², e num generoso terraço com vista enquadrada sobre a cidade de Lisboa e o Rio Tejo, que facilitava o prolongamento do espaço interior para o exterior. Para além da área com duplo pé direito, que estabelecia uma zona ampla e desafogada para trabalhar, o interior do *atelier* compunha-se do essencial, dispondo apenas de uma instalação sanitária e de uma pequena *kitchenette* de apoio. As duas última áreas, por ocuparem um corpo que estava posicionado paralelamente ao espaço de trabalho, acabavam por garantir a definição do seu perímetro.

ILUMINAÇÃO

Para complementar a adequada distribuição espacial, outro parâmetro que se demonstrou relevante para a criação deste espaço prende-se com a iluminação. A própria zona de trabalho, seria iluminada não só através da luz proveniente dos vãos orientados a norte, existentes na cobertura de configuração curva, mas também a partir de um vão, de grande dimensão, e porta envidraçada que estabeleciam contacto com o terraço.

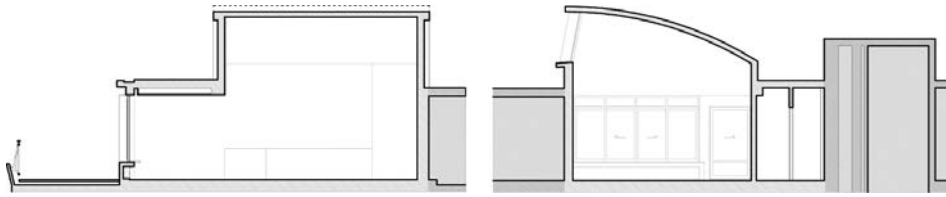


Imagem 67 - Cortes do Atelier (1953), Configuração Original

O acesso ao *atelier* ficava garantido através da galeria exterior comum, que percorre a fachada poente, servida tanto pelos elevadores central e de serviço, como por escadas que são transversais a todo o edifício. Já no interior do *atelier*, a preocupação baseou-se em minimizar as áreas dedicadas à circulação e, por isso mesmo, os percursos seriam efectuados de forma livre na zona de trabalho e apenas mais rígidos junto à instalação sanitária e kitchenette. Para aceder a estes dois espaços deveria ser utilizado um corredor lateral, de carácter linear, que ficava demarcado pelo “enfiamento de uma janela em cada fachada, uma sobre o terraço e a vista, e outra sobre a galeria.”¹⁵⁰

CIRCULAÇÃO

03.4.2 Situação Anteprojecto

Ao longo do tempo, o *atelier* foi alvo de várias obras que contribuíram significativamente para a sua descaracterização. As mutações que foram sendo aplicadas não se prendem exclusivamente com modificações a nível dos materiais de acabamento, na medida em que a própria lógica de organização espacial também foi fortemente alterada. Para agravar a situação, no momento em que se iniciaram os processos de reconhecimento



Imagem 68 - Estado da fracção antes da reabilitação (Maio, 2012)

¹⁵⁰ Teresa Nunes da Ponte – Memória descritiva do projecto de licenciamento, Setembro 2012;

do espaço, por parte do *atelier* da arquitecta Teresa Nunes da Ponte, a sobreposição de layers face ao projecto inicial e a deterioração dos materiais eram extremamente evidentes.

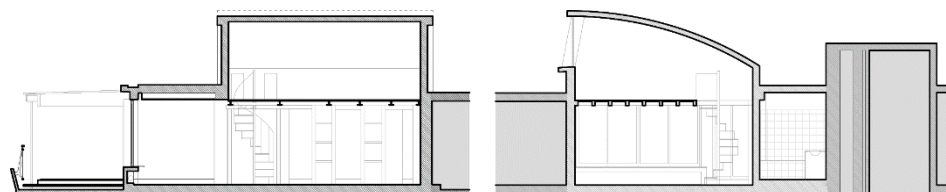


Imagem 69 - Cortes do Atelier (2012), Situação Anteprojecto

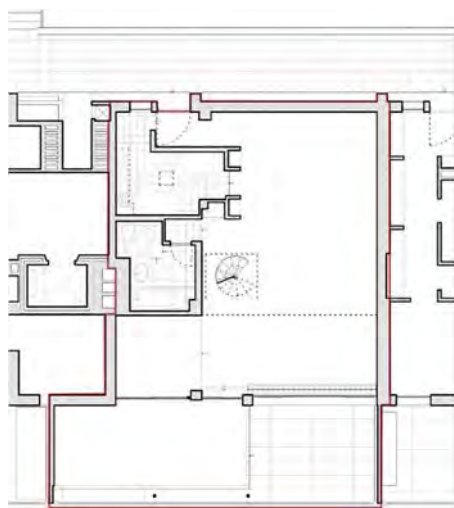


Imagem 70 - Planta do Atelier (2012), Situação Anteprojecto

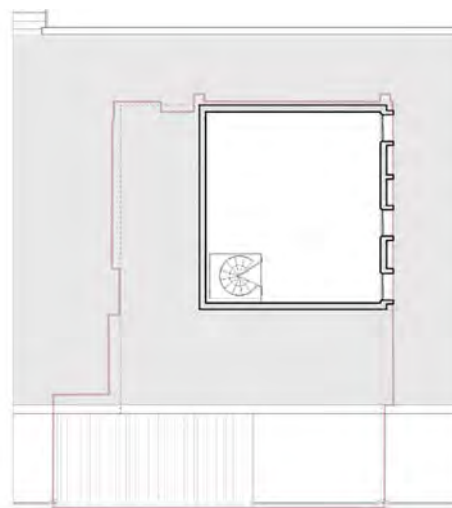


Imagem 71 - Planta do Piso Superior (2012), Situação Anteprojecto

Uma das principais transformações espaciais consistiu na criação de um piso superior, aproveitando toda a área que possuía duplo pé direito. Desta forma, aquele que seria um espaço amplo de trabalho viu a sua altura reduzida pela implementação de uma laje mista, recorrendo à utilização de perfis metálicos com travamentos transversais em madeira, que serviria de suporte ao pavimento do espaço acrescentado. A construção de um piso superior influenciou ainda a obstrução do espaço original, pela colocação de uma escada circular de acesso, e a redução da iluminação natural, uma vez que quebrou o varrimento de luz que provinha dos vãos existentes na cobertura.

Porém, não foi apenas esta alteração que modificou a espacialidade interior inicial, tornando-se importante analisar outras transformações que foram efectuadas, nomeadamente a construção de uma cozinha e uma nova instalação sanitária completa. Para a construção destes espaços, o núcleo onde estavam presentes a *kitchenette* de apoio e a casa de banho originais foi totalmente destruído, eliminando, de igual modo, o corredor lateral que lhes dava acesso. Com esta solução, foi ainda introduzido, nas novas áreas funcionais, um desnível de 15 cm em relação ao pavimento da zona central, agravando-se



Imagem 72 - Vista sobre o interior da cozinha (Maio, 2012)



Imagem 73 - Interior da Instalação Sanitária (Maio, 2012)

a situação da circulação interior. A delimitação do espaço de trabalho, que tinha sido eficazmente desenhada a partir do volume da antiga instalação sanitária, foi colocada em causa pelo prolongamento do corpo da nova cozinha construída, desvirtualizando, mais uma vez, o espírito funcional do projecto inicial.

A nível da fenestração, foram alteradas as caixilharias dos vãos na cobertura, com a agravante de terem sido encerrados três dos seis vãos existentes. Contrariando a inclinação que estes vãos possuíam na solução original¹⁵¹, os caixilhos foram aplicados numa posição



Imagem 74 - Piso Superior Acrescentado (Maio, 2012)

¹⁵¹ Para melhorar a condução da luz natural para dentro do espaço de trabalho;

vertical, deixando de estar alinhados com o plano da cobertura. No piso inferior, foram adicionadas novas portas de folha deslizante que, em conjunto com o grande vão existente, ocupavam praticamente toda a extensão da fachada nascente. Nesta fachada, sobre o terraço, foram ainda substituídas todas as caixilharias, passando estas a assumir uma linguagem cromática díspar daquela que tinha sido prevista inicialmente¹⁵².

Analisando as mutações que ocorreram no espaço exterior, é importante salientar a adição de um alpendre, bastante expressivo, recorrendo a estrutura metálica, com o intuito de sombrear parte considerável do terraço. O pavimento, delimitado pela nova cobertura, foi elevado em relação ao nível do restante piso, através da introdução de uma plataforma em betão. Ainda no espaço exterior, foi suprimida a marmorite que revestia o paramento, passando este a ter um acabamento em reboco branco. Efectivamente, as alterações expressivas que foram implementadas na área exterior perturbaram, nitidamente, a leitura global e uniforme da fachada nascente do edifício.



Imagem 75 - Vista sobre o terraço (Maio, 2012)

Tendo em conta as transformações que foram apresentadas, inerentes à utilização do espaço ao longo do tempo, é perceptível o cenário de descaracterização que o *atelier* enfrentava antes do processo de reabilitação. As mudanças profundas que se fizeram sentir, principalmente a nível da adulteração da estrutura espacial do *atelier*, espelham o carácter invasivo e não informado das intervenções conduzidas pelos antigos utilizadores.

¹⁵² No projecto original, a cor prevista para a caixilharia dos *ateliers* seria cinza escuro para as molduras fixas à fachada e cinza claro para as folhas das portas e janelas. A substituição das caixilharias que foi efectuada antes da reabilitação, não respeitou de facto as intenções do projecto inicial, na medida em que foram introduzidas caixilharias de cor branca;

03.4.3 Estrutura Após Intervenção

Embora o estudo prévio do projecto de reabilitação se tenha iniciado em 2012, a sua execução em obra data o ano de 2013, sendo esta uma intervenção bastante recente. O projecto, como já tinha sido referido, é da autoria da arquitecta Teresa Nunes da Ponte, contando com a colaboração dos arquitectos Luís Rodrigues, Lígia Ferreira, Karolinne Alves, Pedro Galvão Lucas¹⁵³.

Após exposta a situação existente, pode afirmar-se que as causas principais que levaram o novo proprietário (Dr. Emílio Rui Vilar) a solicitar uma intervenção global e informada prendem-se essencialmente com o panorama de deterioração da fracção e com o facto de se pretender restituir as premissas originais do *atelier*. Com base nesta intenção, os critérios da presente intervenção fundamentaram-se na recuperação dos valores definidos no projecto de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral e, nos casos em que fosse necessário introduzir modificações, estas deveriam ser “executadas no respeito pelas regras estabelecidas inicialmente”¹⁵⁴. Para corresponder a estes objectivos, um dado era certo na estratégia de reabilitação que viria a ser realizada – seria imprescindível proceder “à demolição dos elementos espúrios”¹⁵⁵ que tinham sido acrescentados anteriormente.

Como complemento para a validação dos princípios da intervenção, a proposta foi avaliada, previamente, por entidades como os serviços técnicos da Unidade de Intervenção Territorial – Centro Histórico da Câmara Municipal de Lisboa¹⁵⁶ e a Direcção Geral do Património Cultural¹⁵⁷, assim como pelo arquitecto Bartolomeu Costa Cabral.

Uma vez que o programa, associado à nova proposta, correspondia à função para a qual o espaço tinha sido concebido – *atelier* de trabalho – procurou-se repor as mesmas áreas funcionais e adaptar a sua distribuição em planta segundo a lógica de organização

MOTIVOS DA INTERVENÇÃO

ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

¹⁵³ Sem informação complementar sobre os arquitectos enunciados;

¹⁵⁴ Teresa Nunes da Ponte – Memória descritiva do projecto de licenciamento, Setembro 2012;

¹⁵⁵ Idem, *Ibidem*;

¹⁵⁶ As Unidades de Intervenção Territorial (UIT) são organismos da CML, compostos por grupos de técnicos multidisciplinares, que visam diagnosticar e proceder à resolução dos problemas existentes a nível dos equipamentos e dos espaços públicos da cidade de Lisboa. Pretendendo aproximar os moradores e os serviços da Câmara, de uma forma mais activa, na gestão e intervenção dos espaços, estas equipas estão divididas em cinco áreas de actuação que correspondem a vários núcleos urbanos da cidade;

¹⁵⁷ A Direcção Geral do Património Cultural (DGPC) é a entidade responsável por garantir a gestão, salvaguarda, valorização, conservação e restauro do património cultural em Portugal Continental, que integra todo o património arquitectónico, arqueológico, móvel e imaterial do país;

espacial original. Assim, pretendendo restabelecer o carácter amplo do espaço, foram suprimidas a cozinha e a instalação sanitária que tinham sido construídas e a laje que, dividindo o *atelier* em dois pisos, eliminava toda a área com duplo pé direito.

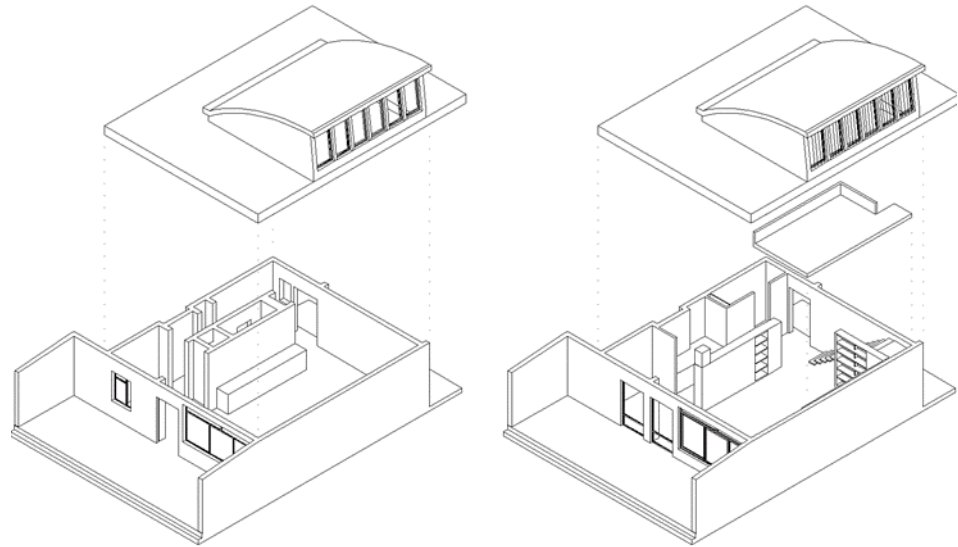


Imagem 76 – Axonometrias esquemáticas de comparação entre situação original e após intervenção

Considerando a solução original, o núcleo correspondente à casa de banho e à *kitchenette* foi transferido para junto do perímetro da fracção, trocando-se o seu posicionamento, paralelamente, em relação ao corredor de acesso. Devido a esta alteração, foi necessário deslocar igualmente a área de circulação e, com ela, o sistema de vistas que lhe estava associado. Como tinha sido referido anteriormente, o corredor original ficava

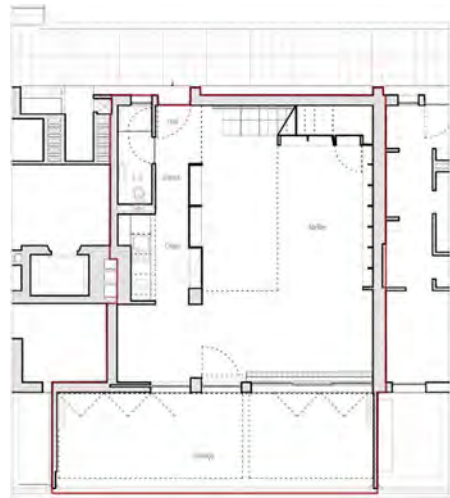


Imagem 77 - Planta Atelier (Agosto 2012), Projecto de Reabilitação

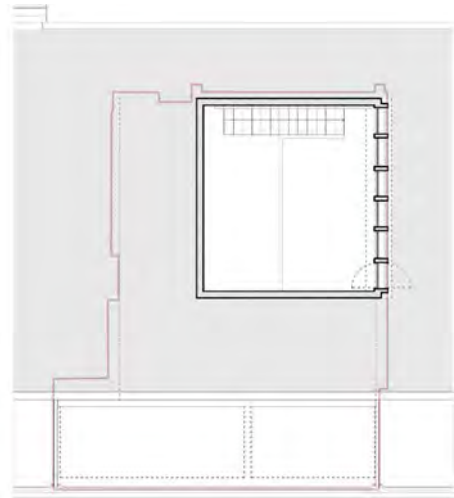


Imagem 78 - Planta Mezanino (Agosto 2012), Projecto de Reabilitação

definido pelo enfiamento de dois vãos – um sobre a galeria de acesso, a ponte, e outro sobre o terraço, a nascente. No novo projecto de reabilitação, embora o eixo de vistas tenha mantido a mesma direcção, a porta de entrada do *atelier* tornou-se matriz da nova axialidade, influenciando a deslocação do vão existente na fachada nascente para o seu

alinhamento, com conseqüente transformação em porta de acesso à varanda. A partir da definição de um novo sistema de circulação e vistas, foi também possível facultar iluminação natural à instalação sanitária projectada, que ficou garantida pela janela orientada sobre a galeria comum exterior, que se encontrava no alinhamento do antigo corredor.



Imagem 80 - Área de circulação projectada no enfiamento do vão sobre o terraço e a vista (2013)



Imagem 79 - Espaço amplo de trabalho (2013)



Imagem 81 - Elemento separador entre o espaço de trabalho e as áreas de serviço (2013)

Mesmo que o corpo inicial da instalação sanitária e da *kitchenette* tenha sido movido, a delimitação do espaço de trabalho foi prevista pela projecção de um armário de apoio, com 40 cm de profundidade, no alinhamento do pilar pré-existente, com o objectivo de constituir um elemento separador do espaço. A altura deste armário ficou estabelecida nos 2,10 m, “deixando uma fresta superior até ao tecto”¹⁵⁸, para que ficasse incutida uma maior comunicabilidade entre os espaços – para que se fizesse circular luz e som, numa versão reinterpretada do sentido de liberdade espacial que existiria na solução original.

A situação da área com duplo pé direito também merece ser alvo de análise. Sabe-se que a laje, construída pelos anteriores utilizadores, foi eliminada, pois destruída por completo a coerência espacial do *atelier*. Todavia, para corresponder a necessidades de arrumação e, conseqüentemente, dar apoio às actividades do novo *atelier*, foi projectado um mezanino, com uma área de 14,05 m². Mesmo existindo esta necessidade de se criar zona de arrumos, o mezanino foi desenhado com a mínima dimensão possível, de forma a

¹⁵⁸ Teresa Nunes da Pontes – Memória descritiva do projecto de licenciamento, Setembro 2012;

conservar a percepção do volume da cobertura curva e a circulação de luz natural, proveniente de norte, no piso inferior. O acesso ao mezanino ficou assegurado através de uma escada, subtilmente desenhada, acompanhando o perímetro poente do espaço de trabalho, na adjacência com a porta de entrada.

Existem ainda algumas opções tomadas que, mesmo não estando directamente associadas à organização espacial, devem ser interpretadas. No que toca à fenestração, foram repostos os vãos, orientados a norte, que tinham sido encerrados no volume superior,

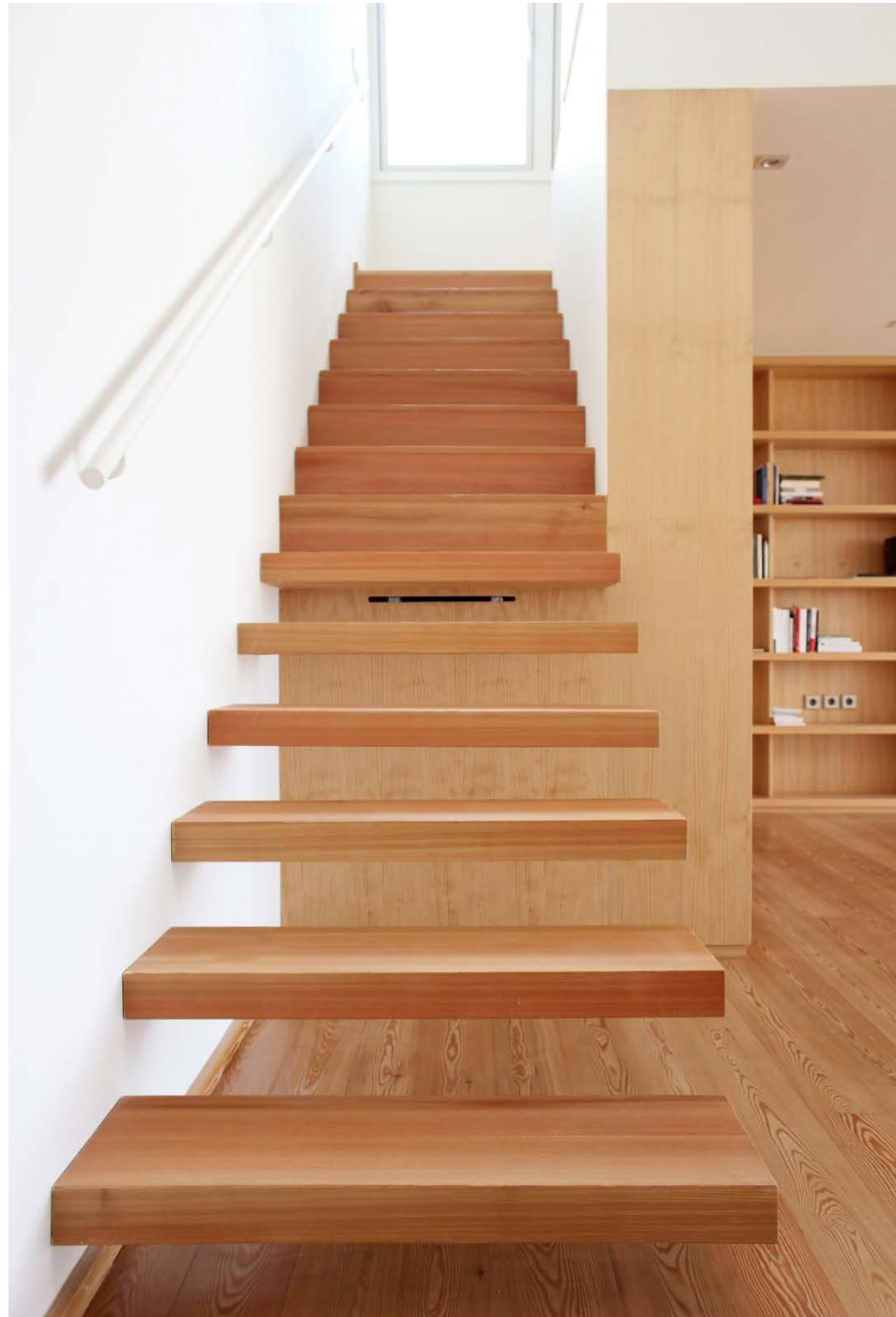


Imagem 82 - Escada, em degraus "soltos", que garante o acesso ao mezanino (2013)

restabelecendo a leitura do ritmo contínuo e a inclinação das aberturas na cobertura. Ainda neste campo, e atendendo que a fachada nascente se encontrava extremamente modificada, procurou-se alguma conformidade com o projecto inicial, conservando os vãos do espaço de trabalho e recuperando a linguagem da modulação das caixilharias. Exceptua-se neste ponto a alteração, que compreendeu a deslocação e transformação em porta, de uma das janelas desta fachada, para corresponder ao alinhamento do novo corredor.

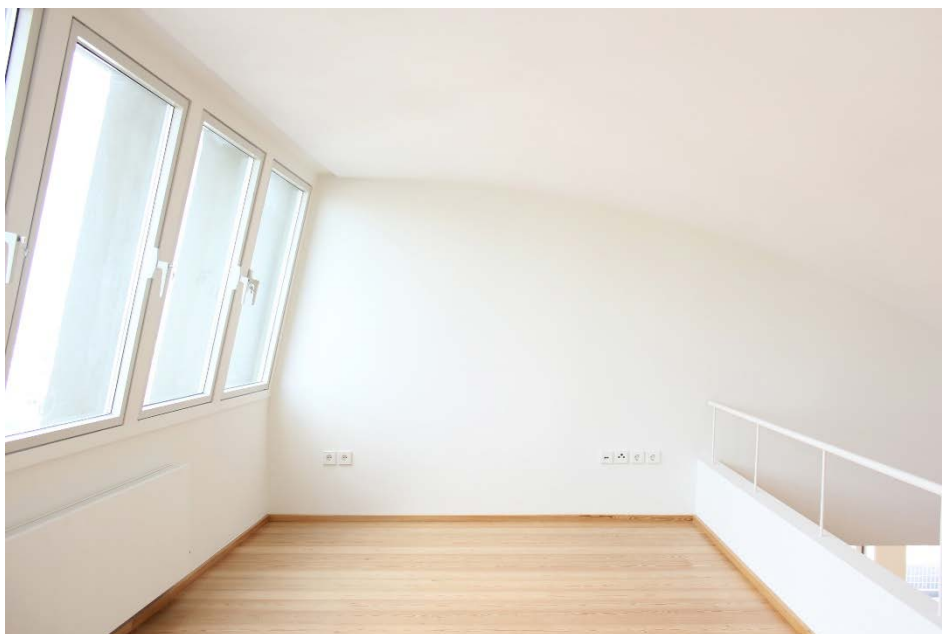


Imagem 83 - Vista sobre o Mezanino (2013)

Em termos de acessibilidades, o presente projecto não colocou em causa a lógica inicialmente prevista. O acesso ao *atelier* é mantido no mesmo local, não se conseguindo contornar o facto de existir um degrau com 16 cm a materializar a divisão entre a galeria exterior e a fracção. No espaço interior, como já se verificou, é retomada a estrutura de circulação, incluindo igualmente o nivelamento do pavimento. Neste sentido, no espaço de trabalho a deambulação pode ser realizada de forma livre, enquanto que para aceder às áreas da instalação sanitária e da *kitchenette* é necessário utilizar o corredor linear e rectilíneo que acompanha paralelamente o armário de separação.



Imagem 84 – Vãos existentes da fachada nascente

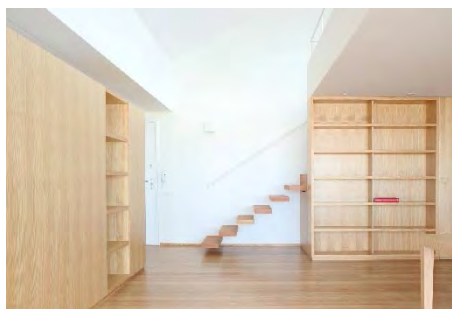


Imagem 85 – Espaço de Trabalho do Atelier

No espaço exterior, nivelou-se o pavimento correspondente a toda a extensão do terraço, algo que só foi possível através da destruição da plataforma de betão que tinha sido construída. O acesso à varanda, a partir do espaço de trabalho, passou a ser efectuado sem qualquer tipo de desnível a dificultar a circulação. Foi também suprimida a cobertura metálica expressiva que ocupava mais de metade da área do terraço. Como alternativa para sombrear a zona exterior, durante a manhã¹⁵⁹, foi prevista a implementação de um toldo de lona extensível, com a capacidade de ser removido, percorrendo toda a fachada nascente



Imagem 86 – Espaço exterior em Terraço (2013)

do *atelier*. Apesar de se adicionar um novo elemento à fachada, este foi pensado de forma a ter uma aparência depurada e um cariz reversível, não perturbando o traçado arquitectónico do edifício.

SISTEMAS CONSTRUTIVOS E MATERIAIS

Pretende-se agora uma análise mais detalhada sobre as infraestruturas de especialidade e os materiais construtivos utilizados na execução deste projecto de reabilitação e alterações. Primeiramente, é importante referir que, dos três casos de estudo abordados nesta dissertação, a presente intervenção é aquela que aplica uma maior diversidade de novos sistemas construtivos, isto porque, visto que a própria matriz espacial da fracção tinha sido muito adulterada, a estratégia de demolição dos elementos espúrios exigiria uma profunda renovação do espaço. Essa renovação foi realmente feita através de

¹⁵⁹ Visto tratar-se de uma área orientada a nascente, a maior incidência de luz directa dá-se durante o período da manhã;

uma reinterpretação actual das ideologias originais, contudo adaptou-se o *atelier* às novas exigências contemporâneas, dotando-o com sistemas mais eficientes dos pontos de vista acústico, energético e de segurança.

No campo das soluções construtivas existentes nos suportes verticais do projecto, estas variam fundamentalmente quer se tratem de paredes pré-existentes, quer sejam novos elementos de divisão adicionados à composição do espaço. Em relação às primeiras – as paredes originais que se mantiveram e que correspondem, no fundo, aos limites da fracção – foram mantidas exactamente com o mesmo suporte, em alvenaria de tijolo, contudo foi-lhes aplicado um revestimento isolante, do tipo “Isodur”¹⁶⁰, com acabamento liso pintado, a tinta de água, com tonalidade branca. Num caso em particular, diminui-se à espessura de um troço de parede pré-existente, no perímetro norte do *atelier*, para ser embutida uma estante de apoio. Nesse sentido, entre o paramento e o elemento de mobiliário, foi introduzido isolamento em lã de rocha, com o objectivo de melhorar as condições térmicas do espaço.

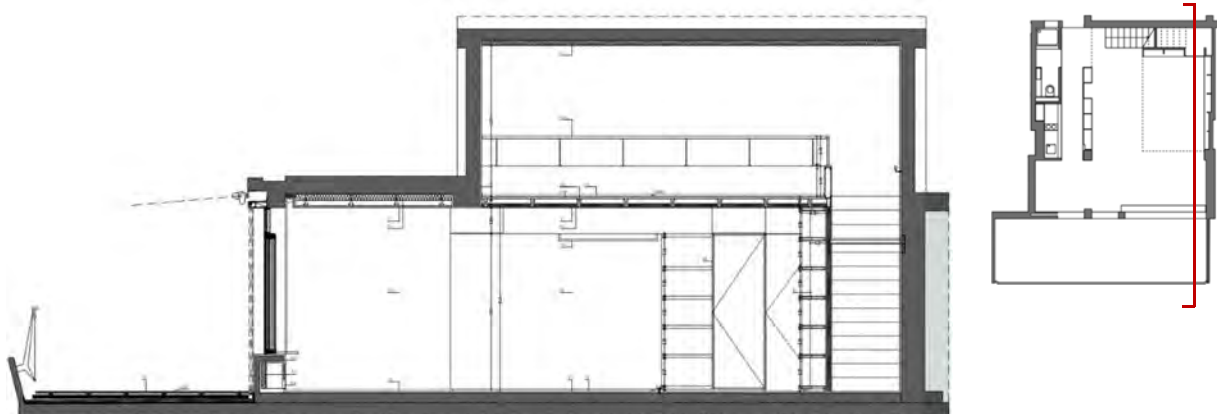


Imagem 87 - Corte Construtivo do Atelier

Para além das paredes já existentes, procurou-se evitar a construção excessiva de elementos verticais, de forma a projectar um espaço amplo de trabalho, à semelhança do projecto inicial. O único corpo construído, que inclui a instalação sanitária e a *kitchenette*, foi executado em sistema de paredes em gesso cartonado hidrófugo¹⁶¹, com estrutura própria em perfis metálicos de 45 por 45 mm e duas placas em cada face. Para corresponder a necessidades de conforto acústico, as paredes de gesso cartonado, foram isoladas, no interior, com placas de lã de rocha. A parede de divisão entre a casa de banho

¹⁶⁰ O sistema “Isodur” consiste num revestimento em argamassa técnica, introduzido em suportes construtivos, que garante o desempenho e a protecção térmica das paredes. É aplicado através de projecção mecânica. Para mais informação, consultar site da marca: <http://www.isodur.pt/>

¹⁶¹ Tipo de gesso cartonado que apresenta melhor resistência à humidade. É maioritariamente utilizado em áreas onde existe presença de água, como é o caso de instalações sanitárias e cozinhas;

e a *kitchenette* foi pensada exactamente com o mesmo tipo de sistema, com a particularidade de ter sido prevista uma caixa-de-ar, com 18 cm entre planos de gesso cartonado, para embutir um autoclismo com comando de descarga na face exterior da parede, incluído no sistema de sanita suspensa.

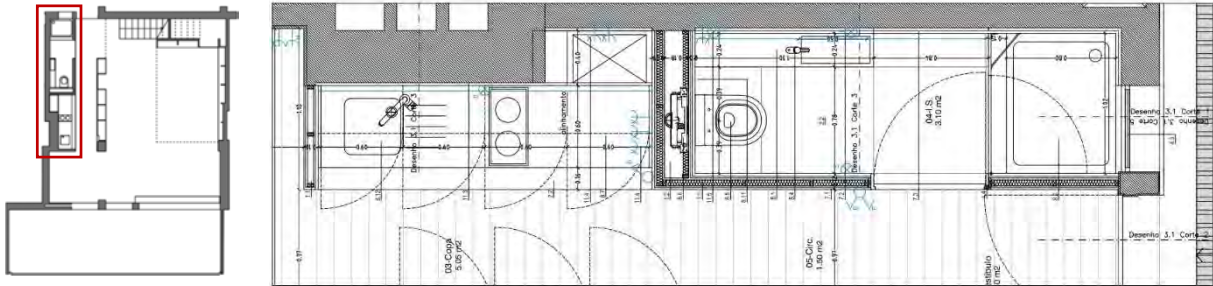


Imagem 88 - Planta Pormenor do volume da instalação sanitária e kitchenette

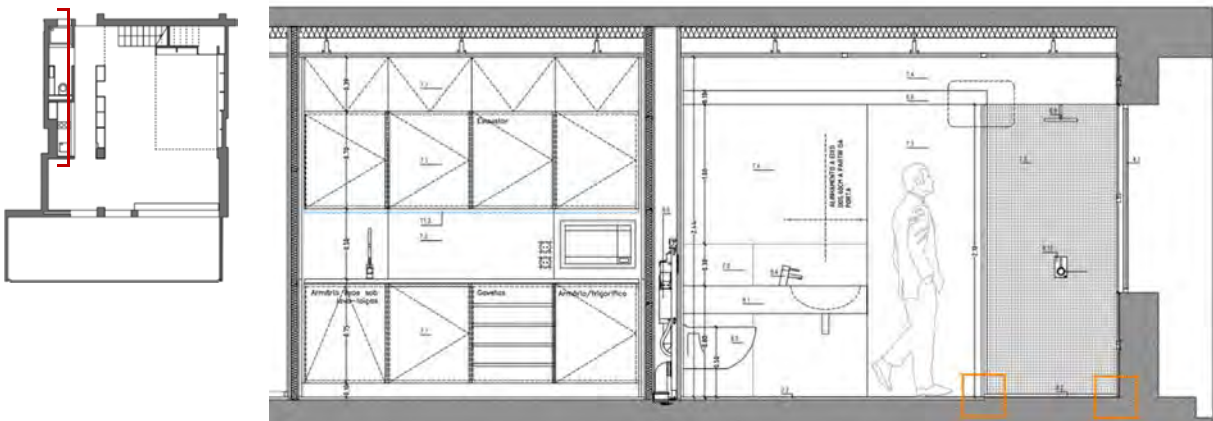


Imagem 89 - Corte Construtivo do volume da instalação sanitária e Kitchenette

A estrutura do piso em mezanino acabou por ser uma das grandes alterações face à espacialidade original. Esta foi desenhada a partir de uma laje mista, composta por perfis metálicos e barrotes de madeira, com pavimento em tábuas de soalho com 12 cm de largura. Os tectos foram nivelados pela altura existente (2,44 m), medida que serviu para a definição da altura do mezanino. A execução dos tectos do *atelier*, incluído a face inferior do novo piso, foi realizada em sistema de tecto falso suspenso com placas de gesso cartonado, revestidas a estuque liso pintado a cor branca. No interior dos tectos falsos, foi ainda incluído isolamento térmico em lã mineral. Exclui-se apenas deste tipo de sistema, o tecto da cobertura curva que, “no sentido de proporcionar simultaneamente um acrescido conforto acústico”¹⁶², foi revestido, pelo interior, com um sistema do tipo “BASWaphon”¹⁶³.

¹⁶² Teresa Nunes da Ponte – Memória descritiva do projecto de licenciamento, Setembro 2012;

¹⁶³ O sistema BASWaphon consiste na aplicação de painéis de lã mineral, de peso reduzido, sobre um suporte construtivo e posterior revestimento, em várias camadas, com massa mineral, com o objectivo de reduzir o tempo de reverberação dentro dos espaços. Como aspecto visual final, esta técnica é capaz de criar superfícies lisas sem qualquer tipo de juntas. Para mais informação, consultar site da marca: <http://baswaphon.com/>

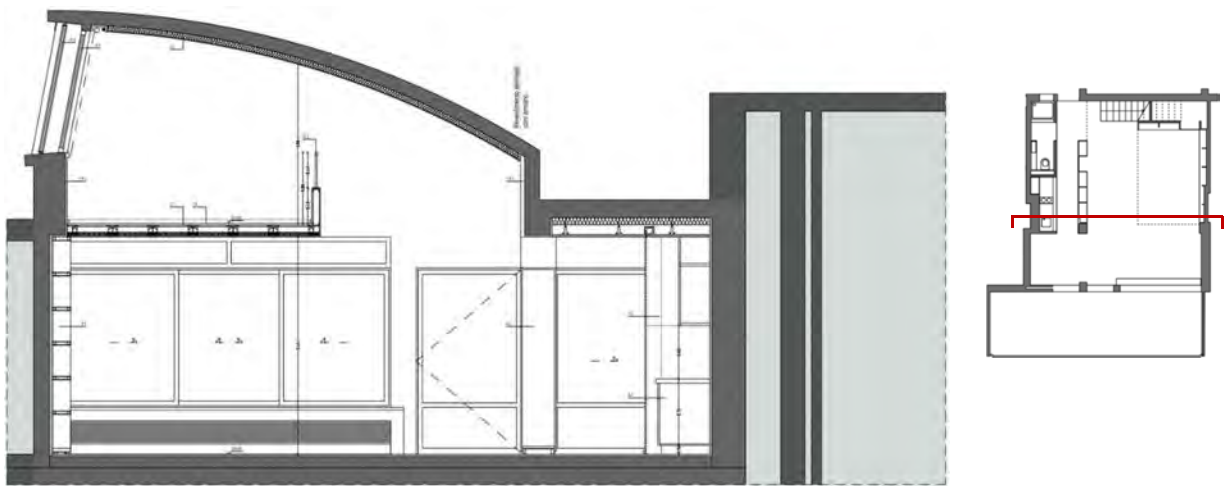
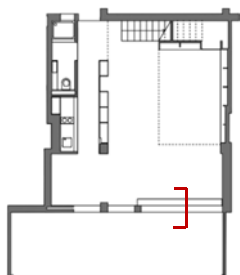


Imagem 90 - Corte Construtivo do Atelier

A nível dos vãos, preferiu-se alterar todas as caixilharias, na medida em que tinham sido profundamente alteradas ao longo do tempo. No espaço inferior, correspondente à própria área de trabalho, retomou-se a modelação das caixilharias: “na janela com definição da bandeira bipartida, alinhada pelas portas, (...) e nas portas o bite horizontal inferior, que alinha com a janela e a bancada interior.”¹⁶⁴ As portas de acesso à zona de terraço apresentam características semelhantes no que toca à modelação dos caixilhos, mas diferenciadas quanto ao seu sistema de abertura. Uma delas é definida por uma caixilharia de batente e a outra por uma caixilharia de correr que fica embutida na parede quando está aberta na totalidade. O vão que está orientado para a galeria comum de acesso e que permite a iluminação da instalação sanitária foi executado em caixilharia basculante. Já no volume superior da cobertura foram repostos os vãos que tinham sido encerrados e optou-se pela introdução de caixilharias de aro fixo.

De uma forma geral, o que importa salientar, na análise dos sistemas de caixilharia introduzidos, é que nenhum contemplou a utilização do material empregue no projecto do Bloco. Pela dificuldade em encontrar empresas que ainda fabriquem caixilharias em perfis de aço, e de forma a corresponder aos requisitos energéticos contemporâneos, utilizaram-se, em todos os vãos em contacto com o exterior, caixilharias de alumínio lacado, com acabamento mate, capazes de introduzir vidro duplo e, por consequência, proporcionar o corte térmico exigido. Apesar disso, destaca-se o esforço, por parte da equipa de projecto, em atribuir aos caixilhos uma aparência semelhante aos iniciais. Tendo sido desenvolvidas em parceria com uma fábrica nacional, as novas caixilharias não só restituíram a linguagem cromática original: cinza escuro nas partes fixas e cinza claro nas folhas das janelas e portas; como também assumiram dimensões não superiores em relação ao alçado dos

¹⁶⁴ Teresa Nunes da Ponte – Memória descritiva do projecto de licenciamento, Setembro 2012;



perfis de aço iniciais: 40 mm no caso da porta de batente e 22 mm nas janelas de correr e fixas. Desta forma, e segundo a própria memória descritiva do projecto de reabilitação, a implementação de caixilharia de alumínio não afectou “(...) a leitura geral do conjunto (...) porque o desenho da caixilharia é muito depurado e de linhas rectas, que se assemelham às inicialmente utilizadas.”¹⁶⁵

- 1 – Cobertura existente em Betão Armado;
- 2 – Isolamento térmico pelo interior em lã de rocha;
- 3 – Sistema em gancho de fixação do tecto falso;
- 4 – Tecto Falso em Gesso cartonado, afagado e pintado a tonalidade branca;
- 5 – Tela black-out extensível para sombreamento interior;
- 6 – Toldo de braços rebatível em lona;
- 7 – Caixilharia de alumínio com corte térmico lacado em tons cinza;
- 8 – Vidro duplo incolor;
- 9 – Pavimento em soalho de pinho nórdico em régua de 12cm de largura em sistema de encaixe macho-fêmea assentes em serraços de madeira sobre betonilha;
- 10 – Betonilha de regularização;
- 11 – Laje fungiforme em betão armado existente;
- 12 – Régua de madeira com acabamento a cor branca, recriando o sistema original de fecho de zona técnica de aquecimento, com a adição de uma régua inferior com altura suficiente para adição de tomadas eléctricas;
- 13 – Isolamento térmico pelo interior em lã de rocha;
- 14 – Marmorite lavada de seixo rolado idêntica a projecto original;
- 15 – Estrado de tábuas de madeira assentes lajetas de betão tipo “Soplacas” sobre novas camadas de regularização e impermeabilização

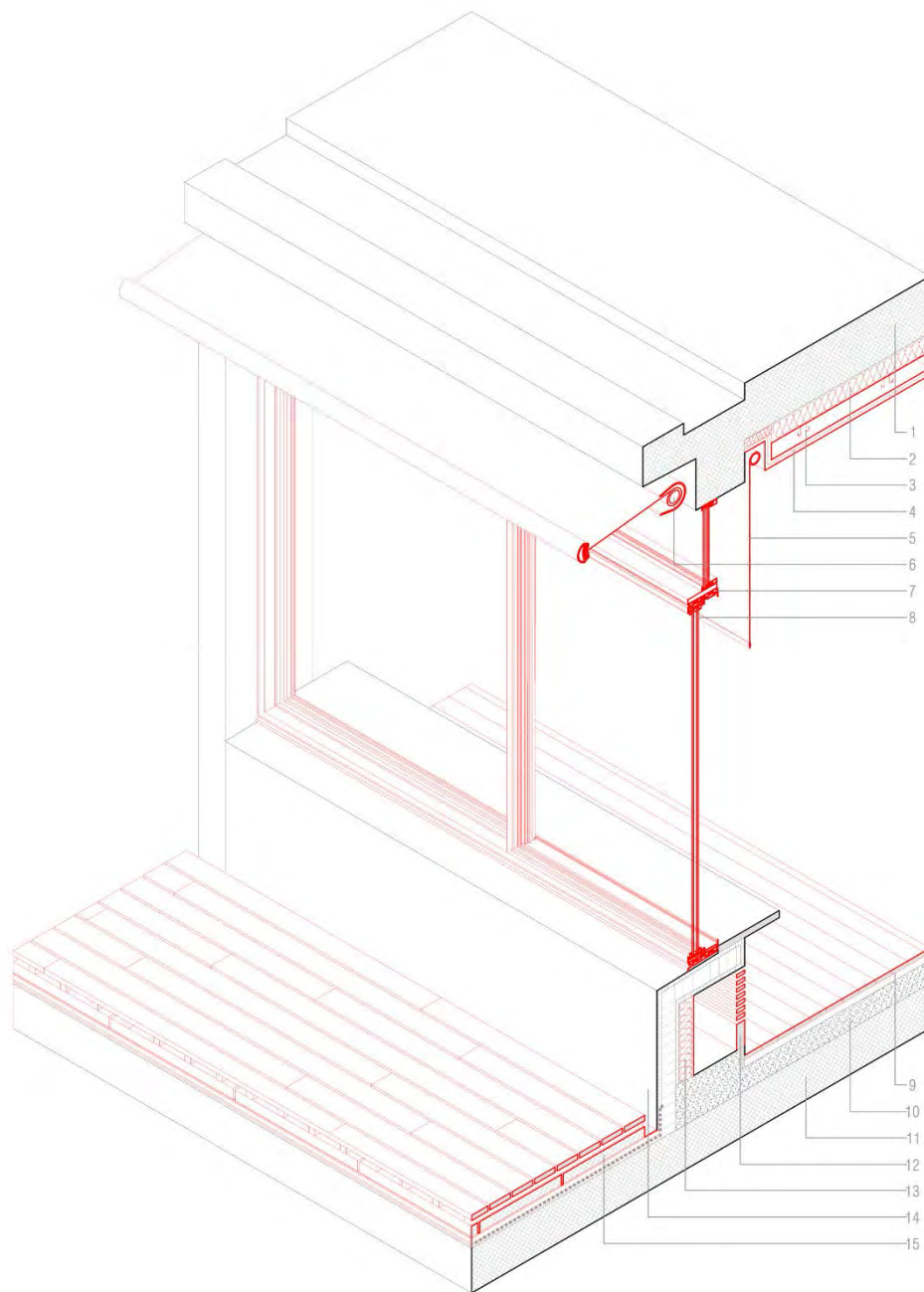


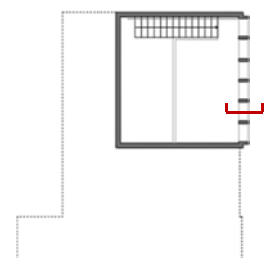
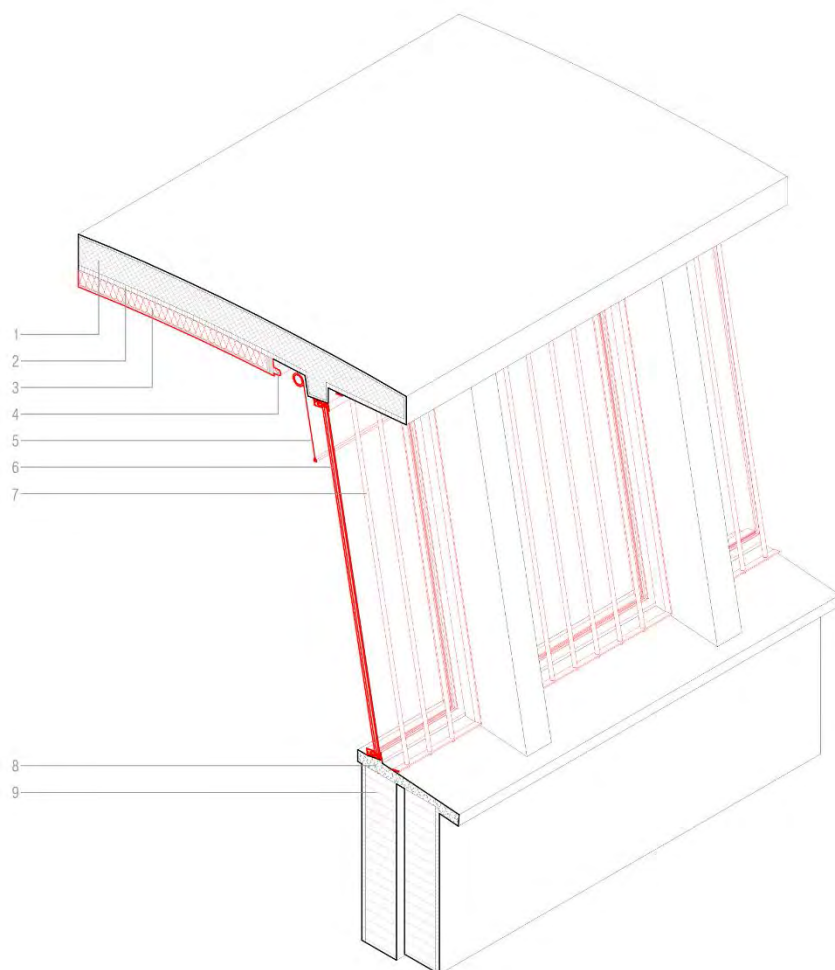
Imagem 91 – Pormenor construtivo em Axonometria com detalhes de intervenção, fachada nascente

¹⁶⁵ Teresa Nunes da Ponte – Memória descritiva do projecto de licenciamento, Setembro 2012;

A axonometria presente nesta página encontra-se nos anexos da presente dissertação com escala gráfica e maior detalhe - Anexo 2.3 – Fichas de intervenção – A intervenção da Arquitecta Teresa Nunes da Ponte;

Ainda no campo dos vãos, e para atender a questões de segurança, foram colocadas, nas janelas presentes na cobertura, grades de protecção, compostas por prumos redondos de aço simples, que remetem para as guardas existentes no terraço do *atelier*. Foram ainda projectadas, na fachada nascente, portadas contra intrusão em réguas de alumínio lacado cinza, num sistema de harmónio que recolhe lateralmente, com capacidade de ser amovível. A principal intensão não seria manter este elemento sempre activo, mas dispor dele apenas quando a fracção estivesse desocupada.¹⁶⁶

Relativamente aos materiais de revestimento, a grande maioria das paredes teve uma finalização a tinta de água com tonalidade branca, mas existiram algumas variações



- 1 – Cobertura existente em tijolo furado e armado;
- 2 – Revestimento de cobertura existente regularizado;
- 3 – Sistema acústico Baswafon, painel de lâ mineral com revestimento a massa mineral
- 4 – Iluminação pontual indirecta;
- 5 – Tela black-out extensível para sombreamento com guias laterais;
- 6 – Vão em vidro duplo incolor em caixilharia de alumínio lacado tipo Navarra com corte térmico;
- 7 – Prumo redondo das grades de protecção em aço galvanizado e pintado com 16mm de diâmetro e fixo através de chapa chumbada ao suporte;
- 8 – Peça de remate em betão moldado;
- 9 – Parede dupla em alvenaria de tijolo furado com caixa-de-ar existente;

Imagem 92 - Pormenor Construtivo em Axonometria dos vãos na cobertura com detalhes de intervenção

A axonometria presente nesta página encontra-se nos anexos da presente dissertação com escala gráfica e maior detalhe – Anexo 2.3 – Fichas de intervenção – A intervenção da Arquitecta Teresa Nunes da Ponte;

propostas, nomeadamente nos acabamentos presentes no núcleo da instalação sanitária e da *kitchenette* de apoio.

Na casa de banho, os revestimentos de paramentos que foram colocados dividem-se em três tipos – utilização de mosaico vitrificado branco de 20x20 mm, semelhante ao original, no perímetro que rodeia a base de duche, com alheta de 5 mm de largura e 5 mm de profundidade, e alinhado com a altura da porta; no espaço onde estão confinados o lavatório e a sanita, a parede foi revestida, até 1,10 m de altura, a pedra de mármore de Vila Viçosa, com acabamento amaciado; e revestimento a tinta impermeabilizante de cor branca na restante área. As paredes que definem o espaço da *kitchenette* foram totalmente revestidas com a mesma pedra mármore utilizada na instalação sanitária, criando uma moldura que enquadra o mobiliário.

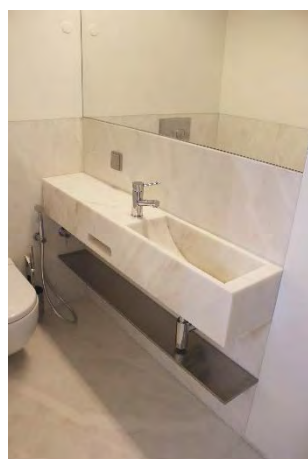


Imagem 93 - Revestimento da instalação a pedra de Vila Viçosa e Lavatório em bloco de mármore escavado

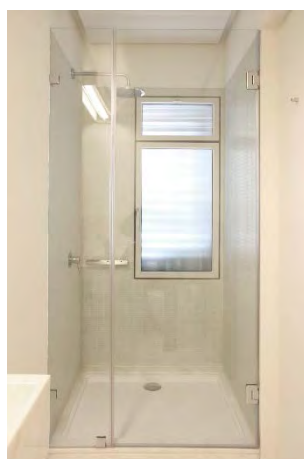


Imagem 94 - Base de duche Hidrobox Serie Studio e revestimento do paramento a mosaico vitrificado



Imagem 95 - Kitchenette de apoio com placa vitrocerâmica, lava loiças embutido em aço inox e base de bancada a mármore

Nos pavimentos, utilizou-se revestimento em soalho de pinho nórdico na área de trabalho, do tipo “pitch pine”, em conformidade com a solução original, com tábuas de 12 cm de largura. O encaixe do pavimento em soalho foi efectuado através do sistema macho-fêmea, sobre serraços de madeira fixos à betonilha imunizados contra possíveis ataques de agentes biológicos. Nos espaços vazios, entre os serraços, foi aplicado isolamento térmico. Na instalação sanitária e na área delimitada pela *kitchenette* optou-se pela colocação do mesmo tipo de pavimento em pedra mármore de Vila Viçosa.

No que diz respeito ao pavimento do terraço, destaca-se a aplicação de novos sistemas construtivos, com o propósito de assegurar a estanqueidade à água do piso exterior. Deste modo, sobre a laje pré-existente, implementou-se um novo sistema de impermeabilização, com primário em emulsão betuminosa, duas membranas de tela

asfáltica, isolamento térmico em poliestireno extrudado, do tipo ROOFMATE, com 20 mm de espessura, e manta geotêxtil de polipropileno, como camada separadora entre a solução e o revestimento. Por cima deste sistema, desenvolveu-se o novo pavimento em estrado de madeira lisa, com tratamento específico para espaços exteriores, assente em serraços sobre lajetas de betão simples com 4,5 cm de altura. Procedeu-se, ainda no espaço exterior, ao restauro da marmorite existente na fachada e à inserção de nova marmorite idêntica à original, nas zonas em que esta tinha sido suprimido.

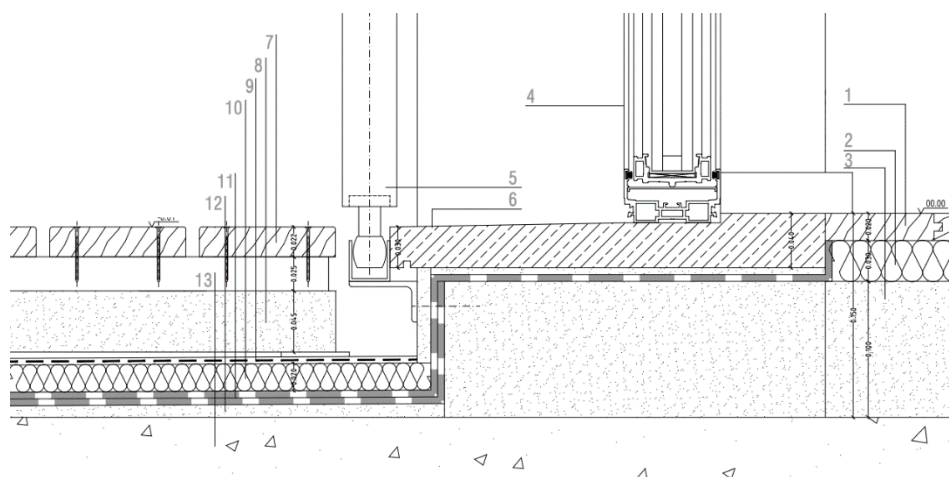
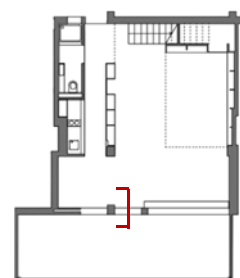


Imagem 96 - Pormenor Construtivo da impermeabilização do pavimento exterior



1 – Pavimento em tábua de soalho de pinho de riga encaixe macho-fêmea;

2 – Serraços fixos à betonilha em madeira com aplicação de isolamento térmico nos vazios;

3 – Betonilha regularizada;

4 – Vão em vidro duplo incolor, caixilharia de alumínio lacado, com corte térmico;

5 – Sistema de protecção em harmónio;

6 – Soleira idêntica à soleira da porta com o mesmo acabamento;

7 – Estrado de madeira lisa sobre serraços com acabamento protector especial para exteriores;

8 – Placas de betão tipo Soplacas com dimensões de 60x40x4,5cm;

9 – Manta geotêxtil de polipropileno;

10 – Isolamento térmico em poliestireno extrudado (Tipo ROOFMATE);

11 – Sistema de impermeabilização com duas membranas de betume polímero e primário em emulsão betuminosa;

12 – Betonilha de regularização e definição de pendente;

13 – Laje pré-existente;

Outros materiais e soluções utilizados na definição do mobiliário e de alguns acessórios de menor escala podem ser evidenciados. Tanto a estante, como o armário separador do espaço projectaram-se em MDF folheado a madeira de casquinha com tonalidade semelhante ao pinho de riga nórdico utilizado nos pavimentos. Em relação ao corrimão que acompanha a escada de acesso ao mezanino, e à guarda desta mesma área de arrumos, ambos foram executados em madeira maciça com estrutura pontual em aço escovado. No caso do corrimão a sua estrutura é fixa à parede, enquanto o apoio da guarda é estabelecido ao topo da parede com 40 cm de altura, que se desenvolve a partir da laje do mezanino. Os degraus da escada, que possuem uma estrutura metálica interior de 40 por 80 mm de secção, revestem-se a madeira maciça em todas as faces visíveis.

Para finalizar, e de forma a demonstrar, mais uma vez, a profundidade da intervenção conduzida neste *atelier*, pode-se referir que foram inclusive alteradas as redes de infraestruturas existentes. Este processo foi aplicado porque, a partir de prospecções identificou-se o mau estado de conservação de todo o tipo de infraestruturas. Portanto, dos sistemas pré-existentes, foram apenas mantidas “as ligações à rede de esgotos, a adução de água fria, e quente, fornecida pelo condomínio, e os equipamentos do sistema de

aquecimento central”¹⁶⁷, tendo sido completamente reconstruídas as redes internas de esgotos, de águas quentes e frias, de águas quentes para aquecimento central, bem como as redes de telecomunicações e de electricidade.

¹⁶⁷ Teresa Nunes da Ponte – Memória descritiva do projecto de licenciamento, Setembro 2012;

"Parece-nos que hoje a tarefa do historiador é justamente... a de extrair da enorme complexidade do passado os elementos susceptíveis de se converterem em pontos de partida para o futuro"

Giedion, 1928

REFLEXÃO CRÍTICA E ESBOÇOS PARA INTERVENÇÕES FUTURAS

O debate sobre a salvaguarda do Bloco das Águas Livres

Por ser comprovada a singularidade do Bloco das Águas Livres, como referência ímpar para o entendimento do contexto da construção moderna em Portugal, justifica-se claramente a sua salvaguarda e preservação, como formas de transmissão da sua memória para o futuro. Efectivamente, a forma tão peculiar como foi articulado o modo de habitar na cidade através de grande inovação programática, construtiva e formal, merece ser conservada, uma vez que constitui um testemunho com significativa relevância para a percepção das particularidades arquitectónicas intrínsecas à linguagem do património moderno existente em território português.

Paralelamente à necessidade de conservar a matriz inicial do bloco, existe ainda outro ponto que deve ser tomado em consideração – a noção que o edifício deve corresponder continuamente às novas exigências contemporâneas. Assim, tal como transmitido por Ana Tostões no seu recente artigo *Património moderno: conservação e reutilização como um recurso*, “um dos objectivos da recuperação poderá passar pelo encontro de um léxico específico, que considere, simultaneamente, o carácter único do edificado a conservar e as mutações ocorridas na vivência do espaço.”¹⁶⁸

A procura desta relação de compromisso, centrada na compatibilização das exigências actuais com a estrutura original do bloco, nem sempre se apresenta simples, principalmente por se tratar de um edifício de habitação colectiva onde, naturalmente, os diversos núcleos familiares se vão adaptando à massa edificada. Neste parâmetro, Ana Tostões acrescenta ainda que “as normativas vigentes (...) colocaram as acções de réus a par dos requisitos necessários à obra nova pondo em causa, muitas vezes, uma recuperação qualificada.”¹⁶⁹ Como resultado disso, foram implementadas, ao longo do tempo, intervenções pontuais no Bloco das Águas Livres que, pelo facto de terem sido pouco esclarecidas, resultaram em processos de transformação que conduziram a uma sucessiva descaracterização dos espaços intervencionados. Este dado, convictamente defendido pelo arquitecto Bartolomeu Costa Cabral que, na entrevista realizada durante o desenvolvimento desta dissertação¹⁷⁰, demonstrou acreditar que as intervenções têm sido, de uma forma geral, mal estabelecidas, pôde também ser observado através da

¹⁶⁸ Ana Tostões – Património moderno: conservação e reutilização como um recurso. In: Revista Património, nº1, Novembro 2013, p.46;

¹⁶⁹ Idem, *Ibidem*, p.46;

¹⁷⁰ Entrevista presente no Anexo 3.1 – Entrevista com o arquitecto Bartolomeu Costa Cabral;

interpretação das situações que antecederam a implementação das três reabilitações estudadas. Em ambos os casos, durante os processos de reconhecimento das áreas a reabilitar, assistia-se a uma considerável adulteração dos espaços, não apenas em termos da pormenorização material, mas também a nível da própria lógica de organização espacial, como se verificou no exemplo específico do *atelier*.

Portanto, perspectivando os objectos em análise, denota-se que os anteriores contextos de deterioração e mutação, bem como a inevitável adaptação da construção aos novos usos e requisitos de conforto contemporâneos, reflectem a necessidade de levantar novos desafios no que toca ao debate que se gera em torno da preservação e conservação do Bloco das Águas Livres. Tendo noção que a valorização do património é também intensificado pela profundidade de conhecimento que se possui sobre ele, o contributo da presente dissertação está então centrado na documentação das três intervenções abordadas com base nas estratégias e tecnologias construtivas aplicadas, em função da estrutura original do edifício, para responder a padrões de conforto. Traçam-se, assim, pistas tanto para hipotéticas intervenções que venham a ser realizadas no Bloco, como para possíveis quadros legais de salvaguarda.

Uma visão comparativa entre as intervenções analisadas

A partir da interpretação dos três processos de reabilitação conduzidos no Bloco é notório que ambos respeitaram a função para a qual cada espaço fora inicialmente previsto, muito embora a adaptação face às novas necessidades de utilização tenha sido realizada com diferentes tipos de aproximação. De facto, no que toca aos princípios orientadores que contribuíram para a definição de cada um dos projectos existem diferenças.

Se, por um lado, é de notar a presença de uma reabilitação que adoptou princípios mais miméticos de preservação e restituição tanto da espacialidade como dos materiais iniciais, conduzida pelo arquitecto Rui Órfão, por outro, as restantes intervenções, dos arquitectos João Pedro Falcão de Campos e Teresa Nunes da Ponte, realizaram propostas de requalificação em conformidade com uma reinterpretação mais actual das vivências definidas originalmente. Apesar disso é importante ter em conta que a diferenciação desses critérios de actuação acabou por ficar profundamente relacionada com o estado anterior das fracções, proporcionado pelas antigas apropriações, sendo exactamente nos dois últimos espaços enunciados onde se observavam as situações de maior descaracterização. No fundo, o facto destas duas áreas em estudo não chegarem ao período contemporâneo com a sua essência original, demonstrou-se um motivo preponderante para a reestruturação dos

espaços, numa noção de evolução natural da construção para continuar ao serviço das vivências dos utilizadores. Contudo, nem mesmo nestes casos se colocaram de parte os fundamentos primordiais traçados pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral. Isto porque, mesmo que a linguagem formal das reabilitações espelhe a contemporaneidade, foram preservados os princípios orientadores originais e “chamados” a participar nesta dialéctica entre o passado e o modo de habitar actual – atribuiu-se assim especial relevo às questões de iluminação, ao diálogo extremamente importante entre o espaço construído e as qualidades paisagísticas do local, materializado constantemente pela relação entre as fachadas nascente e poente, à funcionalidade assente na estruturação da compartimentação.

Em todos os casos, existe um parâmetro fundamental que deve ser analisado e que se centra na forma como o domínio da massa construída pôde influenciar os processos de adaptação aos novos usos. Salienta-se que, de uma forma geral, as três intervenções conduzidas manifestam que a estrutura do Bloco é facilmente adaptável às novas necessidades, devido fundamentalmente à grande qualidade construtiva e estrutural que o edifício apresenta. Do ponto de vista estrutural, o facto de se ter implementado um sistema de lajes fungiformes, assentes em pilares, que evitou a necessidade de existência de vigas, contribui substancialmente para a flexibilidade na utilização do espaço. A nível da qualidade das soluções construtivas aplicadas, pode dizer-se que a estrutura do Bloco das Águas Livres se mantém em bom estado de conservação e, por consequência, as intervenções de reabilitação preconizadas centram-se apenas na reestruturação da disposição interior das fracções e na maximização do conforto nos vários espaços através da melhoria dos materiais de acabamento.

Património Moderno e Exigências Energéticas

É interessante perceber como o projecto do Bloco das Águas Livres introduziu um conjunto de dispositivos construtivos que reflectem a preocupação dos arquitectos em incutir um maior nível de conforto à vivência dos espaços e melhorar o desempenho do edifício – especificidades essas que não eram muito comuns na construção corrente de habitação em Portugal. São exemplos disso, os dispositivos adoptados para garantir maior conforto térmico, como a construção de paredes em alvenaria de tijolo mais espessas ou duplas nos limites entre fogos e os pisos em soalho assentes em estruturas de barrotes de madeira com caixa-de-ar. O carácter experimental desta obra, em inserir novos sistemas construtivos, está enquadrado na linha de pensamento que nos é transmitido por Carl Stein,

indicando que as construções do Movimento Moderno, inseridas num panorama de grande desenvolvimento tecnológico, criaram bases na definição de ferramentas “necessárias para um ambiente construído sustentável”¹⁷¹ e para equacionar problemas relacionados com a qualidade de vida.

Todavia, as exigências de conforto foram, naturalmente, evoluindo e, através da interpretação das três intervenções seleccionadas como objecto de estudo, é possível destacar um padrão quanto à adaptação da construção face aos requisitos de conforto contemporâneos. Verificou-se que as caixilharias do edifício foram o ponto mais debatido em termos do questionamento da sua eficiência energética.

Excepto na reabilitação conduzida pelo arquitecto Rui Órfão, em que o sistema de caixilharias original de vidro simples prevaleceu em detrimento das técnicas actuais, os caixilhos nos restantes espaços intervencionados foram substituídos por caixilharias de vidro duplo. De resto, apenas no *atelier* reabilitado pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte foram introduzidos outros dispositivos de isolamento térmico, sendo importante referenciar que é o único dos três casos de estudo que lida com uma terceira envolvente – ou seja, não se relaciona com o exterior apenas através das fachadas nascente e poente, mas também através da cobertura.

Para todos os efeitos, penso que a presente dissertação contribui igualmente para a identificação das tecnologias utilizadas para responder a indicadores de conforto e restrições energéticas contemporâneas que “são elementos que estão na ordem do dia e devem ser integrados de forma plena e bem resolvida, sendo mais um desafio do próprio projecto” de reabilitação e conservação.¹⁷²

“The convergence of heritage, economic constraints and energy issues calls for a global strategy, for specially designed, forward-looking preventive conservation tools to enable consistent legal frameworks to be developed.”¹⁷³

¹⁷¹ Carl Stein – Greening Modernism. In: DOCOMOMO International Journal 44 – 2011/1 Modern and Sustainable, 2011, p.14 – “It is here that Modernism, the movement born in the period of intense scientific and technological development, has particular relevance, especially as it relates to issues of quality of life.” “Modernism, with its complexities, (...) provide the underpinnings for a holistic approach to planning and design processes necessary for a sustainable built environment.”;

¹⁷² João Pedro Falcão de Campos – Entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.3;

¹⁷³ Franz Graf and Giulia Marino – Modern and Green: Heritage, Energy, Economy. in: Docomomo Journal, nº 44, Janeiro 2011, p. 38;

Esboços para o futuro

Tendo em consideração que o Bloco das Águas Livres é um importante exemplo da arquitectura moderna portuguesa, o seu futuro deve ser acautelado. Embora se tenham apresentado estas três intervenções específicas, que foram esclarecidas e informadas através do contacto com arquitectos, ainda existe um trabalho a ser desenvolvido na salvaguarda deste património. Isto porque, tal como Ana Tostões refere, apesar do “valor do património moderno ser inquestionável (...) a sua classificação não garante a preservação”¹⁷⁴. No caso concreto do bloco, mesmo sendo classificado como Monumento de Interesse Público, desde 2012, é difícil evitar a apropriação dos espaços pelos diferentes proprietários e torna-se imprescindível prever e proceder a uma contínua manutenção das várias áreas comuns para que possam ser preservadas ao longo do tempo.

É crucial o processo de sensibilização dos intervenientes para o valor histórico e arquitectónico deste edifício, essencialmente para que as sucessivas intervenções possam ser bem ponderadas e que não conduzam à descaracterização progressiva dos espaços do bloco. Muito para além da definição de normas de actuação que podem ser demasiado restritivas, é necessário ter bom senso e entender que cada caso de reabilitação tem uma circunstância específica (tal como observado nas três intervenções estudadas) e deve ser interiorizada profundamente, de forma a encontrar a justa via de actuação. Espera-se que a documentação reunida no âmbito desta dissertação, sobre os três casos de estudo, possa contribuir significativamente como linha de orientação para futuras intervenções.

O sentido de responsabilidade, no que toca à conservação do Bloco das Águas Livres é grande, porque viver neste edifício é “de uma certa forma, a descoberta de uma nova forma de ser cidadão.”¹⁷⁵

¹⁷⁴ Ana Tostões – Património moderno: conservação e reutilização como um recurso – op. cit., p.46;

¹⁷⁵ Rui Órfão – Entrevista realizada no âmbito desta dissertação – Anexo 3.2;

05 BIBLIOGRAFIA

Processo de Obra no AML

Bloco das Águas Livres – número de obra: 17623

Memória Descritiva do Bloco

PEREIRA, Nuno Teotónio – Memória Descritiva e Justificativa do projecto do Bloco das Águas Livre, nº de obra:17623, processo 36094, Lisboa 30 de Agosto de 1953

Legislação

Portaria nº370/2012, Diário da República, 2ª série – N.º 156 – 13 de Agosto de 2012

MONOGRAFIAS; PUBLICAÇÕES

AAVV – *Intervenção de Artistas Plásticos na Obra de Nuno Teotónio Pereira*. Beja: Museu Jorge Vieira/Casa das Artes, 2004

ALMEIDA, Pedro Vieira; FERNANDES, José Manuel – *A Arquitectura Moderna* In: História da Arte em Portugal, vol. 14. Lisboa: Publicações Alfa, 1986

FRANÇA, José Augusto – *O Modernismo na Arte Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Cultura e da Ciência, 1979;

FRANÇA, José Augusto – *A Arte em Portugal no Século XX*. Lisboa: Bertrand editora, 1984, pp.445-457

GRAF, Franz (coord.) – *Honegger frères: architectes et constructeurs 1930-1969: de la production au patrimoine*. Gollion: Infolio, 2010.

GRAF, Franz; MARINO, Giulia – *La cité du Lignon 1963-1971: Étude architecturale et stratégies d'intervention*. Gollion: Infolio, 2012

HEUVEL, Dirk van den (edit.) – *The Challenge of Change: dealing with the legacy of the modern movement: proceedings of the 10th International DOCOMOMO Conference*. Amsterdam: IOS Press, 2008, p. 225-231

HENKET, Hubert-Jan; HEYNEN, Hilde – *Back from Utopia, the Challenge of the Modern Movement*. Rotterdam: 010 Publishers, 2002

LE CORBUSIER – *La Charte d'Athènes*. Paris: Éditions de Minuit, 1957 (1940)

MELO, Maria; TOUSSAINT, Michel (coord.) – *Bloco das Águas Livres – a perfect building*. Lisboa: A+A Books, 2014

PRUDON, Theodore H. M. – *Preservation of modern architecture*. Hoboken, N.J: Wiley, 2008

SBRIGLIO, Jacques – *Le Corbusier: L'unité d'Habitation de Marseille*. Paris: Parenthèses, 1992;

TOSTÕES, Ana – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP Publicações, 1997

TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried; BECKER, Annette (coord.) – *Arquitectura do século XX: Portugal*. Munchen: Prestel, 1998

TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004

TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004

TOSTÕES, Ana (coord.) – *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008

SECÇÕES DE LIVROS; ARTIGOS CIENTÍFICOS E PERIÓDICOS

AALTO, Alvar – *A humanização da arquitectura (1940)* In: AAVV – *Teoria e Crítica de Arquitectura Século XX*. Lisboa: Caleidoscópio, 2010, pp. 303-305

AAVV – *Bloco nas Águas Livres* In: *Arquitectura*, nº65, Junho de 1959, pp.3-22

BANDEIRINHA, José António – *Nuno Teotónio Pereira, Rua da Alegria. O Arquitecto, o Atelier e a questão da habitação*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, pp. 63-79

CALADO, Maria – *As Artes Plásticas no Bloco das Águas Livres ou a Poética da Modernidade*. In: MELO, Maria; TOUSSAINT, Michel (coord.) – *Bloco das Águas Livres, a perfect building*. Lisboa: A+A books, 2014, pp. 47-62

CANZIANI, Andrea – *Being and Becoming of Modern Heritage, The Challenge of Planned Conservation*. In: *The Challenge of Change: dealing with the legacy of the modern movement: proceedings of the 10th International DOCOMOMO Conference*. Amsterdam: IOS Press, 2008, p.5-9

CASCIATO, Maristella – *Modern Architecture is Durable: Using Change to Preserve*. In: *The Challenge of Change: dealing with the legacy of the modern movement: proceedings of the 10th International DOCOMOMO Conference*. Amsterdam: IOS Press, 2008, p. 225-231

COSTA, Lúcio – *O Arquitecto e a Sociedade Contemporânea*. In: *Arquitectura*, nº47. Lisboa: ICAT, 1953, pp. 7-21

GRAF, Franz; MARINO, Giulia – *Modern and Green: Heritage, Energy, Economy*. In: *DOCOMOMO International Journal 44 – 2011/1 Modern and Sustainable*, 2011, pp. 32-39

GOMES, Ruy José – *Apreciação crítica de edifícios, O Bloco das Águas Livres*. In: *Arquitectura*, nº 65 Junho de 1959, pp. 23-30

LE CORBUSIER; JEANNERET, Pierre – *Les cinq points d'une architecture nouvelle*. In: CONRADS, Ulrich – *Programmes et manifestes de l'architecture du XXe siècle*. Paris: Les éditions de la Villette, 1991

HENKET, Hubert-Jan – *The Icon and the ordinary*. In: *DOCOMOMO Newsletter 8*, Janeiro 1993, pp. 36-38

LIMA, Viana de – *O Problema Português da Habitação*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 215-222

MOTA, Nelson – *Modernist Housing for Contemporary Families, The arrival of the Athens Charter in Lisbon*. In: *The Challenge of Change: dealing with the legacy of the modern movement: proceedings of the 10th International DOCOMOMO Conference*. Amsterdam: IOS Press, 2008, p. 225-231

PEREIRA, Nuno Teotónio – *Habitação, finalmente uma política*. In: *Arquitectura*, nº 108, 4ª Série, Março-Abril de 1969, p.43

PEREIRA, Nuno Teotónio – *Habitação para o maior Número*. In: *Arquitectura*, nº110, Julho-Agosto de 1969;

PEREIRA, Nuno Teotónio – *Arquitectura dos anos 50 em Lisboa*. In: *Arquitectura*, nº148, 4ª Série, Janeiro-Fevereiro de 1983, pp. 58-61

PEREIRA, Nuno Teotónio – *Restauro e Reabilitação: o que temos feito, o que fazemos, e o que nos falta fazer*. In: *Pedra e Cal: revista de conservação do património arquitectónico e da reabilitação do edificado*, Ano 5, nº 20, Outubro-Dezembro de 2003, p. 52

PEREIRA, Nuno Teotónio – *O século do moderno: inventar para conhecer, conhecer para preservar*. In: *Pedra e Cal: revista de conservação do património arquitectónico e da reabilitação do edificado*, Ano 7, nº24, Outubro-Dezembro de 2004, p. 53

PEREIRA, Nuno Teotónio – *Um testemunho pessoal*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, pp. 43-49

PEREIRA, Nuno Teotónio; MARTINS, M. Costa – *Habitação Económica e Reajustamento Social*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 243-249

PORTAS, Nuno – *Atelier Nuno Teotónio Pereira. Um testemunho, também pessoal. Anos de 1957 a 1974*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, pp. 51-57

PORTAS, Nuno – *A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: Uma interpretação*. In: PORTAS, Nuno – *A arquitectura para hoje*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, pp. 149-205

PRUDON, Theodore – *The Modern Movement and Sustainability: Yesterday, Today and in the Future*. In: *DOCOMOMO International Journal* 44 – 2011/1 Modern and Sustainable, 2011, pp. 4-7

RIBEIRO, Ana Isabel – *Nuno Teotónio Pereira ou a ética do sensível*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, pp. 101-115

SARDO, Delfim – *Cidadania*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, pp.7-8

SARDO, Delfim – *Lavar os olhos*. In: MELO, Maria; TOUSSAINT, Michel (coord.) – Bloco das Águas Livres, a perfect building. Lisboa: A+A books, 2014, pp. 71-77

STEIN, Carl – *Greening Modernism*. In: DOCOMOMO International Journal 44 – 2011/1 Modern and Sustainable, 2011, pp. 8-15

TÁVORA, Fernando – *O Problema da Casa Portuguesa*. In: AAVV – Teoria e Crítica de Arquitectura Século XX. Lisboa: Caleidoscópio, 2010, pp. 327-328

TOMLOW, Jos – *Building Physics and its Performance in Modern Movement Architecture. Preservation as Sustainable Building Policy*. In: DOCOMOMO International Journal 44 – 2011/1 Modern and Sustainable, 2011, pp. 24-31

TORRENT, Horacio – *Issue of Temporality – Paradoxes and Challenges of Modern Heritage*. In: The Challenge of Change: dealing with the legacy of the modern movement: proceedings of the 10th International DOCOMOMO Conference. Amsterdam: IOS Press, 2008, p.3

TOSTÕES, Ana – *Modernização e Regionalismo, 1948-1961*. In: TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried; BECKER, Annette (coord.) – *Arquitectura do século XX: Portugal*. Munchen: Prestel, 1998, pp. 40-51

TOSTÕES, Ana – *Portugal: Arquitectura do Século XX*. In: Jornal Arquitectos, nº185, Agosto de 1998, pp. 12-21

TOSTÕES, Ana – *A Construção Moderna: as Grandes Mudanças do Século XX*. In: HEITOR, Manuel; BRITO, J. M. Brandão de; ROLLO, Maria Fernanda – Momentos de Inovação e Engenharia em Portugal no Século XX, vol. 2. Lisboa: D. Quixote, 2004, pp.131-153

TOSTÕES, Ana – *Obra aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, pp. 21-41

TOSTÕES, Ana – *Edifício de Habitação, Comércio e Serviços, Bloco das Águas Livres*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – *Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004, pp. 148-157

TOSTÕES, Ana – *O Congresso e “os verdes anos” 50*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão

Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 11-21

TOSTÕES, Ana – *Modern and Sustainable*. In: DOCOMOMO International Journal 44 – 2011/1 Modern and Sustainable, 2011, pp. 2-3

TOSTÕES, Ana – *Património Moderno: conservação e reutilização como um recurso*. In: Revista Património, nº1, Novembro 2013, pp. 44-53

TOUSSAINT, Michel – *Interpretando o Bloco Moderno*. In: MELO, Maria; TOUSSAINT, Michel (coord.) – Bloco das Águas Livres, a perfect building. Lisboa: A+A books, 2014, pp. 9-32

VELOSO, António Guilherme Matos – *Habitação Rural e Urbanismo*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 189-196

VITAL, António Lobão – *A Casa, o Homem e a Arquitectura*. In: TOSTÕES, Ana (coord.) – 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 197-214

DISSERTAÇÕES

CARDOSO, Matilde – *Património Moderno: do Conceito à Intervenção*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2007.

FONSECA, João Pedro – *Forma e Estrutura no Bloco de Habitação, Património Moderno em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005.

RODRIGUES, Inês Lima – *Quando a Habitação Colectiva era Moderna, desde Portugal a outros territórios de expressão portuguesa, 1940-1974*. Trabalho desenvolvido no âmbito da Tese de Doutoramento. Departamento de Projectos Arquitectónicos. Barcelona: ESTAB, UPC, Janeiro 2009. In: http://ineslima.com/pdf/Habitacao_Moderna_Portuguesa_1.pdf

TOSTÕES, Ana – *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Engenharia do Território. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2002

DOCUMENTOS DISPONÍVEIS NA INTERNET

FONSECA, João Pedro; TOSTÕES, Ana – *Integração das artes e a força do moderno brasileiro*. In: <http://www.docomomo.org.br/seminario%20%20pdfs/114.pdf>

SILVA, Maria Teresa Madeira da – *As artes plásticas na configuração da arquitectura. Três edifícios modernistas lisboetas*. In: <http://www.docomomo.org.br/seminario%20%20pdfs/056.pdf>

TOSTÕES, Ana – *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*. In: http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf

PÁGINAS NA INTERNET

Bloco das Águas Livres - DGPC
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/328059/>

Catálogo da Biblioteca da Ordem dos Arquitectos Secção Regional Sul
<http://catalogo.biblioteca.oasrs.org/>

Catálogo da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian
<http://www.bibartepac.gulbenkian.pt/>

Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal
<http://www.bnportugal.pt/>

Direcção Geral do Património Cultura (DGPC)
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

DOCOMOMO International
<http://www.docomomo.com/>

Google Maps
<http://maps.google.pt>

João Pedro Falcão de Campos Arquitecto
<http://falcaodecampos.pt/>

Motor de busca Google
www.google.pt

Teresa Nunes da Ponte arquitectura
<http://www.tnp.pt/website/>

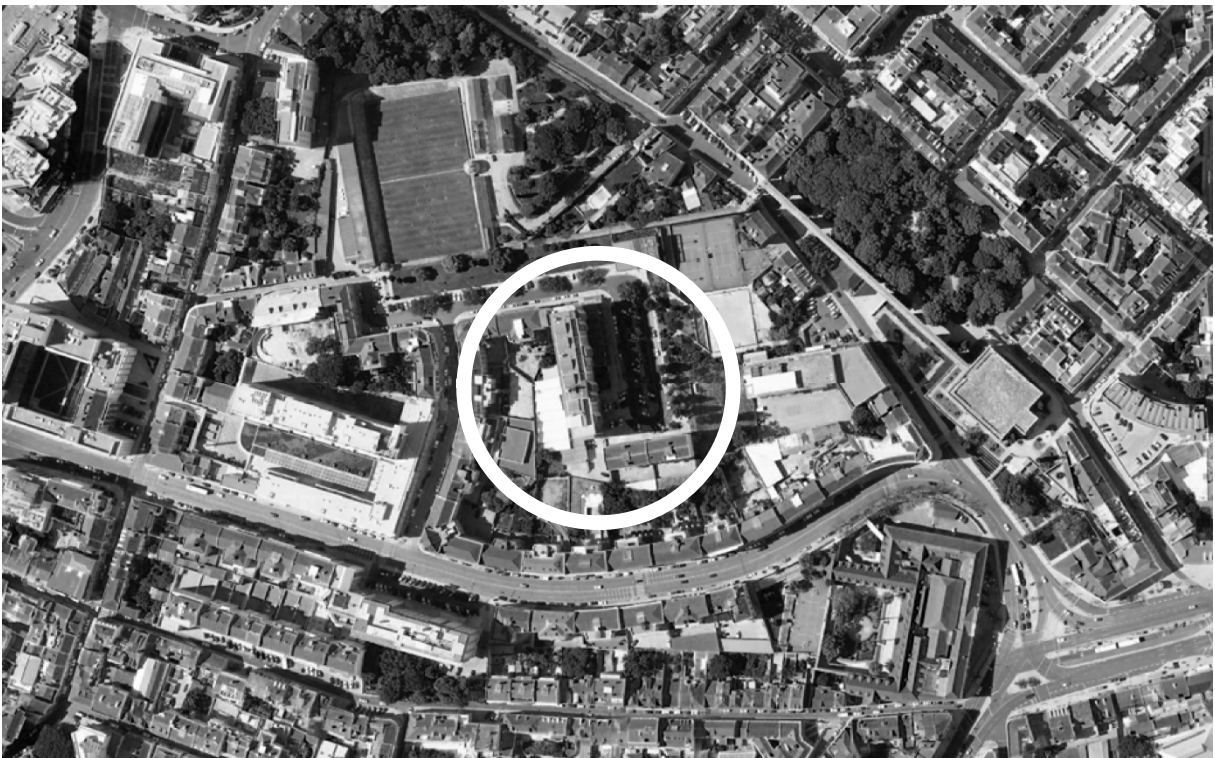
Wikipedia, the free encyclopedia
www.wikipedia.com

06 ANEXOS

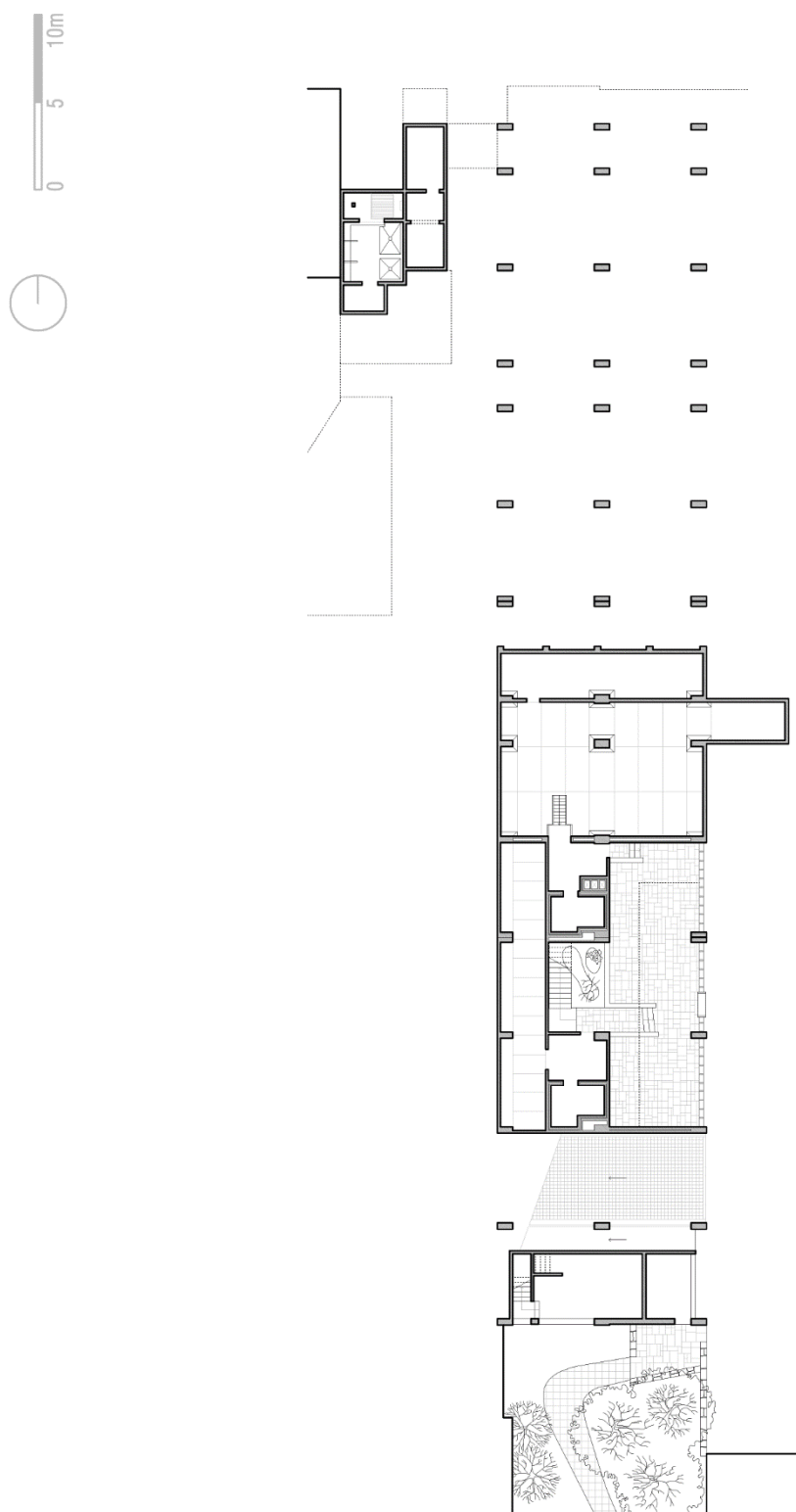
ANEXO 1 - O BLOCO HABITACIONAL DAS ÁGUAS LIVRES



1 – Ortofotomapa de localização do Bloco das Águas Livres na cidade de Lisboa, escala: 1:50000; fonte: google maps com edição de autor;

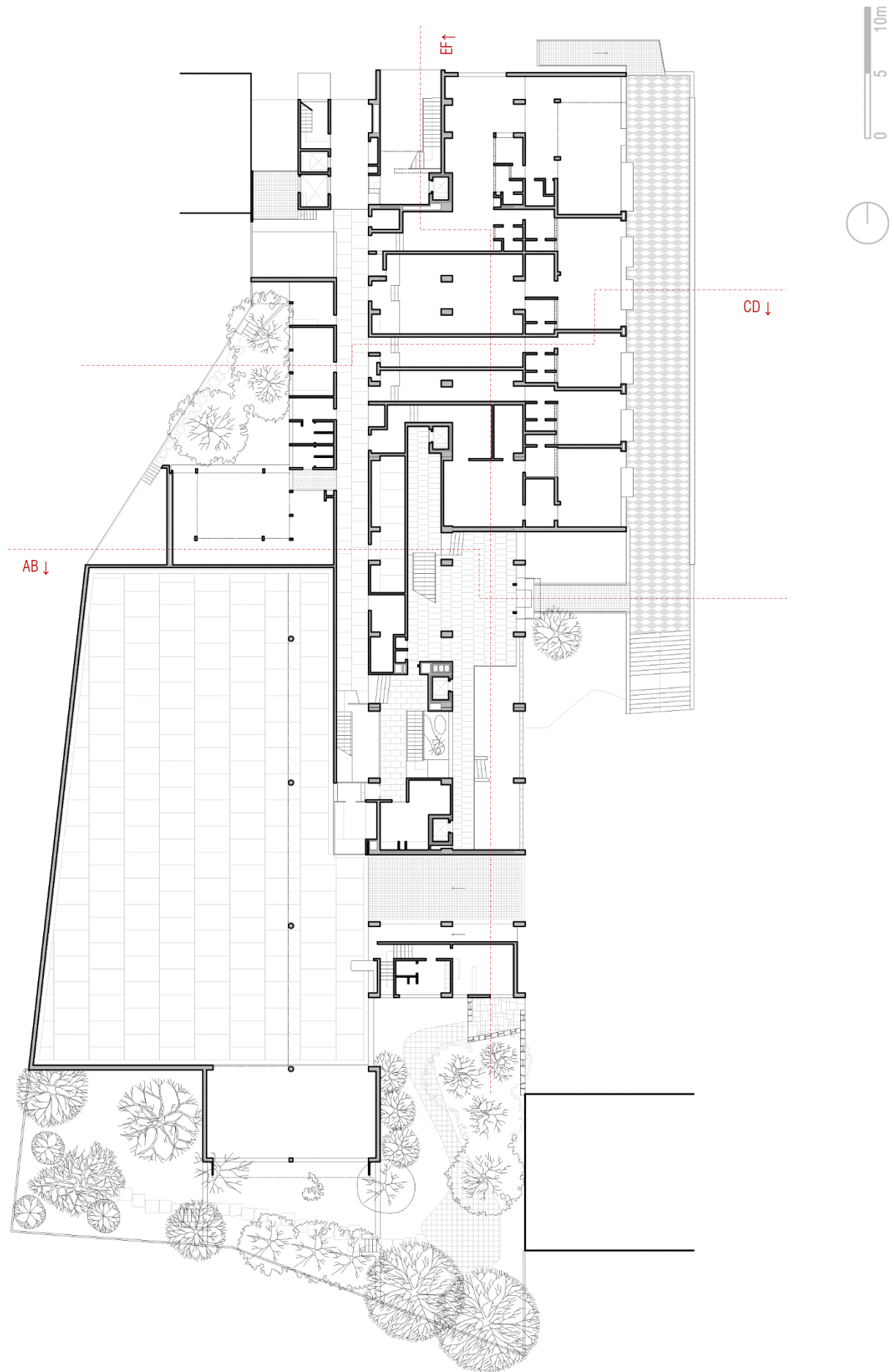


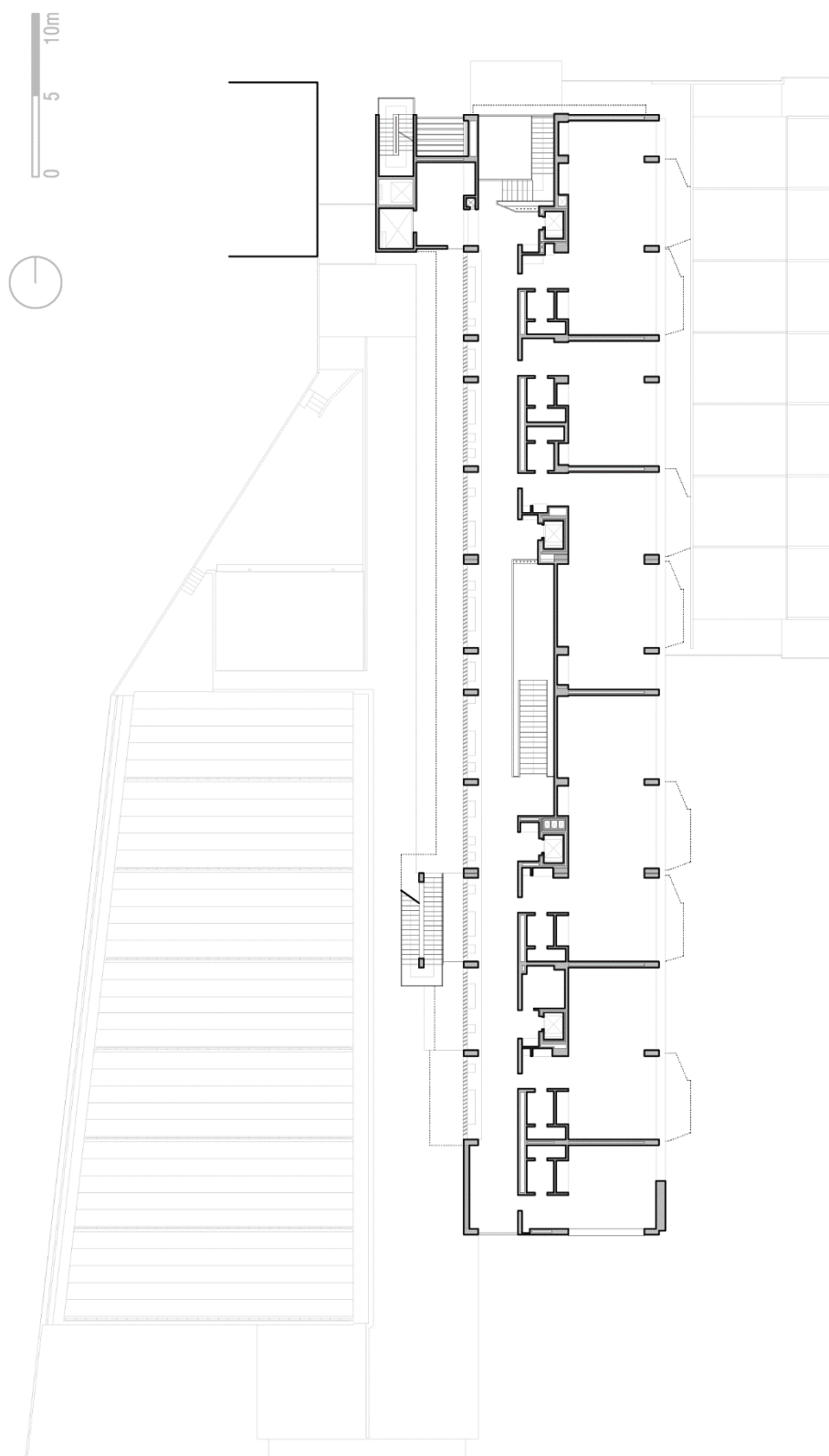
2 – Ortofotomapa de localização do Bloco das Águas Livres e sua envolvente, escala: 1:4000, fonte: google maps com edição de autor;



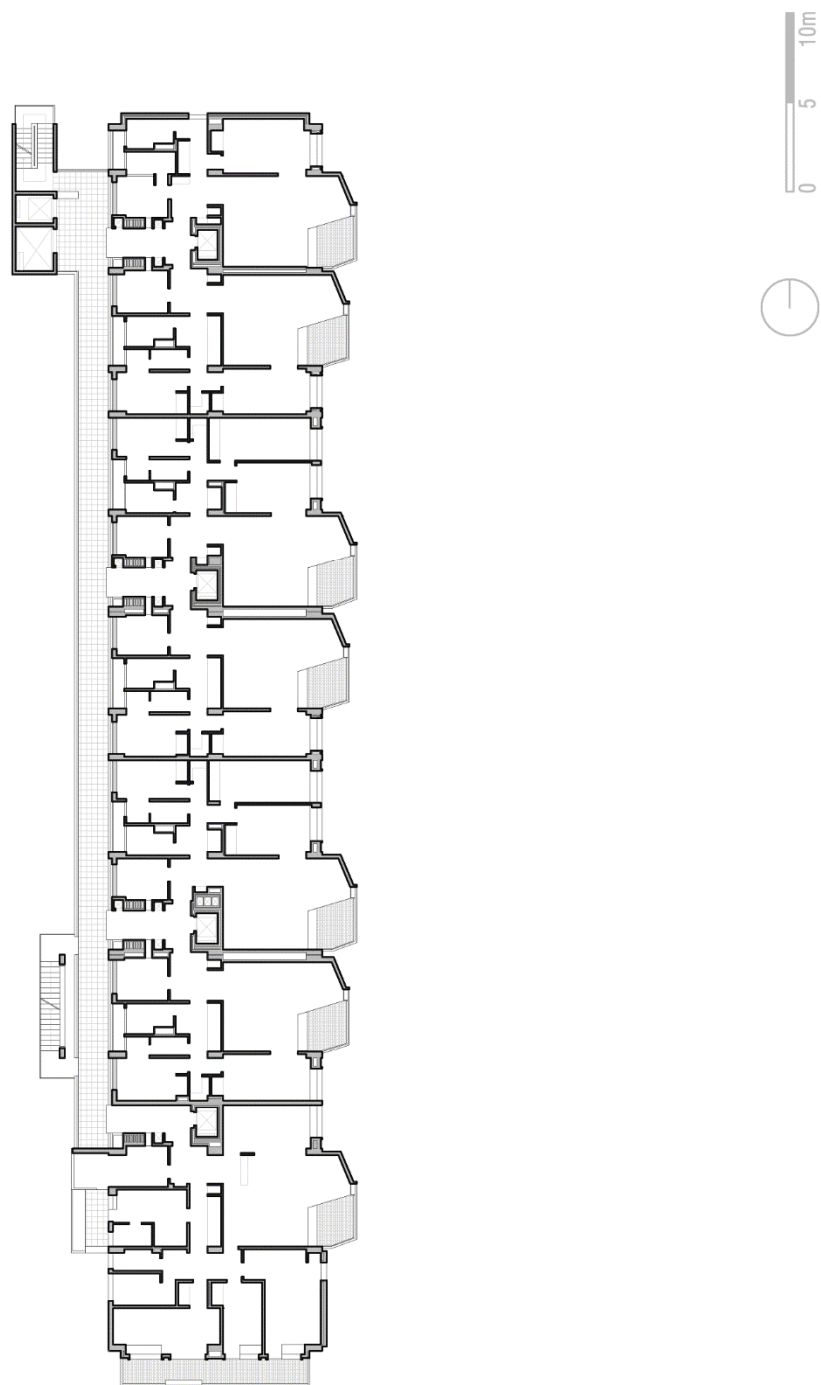
3 - Planta da cave (1º piso); fonte: autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD

4 - Planta do piso térreo (2º piso); fonte: autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD →

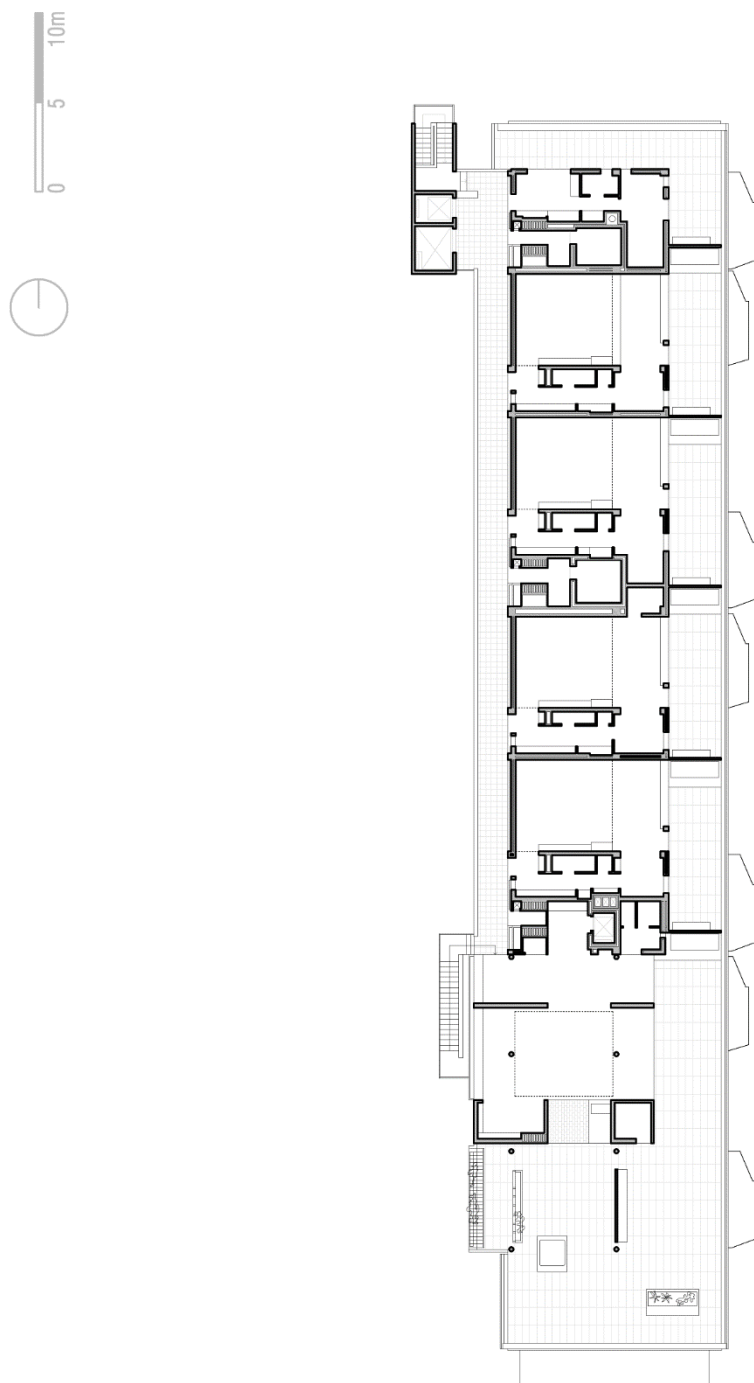




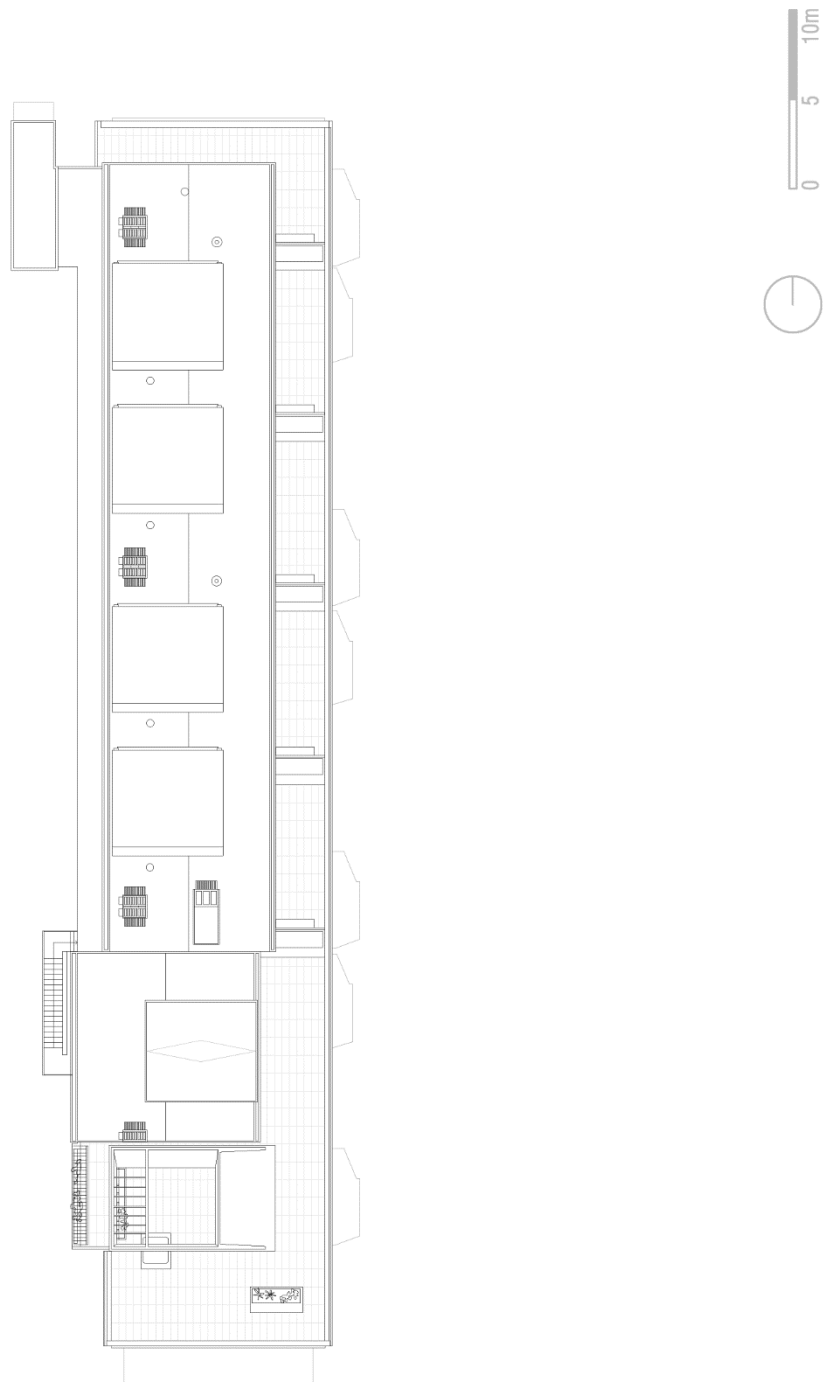
5 - Planta da S/Loja (3º piso); fonte: autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD



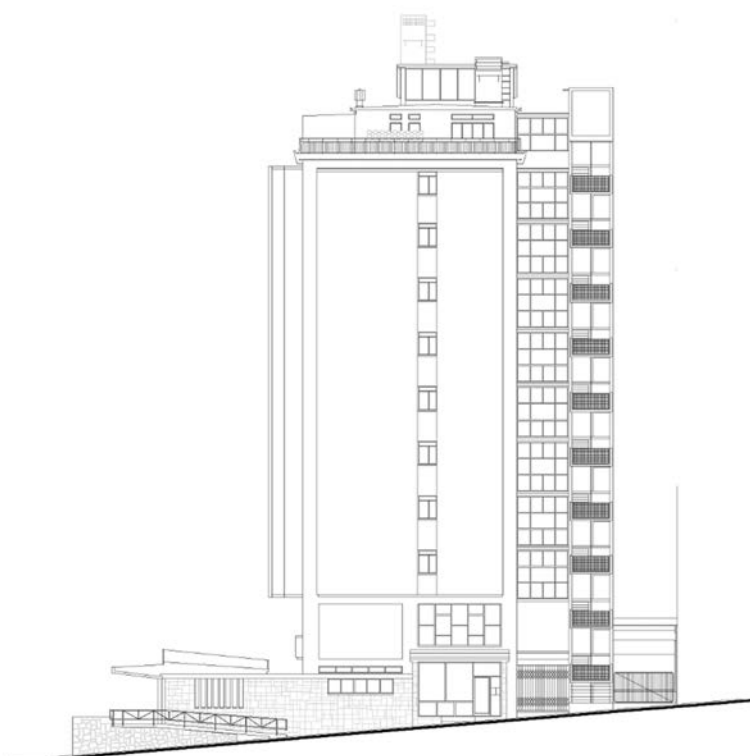
6 - Planta do piso tipo das habitações (4º ao 11º piso); fonte: autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD



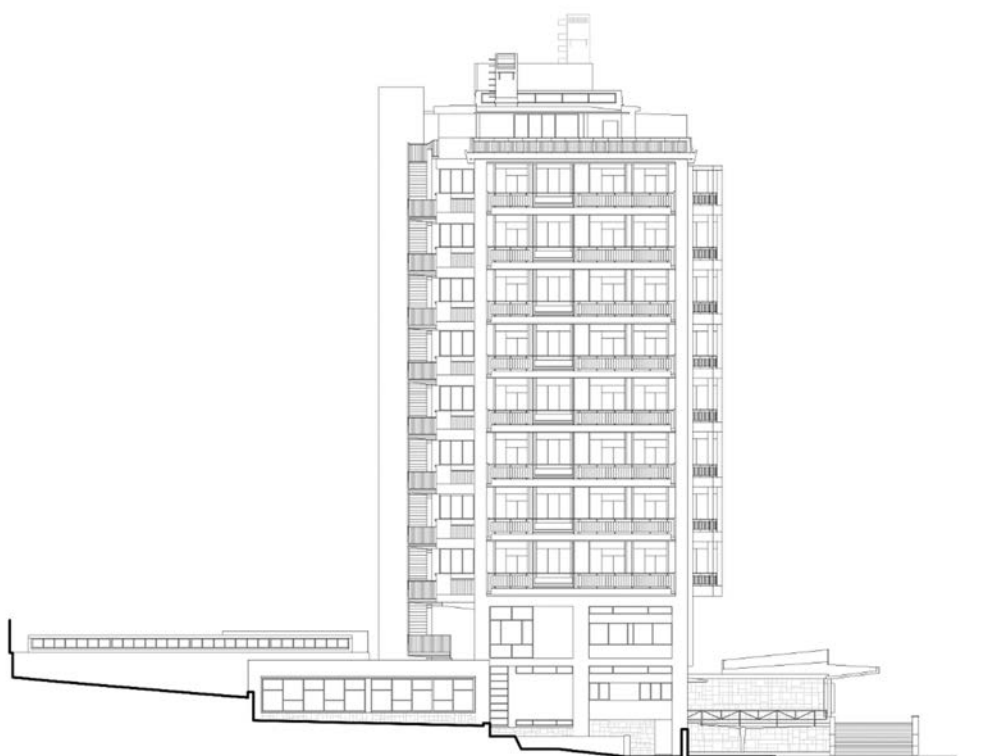
7 - Planta do andar recuado (12º piso); fonte: autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD



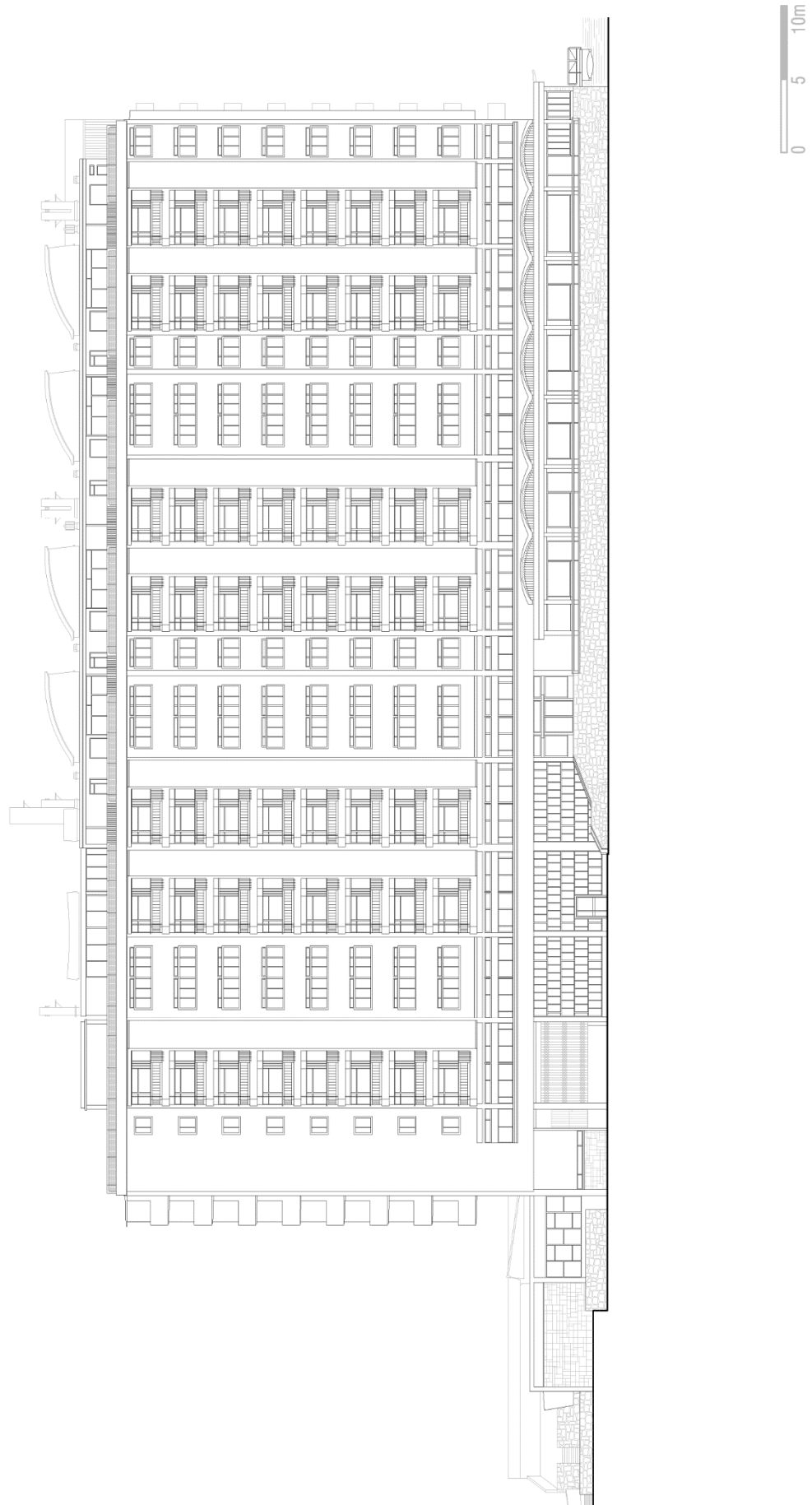
8 - Planta de coberturas; fonte: autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD



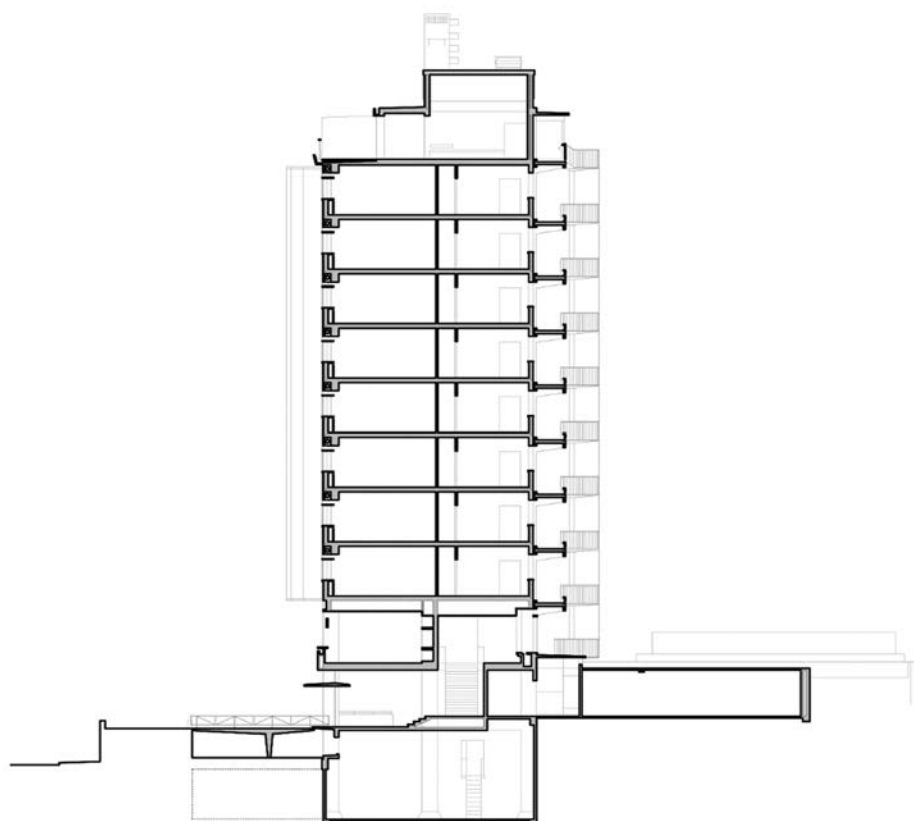
9 - Alçado Norte, fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;



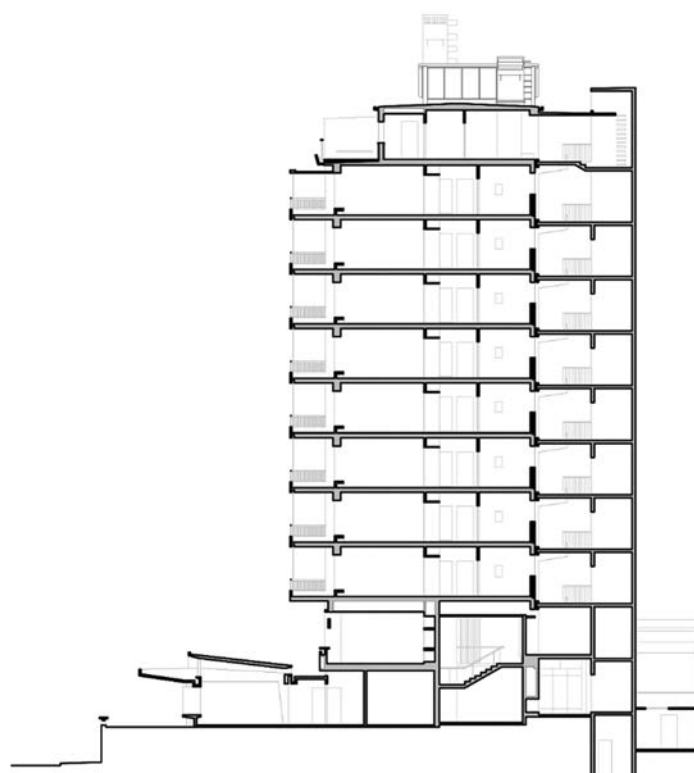
10 - Alçado Sul, fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;



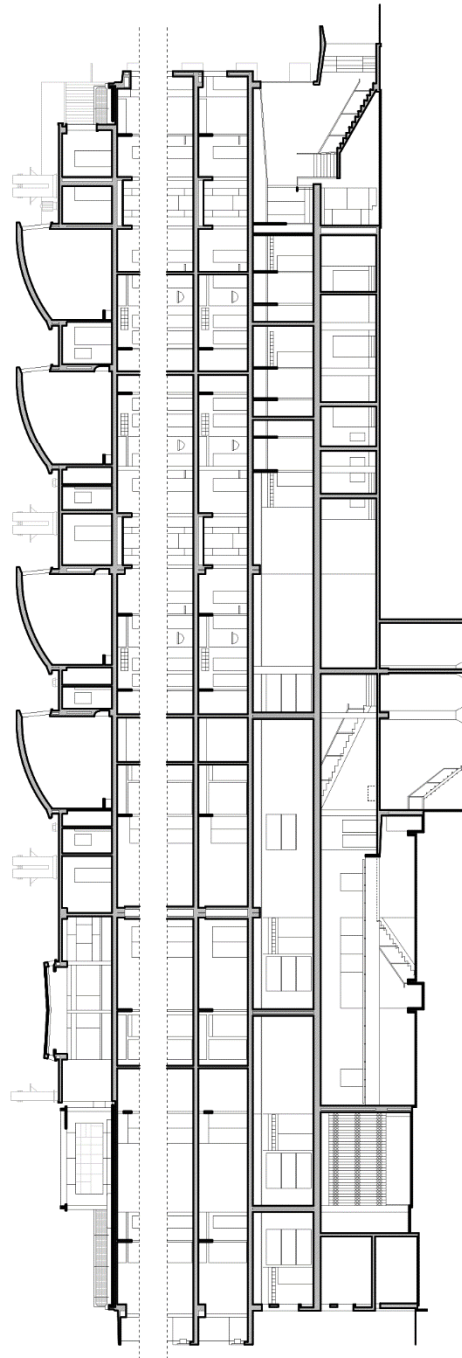
11 – Alçado Nascente, fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;



12 - Corte Transversal AB, fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;

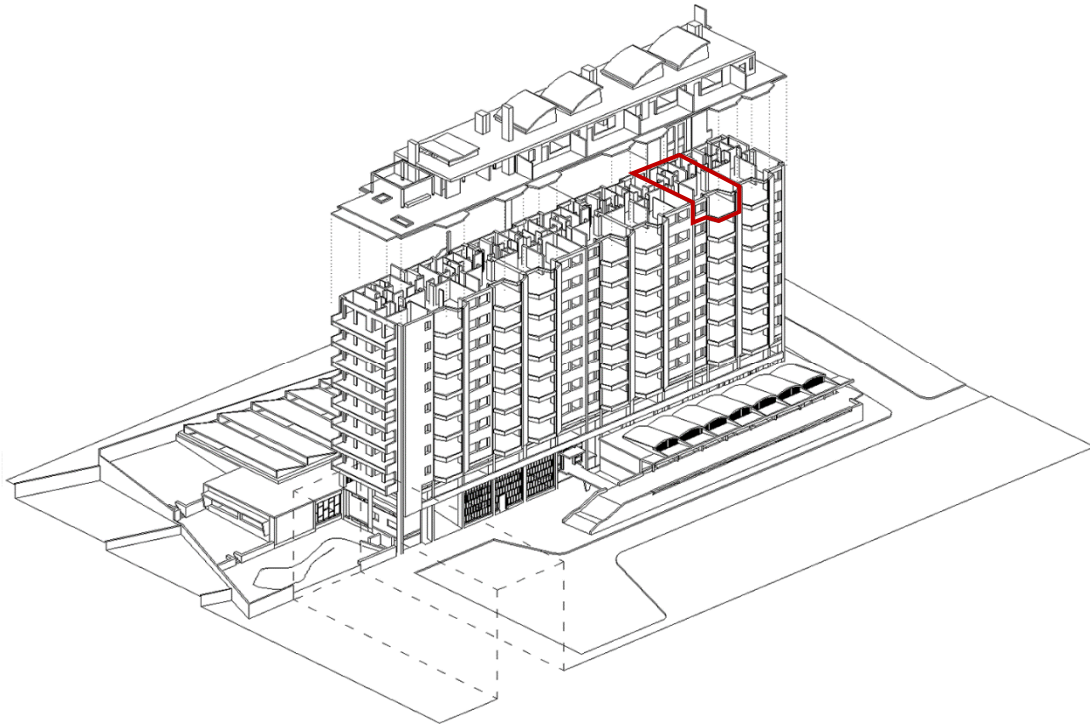


13 - Corte Transversal CD, fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;

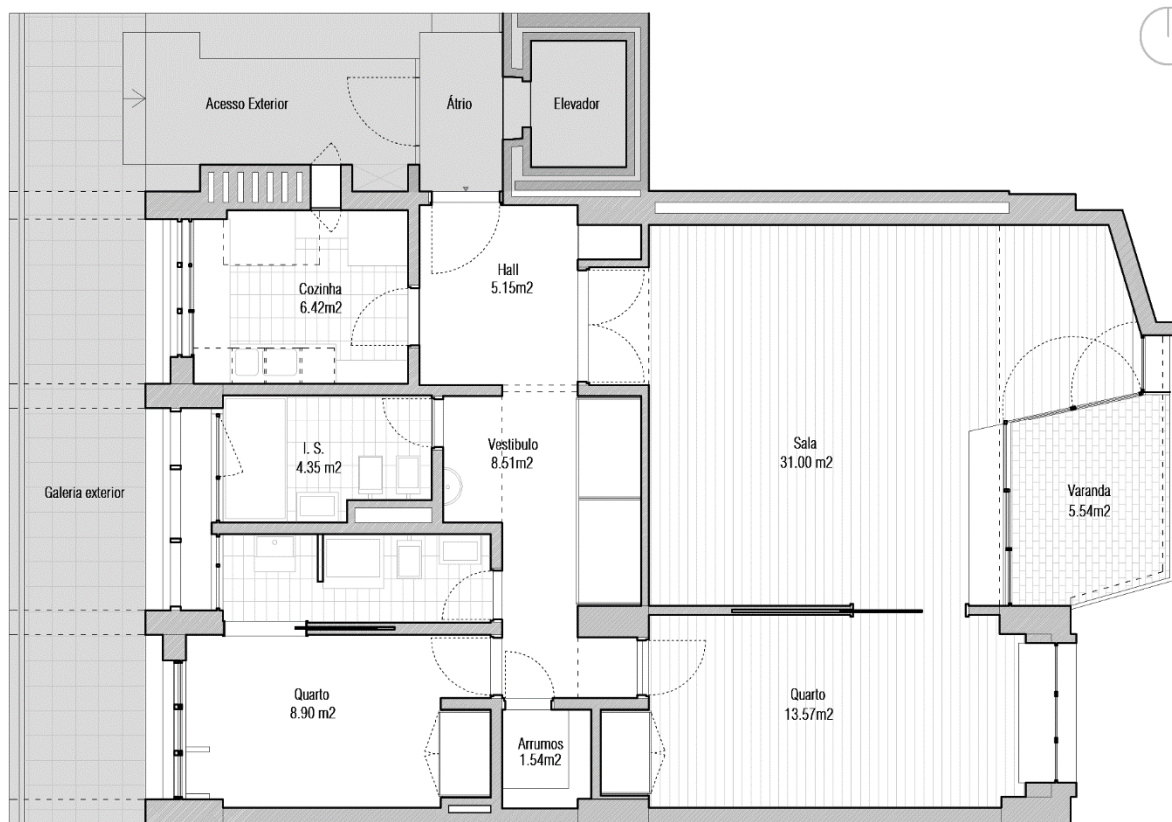


14 - Corte Longitudinal EF, fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD

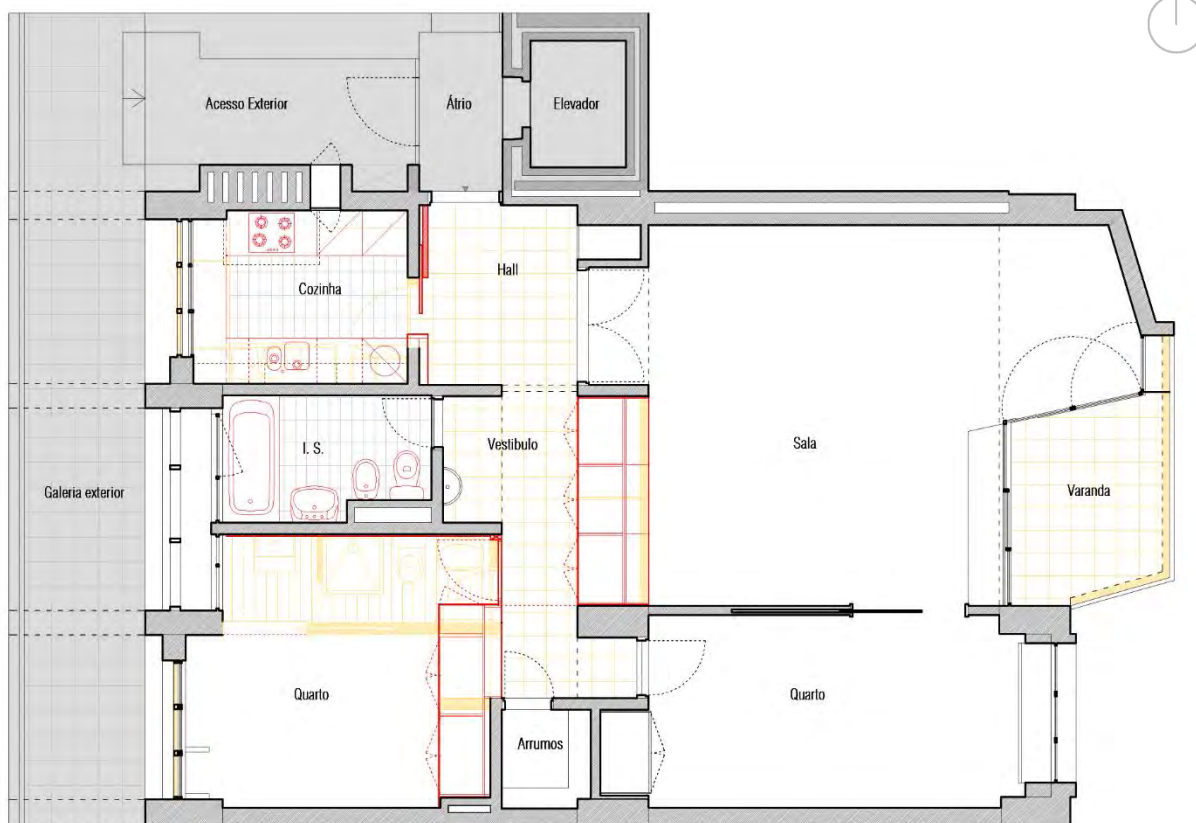
ANEXO 2 - FICHAS DE INTERVENÇÃO



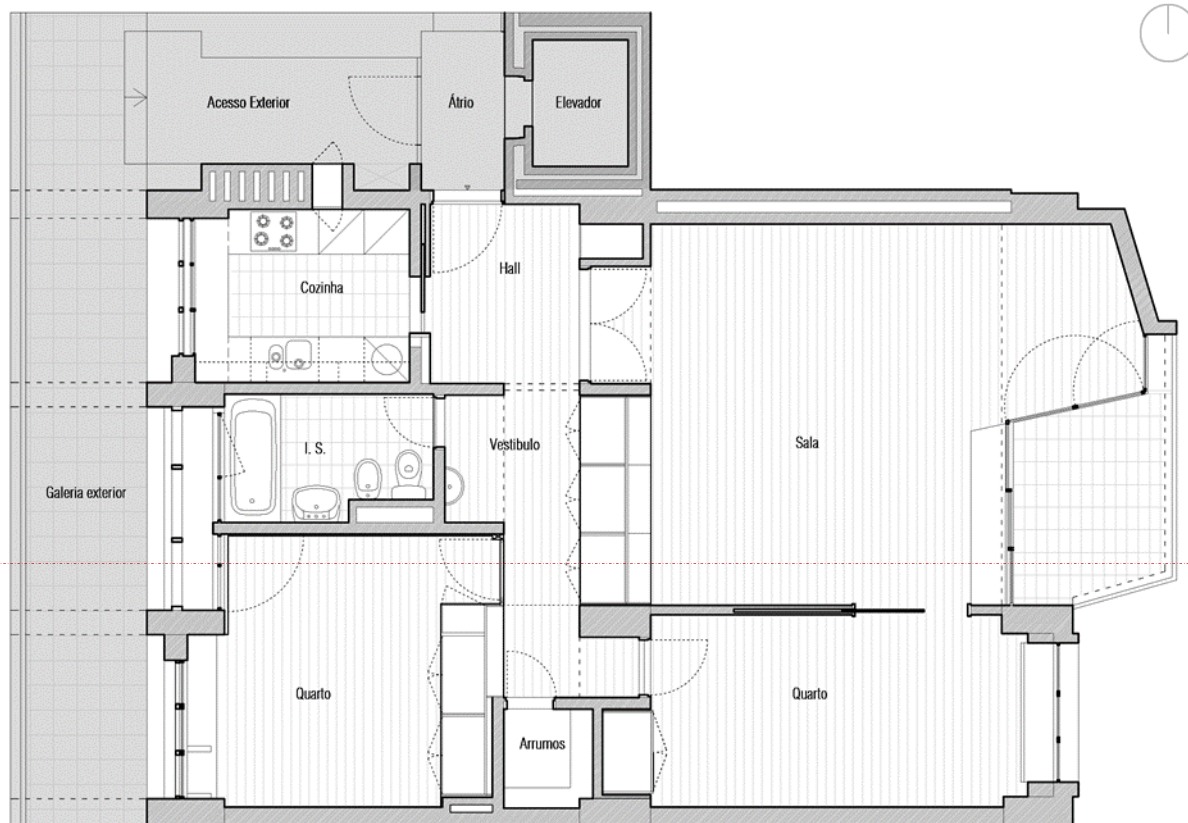
15 – Localização da intervenção do arquitecto Rui Órfão no Bloco das Águas Livres; fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD;



16 – Planta do apartamento T2, configuração original (escala: 1:100); fonte: arquivo arquitecto Rui Órfão. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;



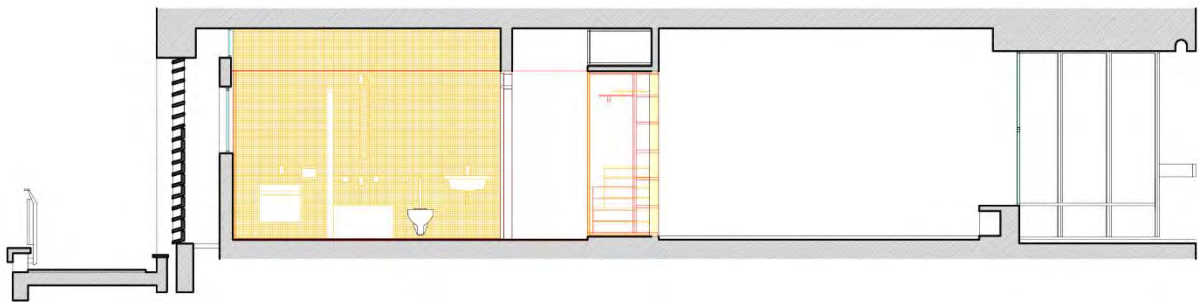
17 – Planta de Alterações face à situação Anteprojecto (escala 1:100); fonte: arquivo arquitecto Rui Órfão. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;



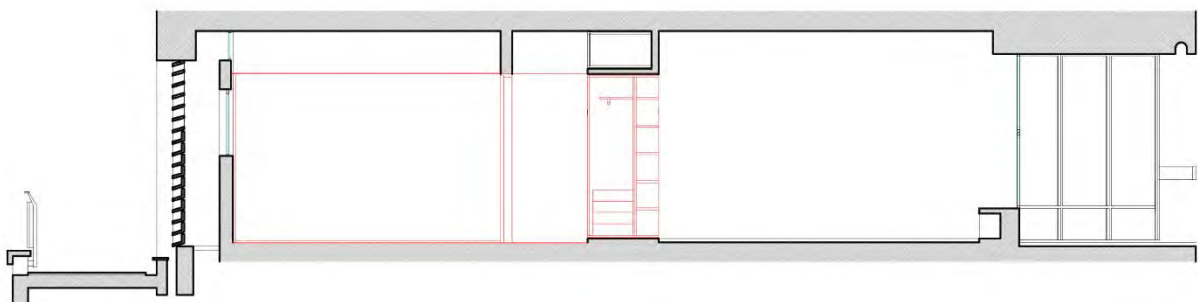
18 – Planta da Proposta (escala 1:100); fonte: arquivo arquitecto Rui Órfão. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;



19 – Corte da Situação Existente (escala 1:100); fonte: arquivo arquitecto Rui Órfão. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;



20 – Corte de Alterações (escala 1:100); fonte: arquivo arquitecto Rui Órfão. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;



21 – Corte da Proposta (escala 1:100); fonte: arquivo arquitecto Rui Órfão. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD;

Fotografias da situação Anteprojecto (todas as imagens cedidas em arquitecto Rui Órfão):



22 – Área exterior na galeria de serviço comum;



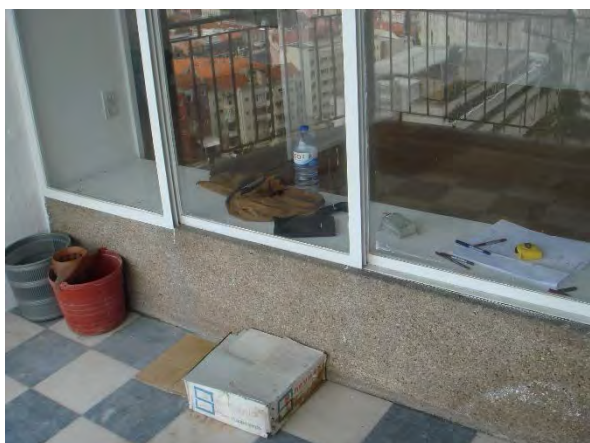
23 – Vão envidraçado no quarto orientado a nascente;



24 – Sala, vista sobre a varanda;



25 – Acesso à varanda;



26 – Varanda, marmorite original e revestimento de piso acrescentado em mosaico cerâmico;

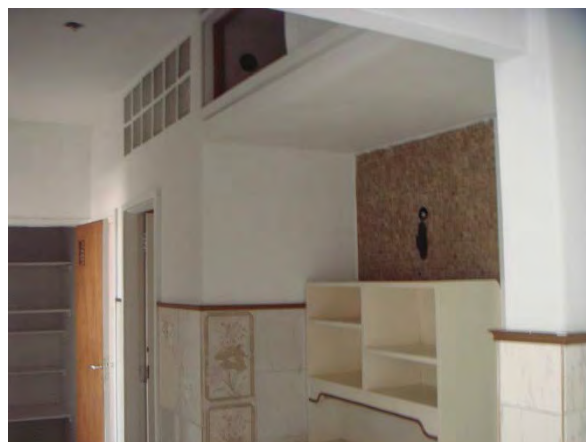


27 – Caixilharia do vão envidraçado na sala pintada a branco;

(todas as imagens cedidas pelo arquitecto Rui Órfão)



28 – Roupeiro no quarto orientado a nascente



29 – Vestíbulo, novo armário adicionado na zona do lava-mãos



30 – Quarto orientado a nascente, vista para o vão interior de ligação com a sala;



31 – Zona de circulação adulterada por adição de novos revestimentos

(todas as imagens cedidas pelo arquitecto Rui Órfão)



32 – Câmanula existente na cozinha;



33 – Loças Sanitárias. Revestimento de banheira adicionado;

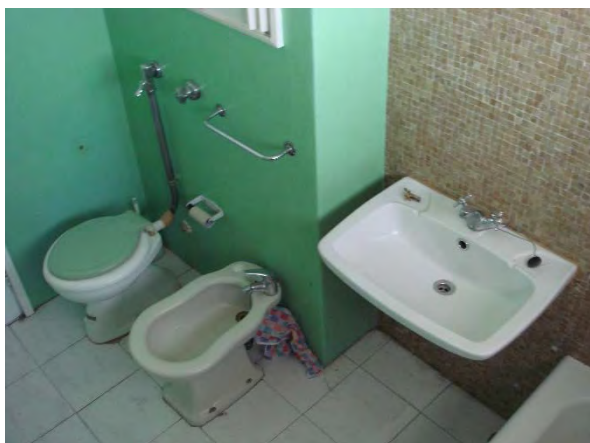


34 – Cozinha, adulterada por adição de diferentes revestimentos;

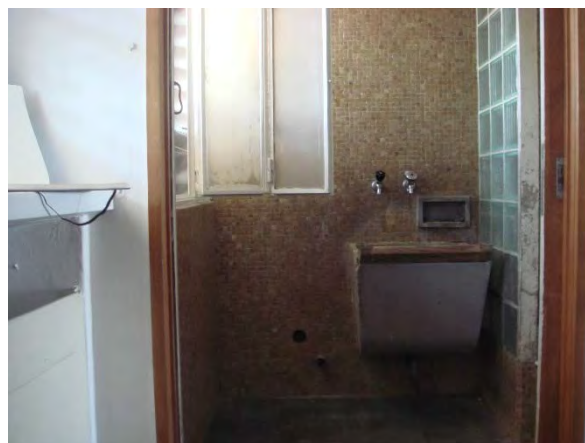


35 – Cozinha original com armários pintados a branco;

(todas as imagens cedidas pelo arquitecto Rui Órfão)



36 – Louças Sanitárias na instalação sanitária;



37 – Instalação sanitária/lavandaria; tanque de lavar roupa original;



38 – Revestimento do paramento em mosaico vitrificado original;



39 – Instalação sanitária/lavandaria;

Fotografias do processo de intervenção (todas as imagens cedidas pelo arquitecto Rui Órfão):



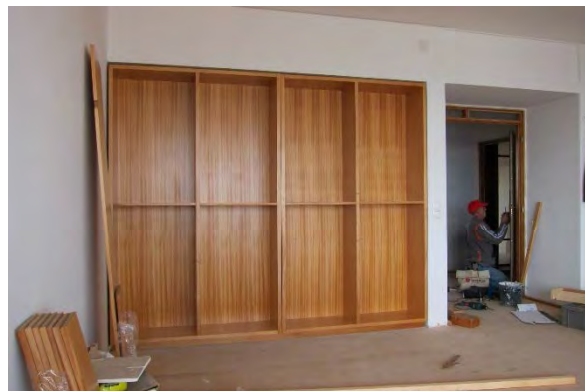
40 – Demolição da parede divisória e armário orientado para corredor



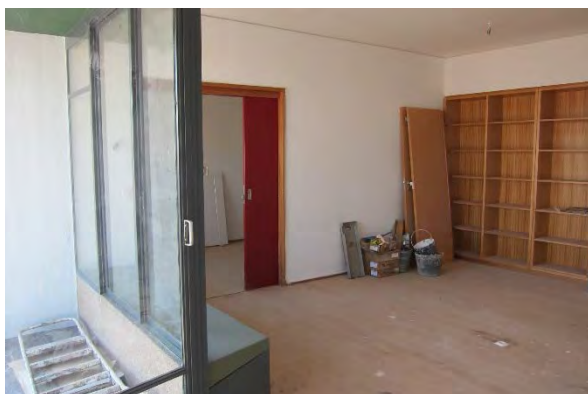
41 – Regularização dos paramentos para introdução de novo armário;



42 – Montagem e posicionamento do novo armário desdobrado;



43 – Estante para a sala que se desdobra em armário para corredor;

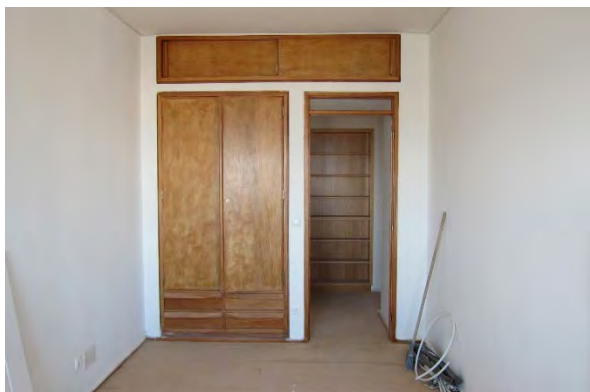


44 – Sala do apartamento ainda em fase de acabamentos;



45 – Vão envidraçado na sala do apartamento, vista sobre a cidade de Lisboa;

(todas as imagens cedidas pelo arquitecto Rui Órfão)



46 – Roupeiro do quarto orientado a nascente após restauro;



47 - Sala do apartamento ainda em fase de acabamentos;

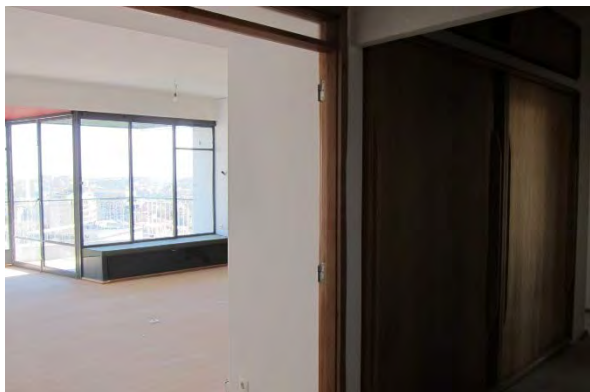


48 – Entrada do apartamento, construção do novo armário na transição do corredor para a sala;

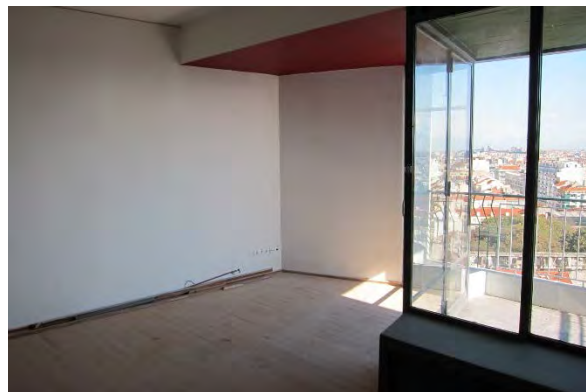


49 – Processo de execução do roupeiro no quarto ampliado;

Fotografias após intervenção (todas as imagens cedidas pelo arquitecto Rui Órfão):



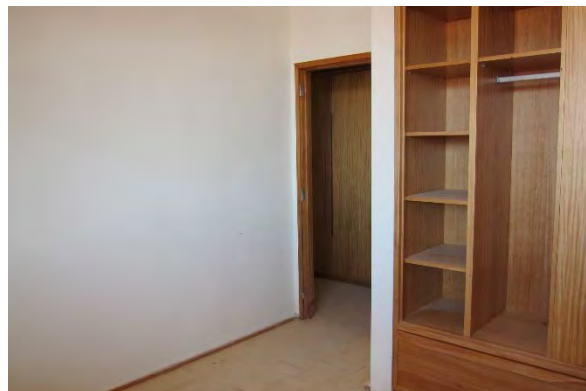
50 – Zona de circulação, vão interior de acesso à sala;



51 – Sala do apartamento, vista sobre o encastramento da varanda;



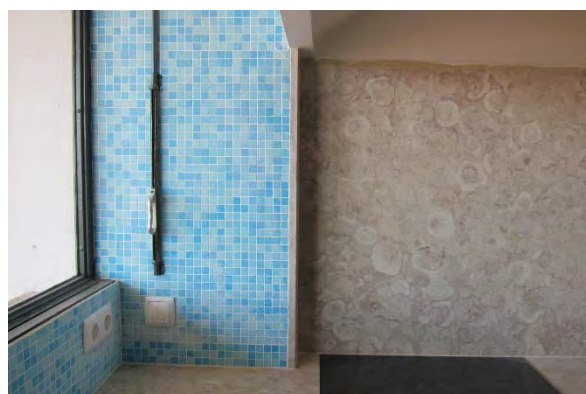
52 – Quarto orientado a nascente, vão interior de ligação à sala;



53 – Quarto ampliado, orientado a poente, após execução do roupeiro;



54 – Electrodomésticos embutidos nas estruturas de armários, cozinha;



55 – Paramentos em novo mosaico vitrificado, tampo de bancada e frente de fogão em pedra lioz polida;

(todas as imagens cedidas pelo arquitecto Rui Órfão)



56 – Revestimento dos paramentos na I.S. em mosaico vitrificado;



57 – Cozinha do apartamento, armário superior após restauro;



58 – Paramento do vestibulo após restauro do mosaico vitrificado e restabelecimento do lava-mãos em betão moldado;



59 – Cozinha do apartamento, armários em MDF hidrófugo lacado;

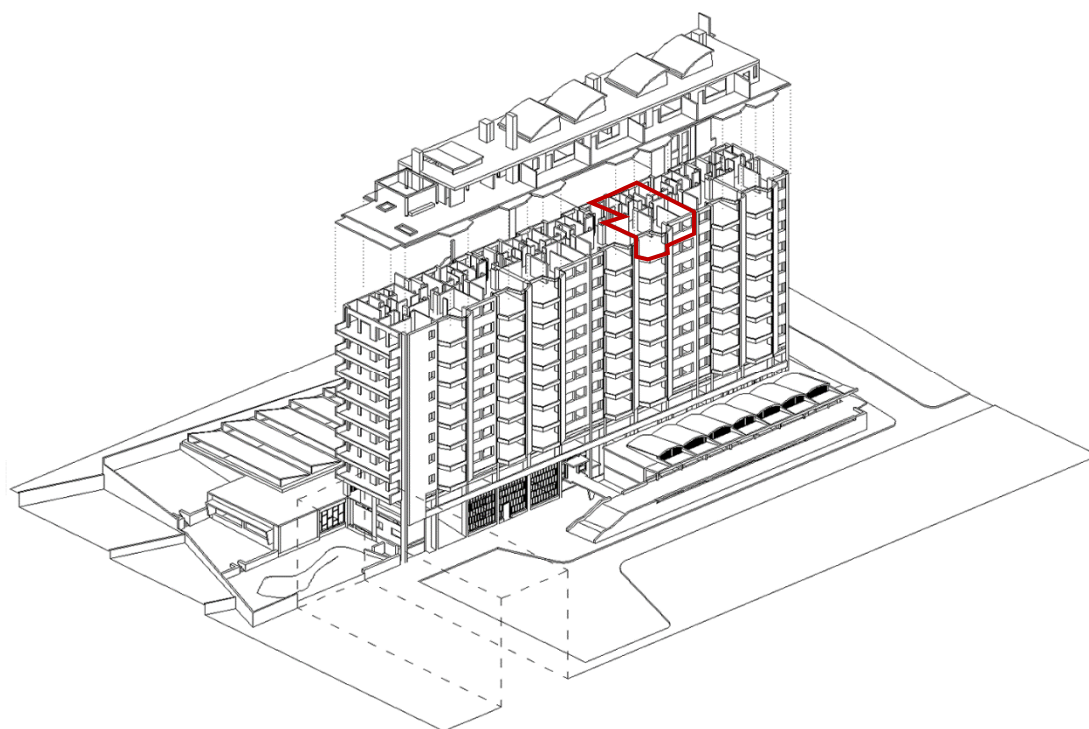
(todas as imagens cedidas pelo arquitecto Rui Órfão)



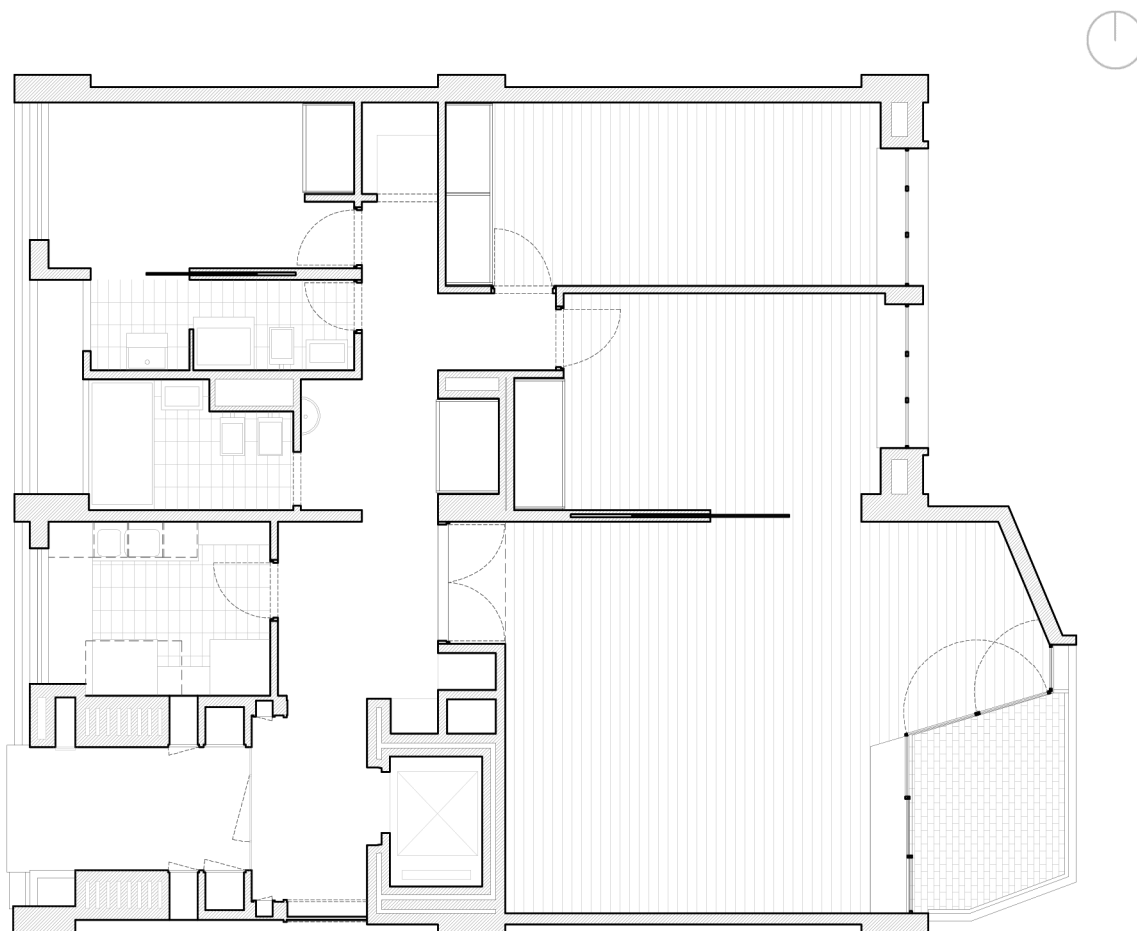
60 – Caixilharias do vão envidraçado na sala após restauro;



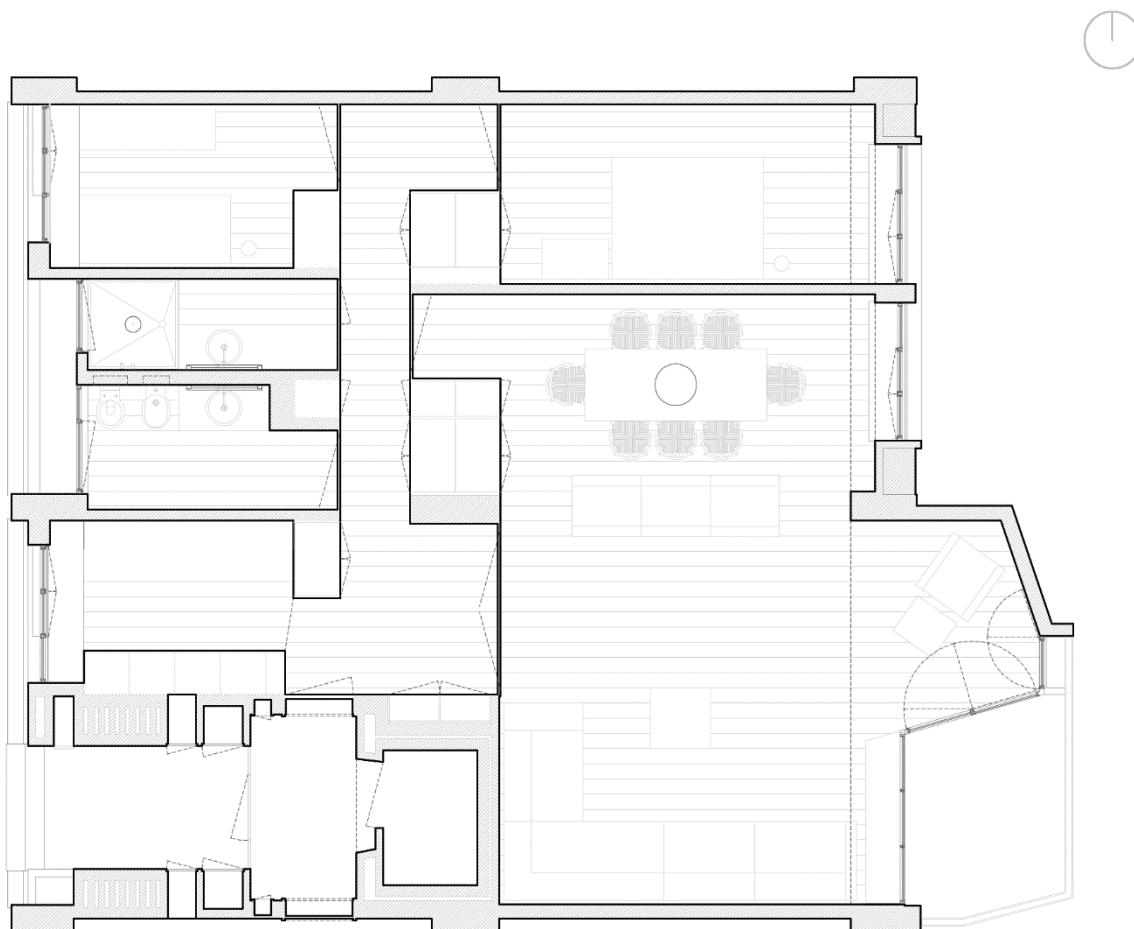
61 – Componentes de mobiliário em madeira de tola no corredor;



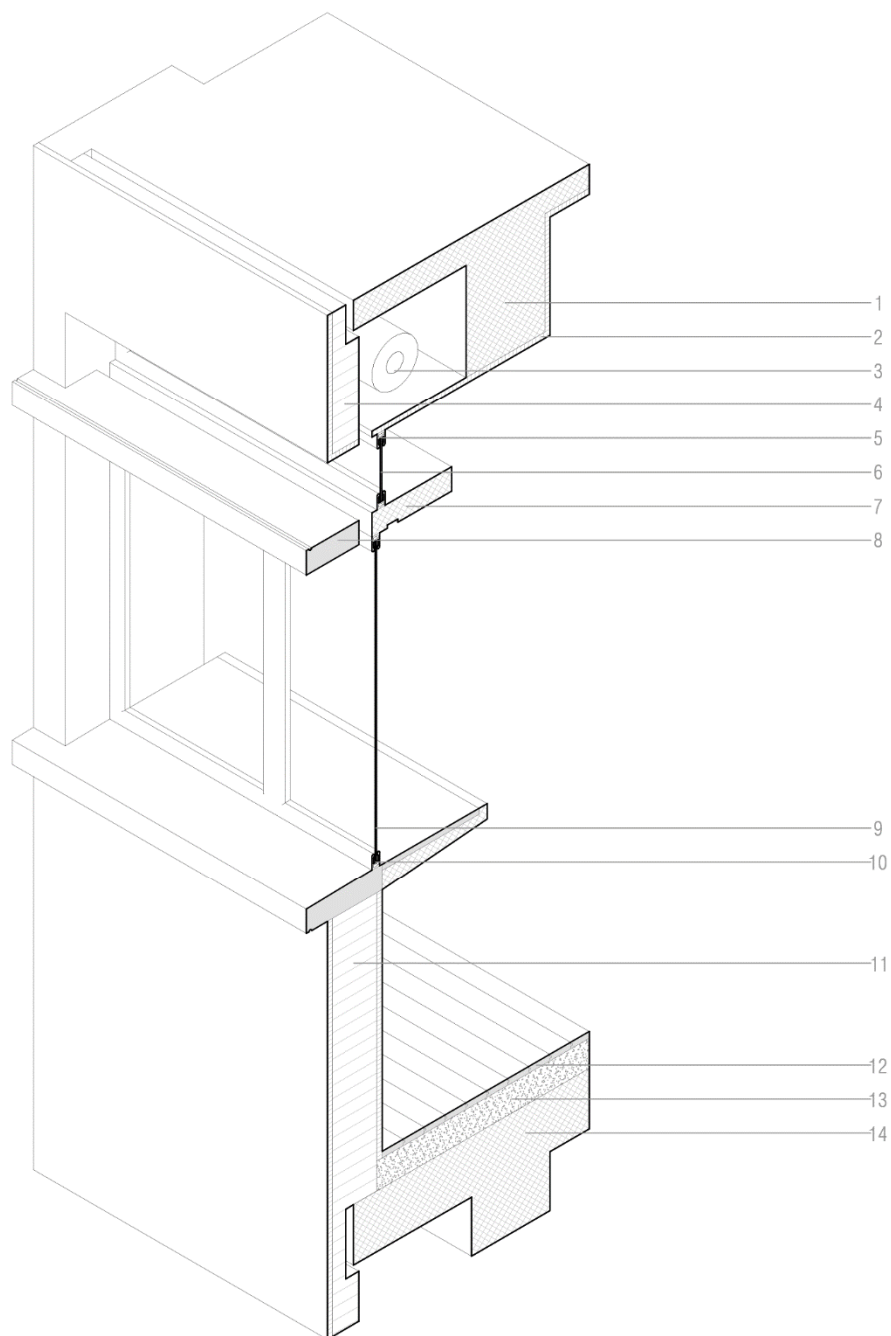
62 - Localização da intervenção do arquitecto João Pedro Falcão de Campos no Bloco das Águas Livres; fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD



63 - Planta do apartamento T3, configuração original (escala: 1:100); fonte: autor, realizada com suporte do programa AUTOCAD

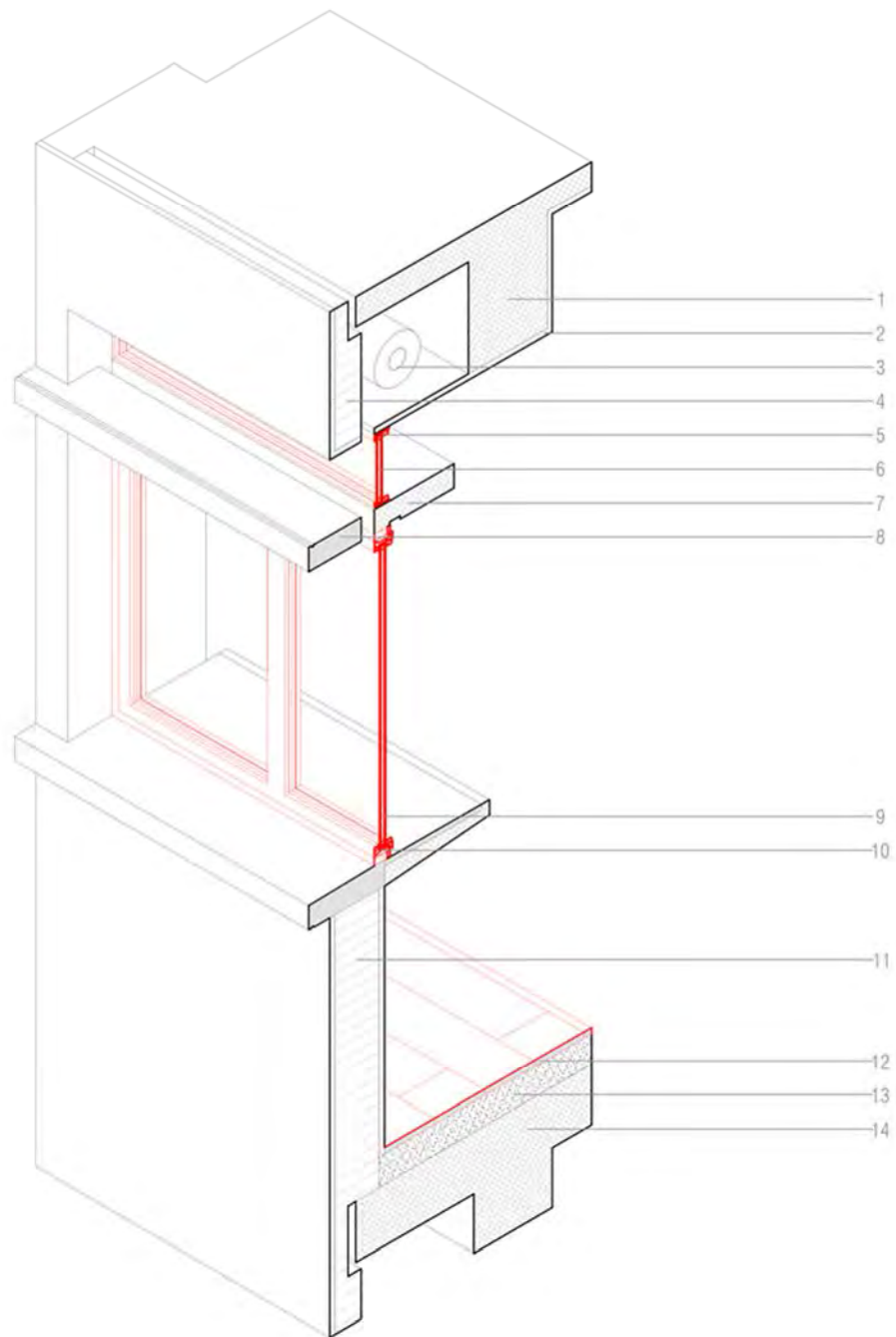


64 - Planta da Proposta (escala 1:100); fonte: arquivo João Pedro Falcão de Campos. Edição de autor com suporte do programa AUTOCAD



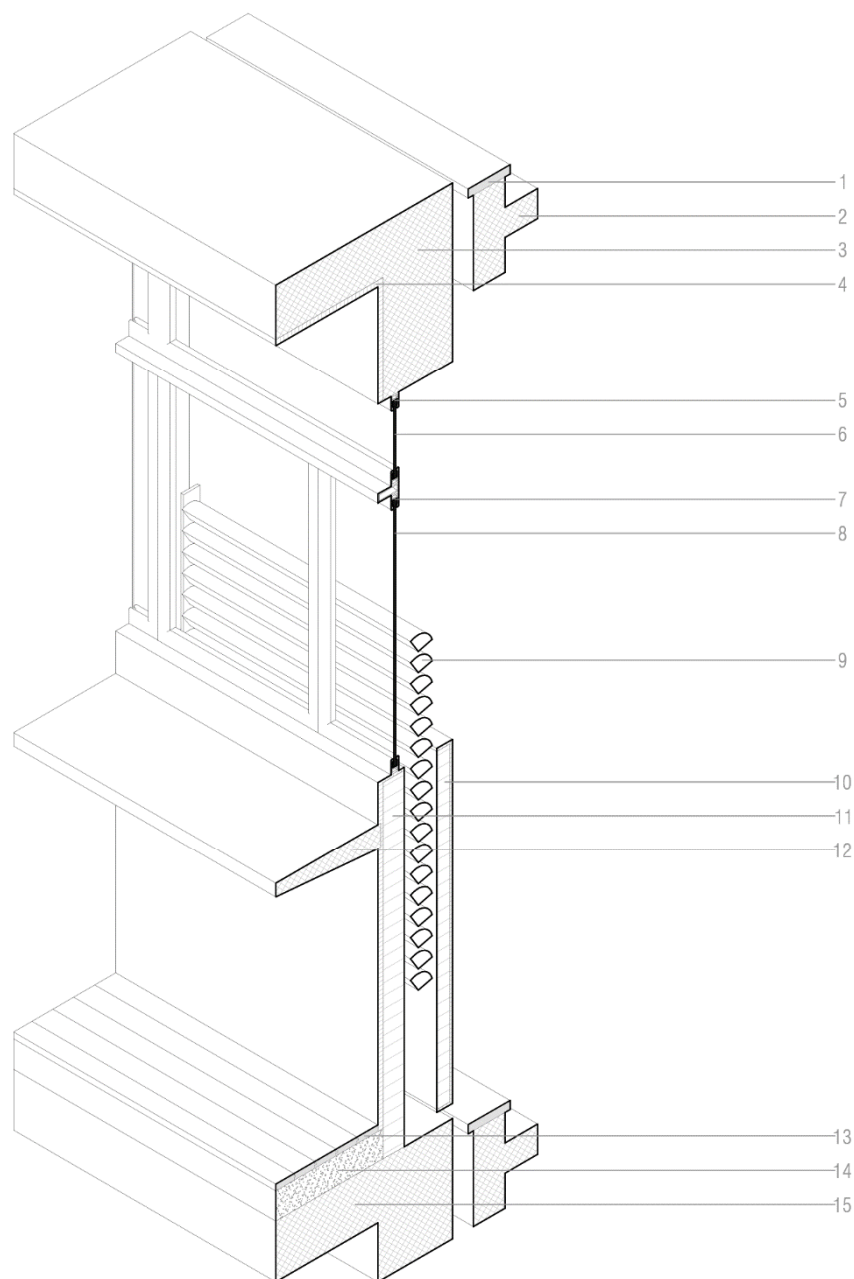
65 - Pormenor Construtivo em axonometria do vão presente no quarto orientado sobre a fachada nascente (escala 1:25); fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD

1 – Viga de Bordadura em Betão armado; 2 – Revestimento em estuque; 3 – Caixa de estore; 4 – Remate em pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento exterior a “Silorex”; 5 – Caixilharia metálica em perfis de ferro metalizados a zinco e pintados a tonalidade cinza; 6 – Vidro simples incolor; 7 – Peça em betão moldado; 8 – Peça superior de divisão entre panos de vidro em pedra serrada; 9 – Vidro simples incolor; 10 – Caixilharia metálica em perfis de ferro metalizados a zinco e pintados a tonalidade cinza; 11 – Pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento exterior em reboco pintado a “Silorex”; 12 – Pavimento em soalho de madeira à inglesa pregado em barrotes de madeira dispostos sobre tiras de feltro de lã mineral; 13 – Betão Celular; 14 – Laje fungiforme em betão armado;



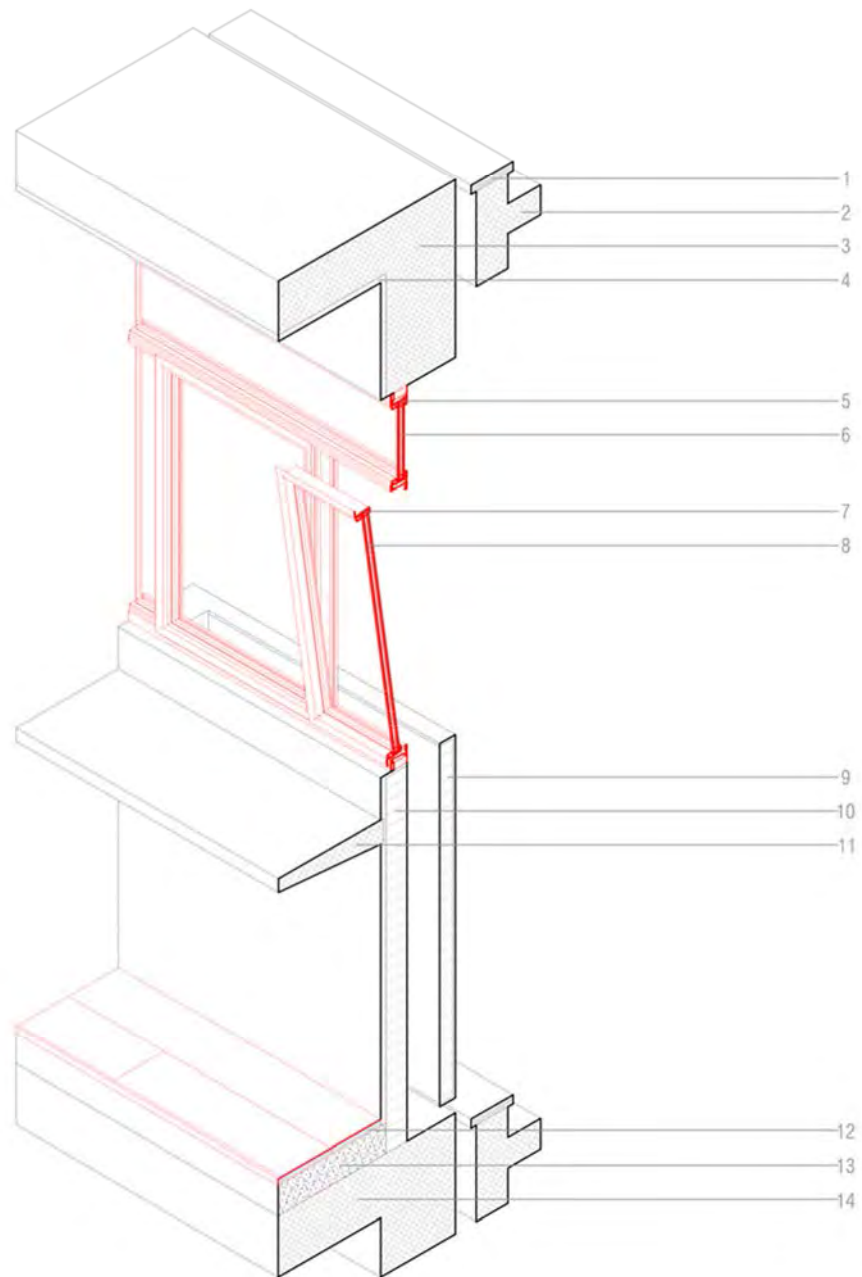
66 - Pormenor Construtivo em axonometria do vão presente no quarto orientado sobre a fachada nascente após a intervenção do arquitecto João Pedro Falcão de Campos (escala 1:25); fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD

1 – Viga de Bordadura pré-existente em Betão armado; 2 – Revestimento em estuque afagado e pintada a cor branca; 3 – Caixa de estore; 4 – Remate em pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento exterior a “Silixore”; 5 – Caixilharia de aço tipo RP Technik – RP hermetic FINELINE com perfil rectangular de 50x25mm sem corte térmico; 6 – Vidro duplo incolor; 7 – Peça em betão moldado; 8 – Peça superior de divisão entre panos de vidro em pedra serrada; 9 – Vidro duplo incolor; 10 – Caixilharia de aço tipo RP Technik – RP hermetic FINELINE com perfil rectangular de 50x25mm sem corte térmico; 11 – Pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento exterior em reboco pintado a “Silixore”; 12 – Pavimento em soalho de madeira tipo ipê tabaco com 2,4cm de espessura em réguas de 300x19cm; 13 – Betão Celular; 14 – Laje fungiforme em betão armado existente;



67 - Pormenor Construtivo em axonometria do vão presente no quarto orientado a poente sobre a galeria de serviço (escala 1:25); fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD

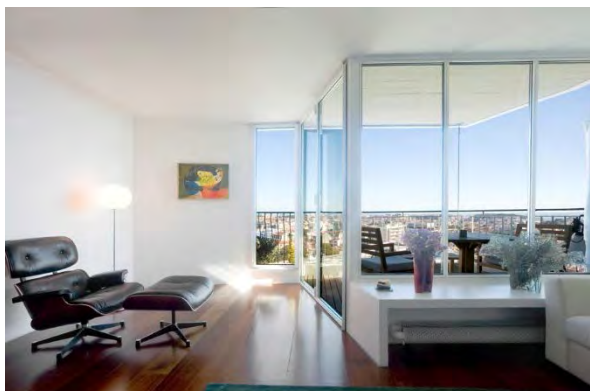
1 – Peça de remate em pedra serrada; 2 – Laje em betão armado que determina o pavimento da galeria de serviço superior; 3 – Laje fungiforme em betão armado e viga de bordadura; 4 – Revestimento a estuque; 5 – Caixilharia metálica em perfis de ferro metalizados a zinco e pintados a tonalidade cinza; 6 – Vão em vidro fixo simples incolor; 7 – Caixilharia metálica em perfis de ferro metalizados a zinco e pintados a tonalidade cinza; 8 – Vão em vidro simples incolor; 9 – Persiana em guilhotina de alumínio; 10 – Pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento em marmorite lavada de seixo rolado; 11 – Pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento a estuque; 12 – Peça de Betão moldado; 13 – Pavimento em tacos de pinho; 14 – Betão celular; 15 – Laje fungiforme em betão armado;



68 - Pormenor Construtivo em axonometria do vão presente no quarto orientado a poente sobre a galeria de serviço após a intervenção do arquitecto João Pedro Falcão de Campos (escala 1:25); fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD

1 – Peça de remate em pedra serrada existente; 2 – Laje existente em betão armado que determina o pavimento da galeria de serviço superior; 3 – Laje fungiforme em betão armado existente e viga de bordadura; 4 – Revestimento a estuque afagado e pintado a cor branca; 5 – Caixilharia de aço tipo RP Technik – RP hermetic FINELINE com perfil rectangular de 50x25mm sem corte térmico; 6 – Vão em vidro fixo duplo incolor; 7 – Caixilharia de aço tipo RP Technik – RP hermetic FINELINE com perfil rectangular de 50x25mm sem corte térmico; 8 – Vão em vidro duplo incolor com sistema de abertura oscilo-batente; 9 – Pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento em marmorite lavada de seixo rolado original; 10 – Pano de alvenaria de tijolo furado com acabamento a estuque afagado e pintado a cor branca; 11 – Peça de Betão moldado com revestimento a estuque pintado a cor branca; 12 – Pavimento em soalho de madeira tipo ipê tabaco com 2,4cm de espessura em réguas de 300x19cm; 13 – Betão celular; 14 – Laje fungiforme existente em betão armado;

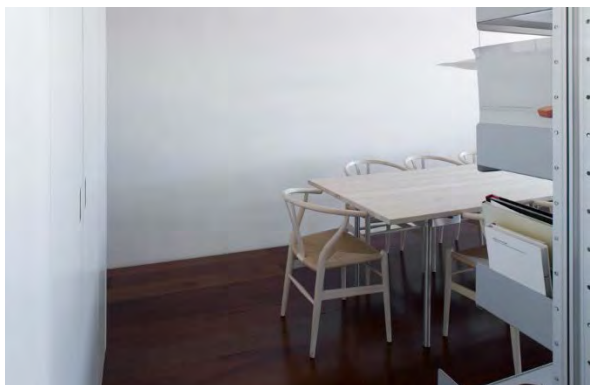
Fotografias após intervenção: (todas as imagens cedidas pelo arquitecto João Pedro Falcão de Campos)



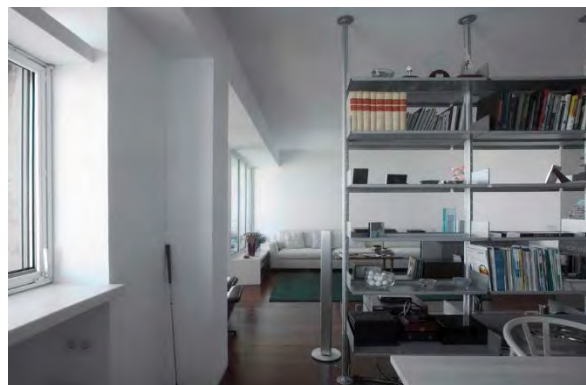
69 – Sala de estar, vista sobre a varanda;



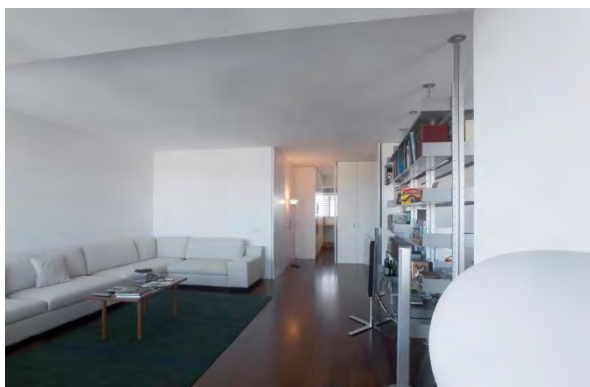
70 – Estante metálica de divisão entre sala de jantar e sala de estar;



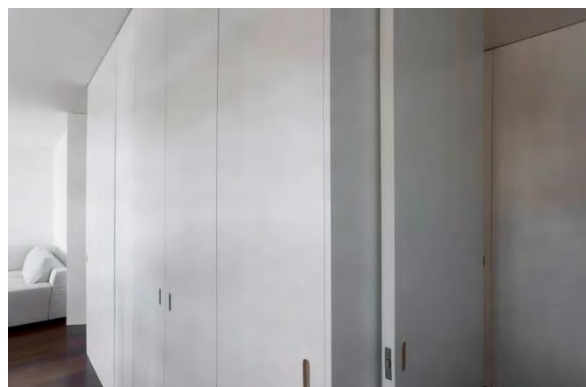
71 – Sala de Jantar;



72 – Permeabilidade visual entre as duas áreas funcionais na sala;

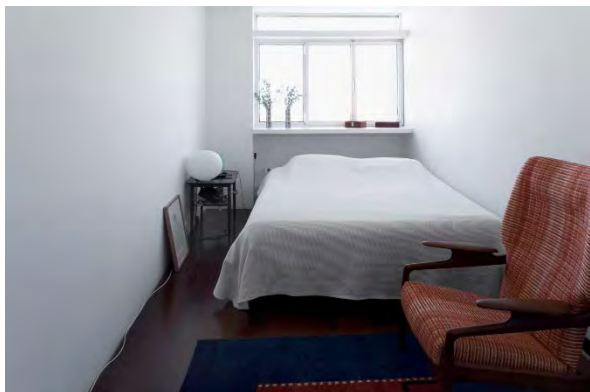


73 – Sala de estar, vista sobre o corredor; Grande amplitude do espaço através da eliminação das paredes;

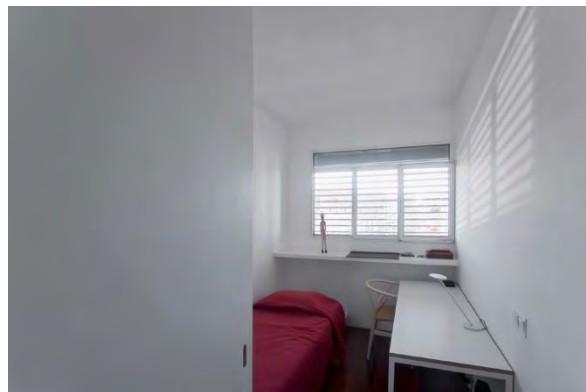


74 – Módulo de armário pré-fabricado em madeira, divisão entre sala de estar e a zona de circulação;

(todas as imagens cedidas pelo arquitecto João Pedro Falcão de Campos)



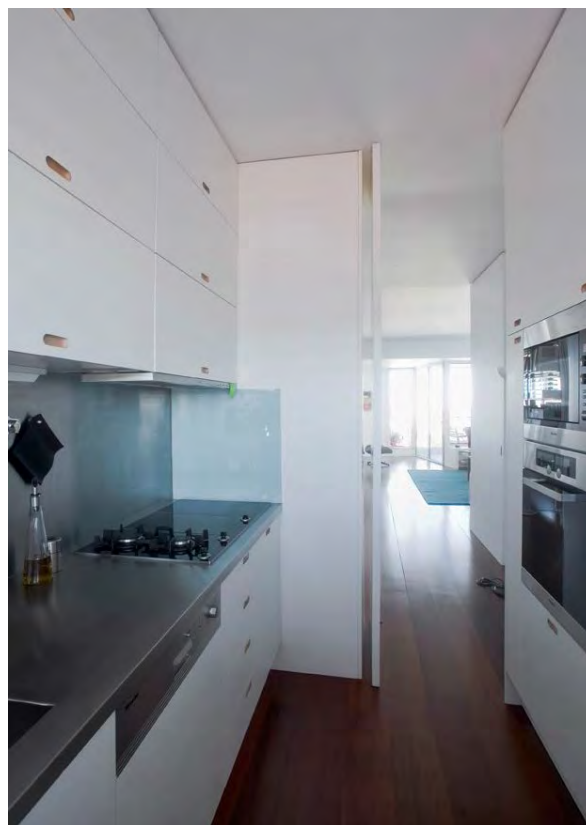
75 – Quarto de maior dimensão orientado a nascente;



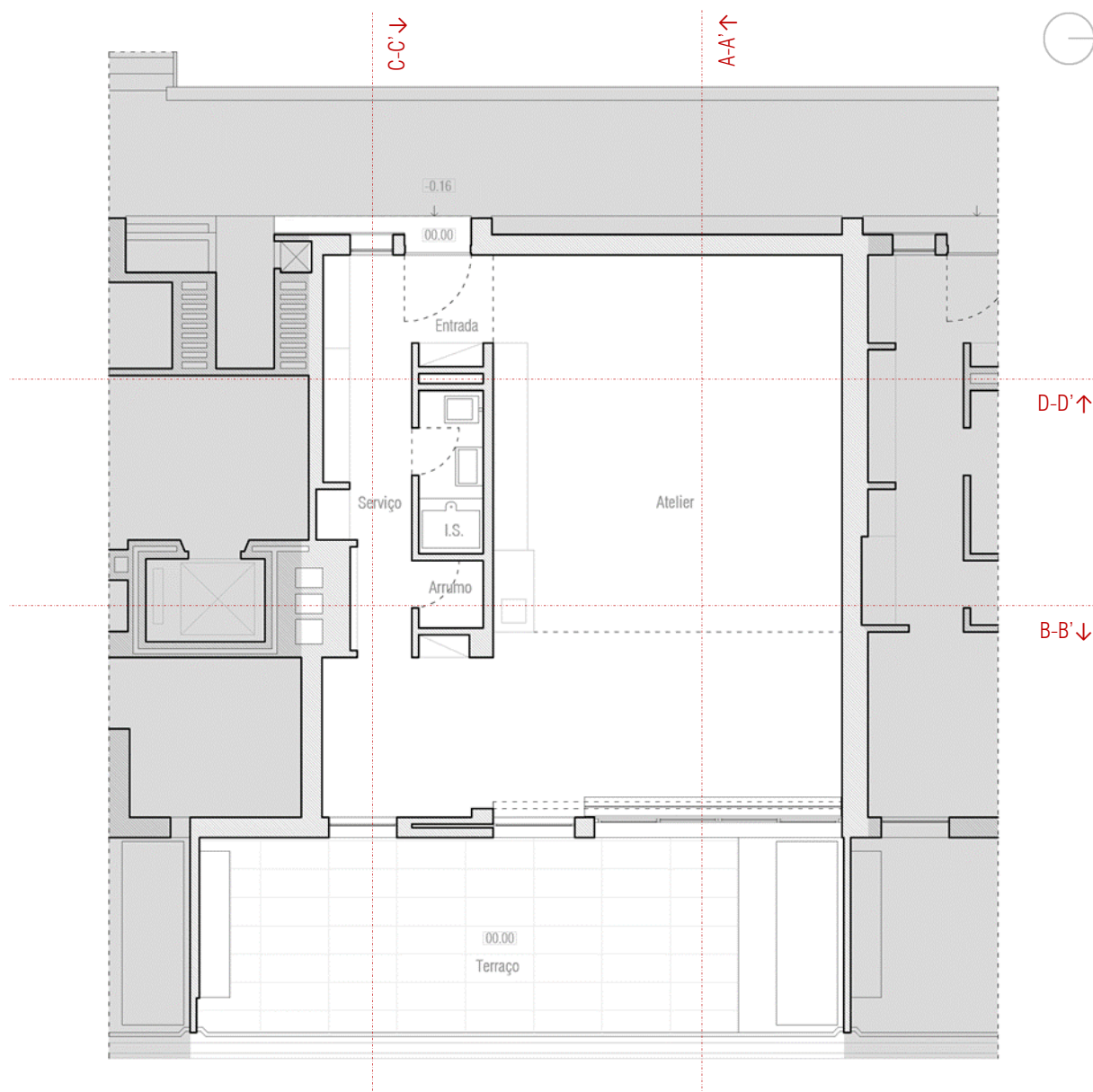
76 – Quarto orientado a poente;



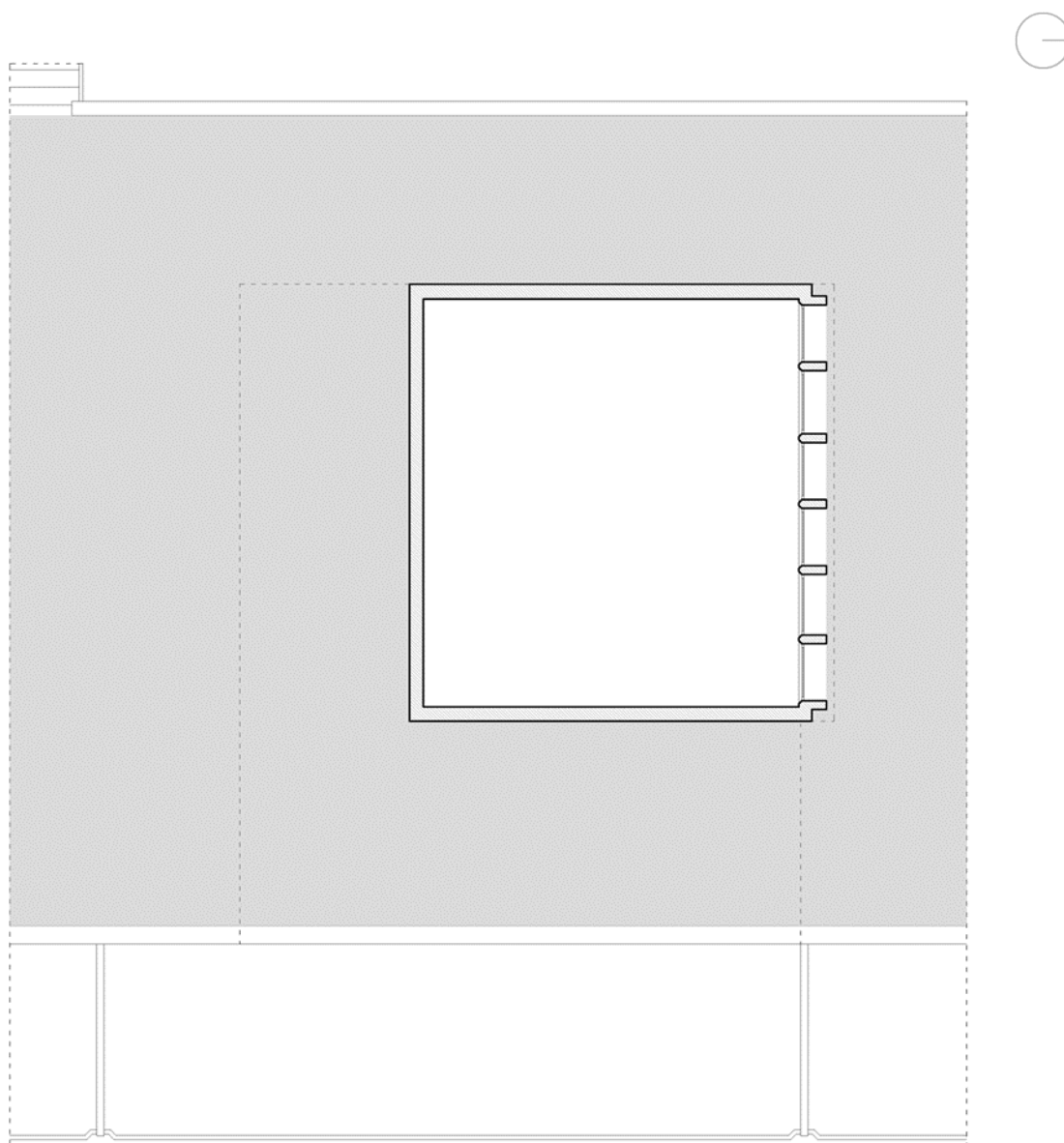
77 – Instalação sanitária adjacente à cozinha;



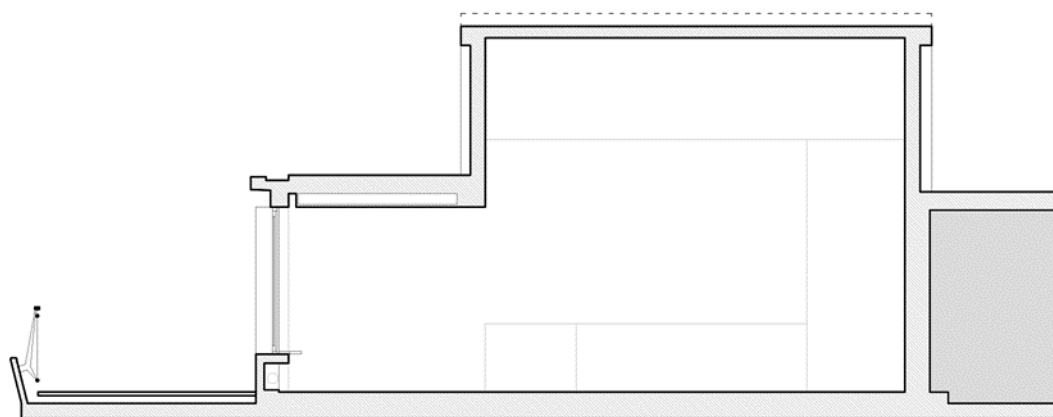
78 – Cozinha do apartamento e vista sobre a sala numa noção de grande liberdade espacial;



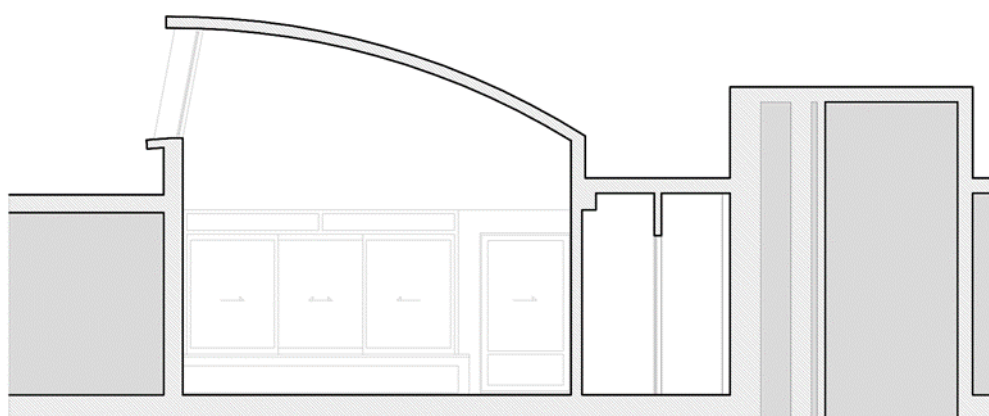
79 - Planta do atelier, configuração original (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



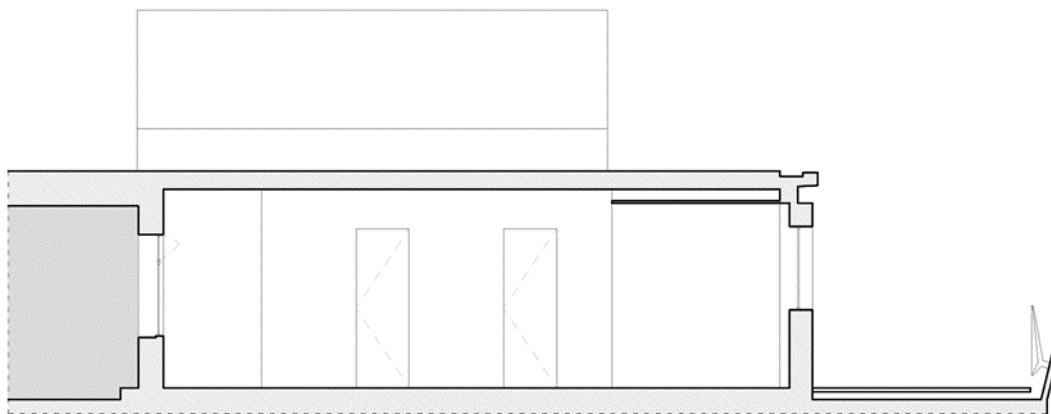
80 - Planta do volume saliente da cobertura do atelier, configuração original (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



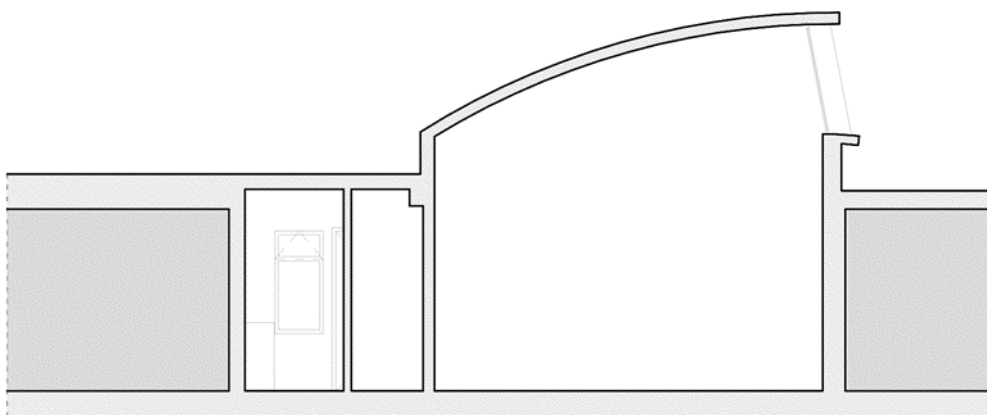
81 - Corte AA' do atelier, configuração original (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



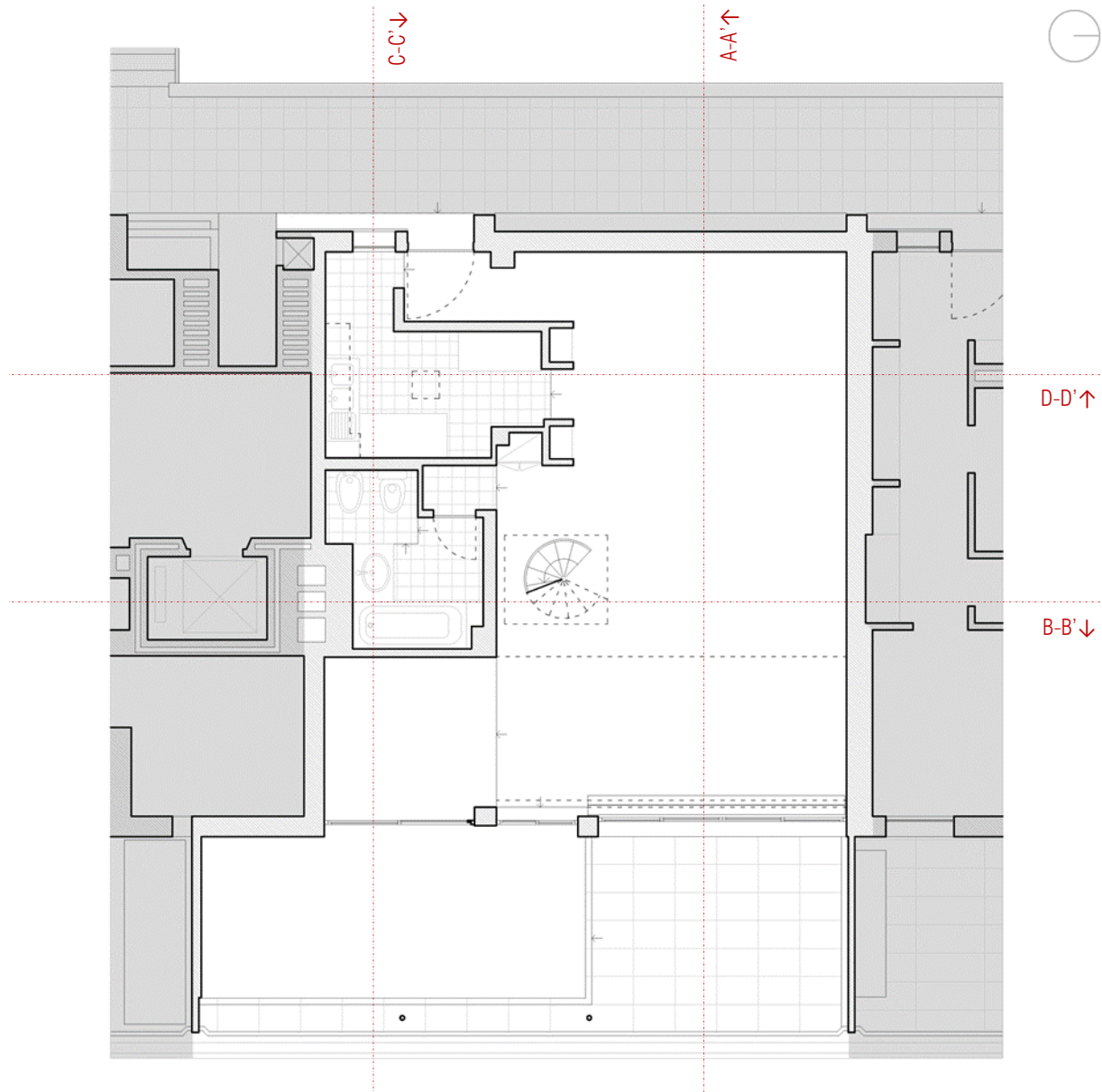
82 - Corte BB' do atelier, configuração original (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



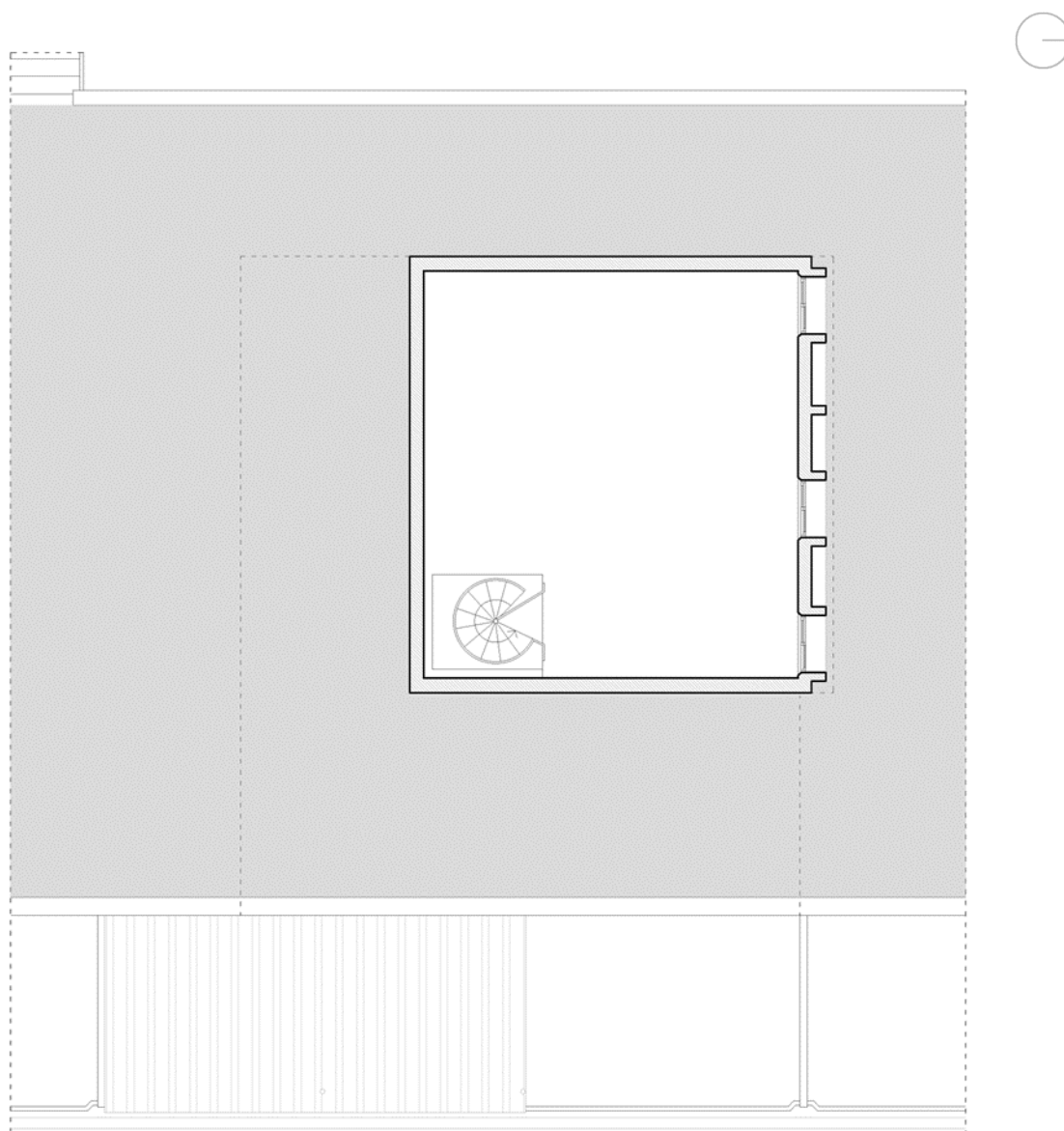
83 - Corte CC' do atelier, configuração original (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



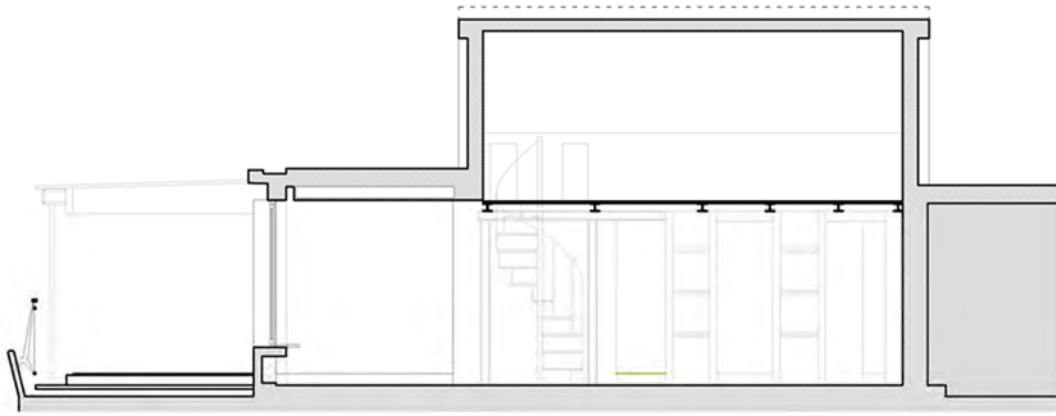
84 - Corte DD' do atelier, configuração original (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



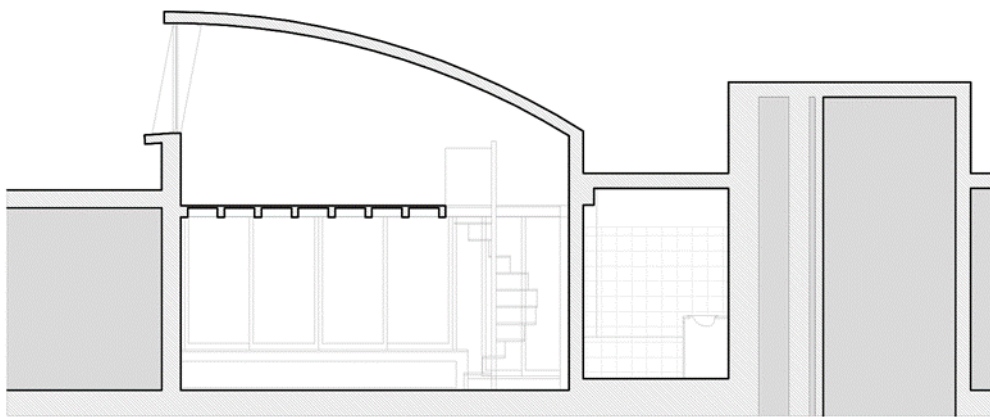
85 - Planta do atelier, configuração ante-projecto (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



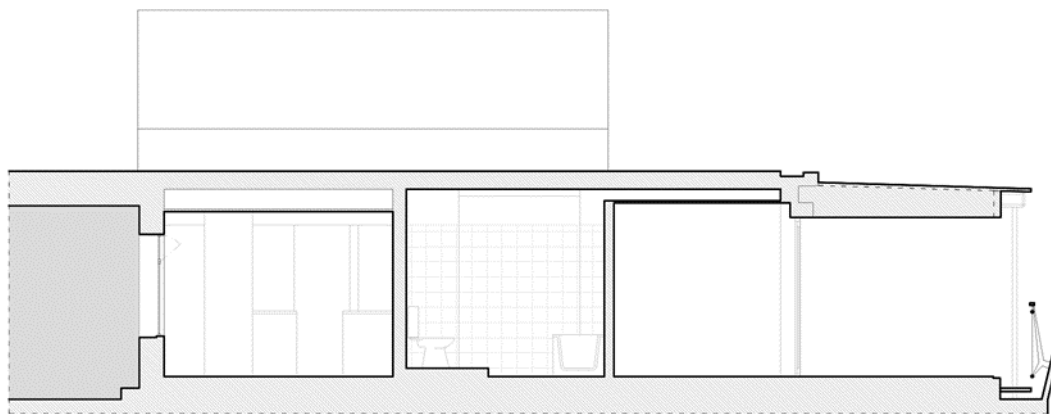
86 - Planta do piso superior acrescentado do atelier, configuração ante-projecto (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



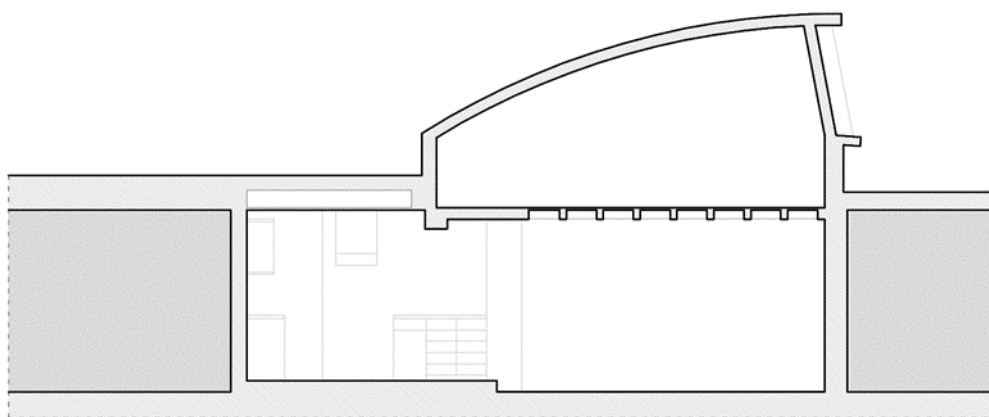
87 - Corte AA' do atelier, configuração ante-projecto (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



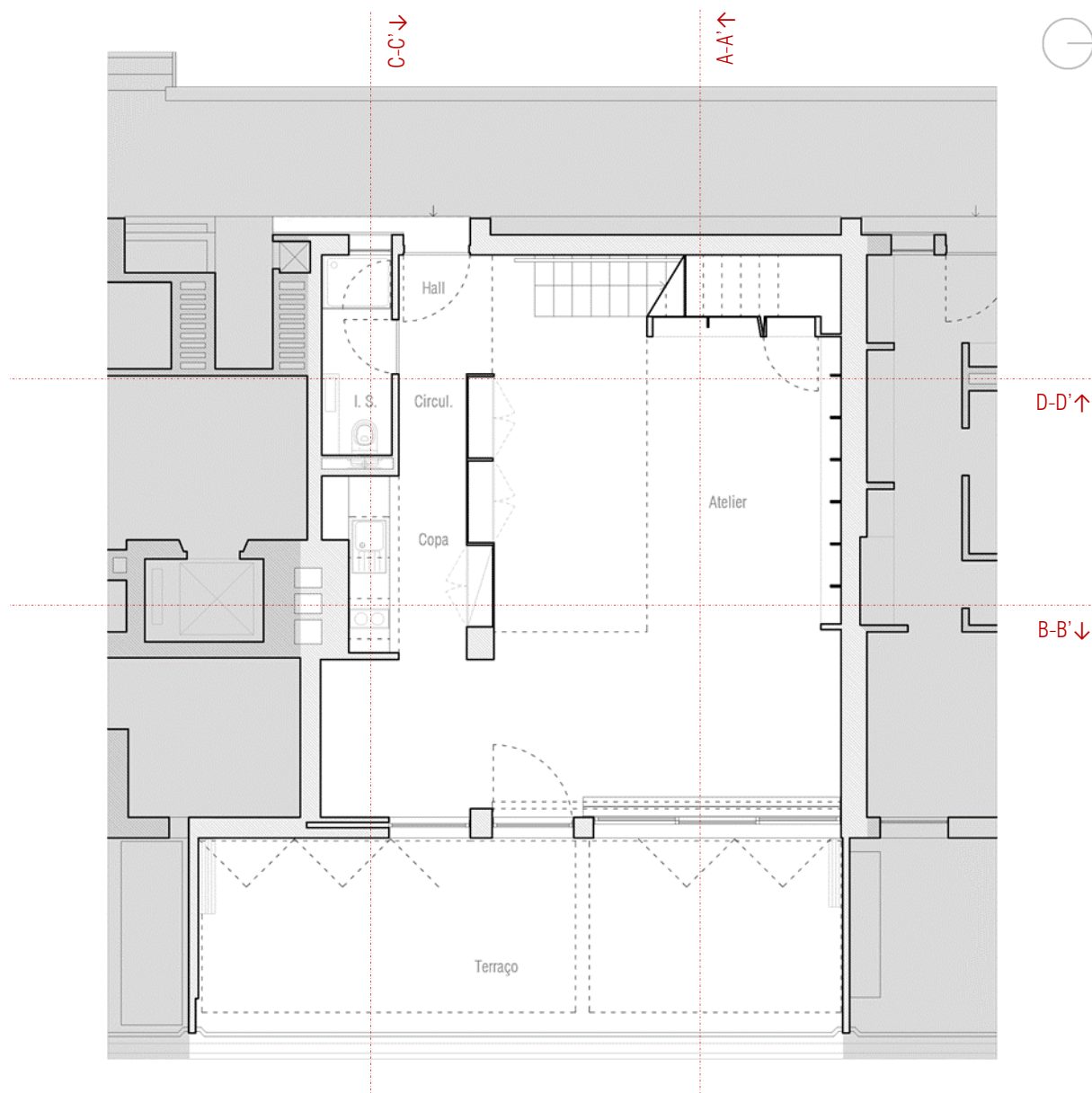
88 - Corte BB' do atelier, configuração ante-projecto (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



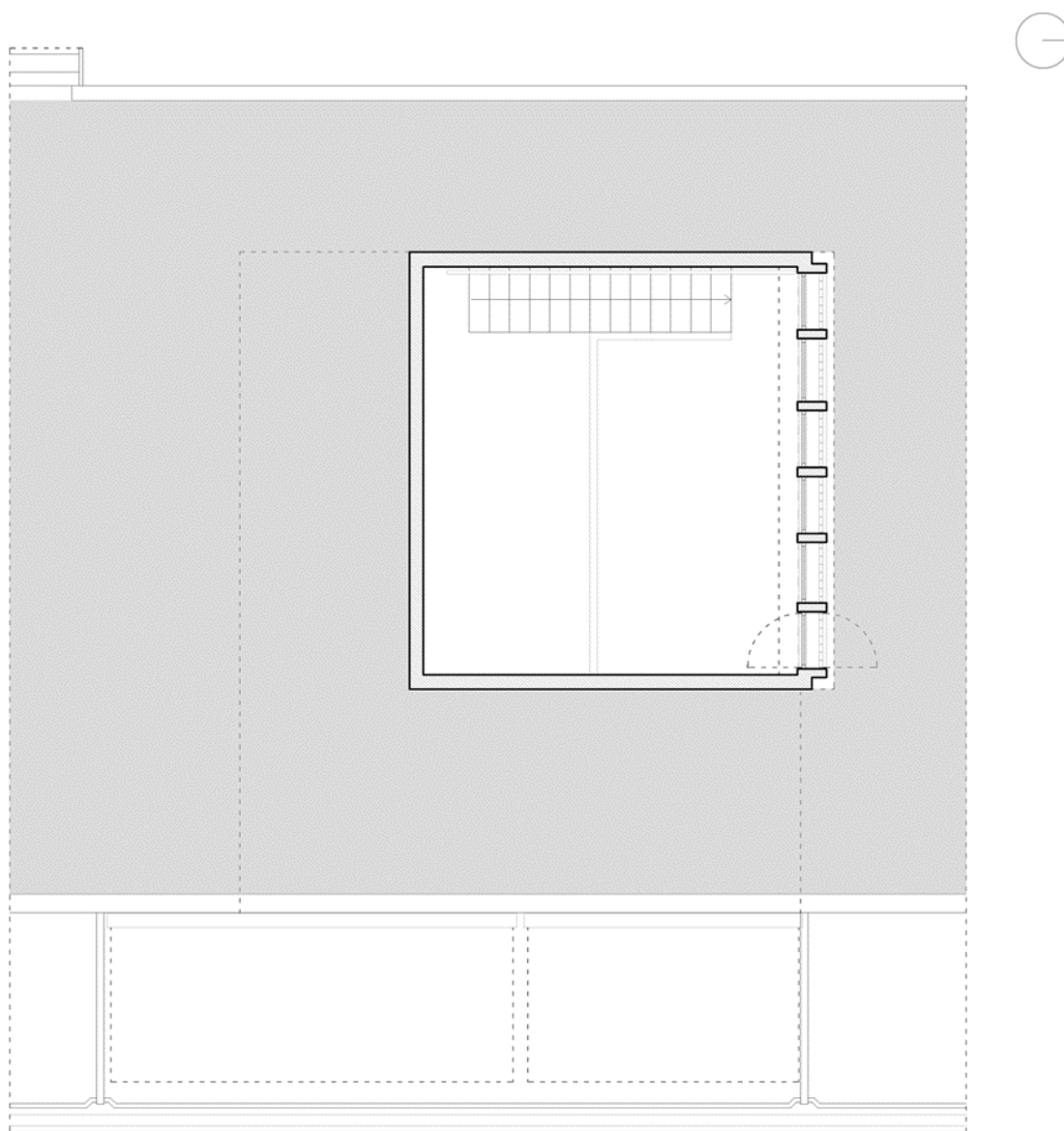
89 - Corte CC' do atelier, configuração ante-projecto (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



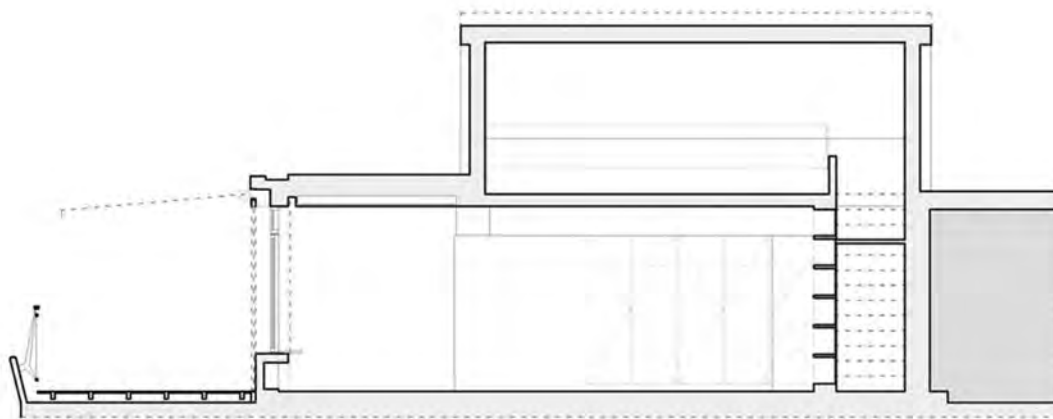
90 - Corte DD' do atelier, configuração ante-projecto (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



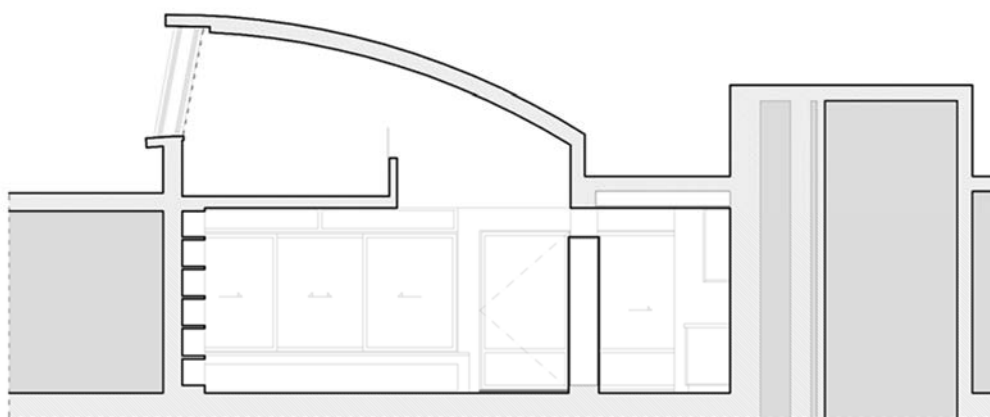
91 - Planta do atelier, configuração após intervenção (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



92 - Planta do piso em mezanino acrescentado, configuração após intervenção (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



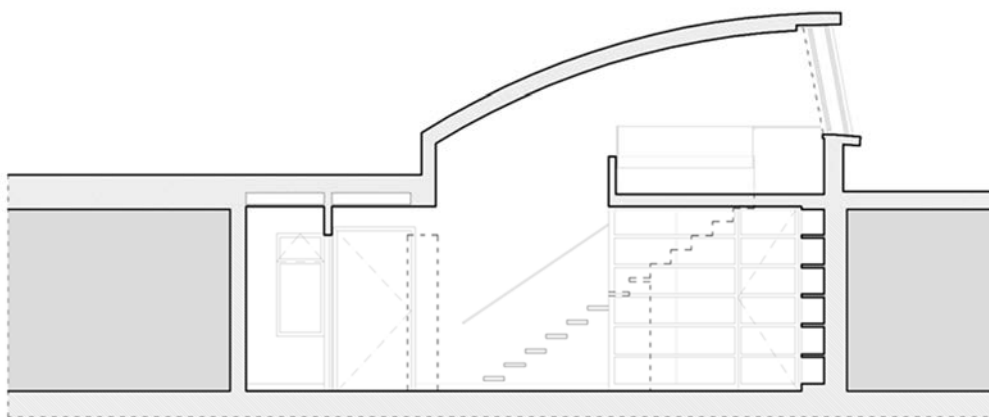
93 - Corte AA' do atelier, configuração após intervenção (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



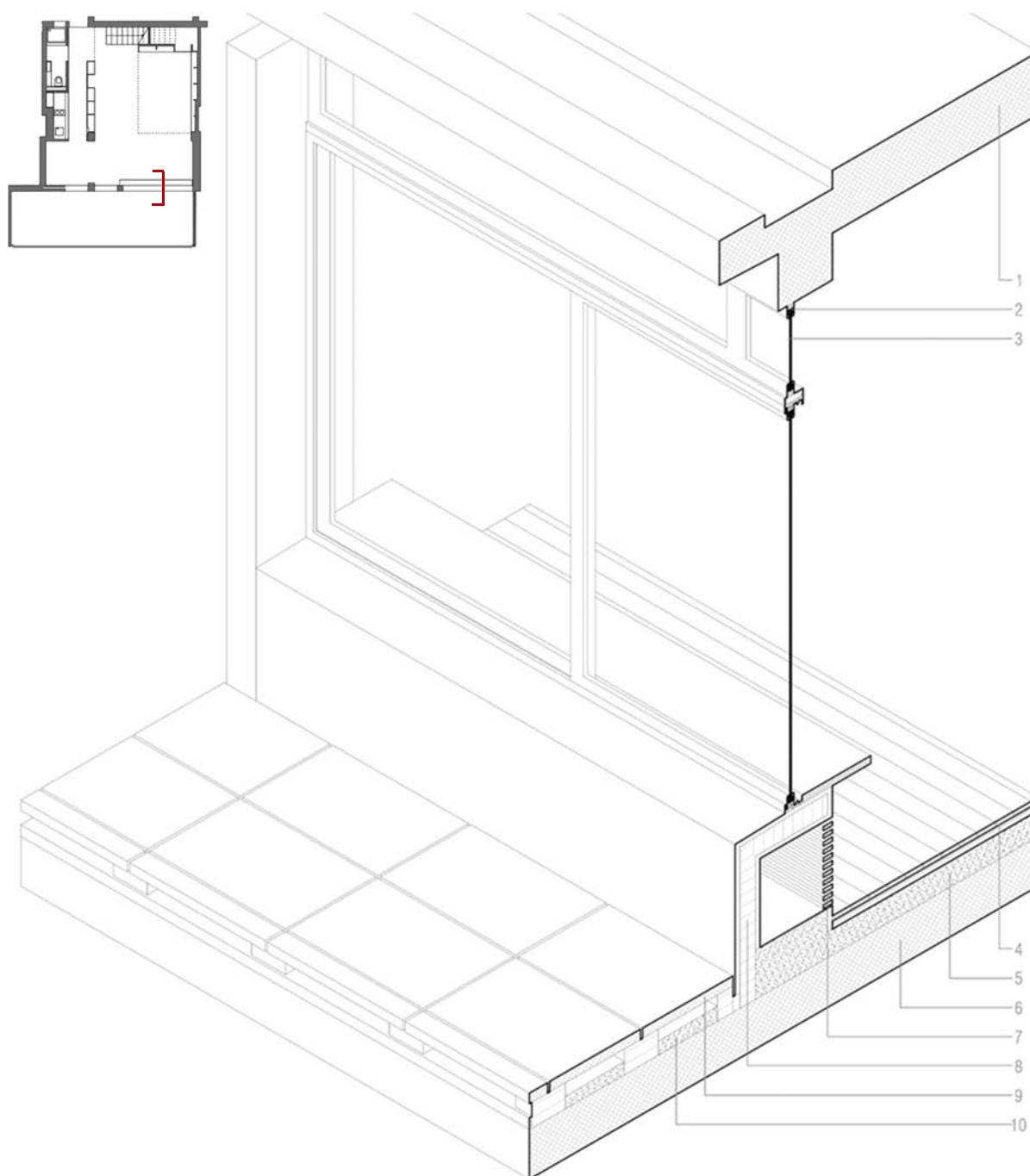
94 - Corte BB' do atelier, configuração após intervenção (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



95 - Corte CC' do atelier, configuração após intervenção (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD

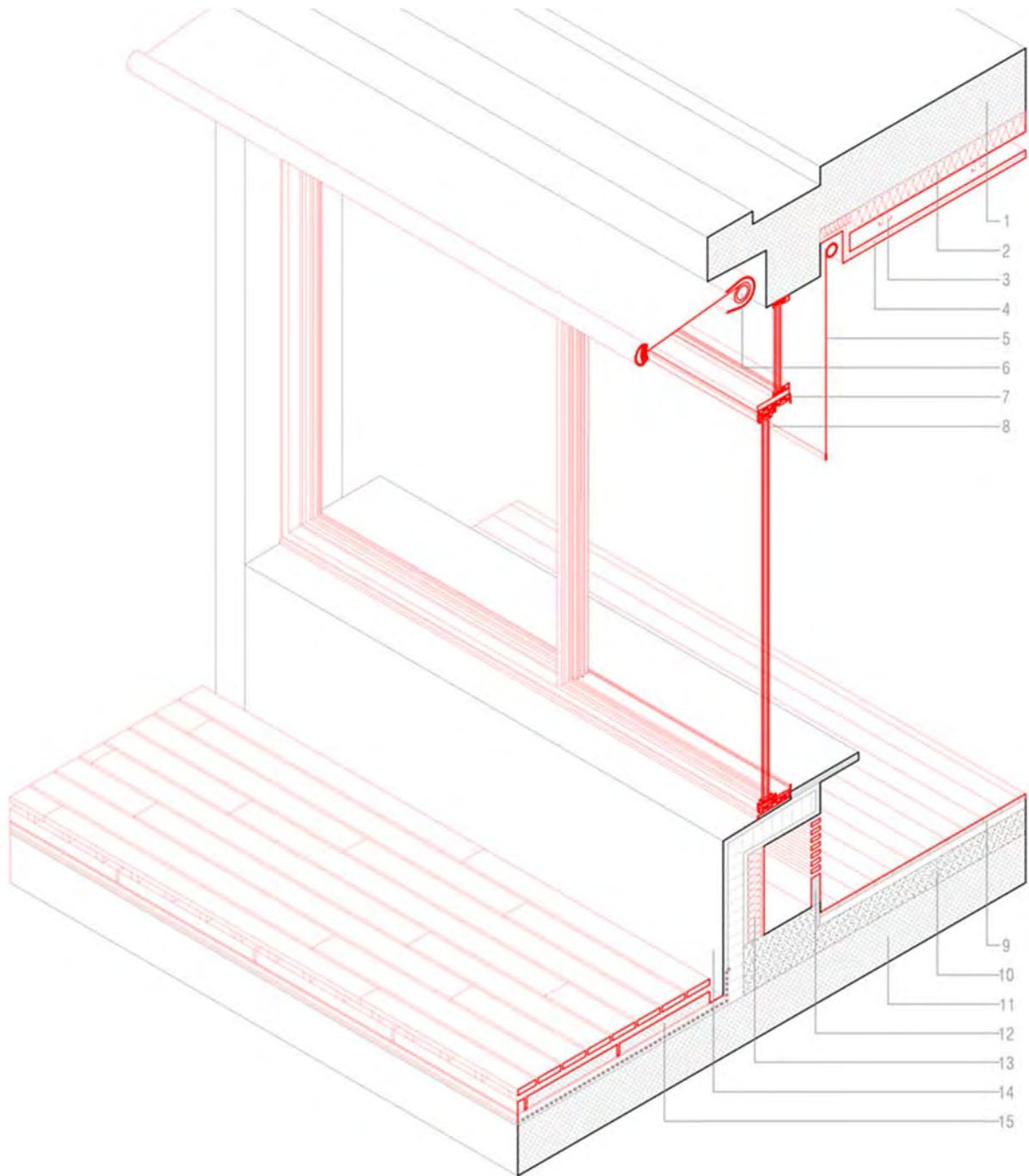


96 - Corte DD' do atelier, configuração após intervenção (escala: 1:100); fonte: arquivo Teresa Nunes da Ponte. Edição por autor com suporte do programa AUTOCAD



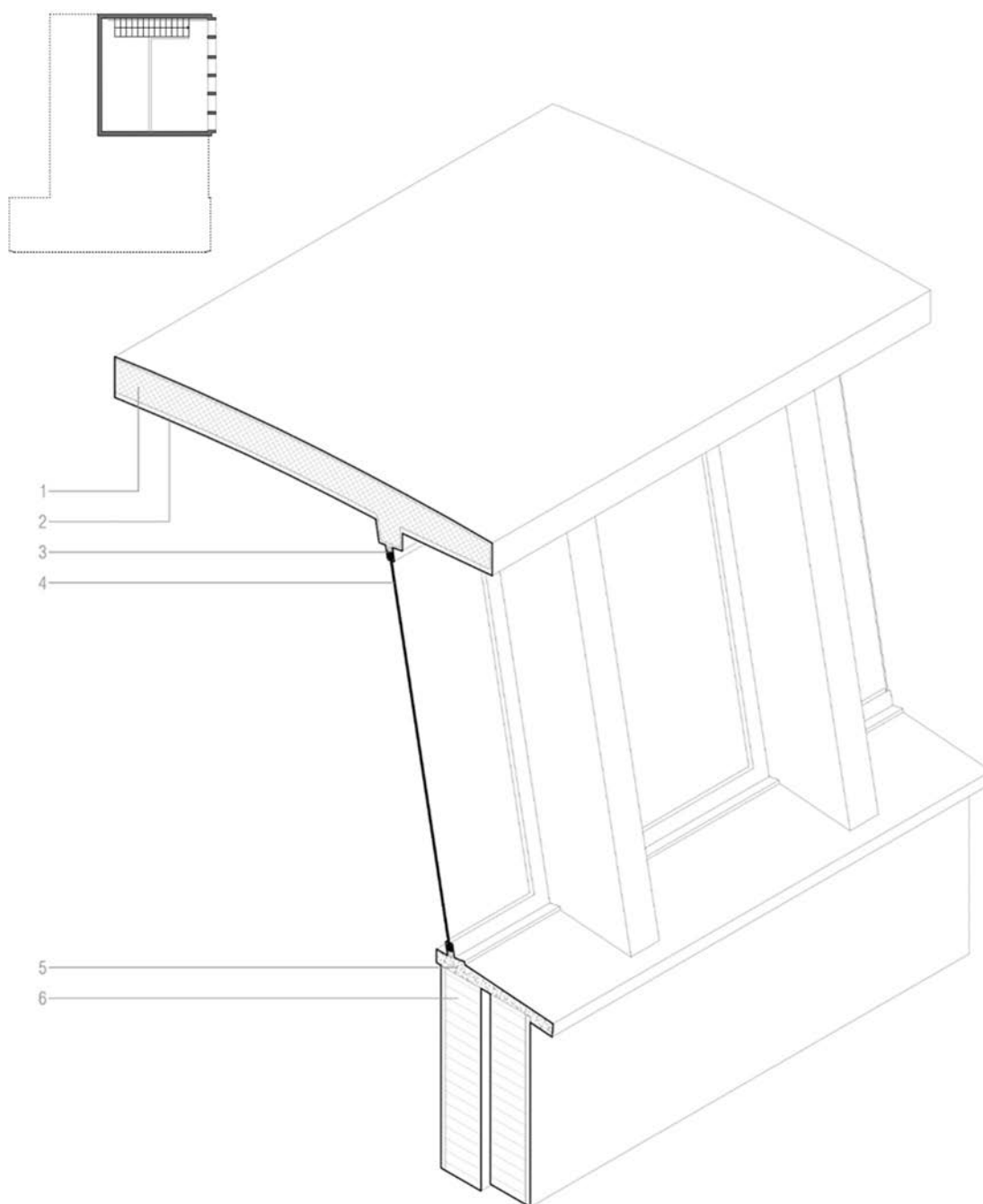
97 - Pormenor construtivo em Axonometria da fachada nascente (escala 1:25); fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD

1 – Cobertura em Betão Armado; 2 – Caixilharia metálica em perfis de ferro metalizados a zinco e pintados a tonalidade cinza; 3 – Vidro simples incolor; 4 – Pavimento em soalho de madeira à inglesa pregado em barrotes de madeira; 5 – Camada de betão celular disposta sobre camada contínua de aglomerado de cortiça; 6 – Laje fungiforme em betão armado; 7 – Fecho de zona técnica de aquecimento em réguas de madeira; 8 – Pano de tijolo furado com acabamento pelo exterior a Marmorite lavada de seixo rolado; 9 – Lajetas de betão pré-fabricado; 10 – Enchimento a betonilha de regularização com impermeabilização “flintkote”;



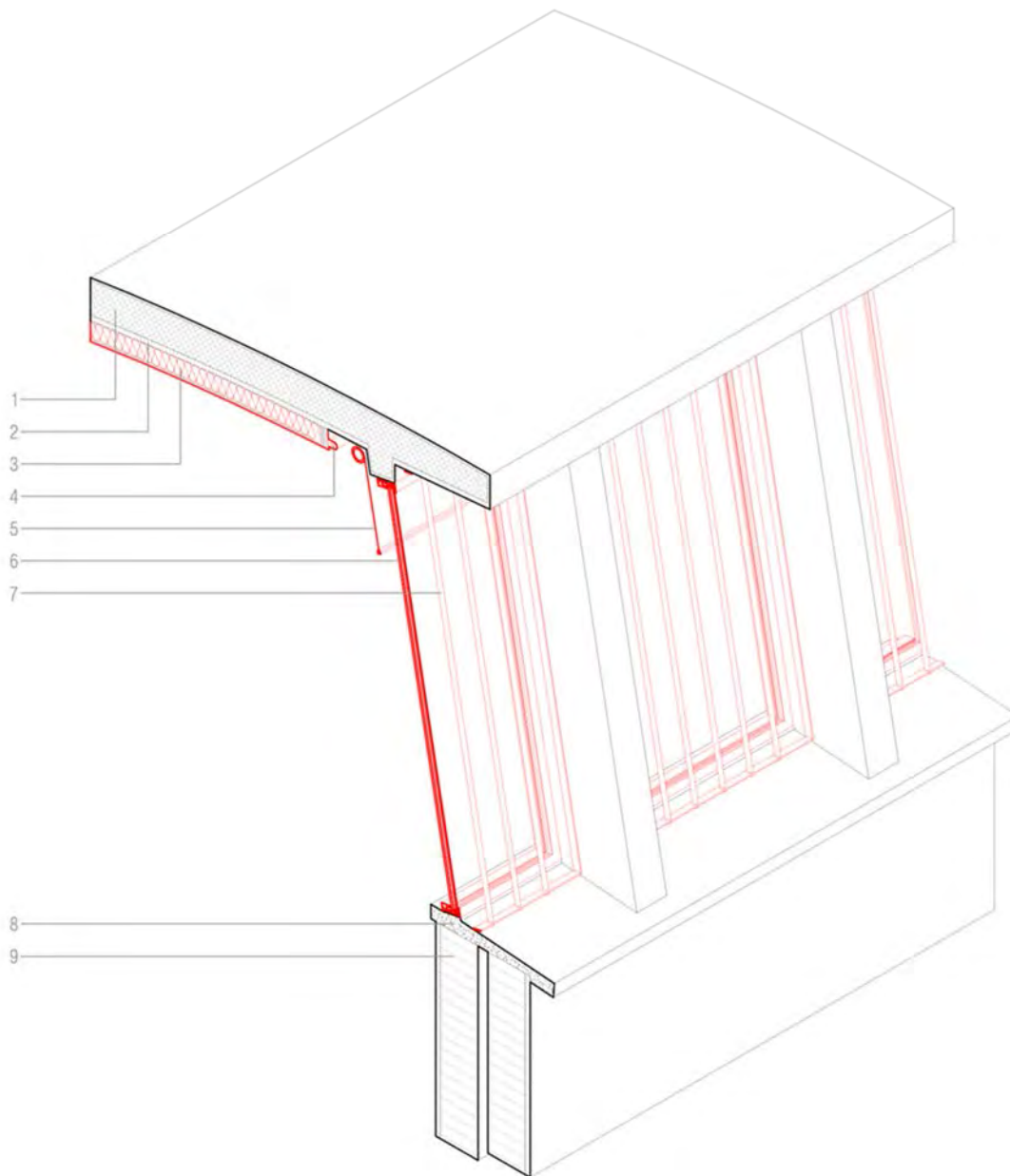
98 - Pormenor construtivo em Axonometria com detalhes de intervenção, fachada nascente após a intervenção da arquitecta Teresa Nunes da Ponte (escala 1:25); fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD

1 – Cobertura existente em Betão Armado; 2 – Isolamento térmico pelo interior em lâ de rocha; 3 – Sistema em gancho de fixação do tecto falso; 4 – Tecto Falso em Gesso cartonado, afagado e pintado a tonalidade branca; 5 – Tela black-out extensível para sombreamento interior; 6 – Toldo de braços rebatível em lona; 7 – Caixilharia de alumínio com corte térmico lacado em tons cinza; 8 – Vidro duplo incolor; 9 – Pavimento em soalho de pinho nórdico em réguas de 12cm de largura em sistema de encaixe macho-fêmea assentes em serrafos de madeira sobre betonilha; 10 – Betonilha de regularização; 11 – Laje fungiforme em betão armado existente; 12 – Réguas de madeira com acabamento a cor branca, recriando o sistema original de fecho de zona técnica de aquecimento, com a adição de uma régua inferior com altura suficiente para adição de tomadas eléctricas; 13 – Isolamento térmico pelo interior em lâ de rocha; 14 – Marmorite lavada de seixo rolado idêntica a projecto original; 15 – Estrado de tábuas de madeira assentes lajetas de betão tipo “Soplacas” sobre novas camadas de regularização e impermeabilização;



99 - Pormenor Construtivo em Axonometria dos vãos na cobertura na situação original (escala 1:25); fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD

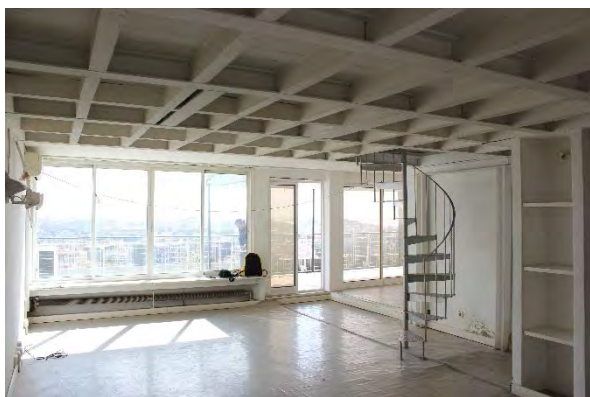
1 – Cobertura em tijolo furado e armado; 2 – Revestimento em estuque; 3 – Caixilharia metálica em perfis de ferro metalizados a zinco e pintados a tonalidade cinza; 4 – Vidro simples incolor; 5 – Peça de remate em betão moldado; 6 – Parede dupla em alvenaria de tijolo furado com caixa-de-ar;



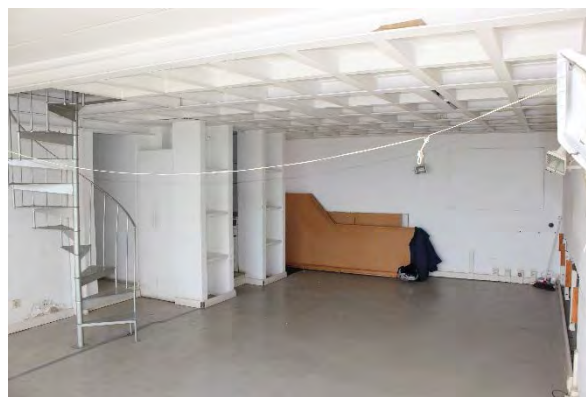
100 - Pormenor Construtivo em Axonometria dos vãos na cobertura com detalhes de intervenção da arquitecta Teresa Nunes da Ponte (escala 1:25); fonte: autor, realizado com suporte do programa AUTOCAD

1 – Cobertura existente em tijolo furado e armado; 2 – Revestimento de cobertura existente regularizado; 3 – Sistema acústico Baswafon, painel de lã mineral com revestimento a massa mineral; 4 – Iluminação pontual indirecta; 5 – Tela black-out extensível para sombreamento com guias laterais; 6 – Vão em vidro duplo incolor em caixilharia de alumínio lacado tipo Navarra com corte térmico; 7 – Prumo redondo das grades de protecção em aço galvanizado e pintado com 16mm de diâmetro e fixo através de chapa chumbada ao suporte; 8 – Peça de remate em betão moldado; 9 – Parede dupla em alvenaria de tijolo furado com caixa-de-ar existente;

Fotografias da situação anteprojecto: (todas as imagens cedidas pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte)



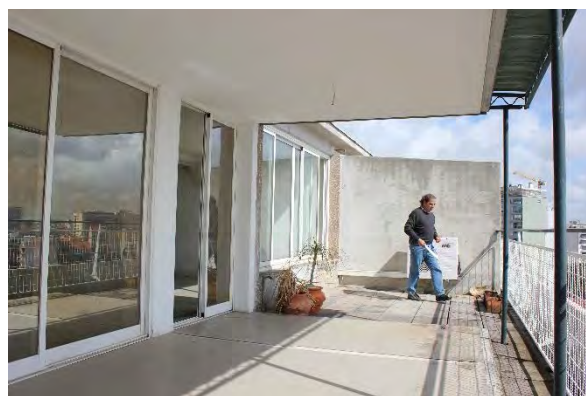
101 – Zona central do atelier com vista para o terraço;



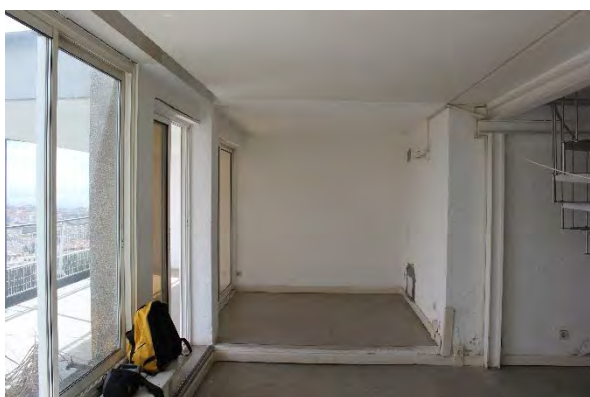
102 – Zona central do atelier;



103 – Terraço, adição de alpendre em estrutura metálica;



104 – Terraço

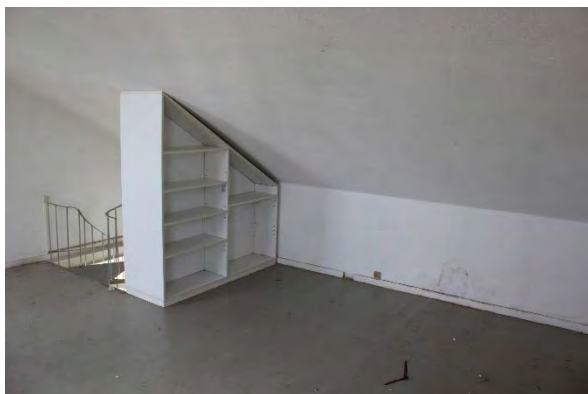


105 – Espaço central do Atelier, vista sobre a ligação com o terraço;



106 – Piso Superior Acrescentado;

(todas as imagens cedidas pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte)



107 – Piso superior acrescentado;



108 – Escadas de acesso ao piso superior acrescentado;



109 – Interior da instalação sanitária acrescentada;

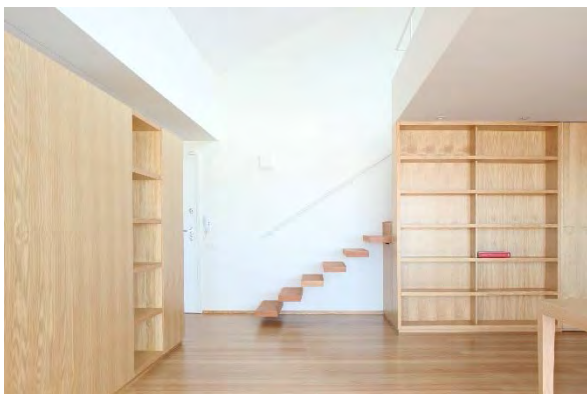


110 – Vista para o interior da cozinha acrescentada;

Fotografias após intervenção: (todas as imagens cedidas pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte)



111 – Fotografia Panorâmica do atelier após intervenção



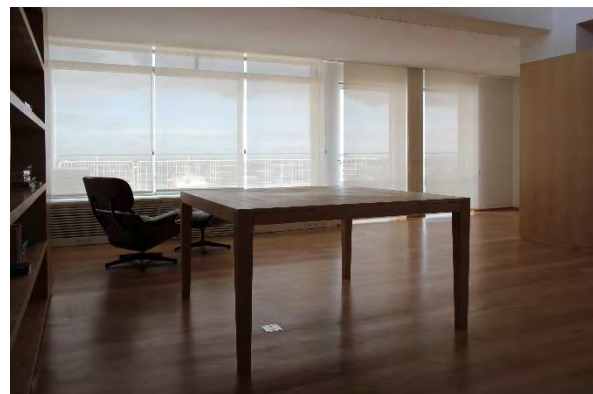
112 – Espaço de trabalho, vista das escadas de acesso ao mezanino;



113 – Elemento separador entre espaço de trabalho e áreas de serviço



114 – Espaço ampo de trabalho, vista sobre a nova estante;

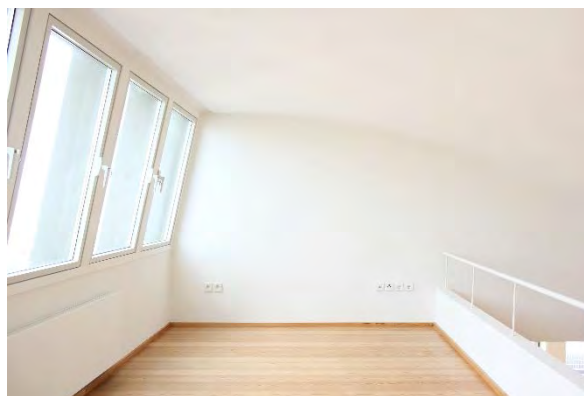


115 – Espaço de trabalho, pormenor dos elementos de mobiliário;

(todas as imagens cedidas pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte)



116 – Zona de trabalho, vista enquadrada para a cidade de Lisboa;



117 – Piso em mezanino;



118 – Escada, em degraus “soltos” de acesso ao mezanino;



119 – Atelier, escadas de acesso ao mezanino e estante de apoio;

(todas as imagens cedidas pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte)



120 – Espaço exterior, vista sobre a cidade de Lisboa;



121 – Espaço exterior, paramentos revestidos a marmorite;



122 – Área de circulação no enfiamento do vão de acesso ao terraço;

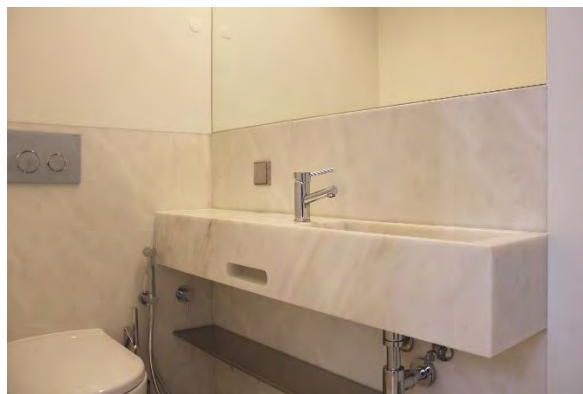


123 – Área de circulação no enfiamento da porta de acesso ao atelier;

(todas as imagens cedidas pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte)



124 – Terraço;



125 –Lavatório em bloco de mármore escavado;



126 – Kitchenette de apoio;



127 – Instalação Sanitária, vista para o duche;

(todas as imagens cedidas pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte)



128 – Espaço de trabalho, pormenor de mobiliário;



129 – Espaço de trabalho, pormenor da estante;

ANEXO 3 - ENTREVISTAS

Arquitecto Bartolomeu Costa Cabral – 15 de Setembro de 2014; 17h30

Catarina Teles – Como caracteriza a sua formação académica e de que forma esta influenciou o seu percurso profissional?

Bartolomeu Costa Cabral – Eu andei numa escola que era considerada uma má escola, comparada com a do Porto. Mas, a impressão que tenho é que a formação académica que eu tive é diferente daquela que existe hoje. Renegaram para um plano muito secundário toda a parte do desenho, toda a parte artística. Eu, no primeiro ano, tive uma cadeira de desenho arquitectónico, em que tínhamos de pintar com aguarela de forma a estudar as ordens clássicas. Depois tinha modelação, que basicamente era copiar objectos em barro e baixos-relevos. Tinha desenho de estátua, onde desenhava estátuas de grandes dimensões a carvão e, no segundo ano, desenho de modelo ao vivo. Portanto, era mesmo uma escola de Belas Artes. Tínhamos também as conhecidas Geometria Descritiva, a História de Arte. Acho que essa dimensão artística faz falta hoje em dia – faz muita falta o desenho à mão para a prática profissional. Apesar disso, o nosso trabalho é fazer projectos. Projectos ligados à construção. Temos de saber de construção, de pormenorização e a representação geométrica dos projectos.

Apesar de a minha escola não ser conhecida como a melhor, os meus colegas não eram maus e aprendíamos todos uns com os outros. Nesse sentido, a descoberta do que era a arquitectura foi feita com os meus colegas na escola e depois com a prática profissional. Aí é que se aprende verdadeiramente. O meu professor foi o arquitecto Nuno Teotónio Pereira, no trabalho do Bloco das Águas Livres. Tive uma sorte muito grande porque normalmente as pessoas começam a trabalhar de uma maneira insegura, com trabalhos mais pequenos e não são imbuídos de tanta responsabilidade. Neste caso, eramos só eu e ele para um trabalho de grande escala, com bastantes exigências, com um tempo estabelecido para ser desenvolvido. Ele [Nuno Teotónio Pereira] ensinou-me várias coisas, principalmente a maneira de ver a arquitectura.

CT – O início da sua vida profissional coincide com uma época de grandes mudanças ideológicas a nível da sociedade europeia, que influenciaram bastante a prática arquitectónica. Como viveu esta vontade de mudança e de que forma esta marcou os projectos que desenvolveu?

BCC – Eu acho que há uma grande relação entre essas mudanças e a arquitectura. Eu, por exemplo, fui para a escola depois da guerra. Tinha acabado aquele pesadelo de guerra, do fascismo e nazismo e, portanto, havia um grande entusiasmo para uma nova vivência. A arquitectura moderna sempre esteve imbuída de um espírito um bocado socialista, ou de uma ética de vida, em que a arquitectura era uma espécie de missão, de trabalho para a sociedade. O arquitecto Nuno Teotónio também tinha uma demarcada pendente política de esquerda e sempre me puxou para os aspectos sociais da arquitectura e para a habitação social. Isso foi, realmente, o que me mais caracterizou a minha actividade profissional – essa ligação à ética, à responsabilidade e ao sentido de verdade, dos valores morais. A arquitectura desse tempo tinha isso: não se aldrabava, não se mentia. A nossa missão era contribuir substancialmente para a felicidade das pessoas e da sociedade, com ambientes onde as pessoas se sentiam bem, onde as famílias se pudessem organizar e ter uma vida boa, que o espaço da casa fosse susceptível, por exemplo de favorecer a vida familiar. A cozinha, onde as pessoas passam mais tempo seria o espaço central de actividade da casa. Assim, as mudanças ideológicas a nível da sociedade europeia estavam também presentes na mensagem que era transmitida pela arquitectura moderna – que nós aderimos completamente.

CT – O Bloco das Águas Livres representa um momento de charneira para a introdução do Movimento Moderno na arquitectura portuguesa. Descreva um pouco da sua experiência na definição deste projecto e na colaboração com o arquitecto Nuno Teotónio Pereira, numa fase inicial da sua carreira.

BCC – Estas coisas só são verdade à posteriori, no momento em que desenvolvemos este projecto não estávamos a pensar nisso. Agora, se o Bloco das Águas Livres foi uma charneira, acho que já haviam alguns exemplos de arquitectura modernista em Portugal antes deste projecto. O arquitecto Viana de Lima, no Porto, o Segurado em Lisboa, mesmo a exposição do Mundo Português com o Cottinelli Telmo e o Pardal Monteiro, ou o projecto da Igreja de Nossa Senhora de Fátima que é do arquitecto Pardal Monteiro. Tudo eles representaram um bom exemplo dessa implantação do movimento moderno em Portugal. As Águas Livres, em 53, já não é completamente pioneiro, embora seja um bocadinho

diferente dos restantes projectos que se faziam dentro do moderno. Em relação à minha colaboração com o Nuno, esse foi vital para a minha restante profissão.

CT – Como interpreta o tema da intervenção e reabilitação da arquitectura do movimento moderno?

BCC – Eu acho que se tem de ter muito cuidado para não se descaracterizar esses projectos. Por exemplo, mesmo a nível dos vidros duplos, eu não acho que seja uma grande necessidade. Se o sol bate directamente no vidro duplo, até aumenta o calor de estufa dentro dos espaços, existindo sempre necessidade de protecção exterior. Parecendo que não, o vidro duplo tem uma grande influência no ambiente dos espaços a nível visual, devido àquela tira brilhante que possui. Nesse sentido, o vidro simples tem uma presença mais agradável. Esse é o grande problema da arquitectura em função da nova legislação existente que, a partir de exigências térmicas e de conforto cerceia muito a liberdade de projectar. Por exemplo, as janelas agora já não podem ser realizadas em madeira, vai-se logo para o alumínio e para o plástico (pvc). A implementação de ar-condicionado nem se fala. É extremamente complicado fazer esse tipo de reabilitações nos edifícios e adapta-los ao mesmo tempo às necessidades contemporâneas. É bastante complexo fazer sem estragar. Mas apetece, efectivamente, que os edifícios bons do modernismo sejam preservados.

CT – Como encara as intervenções que foram sendo desenvolvidas ao longo do tempo no Bloco das Águas Livres?

Foram sempre intervenções pontuais, feitas pelos próprios proprietários que se queixavam, por exemplo, que as janelas assobiavam com o vento. Em vez de tentarem colmatar as frinchas, substituíram os caixilhos por caixilharia de alumínio actual. Como viu, muitos apartamentos no Bloco foram adulterados, até fecharam janelas, alteraram o espaço interior, as cozinhas e os equipamentos. Eu penso, que as cozinhas adaptam-se muito bem às necessidades actuais, com excepção da profundidade das bancadas para embutir os novos electrodomésticos. Portanto, relativamente às intervenções, encaro-as, de uma maneira geral, como tendo sido mal feitas e escusadamente. Ainda hoje existem caixilhos originais que funcionam muito bem. Não era preciso efectuar certas mudanças. No sentido global, a nível do dono do prédio foram feitas obras de recuperação, há cerca de 20-30 anos, mas no sentido de preservação, não foi para mudança. A nível dos apartamentos as pessoas gostam de fazer um arquinho à entrada, não gostam dos armários com aquelas

portas de correr e fazem umas com feitos, outras rebentaram com paredes para fazer divisórias maiores.

CT – Trata-se de um edifício da década de 50 e, naturalmente, os índices de conforto foram evoluindo até à actualidade. Como observa a adaptação do património edificado face às necessidades de conforto contemporâneas e eventuais repercussões que estas possam trazer?

Muitas das mudanças que estão relacionadas com os processos de reabilitação, residem em materiais de isolamento térmico. Face aos regulamentos, o Bloco não cumpre essa exigência térmica. Mas, ao mesmo tempo, houve certos cuidados que tivemos. Ao nível acústico, por exemplo, as lajes são em betão maciço, de 16 cm, porque foi um tipo de estrutura em laje fungiforme sem vigas e, portanto, é mais espessa. O pavimento é assente sobre uma estrutura de madeira com caixa-de-ar e a estrutura, por sua vez, é assente sobre material isolante. As paredes divisórias também estão assentes em tiras de cortiça, para evitar a transmissão do som de percussão. Para o som aéreo, a laje maciça de 16 cm é melhor que uma laje aligeirada que se faz hoje. Portanto, nesse aspecto acústico, as casas foram bem tratadas.

De uma maneira geral, as casas são dotadas de aquecimento, portanto são muito mais confortáveis do que o normal. Ao nível das acessibilidades, que também são uma questão de conforto e de segurança, o edifício cumpre todas as regras de regime de segurança que foram implementadas posteriormente. Realmente a ideia de existir apenas uma saída e um grande corredor em galeria sem saída era algo que qualquer pessoa via que estabelecia um perigo, de maneira que com os acessos de emergência introduzidos nas pontas do edifício, que estão a menos de 10 metros das portas, estão seguros os acessos criados. A nível do fogo, também isso acontece, porque são acessos exteriores. Portanto, nesse aspecto está bem resolvido o edifício – não tem falta de escadas, o dimensionamento das vias de saída está correcto, para acesso a deficientes também foi prevista a entrada em rampa. As exigências de conforto actuais também não são assim tão diferentes como isso. A mudança está mais ligada ao nível de uma maior exigência de isolamento térmico das fachadas e dos seus vãos e pouco mais.

A nível das áreas, o bloco cumpre as áreas regulamentares – sendo uma casa de rendas altas (não era uma casa para as classes mais ricas, era uma habitação mais para estrangeiros), para pessoas com uma vida simples, mas que tinham já algumas possibilidades. As cozinhas são pequenas, os quartos são relativamente pequenos, aquela

casa T2 é uma casa de áreas acanhadas. Quando se pede, hoje em dia, uma casa com um certo luxo, a primeira coisa que aparece é uma sala de 50 m², uns quartos grandes. Isso o bloco não tem, possui casas com modéstia de acabamentos e com modéstia de espaços.

CT – Considera que a estrutura original do Bloco é facilmente adaptável a essas novas exigências? De que forma a matéria construída pode oferecer resistência às necessidades da sociedade actual?

O Bloco das Águas Livres tem *courettes*, a sua localização foi muito pensada, as alimentações de água, gás, electricidade estão inseridas em *courettes* e podem facilmente ser substituídas e/ou reparadas. Fez-se também a evacuação de lixos que continua a funcionar como serviço centralizado. Tem serviço de águas quentes, e de aquecimento. Aquelas casas são dotadas de um conforto que não era comum. Portanto, existe talvez a necessidade de estruturas de telecomunicação (transmissão de dados, internet), que no Bloco não existem. Mas eu tenho impressão que é facilmente fazível em qualquer casa.

8. Com base na realidade que conhece do Bloco das Águas Livres, quais acha que devem ser os desafios e prioridades a tomar num futuro próximo?

Eu atrevo-me a dizer que, para mim, num aspecto essencial o Bloco das Águas Livres continua a ser um paradigma daquilo que se deve fazer na habitação. É a sensação que eu tenho. Porque é uma arquitectura humanizada e deve permanecer sempre para o futuro. Eu tenho muito medo, hoje em dia, desta tendência para a desumanização da arquitectura, não só em projectos mediáticos, um pouco sensacionais, mas também pela ausência de conforto psicológico. Nas arquitecturas que se fazem hoje é tudo branco, é tudo liso, não há materiais, não há controlo de luz... as janelas quase que já não têm estores, são utilizadas apenas umas cortinas, existe uma tendência para deixarem de ser utilizados os materiais naturais porque, por exemplo, as madeiras empenam. Então, agora são utilizados pavimentos de matérias sintéticas a imitar os materiais naturais. Há uma tendência para o uso de materiais, para já, muito standardizados que recriam um bocado os mesmos ambientes. Nas revistas, as coisas que aparecem, há um desejo de grande originalidade, mas é uma originalidade dentro da banalidade. Não são verdadeiramente originais – é tudo igual e existem formas caprichosas.

Para o futuro, não se deve perder esse sentido humano das coisas. Penso que é o mais importante. Voltar a uma arquitectura simples, económica e a uma escala humana. O edifício do Bloco das Águas Livres, apesar de ter 12 pisos, tem uma escala humana. São

esses valores que se têm de acautelar para o futuro, e não se deixar deslumbrar pelos aspectos tecnológicos que são um bocado secundários, estão fora do essencial daquilo que deve ser o ambiente de uma casa. O que é que interessa ter muitas luzes que abrem e fecham e estores automáticos que se comandam? Tudo isso faz parte de uma visão muito mecanicista, muito pouco humana – uma visão científica.

9. Considera importante a definição de regulamentação de salvaguarda que estabeleça normas concretas de actuação neste edifício?

Gostaria muito que não estragassem o edifício tanto for fora, como por dentro. Mas, portanto, as normas de actuação neste edifício prendem-se a uma questão de bom senso, de equilíbrio, de respeito. O bom senso é mais importante que as normas. As normas podemos fazê-las, mas a mentalidade das pessoas não podemos agir sobre elas.



130 - Arquitecto Rui Órfão no dia da entrevista – 3 de Setembro de 2014; 18h00

Catarina Teles – O património do movimento moderno enfrenta novos desafios na actualidade. Não só as necessidades dos utilizadores, como também os índices de conforto foram evoluindo, aumentando a necessidade de adaptação da maioria dos edifícios construídos neste período. Como interpreta o tema da intervenção e reabilitação da arquitectura do movimento moderno?

Rui Órfão – Esta intervenção e reabilitação é cada vez mais premente, porque a reabilitação urbana e a reabilitação dos objectos arquitectónicos está relacionada com a memória, com a avaliação que se faz do edificado de forma a perpetuar os projectos, as linguagens e toda a história do movimento da arquitectura, seja ela moderna ou realizada nos diversos períodos da história. Portanto, se nós não preservarmos, actualmente, a memória construída, daqui a uns anos não teremos estes exemplares para estudar, para fazer parte da nossa cultura arquitectónica. Trata-se de uma questão cultural. Preservar a memória, preservar o passado, significam, de certa forma, acautelar o futuro. Nesse sentido, devemos olhar de uma forma objectiva e isenta para o que está construído, e dessa análise, proceder a intervenções consoante o objecto em questão, verificando o seu contexto... a sua história e respeitando, tanto quanto possível, os parâmetros iniciais de cada projecto.

CT – Ao longo da sua experiência profissional, quais foram os projectos de reabilitação que desenvolveu para além da experiência conduzida no Bloco das Águas Livres?

RO – No Bloco das Águas Livres não tenho mais nenhum projecto de intervenção. Mas, todos nós enfrentamos a reabilitação, de certa forma, quando passamos por objectos já edificados. Hoje em dia, grande parte do trabalho é feito sobre edifícios já construídos, como por exemplo remodelações de pequena escala, em apartamentos, moradias ou até mesmo em objectos mais antigos. A minha experiência profissional de intervenção mais recente centra-se com duas reabilitações que fiz, com escala considerável, em Leiria. Uma corresponde à reabilitação de um Solar do século XVI, a casa Ataíde no Largo do Terreiro, e a outra foi a reconstrução quase completa do palacete dos Guerra. Em ambos os projectos procedeu-se a uma alteração do uso. No caso do palacete seria a conversão do edifício para uma unidade de habitação fraccionada para apartamentos, para um condomínio, e no caso do Solar dos Ataídes foi a transformação de um complexo habitacional, de todo um programa de habitação, para uma sede institucional de um banco. São programas que alteram, de certa forma, a função e o funcionamento do edifício, mas mantendo, tanto quanto possível, como é o caso do Solar dos Ataídes, a distribuição interna, toda a memória, toda a volumetria.

CT – Na sua opinião, até que ponto às restrições energéticas e de segurança contemporâneas podem colocar em causa os princípios originais de um projecto?

RO – Eu acho que temos que avaliar muito bem cada caso. Cada objecto deve ser análise de um estudo pormenorizado, cuidado e individualizado, porque há projectos e projectos e todos eles pressupõem uma avaliação que permita identificar e triar até que ponto a intervenção desvirtua, em definitivo, o objecto em si. Na maioria dos casos, devemos fazer uma abordagem de compromisso. Existem algumas situações em que é impossível cumprir os regulamentos actuais, nomeadamente as questões de segurança. Mas, no geral, toda a arquitectura é passível de inserir novos programas e novos regulamentos. Na minha opinião, são os regulamentos que têm de se adaptar aos adaptados e não o contrário, porque, no fundo, os edifícios são anteriores aos próprios regulamentos.

Os regulamentos, na grande maioria das vezes, exigem parâmetros demasiado rígidos, e por vezes, são analisados por pessoas que têm uma visão, sobre esses mesmos regulamentos, demasiado restritiva. Portanto, prefiro o princípio que temos de possuir bom senso, para intervir de acordo com aquilo que o corpo permite. Reabilitar é, no fundo, como

se tratasse de um trabalho de medicina – não se pode reabilitar alguém, transformando-o numa coisa completamente nova, senão muda-se completamente o objecto.

CT – Atendendo particularmente ao projecto que desenvolveu no Bloco das Águas Livres, quais foram os principais motivos que levaram o utilizador a procurar uma intervenção informada?

O caso do Bloco das Águas Livres é um objecto muito singular na história da nossa arquitectura contemporânea. É um edifício tão particular que não lhe encontro nenhum similar em todo o território, não só pelo programa que é introduzido no edificado, como pelo número de artistas intervenientes, pela maneira como é tratado todo o espaço público, e todo o programa de distribuição interna. Sendo um objecto tão singular obriga, de certa forma, a que qualquer eventual proprietário, ou morador do sítio, leve consigo esta carga cultural, todo este historial, quando faz a escolha de habitar neste edifício. Portanto, logo à partida, quem acede a um objecto desta natureza, normalmente são pessoas informadas. Quanto mais se conhece o edifício, mais se gosta. É um processo que muda muito de piso para piso: à medida que se soube no bloco vamos descobrindo Lisboa de uma forma surpreendente e essa leitura, da vista panorâmica, é diferente deste o piso térreo até ao último piso. Mas o edifício em si, logo que nos acercamos dele, até pela maneira como ele está inserido num acesso bastante reservado, numa plataforma, começa também a aproximar-se também de nós, pelo nível de pormenorização, pelo nível de detalhe que faz com que se torne num objecto fascinante de descoberta. As pessoas, quando fazem essa escolha de habitar neste edifício, deve tentar preservá-lo da melhor maneira – como um coleccionar quando escolhe um objecto de arte. Escolhe-se um objecto arquitectónico enquanto objecto artístico.

CT – Mas relativamente ao estado do próprio apartamento que reabilitou, como é que ele se encontrava quando se iniciaram os processos de reconhecimento do local?

RO – Este apartamento, não se pode dizer que estivesse degradado, mas estava muito descaracterizado. Porque degradação significa uma coisa em estado de ruína. O apartamento não estava em ruína, mas estava muito adulterado, tinha muitas camadas que evidenciavam os vários gostos do tempo. Mas isso também foi bom porque me permitiu encarar a intervenção removendo essas camadas superficiais, essas layers, esses abcessos, que tinham sido colocados mas que não tinham, de certa forma, desvirtuado a matriz de organização espacial original. Tratou-se de uma espécie de limpeza.

CT – Descreva um pouco da sua experiência na definição deste projecto de intervenção, mais concretamente no que toca às principais estratégias preconizadas.

RO – A ideia foi sempre tentar refazer, de certa forma, a matriz inicial do apartamento dentro do contexto do Bloco das Águas Livres. Nunca se pensou em alterar radicalmente pelos materiais, pelos revestimentos ou, por qualquer que seja a razão, alterar a imagem daquilo que é a essência da compartimentação, a essência da espacialidade, da volumetria, da luz, de todo o tipo de serviços pré-existentes. A ideia foi, tanto quanto possível, fazer um trabalho de restauro do existente e isso tornava-se mais problemático ao nível das caixilharias. As caixilharias do edifício foram a componente mais debatida sobre o ponto de vista da eficiência energética, e do conforto, porque são umas caixilharias metálicas de perfis em ferro, de vidros simples que são, hoje em dia, muito pouco utilizadas em arquitectura, dado os parâmetros de conforto que são exigidos. Sabemos perfeitamente que as estanquididades de uma caixilharia em pvc, em madeira, ou mesmo em alumínio, são substancialmente mais eficazes do que uma caixilharia em ferro que tem mais de 50 anos. Mas, tomou-se a opção de, até nesse pormenor, que não é tão pouco importante e que está muito relacionado com a imagem do edifício, (no Bloco muitas das caixilharias já foram alteradas e poucas são aquelas que ainda permanecem com o mesmo tipo de material, com o mesmo tipo de estereotomia, com o mesmo tipo de desenho) de manter, inclusivamente, as caixilharias para não alterar a imagem inicial.

CT – Como foi possível compatibilizar, num único projecto, os seguintes parâmetros: organização espacial/estrutura originais, exigências de conforto e restrições económicas?

RO – Foi relativamente fácil porque o programa, a maneira como o apartamento estava desenhado, já introduzia toda uma série de valências e uma série de refinamentos, de detalhes, que tornam estes apartamentos numas peças únicas e especiais de sofisticação. Todo o apartamento estava desenhado e pensado para ser usado sem grande acréscimo de mobília. O contentor que nos recebeu já estava todo ele programado para ser uma autêntica máquina de habitar. A única questão que se passava no Bloco é que ele realmente não estava adaptado aos novos equipamentos que são contemporaneamente utilizados, por exemplo nas cozinhas a nível dos electrodomésticos. Ainda tinha uma zona de lavandaria, que corresponde ao programa habitacional que complementa uma zona mista de quarto de empregada com lavandaria/casa de banho e que, no caso presente, teve de ser sacrificado para criar uma área maior de quarto compatível com os desejos da actual

proprietária. Portanto, a grande intervenção conduzida no apartamento foi a anexação de uma zona de casa de banho/lavandaria a um quarto, de forma a dar um espaço maior ao compartimento, porque a vivência actual e a maneira como se queria utilizar o espaço não era compatível. Depois houve também uma grande alteração no sentido de introduzir, na cozinha, bancadas com profundidade que conseguissem possuir equipamentos encastráveis, mas, no geral, a imagem não foi substancialmente alterada em relação à imagem primitiva. Isto é, mantiveram-se alguns elementos ainda primitivos, refizeram-se outros e, no global, penso que a cozinha não ficou tão desvirtuada como estava. Seria muito complicado compatibilizar a funcionalidade de uma cozinha actual, com a cozinha existente.

CT - Em que medida a sua intervenção ponderou a durabilidade e/ou a facilidade de manutenção dos sistemas espacial e construtivo?

RO – Quanto estamos perante um edifício, que já tem mais de 50 anos, mas que permanece com a mesma juventude, com a mesma frescura desde o momento em que nasceu, só temos de preservar esses elementos existentes. Ter uma certa humildade em não introduzir materiais dissonantes, ou materiais que fujam substancialmente à paleta dos que foram anteriormente utilizados que, no caso concreto, eram bastante diversificados. Os apartamentos eram bastante variados em termos de revestimentos, em termos de espacialidade, em termos de detalhe e, neste caso, tentou-se manter as mesmas madeiras, dar-lhes os mesmos acabamentos – devolver tanto quanto possível o mesmo tipo de materiais de origem. Foram refeitas as canalizações, as electricidades, essas infraestruturas que mais facilmente entram em colapso. Mas, no final, quando toda a obra é fechada, a ideia que se queria transmitir é de se estar a visitar o objecto tal como ele era na sua origem. Isto mantendo o mesmo tipo de detalhe, de ferragens, preservando até o mesmo tipo de aparelhagem eléctrica. Conservou-se uma série de detalhes no espaço em questão que o tornam ainda substancialmente atractivo e que suscitam essa curiosidade a quem o visita.

CT – Considera que a estrutura original do Bloco é facilmente adaptável às novas necessidade? De que forma a matéria construída ofereceu resistência durante o processo de intervenção?

RO – O Bloco quase que foi pensado naquele princípio da arquitectura moderna de planta livre, num sistema de lajes fungiformes que possibilita sempre redesenhar um pouco do espaço anterior em função daquilo que é estruturante. Nesse sentido, penso que o Bloco

não oferece qualquer tipo de resistência. Pelo contrário, a única dificuldade que se enfrenta actualmente é de encontrar mão-de-obra qualificada que forneça os materiais originalmente criados e que consiga dar ainda uma continuidade a essa existência. As formas e tecnologias de construir mudaram muito e, por isso, existem também naturalmente situações que são difíceis, hoje em dia, de refazer.

CT – O próprio trabalho como referia das caixilharias, nem sempre é fácil encontrar mão-de-obra especializada na construção desses elementos que já são pouco usados...

RO – É muito difícil encontrar aquelas caixilharias e se elas não estivessem num estado recuperável, a opção natural, até do ponto de vista do cliente, seria colocar algo que lhe desse alguma garantia, fiabilidade e um preço que justificasse a intervenção. Existiram elementos, por exemplo, que optou-se por não recuperar: foi o caso dos estores exteriores. As divisórias a poente tinham uma série de estores exteriores, em lâminas, que estavam muito empenados, muito danificados e que já não se conseguia encontrar o fornecedor para isso. Há certas coisas que estavam fora do objectivo até do próprio dono de obra. O dono de obra é que determina, de certa forma, qual é o limiar de custos que está disponível a pagar num projecto de reabilitação e/ou recuperação.

CT – Com base na realidade que conhece do Bloco das Águas Livres, quais acha que devem ser os desafios e prioridades a tomar num futuro próximo?

RO – Acho que o principal critério a utilizar está sempre relacionado com o nível de profundidade, de estudo e de entrega a qualquer objecto. Devemos pensar, olhar, tentar entender qualquer projecto e no caso do Bloco das Águas Livres igualmente. Todo o objecto arquitectónico, sujeito a uma hipotética intervenção, deve ser interiorizado e antes de se partir para um efeito acelerado de intervenção, deve ser bastante bem ponderada. Acho que basicamente é usar muito bom senso e pensar em todas as eventualidades, todas as questões, antes de partir para uma situação mais ou menos irreversível. Uma vez deitado a baixo a matriz inicial é muito difícil refazer-la. Muitas vezes parte-se do princípio que conseguimos refazer o que está feito. Difícilmente isso acontece. Para além disso, por vezes torna-se complicado compatibilizar certos programas de uso a espaços que pressupõem outra determinada actividade. Mas um edifício abandonado é um edifício morto – um edifício é feito para ser habitado e o próprio facto de estar fechado contribui para a sua deterioração. Tudo o que é edificado, enquanto organismo, implica um cuidado e atenção permanentes, monitorização e limpeza, a nível dos espaços exteriores, dos acessos, dos terraços. Aquele edifício, na sua totalidade, tem uma área bastante complexa sobre o ponto

de vista de zonas comuns a serem preservadas e cuidadas. É muito rico em termos de programas, tem uma zona comercial, serviços comuns, áreas de ateliers, entre outros.

CT – Considera importante a definição de regulamentação de salvaguarda que estabeleça normas concretas de actuação neste edifício?

RO – Eu acho que o Bloco das Águas Livres já é um edifício classificado, como Monumento de Interesse Público, e portanto, à partida essas restrições devem ser acompanhadas, deve haver uma monitorização de todas as intervenções dentro de um limite interior e exterior, de forma a salvaguardar um objecto tão singular que é parte da nossa memória enquanto cidadãos. Como cidadãos devemos preservar esses elementos, para estudar e analisar modos de habitar, porque são testemunhos importantíssimos sobre a nossa contemporaneidade, sobre a nossa história, as nossas vivências e isso é fundamental. Relativamente aos processos de reabilitação no Bloco das Águas Livres, estes devem ser encarados com todo o tipo de cuidado, mas penso que isso estará, de certa forma, acautelado, até porque já foram realizadas muitas intervenções. Num bloco de apartamentos, em função das várias maneiras de encarar as vivências e os espaços por parte das diferentes famílias, ou seja, a maneira como querem adaptar-se ou não aos diversos usos, leva muitas vezes as pessoas a tomarem opções que desvirtuam radicalmente tudo o que ficou definido num momento inicial. Mas temos sempre que pensar que aqueles apartamentos do Bloco foram pensados para um tipo de famílias muito específicas, com um nível de vida superior. Hoje em dia, aquelas habitações não são compatíveis com a conjuntura financeira de todas as famílias, até provavelmente pelo preço da habitação e pela especulação imobiliária. Tornam-se objectos de *design* elitista e penso que as pessoas que habitam neste espaço devem possuir uma maior sensibilidade e, à partida, não deve estar sujeito a certo tipo de práticas mais agressivas.

O que gostaria ainda de acrescentar, prende-se com o nível de entrega que, muitas vezes, colocamos quando fazemos algum projecto desta natureza. Certamente, ficamos efectivamente ligados a um espaço quando enfrentamos processos de reabilitação. Mediante a forma que eu tenho de trabalhar, em acompanhar os trabalhos desde a fase de projecto até à fase final de execução e acabamentos, há toda uma experiência de enriquecimento e de ligação ao edifício. Todos os projectos são enriquecedores, este foi particularmente enriquecedor e desafiante. No início tive algumas dúvidas, principalmente porque queria recuperá-lo ao máximo, mas tive que estabelecer um compromisso entre aquela que seria a vontade do cliente e aquilo que era tecnicamente defensável, ou que não

desvirtuasse a essência e a alma do espaço. Nesse sentido, penso que fui bem-sucedido, até porque tive um dono de obra que foi bastante receptivo a isso. Foi um trabalho de equipa com quem iria habitar o espaço, e que recebeu esse objecto recuperado, o interiorizou e o apropriou enquanto seu. Viver num espaço daqueles é, de uma certa forma, a descoberta de uma nova forma de ser cidadão.



131 - Arquitecto João Pedro Falcão de Campos no dia da entrevista – 8 de Setembro de 2014; 09h00

Catarina Teles – O património do movimento moderno enfrenta novos desafios na actualidade. Não só as necessidades dos utilizadores, como também os índices de conforto foram evoluindo, aumentando a necessidade de adaptação da maioria dos edifícios construídos neste período. Como interpreta o tema da intervenção e reabilitação da arquitectura do movimento moderno?

João Pedro Falcão de Campos – Em primeiro lugar, eu não distinguiria a reabilitação do movimento moderno dos restantes movimentos, ou da restante arquitectura. Deve intervir-se da mesma maneira: de uma forma crítica, em que a questão da adequação aos nossos dias deve estar sempre presente. Em relação à estratégia do projecto, esta deve ser encarrada da mesma forma em qualquer intervenção e, no fundo, a discussão daquilo que se deve ou não manter, se deve ser um restauro integral ou não, depende de circunstância para circunstância. Imagine-se a casa Sonneveld, em Roterdão, do arquitecto Van der Vlugt, a sua recuperação é mimética daquilo que seria nos anos 30. Ou mesmo as casas recuperadas do Corbusier, a Villa Tugendhat de Mies van der Rohe, são casas que se revelaram ícones e manifestos, tornando-se bastante importante repô-las exactamente no seu estado original. Isto não quer dizer que uma habitação, que continua ao serviço da vivência de uma família, não possa sofrer alterações, ou que não vá evoluindo. Obviamente, sempre tomando consciência daquilo que se ganha e daquilo que se perde. Há uma habitação ao lado de Berna, do Studio 5, em que basicamente foi realizada uma reportagem fotográfica sobre a habitabilidade dos vários apartamentos e é lindíssimo ver como é que

as pessoas, de diferentes maneiras, se foram adaptando e adaptaram os próprios espaços. É incrível perceber como a arquitectura, na sua essência, está lá toda. Neste caso do Bloco das Águas Livres, as questões que, para mim, se tornavam mais bonitas correspondiam à luz transversal entre as galerias de serviço e as varandas e o seu posicionamento, de uma relação extraordinária, da maneira como a varanda está encaixada aos próprios volumes construídos. Está semi-encastrada, projectando a questão das vistas no apartamento. No fundo, a relação interior-exterior é muito difusa, através do sábio posicionamento daquelas varandas. Mesmo a relação com a galeria, com o espaço público, quase como um arruamento integrado no edifício – nisso eu acho fabuloso o projecto.

No seu interior, não tenho certeza disso, mas penso que o projecto já em fase de obra foi adaptado. Naquele caso eu pensava que era um sistema estrutural de pilar viga e que o apartamento tinha sido desenhado em função disso. Contudo, ao começarmos a obra deparámos que não havia esse sistema, mas sim uma laje fungiforme com pilares. Portanto, havia uma data de posicionamentos de paredes que pensaríamos que ocultassem vigas estruturais mas não se veio a comprovar esse dado. Existia, portanto, toda uma estratégia de maleiros sobre as padieiras das portas que, neste caso, não fazia muito sentido. Em relação aos próprios apartamentos, penso que o projecto foi adaptado em fase de obra sem controlo dos arquitectos. Digo isto porque controlar a execução em obra de mais de 50 apartamentos não seria, como é óbvio, uma tarefa fácil. Inclusive, no apartamento que reabilitei, existiam espaços de cerca de 2 m² que se pensaria que fossem fugas de ventilação de casas de banho mas que efectivamente isso não acontecia. Foi repetida simplesmente a planta padrão dos andares tipo de baixo. Como estratégia de intervenção, limpam-se estes espaços e o apartamento melhorou. Neste sentido foram 2 m² ganhos.

CT – Ao longo da sua experiência profissional, quais foram os projectos de reabilitação que desenvolveu para além da experiência conduzida no Bloco das Águas Livres?

JPFC – Existem vários, desde logo o da Rua Brito Aranha, ao pé do Instituto Superior Técnico, no bairro social do Arco Cego. É uma reabilitação crítica, uma recriação sobre o tema daquelas casas. Trata-se de uma reinterpretação duma modernidade adormecida. Basicamente, estou convencido, que a espacialidade daquele projecto não se coaduna, ou tem muito pouco a ver, com a parte do excesso de ordenamento, para mim muito provinciano, muito português suave, um pouco claustrofóbico nesse aspecto. O exercício que se tomou, nesse exemplo, foi o de limpar e revelar, como tinha dito, uma modernidade

escondida naquele edifício e que o deveria colocar a par com as experiências contemporâneas realizadas no resto da Europa. Acho que o edifício é de uma contemporaneidade espetacular para a época, simplesmente adormecida pela adaptação à nossa realidade, onde o ordenamento fazia parte do senso comum português. Esse talvez tenha sido dos projectos em que tive mais liberdade de criação. Houve outro projecto na Rua São João da Mata, mas aí é nitidamente uma casa pombalina apalaçada que já tinha sido muito adulterada ao longo do tempo. Grande parte do trabalho centrou-se na recuperação e restauro da casa original. Talvez aí não tive tanta liberdade como no primeiro caso. O Banco de Portugal é outro exemplo, em que grande parte da matriz da Igreja se tinha perdido. Também posso destacar o projecto em Alcobaça, em conjunto com o arquitecto Gonçalo Byrne que consistiu na recuperação de uma ala do Mosteiro de Alcobaça. Aí, mais uma vez, a modernidade aparece. Na recuperação e nos elementos não existentes tomou-se a liberdade para actuar de uma forma contemporânea, eventualmente seguindo técnicas e desenhos de uma forma mais livre, tentando sempre respeitar as pré-existências, através dos materiais e das técnicas construtivas utilizadas.

CT – Na sua opinião, até que ponto às restrições energéticas e de segurança contemporâneas podem colocar em causa os princípios originais de um projecto?

JPFC – Nunca devem colocar em causa. É uma questão de trabalho, é uma questão de disciplina. As restrições contemporâneas são elementos que estão na ordem do dia. Às vezes existem excessos, mas se forem encaradas de uma forma ponderada e sensata, acho que acabam por ser um desafio do projecto e conseguem ser integradas de uma forma plena e bem resolvida. Penso que é mais um desafio do próprio projecto do que propriamente um obstáculo. Eu, pelo menos, não as encaro como tal. Para mim, fazem parte da arte de projectar – são as condicionantes de hoje e devem ser encaradas desta forma.

CT – Atendendo particularmente ao projecto que desenvolveu no Bloco das Águas Livres, quais foram os principais motivos que levaram o utilizador a procurar uma intervenção informada?

JPFC – O novo proprietário é uma pessoa da minha família, que me conhece há muito tempo e temos um percurso de projectos, entre cliente e arquitecto, que já data de há 20 anos. Existe um gosto comum, quer meu do lado da profissão dele, do lado da medicina, quer dele pelo lado da arquitectura, dos objectos de mobiliário, das viagens... É uma partilha e amizade que se desenrola ao longo da vida e a arquitectura também está

presente nessa forma descontraída de partilha com as pessoas de quem gostamos. Neste caso concreto, o apartamento foi adquirido pelo novo proprietário e, dado o seu estado de descaracterização, pretendia-se reabilitá-lo para a função de habitar.

CT – Descreva um pouco da sua experiência na definição deste projecto de intervenção, mais concretamente no que toca às principais estratégias preconizadas.

JPFC – Tal como tinha referido, é um percurso que temos em conjunto. É um cunhado meu, médico, e neste momento estou a projectar-lhe um novo consultório, quando há 15 anos atrás já lhe tinha feito um outro consultório médico. É uma espécie de percurso em conjunto e, portanto, estávamos completamente sincronizados naquilo que ele procuraria ou, na minha maneira, de responder às necessidades dele. Existe inclusive uma amiga comum que esteve em casa dele há pouco tempo e referiu que aquela era nitidamente uma casa masculina, que se encaixava perfeitamente no seu modo de organizar as vivências dentro da habitação. Existe uma sintonia total em relação ao que se propõe e é tudo muito discutido. Uma relação viva de partilha mas também de confronto e de melhoria constante nos projectos. Até porque é uma pessoa bastante exigente.

CT – Como foi possível compatibilizar, num único projecto, os seguintes parâmetros: organização espacial/estrutura originais, exigências de conforto e restrições económicas?

JPFC – O que lá estava era um híbrido. Estou convencido que nem os próprios arquitectos tiveram possibilidade na altura de controlar os 56 apartamentos existentes. Para acrescentar, o apartamento em questão foi evoluindo ao longo do tempo, foi sofrendo muitas alterações e, portanto, aquilo que restava no seu interior estava profundamente descaracterizado, sem ser a leitura daqueles elementos que já tinha referido, nomeadamente a relação entre a varanda e a galeria que, basicamente são os espaços de transição. A própria cozinha tinha desaparecido, alguns maleiros ainda restavam, mas em muitos deles já tinham sido substituídas as portas. Por isso mesmo, o apartamento chega até nós num estado bastante deplorável. Aquilo que se fez foi quase uma obsessão pela limpeza, praticamente total. Por exemplo, as portas em vez de terem padieiras até 2,10 m passaram a ir até ao tecto... isto para seguir a linha daquilo que já tinha mencionado: havia algo quer na varanda, quer na galeria que me parecia muito bonito, e pretendia-se que a luz “nascente-poente” entrasse por aquele apartamento e varresse o espaço, sem qualquer tipo de obstáculos. Basicamente foi limpar todos os elementos que constituíam obstáculos à entrada dessa luz que deveria varrer todo o apartamento. Também se procurou limpar os

tais elementos que, aparentemente, eram ductos ou espaços técnicos, que se verificou em obra não serem nada disso. Houve uma optimização da área do apartamento, de uma forma exaustiva, e adoptando uma estratégia de utilização de armários em módulos pré-fabricados do IKEA para se dotar o espaço de uma grande arrumação. O apartamento em vez de ter os maleiros a uma cota superior (2,10 m), que não era muito boa em termos de acessibilidade, passou a ter todo esse espaço de arrumação a uma cota acessível. Basicamente a intervenção foi essa – desenho de um armário tipo que vai fazendo divisórias no apartamento.

CT - Em que medida a sua intervenção ponderou a durabilidade e/ou a facilidade de manutenção dos sistemas espacial e construtivo?

JPFC – Procurando a limpeza formal, a simplificação dos sistemas espaciais e do ponto de vista construtivo. O exemplo do tecto é bem exemplificativo disso, passando a existir simplesmente um plano, que é uno e que se prolonga em todo o apartamento e como os vãos, que são separadores do espaço, vão até ao tecto intensifica uma fluidez do espaço e uma leitura una, ou seja, do ponto de vista espacial, praticamente toda a casa está interligada, simplesmente separada por aqueles biombos que são os armários.

CT – Considera que a estrutura original do Bloco é facilmente adaptável às novas necessidades? De que forma a matéria construída ofereceu resistência durante o processo de intervenção?

JPFC – Verificou-se isso efectivamente. O projecto estrutural é de Vasco Gonçalves, que foi um primeiro-ministro a seguir à revolução e que pelos vistos era um excelente engenheiro militar e projectista. Utilizou à época uma laje fungiforme que vencia já vãos consideráveis. Estou convencido que do ponto de vista estrutural era um avanço, era qualquer coisa não usual no tipo corrente de construção da época o que permitiu, e que se veio a revelar no nosso caso, uma grande flexibilidade na utilização do espaço.

CT – Com base na realidade que conhece do Bloco das Águas Livres, quais acha que devem ser os desafios e prioridades a tomar num futuro próximo?

JPFC – Basicamente manter a relação que o bloco tem com a envolvente e, aí, convém salientar a importância que a imagem exterior do edifício possui. Respeitar essa imagem penso que é fundamental. Todos os espaços comuns devem ser mantidos na íntegra, valorizados, preservados na sua configuração original e, no caso de um apartamento possuir a linguagem original, deve ser considerada a hipótese de a manter. No caso

específico do apartamento que reabilitei, isso não existia. Haveria uma hipótese que era tentar recolher informação sobre o projecto original e tentar recriar o ambiente inicial, mas isso não me parecia que fosse uma estratégia para adoptar em mais de 50 apartamentos. No fundo, hoje em dia, não se habita da mesma forma. Mas, como transmitido, não quer dizer que, se ainda existirem alguns casos em que as pré-existências se mantenham, não se implementem intervenções mais miméticas, que não fossem uma mais-valia e que não se gostasse de viver numa habitação com esses parâmetros.

CT – Considera importante a definição de regulamentação de salvaguarda que estabeleça normas concretas de actuação neste edifício?

JPFC – Penso que sim, mas cada vez mais tem de existir muito bom senso por parte de quem tenciona intervir. Cada caso é um caso. Acho que devem existir normas orientadoras em dois ou três pontos, mas não muito mais que isso. É importante a imagem exterior, são importantes os espaços comuns. Contudo, obrigar a cumprir a reposição dos elementos primitivos acaba por ser um exagero. Acho que o tema não deve ser encarado dessa forma. Deve-se tentar eventualmente sensibilizar as pessoas para a preservação e conservação do Bloco das Águas Livres. Sei que o escultor José Pedro Croft tem um dos apartamentos praticamente no estado original e que faz todo o sentido que esteja. Mas transformar este caso numa norma de actuação para todo o edifício, inclusive quando existem apartamentos onde a lógica inicial foi suprimida, acho que não faz muito sentido. Não se habita da mesma forma. Tem de haver um limite na questão da definição do que é realmente importante. Passa também por sensibilizar as pessoas da qualidade e da beleza de todo aquele edifício que representa uma época, não só na sua imagem exterior, mas também no interior dos apartamentos, para que as pessoas consigam ponderar e avaliar muito bem hipotéticos processos de intervenção. Ter a continuidade da linguagem do Bloco para dentro dos próprios fogos faz todo o sentido, mas será que devemos recriar na íntegra o projecto que foi realizado no ambiente dos anos 50? Penso que a obrigação está em fazer algo que respeite, que de alguma forma seja uma mais-valia e que enriqueça o edifício.

Arquitecta Teresa Nunes da Ponte – 27 de Outubro de 2014

Catarina Teles – O património do movimento moderno enfrenta novos desafios na actualidade. Não só as necessidades dos utilizadores, como também os índices de conforto foram evoluindo, aumentando a necessidade de adaptação da maioria dos edifícios construídos neste período. Como interpreta o tema da intervenção e reabilitação da arquitectura do movimento moderno?

Teresa Nunes da Ponte – Penso que os princípios da intervenção no património construído devem ser sempre os do respeito pelos valores do existente. A arquitectura do Movimento Moderno apresenta, em relação a épocas anteriores, novas concepções, materiais e técnicas construtivas. Os projectos são recentes e permitem, normalmente um estudo aprofundado mais imediato, e por vezes é possível, ainda, estabelecer um diálogo construtivo com os seus autores. Os parâmetros de conforto evoluíram e a forma de viver também. Hoje somos mais exigentes em termos térmicos, acústicos e procuramos novas formas de iluminação, o que representa a necessidade de novas tecnologias, e valorizamos, por vezes, uma maior amplitude de espaços. Também as normativas de especialidade são mais exigentes, traduzindo-se frequentemente em sistemas demasiado intrusivos na construção e no espaço.

A intervenção é sempre um compromisso entre os valores a preservar e as novas exigências.

CT – Ao longo da sua experiência profissional, quais foram os projectos de reabilitação que desenvolveu para além da experiência conduzida no Bloco das Águas Livres?

TNP No que diz respeito a edifícios ou conjuntos do Movimento Moderno destacam-se, para além de algumas intervenções no Bloco das Águas Livres, projectos de restauro e renovação realizados para o conjunto da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, de Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d’Athouguia, e o projecto de restauro, reabilitação e ampliação para a Escola Secundária Padre António Vieira de Ruy d’Athouguia.

CT – Na sua opinião, até que ponto às restrições energéticas e de segurança contemporâneas podem colocar em causa os princípios originais de um projecto?

TNP Face à experiência profissional em exemplares ímpares da arquitectura moderna, penso que a excelência da arquitectura cria uma grande versatilidade, que permite a intervenção sem a descaracterização do essencial. No entanto, as actuais normas referentes às questões energéticas e de segurança contra risco de incêndios definem parâmetros que podem induzir em sistemas bastante intrusivas, e que assim comprometer os princípios originais de um projecto do período moderno em que as funcionalidades fazem parte essencial da concepção. Daria o exemplo da Escola Secundária Padre António Vieira, onde a compartimentação corta-fogo conduziu ao encerramento de janelas das salas de aula sobre os corredores, que permitiam a ventilação transversal do edifício.

Embora reversível, a alteração comprometeu o conceito original do controlo passivo das condições naturais de térmica e ventilação. Penso que, neste caso, a sua reversibilidade atenua a perda.

CT – Atendendo particularmente ao projecto que desenvolveu no Bloco das Águas Livres, quais foram os principais motivos que levaram o utilizador a procurar uma intervenção informada?

TNP No caso deste projecto trata-se de um utilizador que não dispensaria uma intervenção informada em qualquer obra que realizasse. De qualquer forma penso que o esforço das entidades licenciadoras, paralelamente à divulgação da arquitectura, tem criado condições para que, cada vez, mais se seja sensível à necessidade de intervenções qualificadas. Acresce ainda o facto de se tratar de um edifício de reconhecido valor arquitectónico e recentemente classificado, o que contribui para a consciencialização da necessidade de intervenções de qualidade e respeitadoras do legado.

CT – Descreva um pouco da sua experiência na definição deste projecto de intervenção, mais concretamente no que toca às principais estratégias preconizadas.

TNP O espaço encontrava-se totalmente descaracterizado. Tinha sido construído um piso superior que ocupava toda a área de duplo pé direito, uma cozinha e uma casa de banho completa, bem como encerrada uma grande parte da área do terraço. No diálogo como o Dono de Obra construiu-se um programa que limpou o espaço das construções espúrias, e que se validou com os autores do projecto original, Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral. A intervenção criou uma pequena parte de área em *mezanino*

sobre o espaço aberto, para o descanso, localizando as escadas perimetralmente junto à entrada. O projecto alterou ainda a localização da casa de banho e da *kitchenette*, que deslizou no sentido da parede perimetral do espaço, alterando a localização do corredor. Manteve-se o conceito de divisão do espaço aberto apenas com um volume central, agora construído por um corpo de armários. Recuperaram-se os vãos do projecto original com excepção da janela que se situa no enfiamento da porta de entrada principal. Utilizou-se caixilharia de vidro duplo que permitiu ir ao encontro das necessidades de conforto térmico nos princípios de sustentabilidade ambiental. A caixilharia agora em alumínio, funcional, económica e de fácil manutenção, desenvolvida anteriormente em conjunto com uma fábrica nacional para o projecto da Escola Secundária Padre António Vieira, mantém a dimensão mínima dos antigos perfis em aço. Acusticamente isolaram-se as paredes e o tecto com materiais de revestimento cujo acabamento é semelhante à pintura original.

CT – Como foi possível compatibilizar, num único projecto, os seguintes parâmetros: organização espacial/estrutura originais, exigências de conforto e restrições económicas?

TNP No que diz respeito à organização espacial / estrutura original, tentámos identificar os valores essenciais do espaço, mantendo-se o elemento central de divisão no alinhamento da quebra do tecto, correspondente ao encontro dos diferentes elementos da cobertura. A deslocação do bloco da instalação sanitária e *kitchenette* não afecta a leitura geral do espaço. Quanto às exigências de conforto o edifício incluiu originalmente um sistema de aquecimento central que contribui significativamente para a satisfação das exigências actuais. A instalação da caixilharia de vidro duplo e a insonorização do espaço permitem cumprir os níveis exigidos em termos de desempenho passivo. A iluminação desenvolveu-se oculta e indirecta, e inserida nos elementos da construção sempre que possível.

CT - Em que medida a sua intervenção ponderou a durabilidade e/ou a facilidade de manutenção dos sistemas espacial e construtivo?

TNP O edifício integra originalmente materiais nobres, como a madeira e os revestimentos cerâmicos, de grande durabilidade. Os materiais utilizados são semelhantes aos existentes e de fácil manutenção.

CT – Considera que a estrutura original do Bloco é facilmente adaptável às novas necessidade? De que forma a matéria construída ofereceu resistência durante o processo de intervenção?

TNP A arquitectura original apresenta, reconhecidamente, um valor excepcional. A organização espacial reflecte os melhores princípios do Movimento Moderno em termos de funcionalidade. Todas as áreas se encontram racionalmente distribuídas, incluindo os espaços necessários para a introdução de infra-estruturas. O projecto definiu as tecnologias mais recentes à época no que respeita as infra-estruturas de especialidades. O rigor e o detalhe do projecto original tornam possíveis e fáceis as adaptações necessárias às novas necessidades.

CT – Com base na realidade que conhece do Bloco das Águas Livres, quais acha que devem ser os desafios e prioridades a tomar num futuro próximo?

TNP Penso que o Bloco das Águas Livres constitui um exemplar a divulgar da nossa arquitectura. O seu conhecimento, e a leitura do seu projecto, pode contribuir para uma maior consciencialização da importância dos valores e da qualidade da arquitectura, e constituir um exemplo de rigor na prática profissional.

CT – Considera importante a definição de regulamentação de salvaguarda que estabeleça normas concretas de actuação neste edifício?

TNP Considero que a regulamentação existente é suficiente se houver informação e rigor na manutenção a realizar e nas intervenções futuras, e cuidado na apreciação pelas entidades licenciadoras. A presença dos autores do projecto original, o esforço de manutenção de parte dos condóminos e o rigor de algumas intervenções recentes, têm constituído um exemplo a seguir.